



IRENE CAO

EU TE VEJO

"CHEGA UM CICLONE ERÓTICO." – *Grazia*



IRENE CAO

EU TE VEJO

Tradução
Aline Leal



Copyright © 2013 RCS Libri S.p.A., Milano

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA OBJETIVA LTDA.

Rua Cosme Velho, 103

Rio de Janeiro – RJ – CEP: 22241-090

Tel.: (21) 2199-7824 – Fax: (21) 2199-7825

www.objetiva.com.br

Título original

Io ti guardo

Capa

Marcela Perroni sobre original de Francesca
Leoneschi

Imagens de capa

Umberto Nicoletti

Revisão

Lilia Zanetti

Cristiane Pacanowski

Coordenação de e-book

Marcelo Xavier

Conversão para e-book

Abreu's System Ltda.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE
LIVROS, RJ

C86e

Cao, Irene

Eu te vejo [recurso eletrônico] / Irene Cao;
tradução Aline Leal. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Ob-
jetiva, 2014.

recurso digital

Tradução de: *Io ti guardo*

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

215p. ISBN 978-85-8105-177-2 (re-
curso eletrônico)

1. Romance italiano. 2. Livros eletrônicos. I.
Leal, Aline. II. Título.

13-05629

CDD: 853

CDU: 821.131.3-3

Sumário

Capa

Folha de Rosto

Créditos

Dedicatória

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

Agradecimento

Para Manuel, meu irmão

O amarelo absorve a luz do sol, muda para o laranja e, então, desaparece num vermelho vivo. Um corte, quase uma ferida, deixa entrever pequenos grãos de um roxo brilhante. Meus olhos estão parados nesta romã há horas. É apenas um detalhe, claro, mas também é a chave do afresco.

O tema é o rapto de Proserpina, momento em que o severo senhor do inferno, um Plutão enrolado na nuvem púrpura de sua vestimenta, agarra com força os quadris da deusa que está pegando uma enorme romã às margens de um lago.

O afresco não é assinado, por isso o autor permanece rodeado por uma aura de mistério. Sei apenas que viveu no início dos anos 1700 e que deve ter sido um autêntico gênio, considerando o estilo do desenho, a granulação da cor e o delicado jogo de luz e sombras. Estudou cada uma das pinceladas e eu estou tentando não trair seu esforço de perfeição. A uma distância de séculos, minha tarefa é interpretar seu gesto criativo e reproduzi-lo no meu.

Este é o primeiro restauro de verdade no qual estou trabalhando completamente sozinha. Aos 29 anos, este trabalho é uma grande responsabilidade, mas também um orgulho: desde que saí da Escola de Restauro esperava a minha chance, e agora que ela chegou vou fazer de tudo para não desperdiçá-la.

Então, aqui estou eu, há horas em cima desta escada, no meu macacão impermeável,

de bandana vermelha para segurar meu cabelo castanho estilo Chanel — mas alguns cachos rebeldes teimam em escapar e cair sobre meus olhos —, e com o olhar fixo na parede. Felizmente não há espelhos por aqui, porque com certeza devo estar com o rosto marcado pelo cansaço e pelas olheiras. Mas não me importo. São os sinais visíveis da minha determinação.

Vendo-me friamente: sou eu mesma, Elena Volpe, sozinha no saguão imenso de um palácio antigo e desabitado há tempos, no coração de Veneza. E é exatamente aqui que quero estar.

Passei uma semana inteira limpando o fundo do afresco e hoje, pela primeira vez, vou usar cores. Uma semana é muito, talvez demais, mas não quis arriscar. É necessário ter muita cautela, porque basta um único toque errado para comprometer o trabalho

inteiro. Como dizia um professor meu: “Se você limpar bem, já é meio trabalho andado.”

Algumas partes do afresco estão totalmente estragadas e nesses pontos terei que me conformar em fazer um novo reboco com o estuque. Culpa da umidade de Veneza, que penetra em tudo: na pedra, na madeira, no tijolo. Mas em volta das áreas danificadas há outras em que as cores conservaram todo o seu brilho.

Hoje de manhã, subindo na escada, disse a mim mesma: “Só vou descer quando tiver encontrado os tons certos para aquela romã.” Mas talvez eu tenha sido otimista demais... Nem sei quantas horas se passaram e ainda estou aqui, testando toda a paleta dos vermelhos, dos laranjas e dos amarelos sem um resultado que me satisfaça. Já joguei fora oito potinhos de prova, onde misturo os pós pigmentados com pouca água e algumas

gotas de óleo para obter consistência. Estou prestes a me aventurar com o nono potinho, quando escuto um toque. Vem justamente do bolso do macacão. Infelizmente. É inútil tentar ignorá-lo. Por pouco não caio no chão. Agarro o celular e leio o nome piscando com insistência no visor.

É Gaia, minha melhor amiga.

— Ele, tudo bem? Estou na piazza Santa Margherita, quer vir beber alguma coisa no Rosso? Hoje está mais cheio que de costume, está ótimo, vem! — diz de um fôlego só, sem perguntar se está incomodando ou simplesmente me dar a chance de responder.

Pronto, ela já está em sua fase relações públicas. Gaia trabalha para os bares mais na moda da cidade e da região do Vêneto, organiza eventos e festas *VIPs*. Começa por volta das quatro da tarde e continua direto até tarde da noite. Mas para ela não se trata somente de um trabalho; é uma verdadeira

vocação: aposto que, mesmo se não lhe passassem, faria isso.

— Desculpe... Que horas são? — pergunto, tentando conter sua avalanche de palavras.

— Seis e meia. Então, você vem?

O Rosso é um bar frequentado pelos jovens venezianos despreocupados, aquele tipo de gente que precisa de uma pessoa como Gaia para decidir o que fazer com as próprias noites.

Meu Deus, já é tão tarde assim? O tempo voou sem que eu percebesse.

— Ei, Ele... Você está aí? Tudo bem? Diga alguma coisa, droga... — Gaia grita e sua voz fura meus tímpanos. — Você está emburrecendo com aquele afresco... Você tem que vir aqui, imediatamente! É uma ordem!

— Puxa, Gaia, daqui a meia hora eu paro, prometo. — Respiro fundo. — Mas vou para casa. Por favor, não fique chateada.

— Claro que eu fico chateada, você não passa mesmo de uma boba! — desabafa.

Um clássico. É nosso jogo de papéis: dois segundos depois e ela está calma e feliz de novo. Ainda bem que Gaia não registra nenhum dos meus “não”.

—Tudo bem, escute, então vá para casa, descanse um pouco e mais tarde vamos ao Molocinque. Só digo que temos dois ingressos para a área *VIP*...

— Obrigada pela lembrança, mas não faço nenhuma questão de me enfiar naquela multidão — apresso-me em dizer antes que ela continue. Gaia sabe que não suporto confusão, que quase nunca bebo e que, para mim, dançar significa, na melhor das hipóteses, bater o pé contando o tempo... um tempo só meu, para falar a verdade. Sou tímida, não levo jeito para esse tipo de diversão, sinto-me sempre deslocada. Mas ela não desiste: sempre tenta me arrastar

para uma de suas noitadas. E, no fundo, embora nunca confesse, agradeço a ela por isso.

— Você já terminou de trabalhar? — pergunto, tentando mudar o rumo da conversa.

— Sim, e hoje o dia foi incrível. Eu estava com uma diretora russa. Ficamos três horas na Bottega Veneta olhando bolsas e botas de couro, então depois eu a levei a Balbi e lá a mulher decidiu comprar dois vasos de Murano. Aliás, na loja da Alberta Ferretti vi dois vestidos da nova coleção que parecem perfeitos para você. De um bege que ficaria fofo com o castanho dos seus cabelos... Vamos lá um dia desses, assim você experimenta.

Quando não está ocupada dizendo às pessoas aonde ir à noite, Gaia explica a elas como gastar o próprio dinheiro: na prática, é *personal shopper*. É aquele tipo de mulher que tem ideias claras sobre tudo e uma grande capacidade de convencer os outros.

Tão grande que existe quem está disposto a pagar para ser convencido.

Mas eu não: desenvolvi anticorpos em 23 anos de amizade.

— Vamos, claro, assim você acaba comprando para você, como sempre.

— Mais cedo ou mais tarde eu consigo fazer com que você se vista decentemente. Você é um desafio permanente, minha querida, saiba disso!

Desde que éramos adolescentes Gaia leva adiante essa cruzada contra meu jeito, digamos, um pouco desleixado, de me vestir. Para ela, sair por aí de jeans e sapatos sem salto não representa uma alternativa confortável, mas um auto-sacrifício explícito e incompreensível. Se dependesse de Gaia, eu trabalharia todos os dias de minissaia e salto 12, e pouco importa que eu seja obrigada a subir e descer mil vezes perigosíssimas escadas de pintor ou que fique por horas em

posições que eu não definiria exatamente como confortáveis. “Se eu tivesse as suas pernas...”, repete sempre. E, além disso, toda vez repete o mantra de Coco Chanel: “Precisamos estar sempre elegantes, todos os dias, porque o destino pode estar nos esperando na esquina.” E, de fato, ela não coloca os pés na rua sem estar com a maquiagem, o penteado e os acessórios perfeitos.

Às vezes, é incrível como eu e essa mulher vivemos em planetas tão diferentes. Se não fosse minha melhor amiga, provavelmente eu não a suportaria.

— Mas, Ele — ela volta ao ataque, inabalável. — Hoje à noite você tem que ir ao Molo...

— Puxa, Gaia, não fique chateada, já disse que não posso! — Quando cisma com uma coisa, me dá nos nervos.

— Mas Bob Sinclair vai estar lá!

— Quem? — pergunto, enquanto na minha testa pisca “SEM REGISTRO”.

Gaia bufa, irritada.

— O DJ francês, aquele famoso. Estava no júri do Festival de Cinema semana passada...

— Ah, então tá!

— De qualquer maneira — continua, como se nada pudesse ofendê-la —, sei por fontes seguras que vários famosos estarão na área *VIP*, inclusive, escute bem... — faz uma pausa estudada — ... Samuel Belotti!

— Ai, meu Deus, o ciclista de Pádua? — reclamo, indignada, com um tom de desaprovção total. É um dos tantos meio namorados “famosos” que Gaia espalhou em alguns cantos da Itália e do mundo.

— O próprio.

— Não entendo o que você vê nele: é um cretino arrogante, não sei mesmo onde você acha que ele é um gato. — Eu e Gaia não

temos o mesmo gosto nem em relação a homens.

— Ah, eu sei bem onde ele é gato... — dá uma risadinha.

— Tudo bem... — mudo de assunto. — E ele está a fim?

— Eu mandei uma mensagem pro celular dele. Não me respondeu, está com a dançarina da televisão agora. — Suspira. — Mas eu não desisto, porque não é que ele tenha me dado um fora, exatamente... Acho que está só ganhando tempo.

— Não sei como você consegue conhecer tanta gente, e talvez nem queira saber.

— Trabalho, querida, isso é só trabalho — diz, e posso imaginar muito bem o sorrisinho malicioso que deve estar estampado em seu rosto nesse momento. — As relações públicas, todo mundo sabe, exigem muita dedicação...

— Na sua boca, as palavras “trabalho” e “dedicação” soam vazias, sem significado — provoco-a, escondendo uma pontinha de inveja. Nisso eu gostaria de parecer com ela um pouco, admito. Eu sou super-rigorosa e responsável. Ela, leve e descaradamente irresponsável.

— Você não me admira, Ele. É minha melhor amiga e não me admira! — ri.

— Tudo bem, vá ao Molo e divirta-se. Aliás, cuidado para não se cansar demais, querida!

— Claro que você vai dizer não de novo... Mas eu não estou nem aí e continuo insistindo, você sabe. Não me rendo, meu amor...

Claro que sei. Esse teatrinho é o nosso jeito de dizermos que gostamos uma da outra.

— É que agora eu estou realmente num mau momento: não posso voltar às três, senão amanhã de manhã não levanto.

— Está bem, desta vez você venceu.

Finalmente...

— Mas você promete que a gente vai se ver no fim de semana? — conclui, chegando ao que interessa.

— Prometo. A partir de sábado sou toda sua.

O nono potinho de vermelho Ticiano também tem que ser jogado fora: aproximei uma ponta de cor à casca da romã e ainda não cheguei lá. Resignada, recomeço, mas um barulho atrás de mim me distrai. Alguém entrou pelo portão principal e está subindo a escadaria de mármore: por um momento temi uma surpresa de Gaia, mas, sem dúvida, são passos masculinos. Desço com pressa da escada, tomando cuidado para não

tropeçar nos potinhos que deixei cair desordenadamente na rede de proteção.

A porta do saguão se abre e na entrada surge a figura magra de Jacopo Brandolini, o proprietário do palácio, além de meu cliente.

— Boa noite — cumprimento com um sorriso formal.

— Boa noite, Elena — retribui meu sorriso. — Como vai o trabalho? — Olha o cemitério de potinhos estendido a nossos pés enquanto dá um nó, na altura do peito, nas mangas do pulôver, certamente de caxemira, sobre os ombros.

— Muito bem — minto e espanto-me com a minha desenvoltura, mas não estou com vontade de explicar os detalhes que, de todo modo, ele não entenderia. No entanto, tenho que acrescentar algo para parecer profissional: — Acabei a limpeza ontem mesmo e a partir de hoje posso me dedicar à cor.

— Ótimo. Confio na senhora, está tudo em suas mãos — diz, erguendo o olhar até mim. Ele tem os olhos pequenos e azuis, duas fendas de gelo. — Como sabe, este afresco é muito importante para mim. Quero que o resultado seja o melhor possível. Apesar de não ser assinado, se vê que é bem-feito.

Concordo.

— O pintor com certeza era um grande mestre — apresso-me em dizer.

Brandolini sorri, revelando uma ponta de satisfação. Tem 40 anos, mas parece ter um pouco mais. Seu sobrenome é antigo — é descendente de uma das mais famosas famílias nobres de Veneza — e ele também passa a ideia de ser um pouco antigo. É supermagro, tem a pele transparente, o rosto chupado e nervoso, os cabelos loiro-acinzentados. E, além disso, veste-se como um velho. Ou melhor, as roupas fazem um efeito

estranho nele, um pouco *retrô*. Por exemplo, agora está usando calça Levi's e uma camisa de meia manga azul-clara. Mas quase parece estar nadando dentro delas, de tão fino que é. E o conjunto tem algo de idoso que não sei explicar bem. Ainda assim, diz-se que o conde provoca um sucesso discreto com as mulheres. É muito rico, não consigo encontrar outras razões.

— Está correndo tudo bem aqui? — pergunta, olhando ao redor para conferir se está tudo no lugar certo.

— Muito bem! — e solto a bandana na nuca, porque percebo que não estou nem um pouco apresentável assim.

— Pode pedir qualquer coisa a Franco. Se precisar de material, pode mandar buscar.

Franco é o vigia do palácio. É um homenzinho corpulento e muito simpático, mas também discreto e silencioso. Em dez dias de trabalho, cruzei com ele apenas duas vezes,

no jardim do pátio interno, enquanto regava o agapanto, e em frente ao portão de entrada, concentrado em lustrar a maçaneta de metal. Nunca entra, fica sempre do lado de fora e, depois, por volta das duas da tarde, vai embora. É uma presença tranquilizadora.

— Eu me viro muito bem sozinha, obrigada. — Percebo tarde demais que minha resposta soa um pouco brusca, e mordo a língua.

Brandolini levanta os braços, em sinal de rendição.

— De todo modo — limpa a garganta —, passei aqui para lhe comunicar que, a partir de amanhã, haverá um inquilino no palácio.

— Um inquilino?

Não. Isso não é possível mesmo. Não estou acostumada a trabalhar com pessoas em volta de mim fazendo confusão.

— O nome dele é Leonardo Ferrante, é um famoso *chef* de origem siciliana —

explica ele, satisfeito. — Chegará diretamente de Nova York para a abertura do nosso novo restaurante em San Polo. Como a senhora deve saber, a inauguração será daqui a três semanas.

Junto com o pai, o conde administra outros dois restaurantes em Veneza, um atrás da piazza San Marco e outro, menor, ao lado da ponte de Rialto. Os Brandolini têm outro em Los Angeles, além de dois clubes privados, um café e um apart hotel. Ano passado também abriram em Abu Dhabi e Istambul. Ou seja, não é raro encontrar fotos deles nas revistas de fofoca de que Gaia gosta tanto.

Eu não me interesso nem um pouco pela vida dos famosos. Mas, principalmente, alguém para me atrapalhar é a última coisa de que preciso.

— Foi difícilimo conseguir tudo dentro do prazo e, como a senhora sabe bem, a logística veneziana certamente não ajuda — continua

ele, sem notar minha decepção —, mas, veja bem, quando desejamos muito uma coisa, o esforço não pesa tanto.

Lá vem ele com lições de vida, agora. Concordo mecanicamente com ar de aprovação. A ideia de ter que trabalhar com um desconhecido andando pelo palácio me irrita, e muito. Como Brandolini não consegue entender que meu trabalho é delicado? Que basta uma coisinha à toa para me fazer perder a concentração?

— A senhora verá, vai se dar muito bem com Leonardo, é uma pessoa muito agradável.

— Não tenho dúvida, o caso é que este saguão...

Não me dá tempo de terminar.

— Veja bem, claro que eu não podia deixá-lo morando em um quarto frio de hotel — continua Brandolini, com a segurança de quem não deve pedir permissão a ninguém.

— Leonardo é um espírito livre e aqui se sentirá em casa, poderá cozinhar quando quiser, tomar café da manhã de madrugada e almoçar à tarde, ler um livro no jardim e aproveitar o Canal do terraço.

Eu estava prestes a lembrar a ele que o saguão onde trabalho dá acesso a todos os outros cômodos do palácio, não existem corredores, e que, portanto, esse sujeito obrigatoriamente terá que passar por aqui, e sabe-se lá quantas vezes por dia. Mas ele também sabe disso, só que, é claro, decidiu ignorar. Deus, estou quase tendo um ataque de nervos.

— Quanto tempo esse *chef* deve ficar aqui? — pergunto, na esperança de receber uma resposta animadora.

— Pelo menos dois meses.

— Dois meses?! — repito sem me preocupar mais em esconder a irritação.

— Sim, dois meses, mas talvez até mais, pelo menos enquanto o restaurante não estiver funcionando plenamente. — O conde ajeita novamente o pulôver nos ombros, então me olha nos olhos, decidido. — Espero que não seja um problema para a senhora. — Como se dissesse: “Dê um jeito de dar tudo certo.”

— Bem, se não há outra solução... — Que, porém, é o meu modo de dizer: “Não gosto nada disso, mas tenho que engolir.”

— Está bem, então só me resta lhe desejar bom trabalho — conclui, estendendo-me a mão fina. — Até logo, Elena.

— Até logo, senhor conde.

— Me chame de Jacopo, por favor.

Está tentando tornar a situação aceitável sendo menos formal? Forço um sorriso:

— Até logo, Jacopo.

Assim que Brandolini sai, vou me sentar no sofá de veludo vermelho encostado em

uma parede. Estou nervosa, impaciente: a essa altura perdi a inspiração. Não quero saber nada desse seu restaurante, desse seu *chef* aristocrata, não estou nem aí para essa inauguração à la *As mil e uma noites*. Só quero trabalhar em paz, sozinha, em silêncio. É pedir demais? Seguro a cabeça com as mãos e olho os potinhos cheios de têmpera* seca, que parecem estar ali para me jogar na cara o meu fracasso. Com grande esforço resolvo ignorá-los. Que vá para o inferno o afresco também! São sete e meia da noite e minha concentração já foi para o espaço. Chega. Estou cansada. Vou para casa.

Saio na rua e deixo-me envolver pelo ar úmido e adocicado de outubro. Agora já dá para se sentir a noite mais fresquinha. O sol já se pôs quase completamente sobre a Laguna e os lampiões começam a se acender.

Percorro as ruas a passos rápidos, com os pensamentos ainda presos naquele saguão empoeirado e temo que permaneçam lá por um bom tempo, levando em conta minha tendência de remoer as coisas. Gaia e minha mãe vivem jogando isso na minha cara: dizem que quando cismo com alguma coisa eu fico fora do ar, distraída, nas nuvens. É verdade, eu me perco com prazer nos meus pensamentos, feliz quando me levam para longe... Mas é apenas uma pequena fuga do presente, uma mania toda minha, da qual não pretendo abrir mão. Por isso adoro caminhar sozinha pela cidade: deixo que meus pés me guiem e a mente fica finalmente livre, sem que ninguém exija ser o centro da minha atenção.

Uma pequena vibração estridente me traz subitamente de volta à realidade. No visor do iPhone, uma mensagem não lida.

Bibi, vamos ao cinema?

Hoje à noite está passando o último filme do Sorrentino no Giorgione.

Beijo.

Filippo. Aí está alguém com quem tenho vontade de passar a noite, mesmo depois de um dia como esse. Mas acho que não tenho energia suficiente para me arrastar até o Giorgione. Estou realmente exausta e a ideia de me trancar por duas horas em uma sala não me atrai. Preciso ficar confortável num sofá.

Rebato:

E se a gente jantasse na minha casa e visse um filme?

Estou destruída, acho que não vou curtir Sorrentino...

Resposta imediata.

Ok. Até daqui a pouco, na sua casa ;-)

Conheço Filippo desde a época da faculdade. Nós nos encontramos no curso de design de interiores, eu ainda era caloura, ele já estava no terceiro ano. Um dia propôs que estudássemos juntos e aceitei. Ele me parecia alguém em quem se podia confiar; eu sentia, de um jeito ainda misterioso, que entre nós havia uma afinidade. Eu não tinha um motivo especial, simplesmente sabia.

Ficamos logo amigos. Íamos às exposições juntos, ao cinema, ao teatro. Ou passávamos noites inteiras conversando. É desde essa época que Filippo me chama de “Bibi”. Repetia-me sempre que eu parecia com a Bibi de uma história em quadrinhos japonesa, uma personagem um pouco desastada e sonhadora, perdendo-se em fantasias confusas e sem sentido.

Depois da faculdade, nem lembro por que, perdemos um pouco o contato. No ano passado, eu soube por intermédio de Gaia que ele havia começado a trabalhar para Carlo Zonta, um dos arquitetos italianos mais famosos, e que se mudara para Roma.

Então, há um mês, como se só um dia se tivesse passado desde aqueles anos que para mim já pareciam muito distantes, ele surgiu do nada com um e-mail: “Estou em Veneza novamente. Há quanto tempo não vamos ao Museu Correr?” Um convite que me pegou tão desprevenida que em um segundo me dei conta do quanto sentia saudade de Filippo. Aceitei na hora.

Era a primeira vez que nos revíamos depois de tanto tempo, ainda assim parecia que nada tinha mudado. Passeamos pelas salas do museu com calma, parando diante de nossas obras preferidas — eu ainda me lembrava das suas e ele, das minhas — e falando

sobre nossas vidas do ponto onde as havíamos deixado.

Depois nos encontramos de novo, uma vez para jantar e outra no cinema. Dissemos até que seria bom retomar contato com os colegas da faculdade, mas depois, sabe-se lá por quê, nem tentamos organizar nada.

Falta pouco para as nove e o som do interfone me faz escapulir para fora do banheiro, um fio de maquiagem nos olhos e os cabelos presos num rabo curto que chamar de imperfeito seria, sem dúvida, generoso. Obrigó-me a não pensar na expressão que Gaia faria ao me ver desarrumada assim. Abro a porta de calça jeans, regata branca e chinelo de dedo e, enquanto o espero, mergulho em um casaco felpudo maior que o meu tamanho. É minha roupa de andar em casa, mas tenho certeza de que Filippo não se escandalizará...

Sobe as escadas correndo, com duas embalagens de pizza nas mãos. Quando chega, a voz doce e quente do último CD de Norah Jones o recebe.

— Vamos, rápido senão elas esfriam! — diz, entrando. Joga sua bolsa no chão, me beija de leve na bochecha e invade a cozinha como um míssil.

— Está com fome? — Eu vou atrás dele e abro espaço na mesa.

— Morrendo!

Já abriu uma gaveta — adivinhando imediatamente a certa, apesar de não pisar no meu apartamento há anos — e achou o cortador de pizza. Fatia primeiro a minha.

Eu o olho. Seu rosto tem algo de sincero e luminoso, quase tranquilizador: talvez também tenha sido por isso que na época da faculdade nos escolhemos como amigos. Olhos grandes e profundos, puxados: Filippo pareceria asiático se eles não fossem verde-claros

e se na cabeça não tivesse aquele tufo de cabelos loiros e desgrenhados.

— Vegetariana sem pimentão, como você gosta — diz ele, dando-me uma fatia.

Claro, ele se lembra até disso. Concordo, satisfeita, e ele me fita com aqueles seus olhos que são quase uma anomalia e dos quais é impossível desviar o olhar. Ficamos por um segundo assim, meio distraídos, depois Filippo volta a se concentrar na pizza e eu começo a procurar os copos, só para fazer algo.

Dura apenas um instante, mas nós dois percebemos que há uma estranha eletricidade no ar.

— Hoje eu também vou ser vegetariano, assim você se sente menos sozinha — brinca, abrindo a segunda embalagem. Sorri, deixando à mostra os dentes brancos e perfeitos. Outra coisa que gosto nele. Como a covinha na bochecha direita.

— Mas, Bibi, posso dizer que a pizzaria aqui embaixo é nojenta?

— Claro — respondo, dando a primeira mordida. — Mas vou continuar indo lá mesmo assim... É o único jeito rápido e indolor que tenho para me alimentar.

— Será que não chegou a hora de você aprender a cozinhar?

Finjo refletir sobre aquilo por dois segundos antes de responder.

— Não.

Ele pega uma azeitona da pizza e a joga em mim.

Quando acabamos de comer, enquanto preparo meu chá de erva-cidreira, Filippo examina os DVDs colocados desordenadamente na última prateleira da estante.

— E este aqui? — começa a rir. — De onde vem? — disse, balançando a capinha de *Dança comigo?*

— Ai meu Deus, Gaia deve ter deixado isso aqui há muito tempo! — Escondo o rosto com um braço.

Ele me olha, compreensivo:

— Por mim não tem problema... Você pode me dizer se gosta desse negócio agora, não tem que se envergonhar: admitir é o primeiro passo para se curar. Sou seu amigo, pode falar... Posso ajudar você, se quiser.

— Bobo.

O cinema é uma das paixões que sempre compartilhei com Filippo. Nós nos encontramos com frequência em cines clubes universitárias, nós dois sozinhos na sala assistindo, até os créditos finais, a filmes desconhecidos de diretores ignorados, de alguma monótona e igualmente esquecida vanguarda russa, enquanto todos os nossos colegas já tinham nos abandonado há um bom tempo para ir beber na praça.

Filippo continua passando os olhos nos nomes dos DVDs e pega *Um dia muito especial*, de Ettore Scola.

— Acho que já vi pelo menos quatro vezes, mas não me canso. E você?

— Seria a minha terceira, então eu topo.

Filippo joga-se no sofá. Debate-se com o controle remoto, resmungando algo sobre as novas tecnologias. É engraçado, me faz sorrir. Vou até ele com duas grandes xícaras fumegantes nas mãos. Coloco-as na mesinha de centro, jogo os chinelos em um canto, bebo um gole do chá esquecendo que está fervendo e queimo a língua... Então eu também me abandono no sofá, ao lado dele.

Na tela de plasma começam a passar os créditos de abertura, enquanto sinto o joelho de Filippo apoiar-se ao meu. Aquele contato me deixa inesperadamente desconfortável, é como se eu percebesse só agora o quanto estamos próximos. Ajeito-me no sofá,

afastando-me alguns centímetros. Ele não parece notar nada, talvez seja só uma paranoia minha...

O filme vai em frente, doce e amargo como lembrávamos. Nós o acompanhamos em um silêncio religioso, bebericando o chá, que enquanto isso atingiu temperaturas humanas, e às vezes voltamos algumas cenas para rever os trechos mais memoráveis. Agora Mastroianni e Loren arriscam alguns passos de dança, acompanhando algumas melodias.

Com o canto do olho vejo que Filippo está me observando. Mas senti seu olhar em mim desde que começamos a ver o filme. Quente e envolvente. Viro-me para ele e o encaro:

— O que foi?

Ele sorri, como se tivesse sido pego em flagrante.

— Estava pensando que você não mudou nada nesses anos. — Não para de me olhar. De repente me sinto um pouco constrangida.

— E eu que esperava melhorar com o tempo... — tento cortar o clima.

— Bem, felizmente você eliminou o único defeito que tinha.

Dou uma olhada interrogativa para ele.

— Valerio, seu ex.

Dou um soco em seu braço, fingindo estar ofendida. Comecei a namorar Valerio no penúltimo ano da faculdade: Filippo não o suportava e não fazia nada para disfarçar isso. “Superficial e imaturo demais para você”, deve ter me repetido mil vezes, até o cansaço.

— Demorei um pouco para entender, mas no final das contas você tinha razão — admito.

— Há quanto tempo vocês não estão mais juntos?

— Um ano e meio.

— E você não está saindo com ninguém agora?

Direto ao ponto. Eu não esperava por isso.

— Não.

Sabe-se lá por que o silêncio que se segue me parece opressivo. Queria ter uma piada pronta para aliviar essa tensão, mas não a encontro. Não sei o que se passa na cabeça de Filippo, mas sei que eu nunca tinha pensado nisso. Pelo menos até agora. Estou feliz demais por tê-lo reencontrado como amigo e não considerarei de jeito nenhum a ideia de que possa existir mais alguma coisa. Mas de repente meu castelo de certezas parece prestes a desabar.

— Esta é a minha cena preferida — diz Filippo, virando-se novamente para a tela. Mastroianni e Loren subiram ao terraço e estão dobrando os lençóis pendurados para

secar. Talvez tenha entendido meu constrangimento e veio ao meu socorro. Isso é típico dele.

Dou um pequeno suspiro silencioso de alívio. Tento me distrair, talvez sejam apenas fantasias minhas e não passe absolutamente nada na cabeça dele. Concentro-me no filme e, aos poucos, relaxo de verdade.

Lá fora começou a chover e é como se as gotas que batem na janela também tocassem levemente meu coração. É uma sensação agradável, e eu sinto uma vontade irresistível de me entregar...

De repente, como se eu estivesse ressurgindo de um coma profundíssimo, escuto uma voz delicada sussurrando:

— Bibi, eu já vou.

Abro os olhos e vejo Filippo de pé, inclinado sobre mim. Os créditos finais do

filme passam na tela. Faço menção de me levantar.

— Mas por que você não me acordou?

— Shhh, fique aí. — Ajeita docemente uma manta sobre meus ombros. — Vou roubar seu guarda-chuva quebrado.

— Pode pegar o bom.

— Não se preocupe... Não vou para longe.

Faz um carinho na minha bochecha com uma ternura que nunca tinha visto nele e beija levemente minha testa.

— Tchau, Bibi.

* Têmpera: mistura de pigmentos dissolvidos num adstringente, como cola ou clara de ovo. (N. da E.)

Hoje de manhã decidi tirar uma folga do afresco. Tenho um monte de chatíssimas tarefas domésticas. Digamos que não sou exatamente a dona de casa perfeita. Do cesto de roupa suja transborda uma montanha de peças emboladas e me conformo em lavar algumas. Depois passo na tinturaria para pegar um vestidinho que deixei lá desde o verão e me aventuro no supermercado para fazer compras do meu jeito: basicamente, me abasteco de comidas prontas e congeladas, minha especialidade sempre. Quando chego em casa, sou tentada por um instante pela

ideia de organizar um pouco as coisas, mas a vontade passa logo: melhor trabalhar. Então, pego as chaves e saio.

No caminho para o palácio passo na Nobili, preciso de meio grama de pó azul-ultramarino, caso o que tenho não seja suficiente. Prefiro comprar a cor eu mesma e conferir com meus olhos se é a certa. Se eu mandasse Franco, como Brandolini sugere, ele sempre voltaria com a tinta errada.

Às duas da tarde a rua para a qual se abre a entrada do palácio está deserta. A vantagem de trabalhar como freelancer em um edifício do qual praticamente só eu tenho a chave — bem, pelo menos até ontem... — é que se eu estiver atrasada com o cronograma posso trabalhar sábado também, quando há menos pessoas nas ruas: não há estudantes e todos os turistas se concentram em São Marcos e em Rialto, bem distantes daqui.

Coloco a chave comprida na fechadura do portão, rodo-a uma vez para a esquerda e duas vezes para a direita e sinto que gira em vão. O portão está aberto e o alarme não está ativado. Melhor assim, porque uma vez disparou por engano e aquela foi a única vez que tive que recorrer a Franco. Provavelmente é ele mesmo quem está lá dentro. Subo a escadaria de mármore e empurro a porta de serviço, que se abre para o saguão.

Pronto, o momento tão temido infelizmente chegou.

Na minha frente surgem costas largas, envolvidas em uma camisa vermelha. É ele. O inquilino. Eu não esperava que já estivesse aqui. Está observando a parede que contém o afresco e parece quase enfeitiçado. Imóvel. Enorme. A seus pés, uma grande bolsa de viagem que leva todo o jeito de ter sido jogada em mais de um aeroporto, da qual desponta um blazer de jeans.

Finjo uma tossida leve para marcar minha presença, ele se vira e me atravessa com um olhar tão intenso que eu quase tenho vontade de andar para trás. Seus olhos são de um preto impenetrável; ainda assim, por trás das vastas sobranceiras, emanam uma luz que, não sei como, me deixa sem fôlego.

— Olá, sou Elena — digo, recuperando um pouco a segurança e dando uma olhada no afresco. — A restauradora.

— Oi — ele me sorri —, Leonardo, prazer. — Aperta minha mão e sinto sua pele áspera sobre a minha. Deve ter sido o trabalho que tornou suas mãos tão grossas. — Jacopo me falou muito de você.

Olheiras, lábios carnudos, nariz pronunciado, barba por fazer e com alguns pelos avermelhados, cabelos escuros que não veem tesouras há um tempo: parece saído de um quadro de Goya. Deve ter pouco menos de

quarenta anos, mas sua presença é sólida e necessária como a de uma árvore centenária.

— É uma pintura de uma sensualidade única — diz, virando-se novamente para a parede, e sua voz revela um leve sotaque siciliano. Aproveito para estudá-lo detalhadamente: usa calça preta de linho, como a camisa abotoada até a metade, sob a qual se intui uma musculatura forte. Nos pés calça um par de tênis surrado em alguns pontos. Transmite uma energia misteriosa e selvagem, a ponto de explodir debaixo das roupas.

— Tecnicamente, trata-se de um estupro — específico. Quando não estou à vontade e quero manter a formalidade tendo a me comportar como uma professora de jardim de infância, é mais forte do que eu. Ele me olha e eu abaixo os olhos. Uma labareda de constrangimento incendeia meu rosto. — Retrata uma cena da mitologia clássica, o

rapto de Proserpina — acrescento, em um tom um pouco menos arrogante.

Ele concorda, ainda concentrado na contemplação do afresco:

— Plutão rapta Proserpina e a conduz até Hades. Antes de levá-la de volta à terra, onde permanecerá por seis meses, obriga-a a comer nove sementes de romã. É um mito relacionado ao tempo e às estações.

Um a zero para o cozinheiro siciliano que conhece os mitos clássicos: ele me deixou sem palavras e eu mereci.

Leonardo olha ao redor com ar admirado e dá um longo suspiro. Noto que na orelha direita tem um pequeno brinco de prata.

— Claro que este palácio é realmente maravilhoso, é uma sorte estar aqui, não?

Foi até hoje, antes da sua chegada, penso, mas nunca teria coragem para dizer isso.

— Tudo certo, meu amigo, podemos ir — Jacopo nos interrompe. Surgiu de repente do

corredor à esquerda do salão e, assim que nota minha presença, apressa-se em me cumprimentar: — Olá, Elena.

— Bom dia, conde... eh... Jacopo. — Ainda tenho certa dificuldade em chamá-lo pelo nome.

— Vejo que vocês já se apresentaram.

— Sim — diz Leonardo. — Elena é muito gentil, estava me explicando seu trabalho — mente por mim, não fui nada gentil, e busca minha cumplicidade com um olhar que eu, porém, não retribuo.

Brandolini sorri, satisfeito.

— Vamos, Leo — pega-o por um braço, — vou lhe mostrar seus aposentos. Ontem Olga veio arrumar tudo.

Leonardo apanha a bolsa de viagem do chão, coloca-a no ombro e faz menção de seguir o conde.

Uma preocupação me invade quando penso na moça da faxina.

— Jacopo, desculpe... — minha voz sai mais estridente do que gostaria.

— Sim? — O conde vira-se junto com Leonardo.

— Nada de importante, só queria lhe pedir um favor. — Assumo tons mais cordiais. — Se puder, diga para Olga não limpar o saguão, a poeira poderia comprometer o restauro.

— Claro, não se preocupe — ele me tranquiliza. — Ela já tinha sido avisada.

Sinto os olhos de Leonardo novamente me atraindo. Tento ignorá-los, mas é impossível, parecem ímãs.

— Obrigada — respondo e viro-me para escapar do seu magnetismo. Os dois se despedem e vão embora.

Respiro fundo para tirar de cima de mim aquela estranha inquietação — não adianta

muito — e começo imediatamente a trabalhar: quero experimentar o azul que comprei agora há pouco. Vou até a torneira da cozinha e encho até a metade minha jarra com filtro anti-impurezas. O calcário de Veneza é letal, gravemente nocivo à fixação da cor. Aprendi isso sozinha, infelizmente na prática, e é uma descoberta da qual sou muito orgulhosa.

Ouçõ as vozes e os movimentos dos dois intrusos na ala direita do palácio. Eu terei que me acostumar, e ainda não sei como. Espero que esse Leonardo seja um cara discreto. Tomara que passe o dia inteiro no restaurante e que no resto do tempo fique quietinho em seu quarto. Não o quero na minha cola, sua presença me deixa pouco à vontade.

Ajoelho no chão sobre a rede de proteção e começo a misturar três potinhos com quantidades diferentes de pigmento branco e azul. A cor da roupa de Proserpina não é

muito problemática, diferentemente da romã. No terceiro potinho acho que já estou chegando perto. É uma experiência, principalmente para satisfazer minhas ânsias incontrolláveis de perfeccionismo e para testar se o pigmento é realmente de boa qualidade.

— Cara Elena, vou embora. — Brandolini reaparece no saguão pouco depois. Está sozinho. — Deixo-a em boa companhia. A senhora verá, vai se dar muito bem com Leo. — É a segunda vez que me repete isso e não sei por que me parece um mau sinal. Desliza o dedo indicador na maçaneta da porta de serviço, como se quisesse levantar um véu de poeira que não existe. — Bom trabalho. Até logo.

— Até logo, senhor conde... Quero dizer, Jacopo.

São quase seis horas e Leonardo ainda não apareceu. Durante um tempo escutei

música clássica vindo do andar de cima, mas depois parou. Acho que ficou dormindo a tarde toda: ele chegou de Nova York, deve estar com *jet lag*. De todo modo, se ele ficar em sua toca e não sair mais, melhor para mim.

Entro no banheiro para me arrumar um pouco. Tiro a camiseta de trabalho e a calça jeans e coloco uma calça limpa e uma blusa de algodão que trouxe em uma bolsa de ginástica. Esta é minha ideia de elegância, seja lá o que for que Gaia diga.

Esta noite vou à casa de meus pais, um jantar em família para comemorar a aposentadoria de meu pai da Marinha Militar. Depois de 45 anos de honrosa carreira, o tenente Lorenzo Volpe retira-se para a vida particular. Por ironia do destino, sou filha de um ex-marinheiro e mal sei nadar. Culpa da minha mãe, talvez, que nos verões no Lido, assim que me via afastada demais da

margem, era invadida pelo medo de que eu não voltasse mais. Tenho certeza de que herdei dela meu jeito ansioso e, tenho que admitir, um pouco paranoico, enquanto do meu pai puxei a teimosia infinita e a dedicação absoluta ao trabalho.

Já sei que, assim que eu entrar em casa, minha mãe virá ao meu encontro dizendo que estou magra demais, cansada demais, descuidada demais, apesar de me esforçar para disfarçar o estresse cobrindo-o com blush e batom. Já meu pai me observará em silêncio a noite toda e, na hora de eu ir embora, me acompanhará até a porta, bem ereto e com as mãos atrás das costas.

“Tudo bem?”, ele me perguntará antes de me deixar sair. “Se precisar de alguma coisa, nós estamos aqui. Com você.” Eu lhe direi para não se preocupar e lhe darei um beijo, como sempre, e voltarei para casa serena e

em paz comigo mesma, como me acontece só quando estou com eles.

Não os vejo há tanto tempo e estou querendo mesmo um colinho.

Esfrego os lábios diante do espelho para espalhar melhor o batom que passei apressadamente, coloco tudo de volta na bolsa e estou pronta. Antes de sair, dou uma olhada furtiva nas escadas. Parece que Leonardo ainda está entrincheirado em seus aposentos, não sei se digo um “até logo”. Talvez não venha ao caso.

Decido que não.

Saio do portão de madeira maciça, tomando muito cuidado para não fazer barulho e, quando chego à rua, viro-me instintivamente para olhar o palácio. No andar nobre a luz está acesa. É estranho pensar que a partir de hoje não estarei mais sozinha com meu afresco.

Já chegou o fim da tarde de um entediante, mas incomumente quente domingo veneziano. Marquei com Gaia no Muro em Rialto para uns drinques. Há pouco, ao telefone, ela me ameaçou seriamente:

“Se não vier vestida como uma mulher, juro que mando o segurança colocar você para fora!” Geralmente ignoro seus conselhos, mas de vez em quando gosto de deixá-la satisfeita. Porém, botar um salto monstruoso nem pensar, então optei por uma sandália de cetim verde, salto oito. E, depois, um vestido curto de seda sem alças com blazer preto. Um gesto de grande coragem para mim: mais feminino que isso não consigo nem imaginar (bem, talvez eu pudesse ter ousado mais com o cabelo estilo Chanel de colegial...). Já sei que vou me arrepender, de todo modo, porque em Veneza, à noite, devemos andar a pé entre pontes e calçamento de pedra, os táxis custam os olhos da cara e o

vaporetto funciona vagarosamente. Gaia vai ter que reconhecer meu sacrifício.

O Muro já está lotado, as pessoas estão amontoadas entre o balcão e as vidraças que dão para a praça. A ideia de me meter naquela confusão não me anima, mas devo fazer isso, pelo menos para dar um sentido ao esforço sobre-humano de ter aguentado os saltos até aqui. Dando cotoveladas, consigo abrir caminho no meio da multidão em frente à entrada e, com duas passadas dignas de top model em final de carreira, entro no bar, sã e salva. O caos reina soberano — a trilha sonora não é exatamente das mais delicadas — e todos já estão bêbados, embora sejam só sete da noite. Como quase não bebo, nunca consigo me integrar completamente nas situações de puro prazer alcoólico, enquanto Gaia é capaz de entornar três mojititos em uma hora sem dar sinais de se render.

Lá está ela, a rainha dos contatos sociais! Está vagando de uma mesa à outra, mostrando a todos seu sorriso mais simpático, temperado com elogios melosos agudos e penetrantes. O rabo de cavalo loiro se sobressai no meio da multidão: Gaia já é alta, mas como sempre exhibe saltos de combate. Agora parou no meio de uma galerinha que eu conheço. Ficando na ponta dos pés, aceno para ela de longe. Ela me viu, felizmente. Balança os braços de um jeito animado para me convidar a ir até ela. Chocando-me com umas dez pessoas, enfio-me na confusão e chego lá.

— Finalmente! Aonde você tinha ido parar? — Dá um beijo na minha bochecha. Então, como sempre, comenta minha produção. — E essa sandália? Verde, super-estilosa... Muito bem, Ele, gostei!

Passei na prova. Pelo menos esta noite não terei que encarar os seguranças.

— E então, como foi com seu ciclista naquela noite? — digo-lhe no ouvido, beliscando o quadril dela.

— Ele não estava lá... — Gaia finge uma carinha abatida pouco verossímil. — Acho que ele está preocupado com outras coisas no momento...

— Jura? — digo, exagerando o espanto.

— Ah, mas eu não vou ficar presa ao Belotti, não! Não não não, nem pensar. — Em um instante retoma a garra. — Bem... Um lugarzinho no meu coração ele sempre terá, mas vamos deixar que ele decida. Se ele me quiser, tem que vir atrás de mim.

— Pode ser... — Continuo não entendendo o que ela vê de tão especial naquele sujeito. Os mistérios insondáveis do amor. Ou dos hormônios, no caso de Gaia.

— E, de qualquer maneira, ontem à noite no Piccolo Mondo fiquei com Thiago Mendonza. Você se lembra dele, o modelo de

Armani? Trocamos nossos números de telefone.

— Você não perde tempo, não é? — Não sei quem é esse carinha novo, mas é típico de Gaia reagir a uma decepção jogando-se numa nova conquista.

Explode em uma risada sonora, depois continua, dirigindo-se ao resto do grupo também:

— Gente, estou com sede. Mais um *spritz* para todo mundo?

O grupo concorda unânime. Gaia me pega pelo braço e me arrasta de novo para a multidão.

— Nico, faz oito *spritz* com Aperol para mim? — pede ao barman, chegando no balcão e piscando os cílios cheios de rímel.

— Agora, *amor*.

É típico dos venezianos, homens e mulheres, chamarem uns aos outros de “amor”, mesmo que se conheçam há menos de uma

hora. E Nico, barman aspirante a ator, com certeza não é diferente.

— E uma Coca-Cola para a minha amiga também — acrescenta Gaia, antecipando meus desejos.

Enquanto isso, o resto do grupo está se aproximando do balcão e, num piscar de olhos, os copos são passados de mão em mão, tilintando num brinde.

— Vamos fumar? — alguém propõe. E o bando encaminha-se pacificamente para o lado de fora. Gaia fica comigo e senta no banco na frente do meu. A Coca-Cola está demorando.

— Filippo também vem jantar com a gente? — pergunta Gaia.

— Acho que sim.

— Vou gostar de encontrar com ele de novo.

Quando conheci Filippo, Gaia já tinha saído da universidade há um tempo. Fui eu

quem o apresentei a ela, mas logo descobriram ter amigos em comum: Veneza é pequena, todos acabam conhecendo quase todo mundo, principalmente se a pessoa tem uma vida social intensa, como Gaia.

De repente alguém a chama do canto dos sofás.

— Dá licença, vou cumprimentar algumas pessoas — diz, pulando do banco.

— Pode ir — respondo. — Vá cumprir o seu dever!

Gaia pisca para mim e está pronta para um minidesfile em seus *jeggins* coladíssimos: descobri há pouco, obviamente graças a ela, que este é o nome daquele jeans grudado no limite da asfixia. Gaia usa-o com frequência, apesar de ter a panturrilha um pouco grossa — sua maior preocupação. Curto o espetáculo do meu banco: uma gata movendo-se numa camiseta de algodão transparente que deixa pouco espaço à fantasia, embora

na verdade seja tudo mérito do sutiã *push-up* forrado, porque Gaia *nature* teria apenas uma segunda pele (mas isso só sabemos eu e os homens com quem ela foi para a cama).

Finalmente Nico me dá minha Coca.

— Você poderia colocar um pouco de gelo? — peço.

— Quer limão também, *amor*?

— Quero, obrigada.

Dou o primeiro gole pelo canudo quando sinto meu telefone vibrar. Uma mensagem de Filippo.

Bibi, estou atrasado.

Chego em meia hora.

Beijo

Respondo logo, torcendo para que ele se apresse.

OK, estamos te esperando!

Acabei de responder, quando uma mão toca levemente meu ombro nu. Viro-me de imediato e na minha frente surge Leonardo Ferrante, *o inquilino*.

— Oi, Elena — ele me cumprimenta. — Veneza é pequena mesmo... — Ele continua com aquele jeito amarrotado, camisa amassada fora da calça, mas parece sinceramente contente em me ver.

— Boa noite... — Sou pega de surpresa e me ajeito melhor no banco. Não sei se estou contente como ele. Este homem me perturba. Sequer consigo pensar direito na sua presença. E isso não é bom.

Senta-se ao meu lado sem ser convidado e fixa seus olhos pretos em mim.

— Você está sozinha? — Toca levemente meu braço com uma das mãos e não sei por que aquilo me perturba.

— Não, estou com alguns amigos... — respondo, balançando a mão no ar para dar a

entender que estão por ali. Há algo em Leonardo que mexe comigo, chega direto à minha barriga como um golpe seco. Eu queria que ele fosse embora. Talvez.

Vira-se de repente para um grupo de pessoas que está pegando um lugar a uma mesa:

— Gente, podem pedir — diz com determinação — Eu já vou. — Depois, volta a falar comigo. — É a equipe toda do restaurante, meus funcionários — explica, indicando-os.

— Ah, mas se o senhor tem que ir... — precipito-me a responder.

— Não, gostei de ter encontrado você. — Então é oficial: embora eu continue o tratando formalmente, ele resolveu, sem a menor dúvida, encurtar as distâncias.

— O que acha de me chamar de “você”? — continua.

Enrugo a testa e olho minhas mãos. Parece que ele leu meus pensamentos.

— Sim, claro... — murmuro.

Por educação e para acabar com o constrangimento, eu me obrigo a puxar conversa:

— Ontem saindo do palácio tentei não fazer barulho. Espero não tê-lo acordado. — E logo me arrependo do que disse. No fundo, seria ele quem deveria se preocupar em não me incomodar. Por que estou quase me justificando?

— Fique tranquila, quando durmo não escuto nada. — Capta o olhar do barman, que no meio-tempo se aproximou.

— Um martíni branco para mim.

Nico enche seu copo e ele pega a carteira.

— Vou pagar o dela também — diz, fazendo um sinal em minha direção.

— Não, não precisa... — tento me opor e já mergulhei o braço na bolsa. Ele me detém e meu pulso é minúsculo entre seus dedos, seu toque é leve, mas decidido. Balança

levemente a cabeça e eu me rendo no mesmo instante.

— Tudo bem... Obrigada.

Enquanto ele beberica o martíni, fita meu copo.

— Por que nada de álcool?

— Não bebo — justifico-me, dando de ombros.

— Isso é ruim, muito ruim — sorri, meio malicioso. — Quem só bebe água tem algo a esconder.

— Mas eu não bebo só água. Isso aqui é Coca-Cola, por exemplo.

Leonardo ri, mostrando dentes brancos e ferozes. Tenho a impressão de que ele não ri da minha piada, mas de mim. Então toma um gole de martíni e me olha, de novo sério.

— Minha presença no palácio incomoda muito você?

— Não... — respondo automaticamente, mas logo me detenho. Ele não está fazendo

uma pergunta e é óbvio que não liga nem um pouco para a minha falsa gentileza. Tento recomeçar: — Na verdade, eu preferiria trabalhar sozinha — arrisco, com um pouco de coragem. — Eu sou assim, não consigo me concentrar se há pessoas por perto. E, além do mais, os trabalhos de restauro deveriam ser feitos em ambiente o mais isolado possível.

Espero que ele diga algo do tipo “entendo, vou tentar atrapalhar o menos possível”. Mas não. Fica ali me examinando como se tivesse acabado de entender algo de fundamental que eu, porém, não capto.

De repente, estica uma mão em minha direção: instintivamente me retraio — quando foi que eu lhe dei permissão para tocar em mim? —, mas seus dedos se metem no meio dos meus cabelos, onde as pontas encostam o pescoço.

— Cuidado, isso aqui caiu.

Segura entre o polegar e o indicador o meu brinco. Fico olhando-o um pouco aérea, então pego o brinco apressadamente e o recolo na orelha.

— Acontece toda hora, estão com defeito — justifico-me, evitando seu olhar. Meu rosto se colore de todos os tons de vermelho. Pronto, agora eu realmente gostaria que ele fosse embora.

Felizmente um de seus funcionários o chama. Leonardo faz-lhe um gesto e depois se vira outra vez para mim:

— Dá licença, vou sentar com meu pessoal — diz-me. — Nos vemos amanhã.

— Claro. Até amanhã.

Olho para ele juntando-se ao grupo sentado à mesa e, enquanto confiro obcecada de novo o brinco fujão, tento me livrar dessa sensação absurda de embaraço.

Pouco depois Gaia reaparece. Conseguiu fugir das obrigações de relações-públicas.

Senta de novo no banco e fixa em mim um olhar quase policial. Preparo-me psicologicamente para o interrogatório.

— Ele, *querida*... — e aqui já sei aonde pretende chegar —, quem era aquele cara?

— Quem?

— Não disfarce — ela me corta —, o homem com quem você estava falando há um minuto.

— É o sujeito que Brandolini teve a gentileza de hospedar no palácio. O nome dele é Leonardo, é *chef*. — Minha voz deixa transpassar um pouco de ansiedade.

— Interessante... — Gaia observa-o de longe. — E quantos anos ele tem?

— Sei lá. Só troquei duas palavras com ele.

— Claro que você podia me apresentar... É *sexy* de matar!

— Minha nossa, Gaia, você está sempre à caça! — Abro os braços. — E, de todo modo,

não sei o que você vê nele, é um grosso — digo, e dessa vez sou eu quem o olho.

— Com certeza ele não é igual aos outros, aquele lá é um homem de verdade, escute o que estou dizendo, Ele... — Gaia morde o lábio.

Procuro as palavras para contradizê-la, mas não as encontro.

— Meninas! — Uma voz familiar me salva da aula de anatomia masculina que Gaia está prestes a dar.

Filippo abre caminho entre as pessoas e nos cumprimenta com dois beijos.

— Desculpem, tive um aborrecimento no estúdio. Aquele mala do Zonta me faz trabalhar até aos domingos. Ele e os clientes milionários dele... Gaia, há quanto tempo não nos vemos?

— Há uns dois anos, Filippo. E, por favor, me diga que não envelheci, mesmo se achar

que sim. — Nós três damos uma gargalhada. Então Gaia estende-lhe um *spritz*.

— Beba isso agora e depois vamos jantar.

— Vocês já escolheram o lugar? — Filippo beberica o drinque sem fazer objeção.

— Por que não vamos ao restaurante vegetariano no Ghetto? — proponho. Pelo olhar deles entendo imediatamente que não gostaram muito da minha ideia.

— Ele — diz Gaia —, como eu digo isso... Essa sua cisma de não comer carne já me encheu um pouquinho.

— Tudo bem, finjam que eu não disse nada. Insensível. — Faço uma cara de zangada, mas nunca me irrita realmente quando Gaia faz comentários sobre minhas manias vegetarianas.

— Vamos ao Mirai — intervém Filippo —, o restaurante japonês em Cannaregio.

— Vamos! — exclama Gaia. — Adoro sushi, o de lá é maravilhoso.

— Tudo bem, assim pelo menos posso comer um pouco de arroz e legumes.

— Então, todo mundo topa? — Filippo me olha como se dissesse “espero ter encontrado um bom meio-termo”.

Sorrio para ele e concordo.

— Vamos!

No Mirai o jantar foi agradável. No fim das contas foi uma mesa para dez, já que Gaia estendeu o convite para outras pessoas que encontrou no Muro. Obviamente era um movimento estudado. Sim, porque, quando acabou o jantar, a rainha da noite conseguiu arrastar todos ao Piccolo Mondo, uma das discotecas onde trabalha como relações-públicas. Todos, menos eu e Filippo.

Assim que recusei o convite, Filippo me propôs que continuássemos a noite juntos e agora estamos vagando pelas ruas. Ainda há pessoas circulando, a temperatura ainda está

amena o bastante para dar vontade de sair de casa. Os bares estão lotados e de vez em quando vemos algumas pessoas saindo cambaleando. Eu também começo a cambalear, e não por causa do álcool, mas por culpa das sandálias que estão me massacrando.

— Por favor, não aguento mais, vamos parar um pouco.

Nem acabei de falar e já me joguei em um banco vazio, e estou vasculhando na bolsa na esperança de encontrar um Band-aid. Nada. Eu tinha até pensado em pegar dois antes de sair, mas depois esqueci. Tiro as sandálias e meus pés estão vermelhos e inchados, marcados pelos cadarços. As crueldades da moda.

— Meu Deus, eles ficaram destruídos... — murmuro, acariciando-os. Mas doem muito.

Filippo apanha meu pé direito e o apoia em seu joelho, obrigando-me a girar o corpo todo em sua direção.

— O que está fazendo? — pergunto, surpresa.

— Pronto socorro — responde ele, começando a massagear. Seu toque é terapêutico, sinto o sangue recomeçando a fluir. Por um tempo relaxo e deixo que suas mãos se movam macias sobre mim. Aos poucos, porém, o constrangimento substitui o alívio. Estou deitada num banco de rua, no meio da noite, com Filippo massageando meus pés. É uma situação um pouco estranha... E seu gesto é íntimo demais para nós dois. Eu o olho e percebo que ele também está me fitando. Mas não do jeito que um amigo faria. Nossos rostos estão bem próximos, estamos prestes a nos beijar, sinto que está para acontecer, eu quero, mas tenho um pouco de medo, prendo a respiração...

Um celular toca, trazendo-nos brusca-mente de volta à realidade. É o meu.

— Ele, desculpe a hora. Já estava dormindo?

É Gaia.

— Não, não...

O encanto se quebra. Coloco os pés apressadamente de volta nas sandálias. Enquanto as fecho, dou uma olhada maliciosa para Filippo: ele parece decepcionado, e talvez eu também esteja. Mas não há mais nada a se fazer, Gaia exige minha atenção, nesse momento.

— Você me ouviu? Onde está?

— Sim, desculpe. Ainda estou na rua...

— Escute, estou na merda! Briguei com Frank no Piccolo Mondo... Ele é doido, me chamou ao escritório lá em cima e começou a dizer que da última vez eu levei uma gatinha à discoteca. Fui embora batendo a porta. Mas acabei deixando as chaves e tudo o mais na escrivaninha dele.

— E você não pode voltar para buscá-las?

— Não, Ele, nem quero mais ver aquele babaca de novo. Eu volto lá amanhã, quando a discoteca estiver fechada e ele não estiver lá. Mas essa noite... Posso dormir na sua casa?

— Claro, espero você lá em casa daqui a pouco.

— Chego em dois minutos.

Dois minutos? Então ela já tinha certeza de que eu diria sim.

Desligo e viro-me para Filippo.

— Desculpe, mas Gaia está vindo para a minha casa, ela perdeu as chaves.

Ele sorri, mas percebo em seus olhos um véu de tristeza.

— Não tem problema, Ele, eu vou com você até o *vaporetto*.

Nós esperamos por 15 minutos quase em silêncio, no ar o embaraço por causa daquele beijo que não aconteceu. Trocamos algumas frases formais, só para quebrar o gelo.

Quando o *vaporetto* chega, para mim parece um príncipe encantado que veio me salvar e pulo nele com prazer, quase correndo.

— Bibi... Você não vai sumir, não é? — pergunta Filippo, do cais.

— Claro que não, a gente se vê logo — respondo, balançando a mão. Então vou embora deslizando na água.

Em frente ao portão de casa encontro Gaia, ainda com raiva. Enquanto subimos as escadas ela me conta tintim por tintim a história com Frank e eu me distraio pelo menos um pouco do pensamento de Filippo. Às vezes ela se empolga demais e tenho que pedir que abaixe a voz: está tarde, estão todos dormindo no prédio.

Enquanto retiramos a maquiagem no banheiro, noto o olhar de Gaia me seguindo no espelho.

— Por acaso você está me escondendo alguma coisa? — Pronto. Gaia, a Grande Inquisidora.

— E o que eu estaria escondendo? — falo lentamente, escovando os dentes.

— Não sei, você e Filippo não estão me dizendo tudo. Eu interrompi alguma coisa?

— Gaia, somos só amigos.

Ela não se convence nem um pouco.

— Hum... Acho que ele gosta de você. Aliás, sempre gostou.

Dou de ombros.

— E você gosta dele?

— Não sei. Nunca pensei nisso de verdade. — E estou dizendo a verdade. Pelo menos até essa noite...

Vamos para debaixo das cobertas na minha cama de casal e sabe-se lá por que isso nos deixa alegres, de repente. Gaia joga um travesseiro no meu rosto e logo nos

voltam à cabeça aquelas festas do pijama que fazíamos quando éramos adolescentes. Rimos das garotas que éramos naquela época e de como somos agora. Apago a luz do abajur e nos desejamos boa-noite.

Acabei de pegar no sono quando a voz de Gaia me acorda.

— Ele...

— Hein? — respondo, com sono.

— Aquele tal de Leonardo... Você disse que mora no palácio onde você está trabalhando, não é?

— É.

— E onde é, exatamente?

— Amanhã eu explico. Agora dorme.

— Ele!

Alguém está sacudindo meus ombros.

— Vamos, Ele, acorde! — A voz de Gaia me traz de volta à realidade em um sobressalto.

— O que foi? — resmungo, com a voz empastada.

— Merda, lembrei que tenho que buscar Contini no aeroporto... O diretor de cinema... Ele tem uma reunião no ateliê de Nicolao para o figurino do próximo filme.

O cheiro do café fresquinho invade docemente minhas narinas.

— Mas que horas são?

— São 7h15. Tomara que o voo de Roma esteja atrasado...

Esfrego os olhos para enxergar melhor. Gaia já está vestida e maquiada. Não sei como ainda consegue andar com as botas curtas de ontem à noite.

— Tenho que ir embora. O café está pronto na cafeteira. — Ela me dá um beijinho. — Obrigada por ter me acolhido.

— Imagina — resmungo, virando para um lado. — É ótimo levar chutes a noite inteira.

Gaia desarruma meu cabelo e sai encostando a porta, deixando-me sozinha no quarto para acabar de acordar. Sigo-a em pensamento pelas escadas, imagino-a já grudada ao BlackBerry falando de roupas, acessórios e lantejoulas.

Com um esforço que me parece desumano me apoio na cabeceira da cama. Meu corpo estala. Talvez eu devesse levar em

conta a ideia de ir à academia com ela. Gaia não demonstra de jeito nenhum nossos 29 anos, é uma explosão contínua de energia.

Mas só de pensar em estar apertada em leggings coloridas, em frente a um espelho, saltitando no ritmo de uma música, desanimado para qualquer ideia de malhação. Terei que conviver com as juntas que estalam, tenho que me conformar com isso.

Saio da cama e mergulho no armário, onde pego por acaso uma saia e um casquinho esportivos antes de me rastejar até o banheiro.

Fora do portão a primeira luminosidade desta manhã de outubro me recebe. É uma luz suave, que aquece sem ferir o olhar. Hoje não vou pegar o *vaporetto*, de San Vio até Ca' Rezzonico são dez minutos e quero curtir todos eles.

Aos poucos me acostumo com a luz do dia. Os olhos não podem me trair, não hoje que me dedicarei de corpo e alma àquela romã: meu desafio será encontrar o tom perfeito.

Caminho sem pressa, a passos relaxados; um pouco porque ainda estou com os pés doloridos de ontem à noite e um pouco porque é impossível não se deixar conquistar pela calma de Veneza.

A primeira ponte do dia está ali, para me lembrar de que a alma desse lugar é a água, e não a pedra. E gosto de parar nem que seja um momento para observar a vida aqui de cima. O rio de San Vio é um canal estreito, esquisito, uma faixa que liga o Grande Canal às Zattere, cortando o bairro em dois. Daqui podemos ver as duas faces de Veneza: San Marco de um lado, a Giudecca do outro. A Veneza dos turistas e a dos venezianos.

O sino da igreja de Santa Inês bate as nove. Me apresso. Estou atrasada. Enquanto passo ao lado das Galerias da Academia, uma mulher loira e acima do peso me pede em inglês para tirar uma foto dela com o namorado. Eu não estou com a menor vontade, estou com pressa, mas respondo que sim e, então, ela me estende a máquina fotográfica explicando qual botão apertar. Ajeito minha bolsa no ombro e me posiciono bem, enquanto suas expressões se congelam, felizes, no enquadramento.

Clic. Arrumo o foco, primeiro disparo. *Clic.* Pose para a foto, sorrisos mostrando os 32 dentes e uma vista digna de cartão-postal, provavelmente a que vão escolher para o álbum. *Clic.* A terceira foto, inesperada, sem fazer pose. A melhor.

O casal solta-se do abraço e me agradece diversas vezes. Como muitos outros, não vieram a Veneza apenas para conhecer a

cidade, mas para tentar viver sua história romântica. E eles têm todo o direito. Pelo menos eu acho...

Esboço um sorriso e vou embora. Uma brisa leve desarruma meus cabelos. Ainda não incomoda, mas é uma pequena amostra do outono que está quase chegando.

O ar tem cheiro de croissants quentes e cappuccino, aquele perfume intenso que me acompanha sempre que vou para o trabalho a pé. Quase nunca paro no caminho para tomar café da manhã. De manhã eu não como, tenho o estômago fechado e, além do mais, se eu comer fico com sono. Hoje vou dar uma paradinha na tabacaria que fica embaixo do pórtico para comprar palitinhos de alcaçuz; ajudam-me a ficar concentrada e evitar quedas crônicas de pressão.

A rua do palácio desemboca diretamente no Grande Canal. É preciso tomar cuidado ao percorrê-la, principalmente à noite. É

uma ruazinha anônima, escondida, pouco iluminada e pouco nobre, infestada de ervas daninhas que trepam nos muros. Ninguém diria que no final desta viela de pedregulhos se esconde uma das construções mais lindas de Veneza.

Por outro lado, essa cidade é uma anomalia urbanística. Tudo parece estar em ruínas, a ponto de se desmanchar na água turva. Mas ao mesmo tempo tudo é vivo, tudo arrebatava os olhos com uma beleza de tirar o fôlego.

Pincéis e têmperas estão exatamente onde os deixei sábado, na mesma rigorosa ordem. Ninguém tocou neles e isso me tranquiliza. O afresco também está bem, não aconteceu nada com ele. É que podem acontecer inúmeras coisas com uma obra em restauração quando é deixada sem vigilância. Todas as manhãs, fico ansiosa com a possibilidade de encontrar uma bela mancha de

umidade, uma colônia de formigas ou impressões digitais.

Do quarto de Leonardo não chegam sinais de vida. Talvez já tenha saído.

Visto o uniforme de trabalho e, como uma caça-fantasma, estou pronta para começar. Quase pronta... Tenho que refrescar os olhos com o colírio de qualquer jeito. Por culpa de Gaia, que não parava de se virar na cama — e, na verdade, de Filippo também, que continuava a rondar a minha cabeça —, não dormi bem esta noite e meus olhos estão pesando como duas bolas de chumbo.

Por um instante a cena de Filippo massageando meus pés naquele banco invade meus pensamentos. Foi ontem à noite, mas quase parece um sonho, agora. A lembrança está desfocada, não consigo reviver as sensações que ela traz. Estranho.

Tiro o vidrinho azul do bolso do macacão, reclino a cabeça para trás e deixo caírem duas gotas no olho direito e duas no esquerdo. No início o líquido queima, mas em cinco segundos passa tudo e sinto-me uma nova pessoa.

De repente, uma risada maliciosa toma conta do saguão. Ainda estou com os olhos embaçados, mas mesmo assim consigo ver duas silhuetas avançando em minha direção. De mãos dadas. Leonardo e... pisco para enxergar... e uma mulher lindíssima, cabelos esvoaçantes e pele de porcelana, o corpo envolvido por um elegante vestido curto de cetim vermelho que, além de ressaltar as pernas torneadas e esguias, deixa suas costas inteiras descobertas. Tem um porte de fazer inveja a Audrey Hepburn, o olhar satisfeito e luminoso.

— Bom dia, Elena — diz Leonardo, quando passam ao meu lado. Não está

vestido para sair, usa um agasalho de moletom e chinelos de dedo. Um contraste bizarro com a elegância dela.

— Olá — respondo, com uma indiferença calculada.

A diva me cumprimenta com um gesto e acompanha Leonardo com o olhar, tamborilando os saltos no chão. Dirigem-se às escadas que levam à saída, ele desliza uma mão nas costas nuas dela com um gesto sensual e ao mesmo tempo protetor. O contraste entre sua pele escura e a pele alva dela é perturbador. Impossível não reparar nisso. É evidente que passaram a noite juntos, quase sinto o cheiro de sexo vindo deles.

Eu queria mergulhar no meu trabalho novamente, mas outra coisa me distrai, desta vez um estrondo do lado de fora que, de repente, faz com que as paredes vibrem. Parece o motor de um barco. Curiosa, afasto a cortina de uma das portas-balcões que dão para

o Grande Canal e percebo que uma lancha branca está atracada ao píer do palácio. E lá está a diva: acabou de tirar os sapatos de salto e colocou uma jaqueta preta de couro. Agora, ela se aproxima da borda e procura Leonardo. Ele rapidamente projeta-se do molhe, toca levemente seus lábios com um beijo, depois tira a corda da estaca de atracação e despede-se dela. A diva coloca óculos de sol pretos, aciona a alavanca sobre a ponte de comando e parte a toda velocidade, deixando para trás um rastro acinzentado. Parece a cena de um filme, mas é tudo verdade, aqui, diante dos meus olhos.

Ajeito a cortina e volto ao trabalho imediatamente. Aquilo não me interessa, repito para mim mesma, e tento pensar em outra coisa.

Leonardo volta logo depois. Finjo que estou muito ocupada enquanto misturo ao acaso alguns pigmentos, esforçando-me para

manter o olhar baixo. Ele passa na minha frente sem dizer uma palavra e em um segundo desaparece em seus aposentos, assobiando.

Preparo um pouco de vermelho, subo na escada e estou pronta para me dedicar à romã. Agora espero poder trabalhar em paz, mas, como sempre, os pensamentos vão para onde bem entendem, dando voltas na minha cabeça. Sabe-se lá se aquela era a mulher de Leonardo ou somente um caso de uma noite... Não consigo tirar dos olhos a imagem dele tocando levemente as costas nuas dela e, depois, aquele beijo, tão fugaz, mas sensual.

Agora o barulho da água corrente chega do banheiro. Depois uma voz poderosa mas desafinada canta uma música que fala de sal e de mar. Leonardo está fazendo as coisas com calma, parece não ter muita pressa para ir trabalhar esta manhã.

Viro-me para procurar um pincel e percebo que ele acabou de sair do banheiro e está vindo em direção ao saguão. Sem camisa. Uma toalha enrolada na cintura, os cabelos molhados e os pés descalços. Lembra um gladiador. Aproxima-se de mim com um ar ousado e o piso instável oscila um pouco sob seu peso.

— Então, Elena, tudo bem?

— Tudo bem, obrigada — digo, quase em voz baixa, demonstrando indiferença. Tento manter o olhar grudado no afresco. Sinto-me desconfortável, pequena e desajeitada no meu macacão largo. Por que ele não vai se vestir?

— E como vai o trabalho? — Balança os cabelos e uma nuvem de gotinhas se solta no ar. Vejo-o com o canto do olho. Felizmente ainda está a uma distância segura da parede.

— Tudo indo...

— Sabe que você parece muito mais à vontade nessa escada do que no banco de um bar?

— Vou considerar isso um elogio.

— E é, na verdade.

Não faz menção de ir embora. Sinto-me observada, quase examinada, e não gosto disso.

— Desculpe, mas estou muito ocupada...

— digo, virando-me levemente em direção ao afresco.

— Claro — responde, esboçando um sorriso consciente e levantando as mãos. — Você não gosta de ter gente por perto quando está trabalhando. Foi muito clara ontem à noite...

— Exatamente — balbucio, enquanto o vejo se afastar em direção ao seu quarto. Mas não sei se digo isso ou se apenas penso.

Assim que fico sozinha, desço da escada: preciso de alcaçuz. A presença de qualquer

outra pessoa me incomoda; a dele, porém, me desestabiliza.

Respiro fundo e com um palitinho que derrete na minha boca decido recomeçar. Merda, a cor secou completamente. Ficou densa demais. Agora tenho que esvaziar os potinhos, lavá-los e regular novamente as quantidades do pó. Vou tentar usar o pincel de ponta chata, pelo menos para a primeira aplicação, assim soluciono mais rapidamente.

Subo na escada de novo, verifico de perto, mais uma vez, a tonalidade das sementes para fixá-la bem na cabeça. Então, experimento uma nova mistura de vermelho e roxo.

Do corredor à minha direita ouço os mesmos passos seguros se aproximarem. Viro-me instintivamente: desta vez ele está vestido. Usa uma calça jeans rasgada e uma camisa de linho branca — esse homem adora

linho. No pescoço uma echarpe de seda preta que esvoaça a cada movimento seu. Não sei como consegue não sentir frio. Já estamos em outubro...

Aproxima-se até apoiar um braço na escaleta. Um arrepio atravessa minha coluna e me faz perder levemente o equilíbrio. Não tenho ideia do que está acontecendo comigo, mas não estou gostando.

— Vou sair para comprar algumas coisas para o restaurante — diz, olhando para cima.
— Vou até Rialto, você precisa de alguma coisa?

— Não, obrigada, não preciso de nada.

— Tem certeza? — inclina levemente a cabeça para o lado e a luz atinge seu brinco, fazendo-o cintilar. Seus olhos também brilham de um jeito estranho. Quase parecem sorrir. Nunca achei tão *sexy* ruguinhas de expressão ao lado dos olhos. Ai meu Deus, o espírito de Gaia está baixando em mim...

— Tenho, de verdade. Não estou fazendo cerimônia. — Recupero-me, virando em direção à parede para não ficar abobada de novo. O afresco é minha única salvação agora. — Ah, para ir a Rialto é melhor pegar o *vaporetto*, assim você não corre o risco de se perder — acrescento, tentando parecer esperta.

— Mas é tão bom se perder em Veneza! —
Dá de ombros.

— Eu disse isso só para fazê-lo ganhar tempo. Imagino que deve ter mil coisas para resolver.

— Claro, mas eu deixo as chateações para os meus funcionários. Eu cuido é da parte divertida da brincadeira. — Sorri, seguro de si. Dá a impressão de alguém que tem confiança absoluta no próprio talento, alguém para quem as coisas saem naturalmente bem, sem muito esforço.

— Deixei croissants e café ainda quentes na cozinha, se quiser tomar café da manhã.

— Não, obrigada. Quase nunca como de manhã... E, além disso, não posso interromper o trabalho agora.

— Por quê? — parece curioso.

— Tenho que ficar com o olho focado na cor, ou eu a perco.

Leonardo passa uma mão no queixo e me fita.

— A cor daquela romã?

— Sim — concordo, olhando-o na minha frente. — Estou batendo a cabeça há dias, está me enlouquecendo. Tem mil nuances e todas muito difíceis de representar, sem falar no *chiaroscuro*... — Vejo-me sendo eloquente contra a vontade, falar do meu trabalho me empolga. Leonardo deve ter percebido porque está sorrindo. Observa atentamente a romã, depois a mim, como se estivesse refletindo sobre alguma coisa.

Fico quieta de repente, não sei no que está pensando, mas digo a mim mesma que não tenho que me importar com isso. Ele me fez perder tempo até demais. Estou para me despedir dele, quando uma voz conhecida me impede.

— Ele, cadê você? — barulho inequívoco de saltos nas escadas. — Tem alguém aqui?

Leonardo me olha interrogativo e eu lhe faço um sinal para dizer que está tudo sob controle. Gaia materializa-se no saguão: passou em casa para mudar de roupa, não está mais vestida como ontem à noite, mas está impecável como sempre. Cumprimenta Leonardo antes de falar comigo.

— Oi...

— Oi — ele responde inclinando um pouco a cabeça.

— Passei para dar um oi — ela me diz, então, com um sorriso inocente. Mentirosa. Desde que comecei a trabalhar neste saguão

ela nunca veio me visitar, sequer uma vez. Está aqui só por causa dele, deve ter visto o endereço em algum lugar na minha casa. Quando quer, exhibe qualidades insuspeitáveis de detetive.

Continuo grudada na minha escada, não desço nem por um decreto. Pelo menos aqui de cima posso curtir a cena em sua totalidade.

— Mas você não tinha um compromisso importantíssimo hoje de manhã? — pergunto-lhe, pelo puro prazer sádico de colocá-la em uma situação difícil.

— Tudo resolvido! E já até peguei minha bolsa no Piccolo Mondo — apressa-se em responder e me olha como se quisesse dizer “o que você está esperando para me apresentar a esse homem?”.

Percebo que Leonardo a está examinando satisfeito, com uma das mãos no bolso da calça jeans e um dedo sobre os lábios.

— Esta é Gaia, minha amiga — digo. Minha apresentação soa estranhamente solene do alto.

— Prazer, Leonardo. — Aperta a mão dela vigorosamente. Está com uma expressão mais sedutora ou divertida? Não saberia dizer. Volto a misturar a cor, para demonstrar que não estou interessada no que acontece a um metro e meio abaixo de mim.

— Prazer... — ouço a voz de Gaia e tenho certeza de que está piscando cheia de malícia. Embora eu não a veja, é claro que está dando o melhor de si. De repente eu a escuto exclamar:

— Que trabalhão esse seu, Ele! É enorme, mas maravilhoso... — Eu a olho surpresa e desconfiada: ela nunca deu a menor importância para restauros e afrescos. — Não é mesmo? — acrescenta, então, dirigindo-se a Leonardo. Isso mesmo: ela está apenas procurando um pretexto para puxar conversa.

— Elena tem uma grande paixão por seu trabalho, dá para ver. — A vibração quente da voz de Leonardo sobe até mim.

Gaia, enquanto isso, conseguiu uma abertura e, ágil, a agarrou:

— E você, trabalha com o quê?

— Sou *chef*. Agora estou inaugurando o novo restaurante dos Brandolini.

Sei exatamente quais serão as próximas palavras de Gaia: “Um *chef*... Incrível!”

— *Chef*, que trabalho interessante.

Eu me enganei, mas por pouco. Sorrio, eles não estão me vendo mesmo.

Gaia continua com as perguntas de sempre: há quanto tempo você está em Veneza, até quando fica, está gostando...

Ri e concorda solenemente toda vez que ele diz alguma coisa. Sei de cor todo o seu arsenal de sedução: olhos lânguidos, dedos brincando com os cabelos, sorriso malicioso, lábios num biquinho...

Projeto-me da escada para assistir ao espetáculo e talvez também para conferir que efeito provoca em Leonardo. Parece satisfeito. Até ele, como todos os outros, parece vencido pelo fascínio de Gaia. Mas de repente ele se lembra de mim e levanta o olhar. Eu me retraio de um pulo e quase deixo cair um potinho.

— Por acaso estamos atrapalhando você, Elena?

Resolvo ser um pouco azeda:

— Bem, vocês é que sabem...

Leonardo dirige-se a Gaia novamente:

— Melhor eu ir, até porque estou atrasado. Foi um prazer, de todo modo.

— O prazer foi meu — responde ela, derretendo-se como um bombom ao sol.

Leonardo despede-se de nós, depois vai apressado em direção à saída. Gaia repara em seu bumbum, eu olho Gaia e,

inevitavelmente, meu olhar também cai sobre o objeto em questão. Depois nos fitamos.

— Nada mal... — Nós duas pensamos, mas só ela diz. — Como você consegue trabalhar com um sujeito desses por perto?

— Como consigo trabalhar com vocês dois flertando aqui embaixo, você quer dizer! — rebato, indignada. — Você até finge ter vindo aqui para me ver... Você não tem vergonha...

— Eu tenho que inventar alguma coisa, já que você não colabora comigo. Quer descer dessa escada, por favor?

— Não.

Suspira, coloca um pé no apoio da escada e um braço sobre um degrau, ainda olhando na direção em que Leonardo foi.

— De todo modo, Elena, aquele homem é uma coisa de louco. Você tem que admitir isso, senão eu te derrubo daí.

Adoto a estratégia da indiferença.

— Passe-me aquela esponjinha, assim pelo menos você é útil.

Gaia obedece, depois olha em volta para estudar o ambiente, visto que até agora não teve tempo de fazer isso.

— O quarto dele é para lá? — pergunta, apontando o corredor que leva à esquerda.

— Sim.

— Você já viu o quarto dele?

— Não, por quê?

— Não acredito... Não teve vontade de bisbilhotar?

— Não é que não tenha tido... — Um arrepio de terror me sacode, pensando no que ela está arquitetando.

— Eu tenho vontade — e vai naquela direção sem me esperar.

— Gaia, volte aqui imediatamente! — grito para ela, mas claro que é inútil. Sou obrigada a descer da escada. Corro atrás

dela. — O que você quer fazer? Para com isso! — Eu a alcanço e agarro sua manga, mas ela é mais forte e decidida e me arrasta junto.

— Ora, só uma olhadinha! — insiste, toda empolgada.

Já atravessamos o corredor e estamos subindo as escadas que levam ao andar de cima, onde fica o quarto de Leonardo. Sem poder pará-la, sou obrigada a segui-la para evitar que apronte alguma catástrofe, ou, pior, deixe rastros.

— Escute, vai acabar sobrando para mim, eu trabalho aqui! — Tento mostrar a ela que isso me causaria constrangimento, mas esqueço que o assunto trabalho não significa muita coisa para ela.

A porta do quarto está aberta. O cômodo é enorme como eu imaginava, parece uma suíte de um hotel de luxo. A cama, no meio, ainda está por fazer, os lençóis de seda

embolados pendem de um lado. Por toda parte uma forração vermelha e dourada, que se reflete infinitas vezes nos enormes espelhos que ocupam as duas paredes aos lados do dossel. É um ambiente sexy e elegante, decorado com um pouco de vaidade. Certamente Brandolini não lhe deu esse quarto por acaso...

— Que estilo! — exclama Gaia.

— Que bagunça! — eu faço eco. Está tudo desorganizado. Ao que parece, Leonardo não se preocupa muito com arrumação. Na pequena poltrona de veludo vermelho uma dezena de camisas está amontoada e duas calças de linho estão jogadas no chão sobre o tapete persa.

— É normal que esteja bagunçado — diz Gaia, com ar de sabe-tudo. — Ele é um artista.

— Na verdade, ele é um cozinheiro — eu a corrijo —, e, de qualquer jeito, essa história

do gênio e a falta de regras é uma grande bobagem, ou só uma desculpa...

— Pode ser, mas no caso dele é verdade — rebate, decidida. — Ora, só de olhar para ele dá para entender que tem uma personalidade excêntrica, que é um homem criativo.

— É mesmo? Então você já sabe tudo sobre ele.

— Algumas coisas são óbvias. Ponto.

Sobre a mesinha de cabeceira sobressaem-se uma garrafa aberta de Moët & Chandon e uma bandeja de prata com duas taças. Uma delas com marcas de batom.

Gaia me dá uma olhada eloquente e confirmo o que já intuía.

— Hoje de manhã havia uma mulher com ele e estava claro que tinham passado a noite juntos. — Talvez eu tenha encontrado o jeito de neutralizá-la, por isso sou mais feroz:

— E ela é bonita, rica e charmosa. Praticamente insuperável. Até para você, querida... Por isso, agora vamos.

— Humm, a brincadeira está ficando interessante... — Os olhos de Gaia acendem-se de curiosidade. Acho que consegui o efeito contrário.

— Talvez não seja sua mulher. Senão viveriam juntos, não é? — continua, agarrando-se em suas suposições. — É normal que um homem assim tenha mais de uma amante. — Da próxima vez, tenho que lembrar que quando tento desencorajá-la só pioro a situação.

Em vez de sair do quarto, como eu gostaria, Gaia aproxima-se do armário e o abre. Por um instante meu olho cai sobre o cinzeiro no centro de uma mesinha e percebo que há restos de maconha. Não digo nada a ela porque não quero alimentar ainda mais seu interesse.

— Adora roupas de linho amassado — constata, surgindo de uma porta do armário. Depois se aproxima da poltroninha submersa por camisas e percorre as peças usadas por Leonardo com um ar sonhador. — É elegante, tem bom gosto... E, confie em mim, essa é uma característica rara em um homem.

— Agora, chega, você já me encheu! — explodo, desistindo de usar qualquer estratégia psicológica. — Vamos embora daqui, por favor!

Aproximo-me de Gaia para pegá-la pelo braço, quando minhas narinas são agradavelmente pinicadas por um perfume intenso, talvez âmbar. Eu o sinto de um modo nítido, imediato: é o cheiro de Leonardo, do qual estão impregnadas suas roupas. Sinto-me pouco à vontade como se ele estivesse aqui. Puxo Gaia pela manga.

— Ora, para de ser chata... Só um momento... — protesta ela, tentando se soltar.

De repente, um ruído do lado de fora nos paralisa. Ouvimos uma porta se fechar com um rangido. Meu Deus, Leonardo já voltou.

— Está vendo? — eu rosno, tomada pelo pânico.

Nós nos atiramos para fora, voando escada abaixo. Quando surgimos no saguão — sem fôlego e com o coração a mil —, quase decepcionadas, percebemos que não é Leonardo, mas o vigia do palácio.

Recomponho-me em um instante e digo, desenvolta:

— Bom dia, Franco.

— Bom dia, senhorita. Passei para dar uma olhada. Está tudo bem?

— Tudo bem, obrigada, nenhum problema. — Minha voz vacila por causa da corrida de momentos antes. — Eu estava

mostrando o palácio para uma amiga que veio me visitar.

— Olá — diz Gaia, acenando para ele. Franco pousa um olhar benevolente em nós, aquele que, tenho certeza, reserva às moças direitas.

— Está bem, então eu vou embora — conclui, aproximando-se da saída. — Se precisar de alguma coisa...

— Obrigada, Franco, não preciso de nada. Até amanhã.

— Até logo.

Quando a porta se fecha, eu e Gaia nos olhamos. Eu queria esganá-la, mas sinto os músculos do rosto cederem sob o impulso de uma risada. Explodimos em uma gargalhada, cobrindo a boca com as mãos como quando éramos crianças e tínhamos acabado de aprontar uma das nossas.

Esforço-me para ficar séria novamente.

— Mas agora você vai sumir daqui, certo?
— ameaço em um tom intimidador. Percebo que está mesmo tarde e de qualquer jeito devo refazer todo o trabalho que não deu certo.

— Tudo bem, vou deixar você em paz. — Gaia faz menção de ir embora, mas antes de sair se vira em minha direção: — Mas a gente se divertiu. E como sempre o mérito é todo meu... — diz, dando uma piscadinha.

— Some — sorrio.

— Tchau, ridícula.

Já passou muito das seis e me resigno a voltar para casa, embora o dia não tenha sido produtivo como eu gostaria. É inútil, é impossível trabalhar com um vaivém desses! Praticamente joguei a manhã fora, apenas à tarde consegui recuperar um pouco de concentração, mas deixei a romã de lado, pelo menos por enquanto, e fiz uma primeira

aplicação da roupa de Proserpina. Pelo menos isso ficou bom.

Assim que abro o portão para a rua, percebo que menosprezei demais o alarme meteorológico divulgado ontem à noite pelo centro de marés. A água está subindo em uma velocidade espantosa. Eu devia ter ido embora antes, assim que ouvi a sirene do toque de recolher, mas eu quase nunca dou importância e sempre acho que a água demora bastante para subir, e às vezes nem sobe. Desta vez eu fui realmente uma idiota. Deixei as galochas em casa — hoje de manhã estava sol! É um clássico: estou com elas só quando não preciso, um pouco como o guarda-chuva.

Tento andar alguns metros, caminhando na ponta dos pés com minhas sapatilhas de camurça na água que já começa a escorrer pelo chão, lenta, mas implacável. É muito difícil. Chego ao final da rua com os pés

completamente encharcados. Eu poderia procurar dois sacos plásticos e cobri-los, amarrando as alças em volta dos tornozelos. Mas acho que já é tarde demais, considerando que em cinco minutos a água parece ter subido pelo menos trinta centímetros.

Protejo-me em cima de um murinho ainda seco para avaliar o que fazer... Embora perceba que não há muita coisa para avaliar. Ou continuo em direção à minha casa, sabendo que chegarei encharcada e terei que jogar a roupa fora, ou volto para o palácio, correndo o risco de ficar presa lá dentro até tarde da noite, quando a maré terá baixado.

Enquanto estou indecisa entre essas duas opções, ambas pouco atraentes, Leonardo sai do portão do palácio assoviando, com botas de pescador nos pés.

— Oi, Elena, o que você está fazendo aí?
— pergunta, assim que me vê encolhida no murinho como um gato com medo de água.

— Estava tentando voltar para casa... — respondo, tentando desesperadamente manter a dignidade. — Mas você não estava no restaurante?

— Estava, mas voltei por volta das cinco — disse, vindo em minha direção e deslocando metros cúbicos de água sob seus passos. — Só que você estava tão mergulhada no trabalho que nem se deu conta e não quis incomodá-la.

— Ah. — Ele me alcançou. Daqui de cima estou tão alta quanto ele.

— O que fazemos? — Observa com prudência o nível da água. — Quer que lhe dê uma carona até em casa?

— E como?

— Você se agarra em mim — ordena, batendo em um ombro — que eu cuido do resto.

A proposta soa um pouco indecente. Olho para ele, hesitante. Gostaria de responder:

“Não se preocupe, obrigada, eu me viro de algum jeito”, mas nas minhas condições não daria para acreditar. — Acho que terei de aceitar.

— Mas tem certeza? Você vai perder tempo... — Estou quase aceitando...

Faz um gesto animador com a mão e vira-se, mostrando-me as costas. Tudo bem, aceito.

Suas costas são grandes, parecem uma montanha a ser escalada. Debaixo da camisa de linho habitual posso entrever os músculos. Levanto um pé, mas o coloco de volta no chão, indecisa. Como eu fui burra, quando hoje de manhã pus saia e meias três-quartos. Sinto-me desajeitada como quando na escola a professora de educação física me mandava saltar com a vara, sob o olhar cruel de meus colegas. Tento novamente, primeiro apoio uma das mãos em seu ombro, depois a outra, e o aperto, deixando-me levar, com o resto

do corpo contra suas costas. Leonardo agarra uma de minhas pernas e a enlaça em volta da cintura. E eu faço o mesmo com a outra.

— Está pronta? — pergunta.

— Acho que sim. — Agora meu corpo se gruda completamente o dele. — E você? Consegue?

— Você é leve como uma pluma. — Ri. Segura minhas coxas nuas com as mãos e, caminhando com passos de gigante, ultrapassa a primeira ponte em um minuto. Sinto meu seio esmagado contra seus músculos dorsais, enquanto envolvo seu pescoço com os braços para não cair. Está com um perfume bom, o mesmo que senti hoje em suas roupas. Mas abaixo posso perceber outro, mais autêntico e selvagem, o de sua pele. Cheiro de vento e de mar.

— Para qual lado? — pergunta, quando terminamos de passar pela ponte.

Indico o caminho, falando a um centímetro de seu ouvido, num sussurro que, não sei por quê, tem algo de malicioso, e ele volta a andar. Continua tranquilo, como se tudo fosse perfeitamente normal, enquanto eu me pergunto o que diabos estou fazendo montada em um desconhecido. Tudo isso é absurdo, mas ainda assim não me desagrada. Experimento uma sensação de calor que, por um instante, me faz desejar nunca descer, ficar sempre grudada em Leonardo, e de repente me dou conta de que meu sexo pressiona suas costas: há somente o tecido da calcinha nos separando, já que as meias não chegam acima do joelho. Tenho certeza de que Gaia pagaria uma fortuna para estar no meu lugar agora.

Ai meu Deus, estou quase escorregando.

— Tem certeza de que está confortável? Você é realmente levíssima. Quase não a

sinto... — Aperta minhas pernas, ajeitando-me com um pequeno pulo.

— Tenho...

É forte, seus músculos estão tensionados, o sangue quente pulsa em suas veias. Suas mãos deslizam sobre minhas coxas com uma naturalidade que acaba com qualquer embaraço meu. Quase parece já conhecer meu corpo, e isso me deixa desnorteada, não sei o que pensar.

Na rua Della Toletta os garis estão montando as passarelas de madeira e, entre sorrisinhos maliciosos e comentários espirituosos, olham-me como se eu fosse uma princesa árabe em cima de um camelo. Como se dissessem: “Aquela lá está se dando bem...” Meu mal-estar cresce junto com a água, que jorra sem trégua dos bueiros e invade tudo, encharca os muros, destroça as tábuas de madeira. Felizmente Leonardo não

pode ver a vermelhidão que está subindo no meu rosto.

Nas lojas estão tirando rapidamente as mercadorias das prateleiras mais baixas. Gritando os comerciantes xingam a cada esquina. A água é terrível, invade tudo, não tem piedade de nada nem de ninguém. De fato, tenho que admitir: eu acabei me dando bem, hoje.

Pronto, chegamos. A ponte de madeira da Academia surge em nossa frente. Daqui a cem metros estou em casa e felizmente deste ponto em diante o caminho está todo coberto pelas passarelas.

Belisco levemente o ombro de Leonardo.

— Pode me soltar — digo —, daqui posso ir sozinha.

Leonardo para.

— Tem certeza? Não me custa nada andar mais alguns metros.

— Está bem assim, mesmo. Você já foi ótimo... — Por um momento, avalio a ideia de lhe oferecer algo para beber em casa, mas não queria dar margem a nenhum mal-entendido. A distância entre nós já diminuiu o suficiente por hoje. Além do mais, minha casa está uma bagunça e resolvo evitar mais constrangimentos.

— Fim da viagem — diz, soltando minhas pernas e tocando levemente minha calcinha. Com certeza ele não deve ter percebido. Ou, melhor, eu devo até ter imaginado que isso aconteceu... Então, dobra os joelhos e, segurando-me pelos ombros, me ajuda a descer.

Pulo para a passarela, ajeitando a roupa.

— Obrigada, você me salvou.

— Foi um prazer.

Olho-o nos olhos. Será que foi um prazer mesmo? Porque, para mim, acho que realmente foi.

— Então, tchau. A gente se vê.

— Tchau, Elena, até amanhã. — Dá um passo na água turva, depois se vira, dizendo: — Foi bom andar na água alta, sabe? Foi uma experiência que sempre quis fazer... E nunca teria imaginado compartilhá-la com você.

Sorrio para ele, ele sorri para mim e me deixa sozinha, enquanto Veneza se deixa acariciar pela maré.

Hoje, sem desculpas: tenho que enfrentar a romã, mesmo me sentindo um trapo. Tive pesadelos horríveis a noite toda e quando abri os olhos me vi deitada atravessada na cama, o lençol embolado e o travesseiro no chão. Custei para me levantar, com o coração latejando no ouvido, e nem vinte gotas relaxantes de tília adiantaram alguma coisa. Tentei me alongar para soltar os músculos doloridos, mas quando percebi que as pontas dos pés estavam mais distantes do que nunca, abandonei a ideia.

Consideradas as condições físicas e o desânimo, decidi pegar o *vaporetto* para ir ao trabalho: não quero nem saber de caminhar esta manhã.

Apoio-me na escada e olho a romã de baixo. Solto um suspiro, com um misto de admiração e desconforto.

Eu gostaria de dizer a mim mesma que estou cheia de energia, que tenho certeza de que vou conseguir, mas não é verdade. Tenho medo de que o restauro não saia perfeito como exijo de mim mesma, de que no fim tenha de me contentar com um resultado próximo, talvez com uma cor que não seja exatamente a mesma, mas que tenta, sem sucesso, aproximar-se da original. Já até sei: o pintor anônimo virá me visitar em um sonho, de madrugada, acusando-me de ter estragado sua obra-prima.

Passo a mão entre os cabelos para expulsar esses pensamentos estúpidos e coloco

a bandana. Devo me concentrar e terminar essa maldita romã de qualquer forma. Se eu continuar assim, corro o risco de também perder a visão geral e comprometer todo o resto.

O sino de San Barnaba acabou de bater as onze. Geralmente a essa hora faço um lanche como na hora do recreio da escola — na verdade, seria meu café da manhã ainda —, mas agora não estou com nenhuma fome. A manhã começou mal e parece continuar pior. Perdi até o colírio, justamente agora que preciso dele. “Você é mesmo uma cabeça de vento”, diria minha mãe, e teria razão. Procuo no assoalho, porque ele pode ter escorregado do bolso, mas nada. Droga, e agora? Vou à farmácia comprar outro novo? Claro, porque já fui bem produtiva até agora...

Tudo bem, o colírio que se dane. Faço uma leve massagem nas pálpebras com os

dedos e então subo na escada repetindo meu novo mantra — *você vai conseguir, Elena* — e eis que estou novamente cara a cara com a romã. Ela me olha com ar de desafio.

Não tenho medo de você, não, não tenho nenhum medo de você.

Comecei a trabalhar há quase uma hora, com pouco resultado, quando uma voz atrás de mim estoura a frágil bolha de concentração onde eu tinha conseguido me fechar.

— Oi, Elena.

Ferrante, só me faltava ele.

— Leonardo... — cumprimento com um aceno distraído, esperando que não queira conversar. Não cruzava com ele há dias, desde que me levou para a casa nas costas. Desde então, porém, ele com frequência virou protagonista — contra minha vontade — de certos pensamentos secretos e

inoportunos, que em geral reprimo pontualmente assim que nascem.

Espio-o com o canto do olho: tem nas mãos um saquinho de papel marrom, daqueles que são usados no mercado.

Olha a pintura coçando o queixo duas vezes, depois se dirige ao pequeno sofá encostado na parede e joga em cima dele o saquinho, que faz um baque surdo no veludo do estofado. Virando-se de costas para mim, tira a jaqueta de couro e fica com uma camiseta branca de mangas curtas. Sua pele é escura, queimada de sol, os músculos dos braços, cuidadosamente esculpido, as veias em evidência. É um homem muito bonito. Não tenho o que dizer, devo dar razão a Gaia.

— Pode descer um minuto? — pergunta-me.

Viro-me para ele franzindo as sobrancelhas e balanço a cabeça.

— Vamos... — continua ele com um tom decidido. — Quero fazer uma experiência.

— Que experiência?

— Primeiro você desce, depois eu digo. — Um sorriso ambíguo desliza em seus lábios.

Não sei o que quer fazer, aquele olhar não é muito tranquilizador, ainda assim seu convite tem algo de irresistível, que me deixa curiosa. Meu embaraço, enquanto isso, cresce — meu rosto está fervendo, eu sinto —, e o único modo de vencê-lo é decidir obedecer à ordem sem fazer muito charme. Por isso, coloco potinho e pincel no último degrau da escada e a passos lentos desço um degrau depois do outro.

Pronto, estou na frente dele agora. Leonardo me estuda, atravessando-me com o olhar.

— Bem — dá um suspiro profundo —, agora você tem que fechar os olhos.

— Hein? — pergunto, surpresa. — Posso saber o que está pretendendo?

— É só uma tentativa — encoraja-me com voz convincente. — Mas se funcionar você vai me agradecer.

Percebo que minhas mãos estão tremendo levemente. Não é normal que esse homem venha aqui interromper meu trabalho e me dar ordens e eu seja incapaz de responder como gostaria. Há um magnetismo nele, algo que não tenho a capacidade de controlar e muito menos de rejeitar.

Respiro profundamente. Deixo os braços caírem ao longo do corpo e, agora sim, fecho os olhos. Confio nele, imagino que não tenho outra escolha.

— Você tem que jurar que não vai abrir enquanto eu não mandar.

— Tudo bem — concordo. — Sinto-me um pouco idiota.

— Confie em mim, Elena — ele me tranquiliza. Sua voz é mais doce, agora.

Escuto alguns passos. Está se afastando de mim. Então, um barulho de papel amassado, desenrolado. Presumo que está vasculhando no saco. Entreabro os olhos, mas Leonardo está de costas para mim e não vejo nada, então mais vale fechá-los de novo. Pergunto-me se não é o caso de ter medo, no fundo esse homem é um total estranho para mim... Não, pensando bem, não acho que devo ter medo. Na verdade, tenho vontade de rir.

— Vejo que você está se divertindo... Isso é bom! Melhor assim — comenta.

Meu Deus, ele percebeu. Agora está vindo em minha direção. Parou a poucos centímetros do meu rosto — pelo menos eu acho — e consigo até sentir sua respiração.

— Agora não pense em nada. Somente escute — ordena, de maneira respeitosa.

Um ruído seco chega direto ao meu ouvido direito. É um som indecifrável, primeiramente duro e depois mais macio. De algo de vivo que se quebra, se parte ao meio com um estalido.

— O que é? — pergunto, surpresa.

— Você tem que adivinhar, é essa a brincadeira.

Intuo que sorri, sua respiração exala em meu rosto. Está cada vez mais perto.

— Sinta o cheiro.

Aproxima o objeto misterioso do meu nariz e inspiro. Um perfume peculiaríssimo me agita, descendo até a garganta. Parece almíscar, terra... matéria viva.

— É uma fruta? — arrisco.

Leonardo não responde. Pega minhas mãos suavemente e as gira com as palmas para cima. Um arrepio quente atravessa minhas costas, perdendo-se entre as nádegas.

— Toque nela — sussurra. Pousa em minhas mãos duas semiesferas.

Dobro levemente os dedos para sentir melhor sua consistência. Por fora é liso e ao mesmo tempo rugoso, enquanto por dentro reconheço com o tato um emaranhado de sementes revestidas por uma película fina que se rasga em alguns pontos.

Talvez eu tenha entendido.

— É uma romã?

— Você vai descobrir agora. — Leonardo solta minhas mãos. — Abra a boca, prove.

Hesito, não gosto da ideia de não ver o que estou prestes a colocar na boca, mas faço como ele diz. Algumas sementes escorregam frescas na língua. Têm um gosto ácido, pinicam um pouco e sob os dentes sinto uma polpa dura e doce de essência fibrosa.

— Agora abra os olhos — diz Leonardo.

Abro lentamente as pálpebras. Ele está na minha frente e me olha com ar de satisfação.

— E isso aqui é uma romã de verdade. As mais doces vêm da Espanha, sabe? — diz, segurando a fruta nas mãos. — Acho que você precisa partir daqui para chegar ali — e indica a romã no afresco.

Eu também a olho, enquanto as sementes grudentas ainda rodam na minha boca. Aquele detalhe que antes era apenas uma rede de formas e cores é, de repente, algo vivo. Ele está na minha boca, nas narinas, na barriga, mais que na cabeça. E tenho a impressão de vê-lo realmente pela primeira vez, de poder descobrir seu mistério. Não sei o que dizer, estou completamente desorientada. Procuro ajuda no olhar de Leonardo. Ele sorri para mim.

— Às vezes os olhos não bastam para vermos tudo, não é?

Concordo, ainda insegura.

— Acho que entendi o que você quer dizer...

— Então você deveria voltar logo ao trabalho. Vou deixá-la tranquila. — Faz menção de ir embora.

Dá alguns passos em direção ao corredor, mas de repente volta, como se houvesse esquecido algo, talvez o saquinho com as romãs ou a jaqueta. Mas não. Baixa o olhar um instante, vasculha em um bolso da calça jeans e pega meu colírio.

— Encontrei isso aqui ontem no meu quarto — explica, estendendo-o para mim. — Talvez você possa precisar dele.

Petrificada, pego o vidrinho. Agora eu só queria abrir um buraco no chão, me enterrar e nunca mais sair.

— Obrigada, procurei por ele a manhã inteira — digo, desenvolto, tentando disfarçar em vão o constrangimento que sinto crescer dentro de mim. — Realmente não sei como foi parar lá, no seu quarto — continuo, e enquanto isso minhas bochechas estão

pegando fogo. De novo. Eu queria encontrar um álibi válido, mas nunca fui boa em mentir. Aquela idiota da Gaia... E eu mais idiota ainda em ir atrás dela! Agora ele deve estar pensando que sou uma bisbilhoteira, ou, pior, uma desequilibrada, porque é óbvio que, aos seus olhos, sou *eu* a autora do crime.

Leonardo dirige-me um olhar cúmplice, como se pudesse ler meu pensamento. Dá de ombros, divertido, e abre um sorriso amigável, que quer dizer “fique tranquila, não aconteceu nada grave”. Depois, sem acrescentar mais nada, vai embora, deixando-me ali, plantada, no meio do saguão. E fico indecisa entre fingir que não aconteceu nada e correr para me esconder onde ninguém possa vir me procurar.

Quando saio do palácio está quase escuro, os lampiões já se acenderam ao longo

da rua e o ar fresco de outubro obriga-me a levantar a gola do casaco. Estou arrumando o cabelo para um lado, quando uma voz, quase um sussurro, me chama.

— Psss... Bibi! — É a voz de Filippo.

Está sentado na borda do poço no meio da pracinha. Assim que nossos olhares se cruzam, ele escorrega e aterrissa no calçamento, mexendo a capa cinza-escura.

— Aquele afresco não queria mais largar você... — Coloca o telefone no bolso e se aproxima.

— Dia produtivo — respondo, mas decido deixar de lado a experiência de Leonardo. — O que você está fazendo por essas bandas?

— Passei para dar um oi — diz, ajeitando no ombro a alça do laptop. — Não liguei porque sei que você não atende quando está trabalhando.

— Bem, talvez você eu tivesse atendido — e bato o ombro no dele, de brincadeira.

Andamos em direção à piazza San Barnaba. Estou feliz que Filippo esteja aqui. Ele tem a extraordinária capacidade de me relaxar e me deixar imediatamente à vontade.

— Tenho que lhe dizer uma coisa — coça a nuca como se buscasse as palavras. Seus olhos se entristecem em um instante.

— O quê?

— Amanhã tenho que voltar para Roma. E ficar lá — diz, de um fôlego só.

— Puxa... — Não sei como reagir à notícia. Talvez para ele seja boa e não vem ao caso manifestar aquela ponta de descontentamento que sinto subir na garganta. — Você não tinha me dito nada...

— Soube há duas horas — abre os braços resignado. — Decisão do chefe. Pensou em me mandar para a sede de Roma porque ele acha que sou o mais qualificado.

— Soa como uma promoção.

— Parece ser, ao menos pelo que Zonta diz. “Considere isso um avanço na carreira”, ele me falou, atirando alguns documentos na minha escrivaninha com a postura arrogante de sempre. — Filippo afunda as mãos nos bolsos e fixa o olhar em um ponto indefinido no horizonte. — Aumento de salário e, obviamente, estadia paga. Acho que é uma daquelas propostas irrecusáveis... — diz, imitando a voz de Marlon Branco no *Poderoso Chefão*. Mas não parece muito feliz.

— E você não está contente? — pergunto, à queima-roupa.

— Sim, estou contente — responde ele. — Só que tudo aconteceu tão de repente, eu tinha acabado de me readaptar a Veneza e, agora, vou embora de novo... — Ele me olha e por um instante espero que acrescente “e, além disso, não queria deixá-la”, mas logo me obrigo a parar de pensar nisso. É o momento dele, é a carreira dele, o objetivo pelo

qual se dedicou tanto... Tenho que ficar feliz por ele e colocar o egoísmo de lado.

— Você vai ficar fora por quanto tempo?
— pergunto, tentando não parecer muito chorona.

— Não sei exatamente, mas com certeza serão meses... E o primeiro período será totalmente frenético. — Respira fundo, como se quisesse se preparar para uma confissão.
— O escritório obteve a parceria para começar a obra de um edifício projetado por Renzo Piano.

— Nossa, Fil, parabéns! E o que você estava esperando para me contar? — A notícia não é somente boa, é sensacional, até. Infelizmente. Dou-lhe um leve beijo estalado no rosto. — Essa é a oportunidade da sua vida.

Filippo sorri, contido. Sua modéstia me deixa sem reação e é um lado dele de que gosto muito. Sei que tem orgulho de suas

conquistas, mas não é do tipo de se gabar. O sucesso não lhe subiria à cabeça nem se lhe pedissem para projetar de novo o Empire State Building.

— Escute, agora tenho um jantar de despedida com os colegas do escritório. — Pelo seu olhar entendo que não está com muita vontade, mas que tem que ir por educação. Que pena, esperava passar a noite com ele, pelo menos. Mas me conforta intuir que ele sente o mesmo.

— E nós? Não estamos nos despedindo assim, não é? — protesto.

— Sinto muito, Bibi — ele me diz com voz contrita, abaixando o olhar. — Amanhã, entre os preparativos e a hora da viagem, acho que não terei muito tempo.

— Droga, Fil... — É tudo rápido demais para mim.

Ele levanta meu queixo e sorri, encorajador.

— Mas eu vou ficar esperando você. Você tem que ir me visitar em Roma.

— Claro que vou — respondo com uma careta.

— Só me dê um tempo para me ajeitar e combinamos um fim de semana. Tudo bem?

— Tudo bem. — Mas aquilo não me consola completamente.

— Estou contente que você está triste, sabe? — E afasta um cacho de cabelo da minha testa. — Eu sinto a mesma coisa. Não sou muito bom em demonstrar. Mas agora tenho que ir, senão vou ser linchado... Ou, pior, corro o risco de encontrá-los já caindo de bêbados.

— Vou sentir muito a sua falta.

— Eu também.

Nós nos abraçamos com força, como se com aquele aperto quiséssemos imprimir em nossos corpos a marca de um no outro. Depois damos dois beijos demorados no rosto e

ficamos nos olhando por um momento, hesitantes. Talvez nós dois desejásemos um beijo diferente, mas logo desviamos o olhar e voltamos a ser os amigos de longa data.

— Vou embora. A gente se fala em breve.

— Boa viagem, Fil. E boa sorte.

Outro abraço rápido e então nos separamos, indo para lados opostos da praça. Viramos mais uma vez para acenar adeus e depois vamos embora, por caminhos que agora divergem.

Enquanto ando a passos lentos na rua de casa, uma enorme tristeza me invade. Parece-me uma grande injustiça que Filippo tenha que ir embora justo agora: havíamos acabado de nos reencontrar e estávamos começando a entender muitas coisas sobre nós. Estupidamente, somente agora me dou conta do quanto sua presença foi importante nos últimos dois meses.

Estou sozinha há mais de um ano, o que significa que não existe nenhum homem na minha vida, mas essa condição nunca me incomodou muito. Eu me descobri mais autônoma e independente do que pensava. Mas, então, chegou Filippo e o senti próximo como nenhum outro. Pela primeira vez depois de tanto tempo tive sérias dúvidas sobre minha vocação para solteira.

Um instante depois aparece diante de meus olhos, cruel, a imagem de Valerio, o último namorado que tive, um amor que nasceu na época sem preocupações da faculdade e que terminou no primeiro impacto com a vida adulta. Pensando nele mais uma vez, pergunto-me se o que eu amava era ele de fato ou apenas a segurança artificial da nossa relação. Depois da formatura comecei a detestar meu trabalho temporário, tinha muitas dúvidas sobre o futuro e estava sempre insatisfeita, e ele representou um de meus poucos

portos seguros naqueles anos. Eu precisava tanto acreditar naquilo que não percebia o quanto ele era mais frágil que eu, eu não entendia que nossas duas fraquezas não formavam uma força. Foi muito doloroso deixá-lo, mas com a maturidade acho que fiz a coisa certa para ambos. Valerio representava apenas minha fuga da realidade. O problema é que, às vezes, esta fuga pode ser desgraçadamente parecida com o amor. Mas romper com ele, agora tenho certeza, marcou minha entrada no mundo dos adultos. E tenho orgulho de ter sido eu quem tomou a decisão.

Cheguei em casa. Chega de pensar no passado. É passado, justamente, e agora seria sensato começar a me abrir às coisas novas que esperam por mim. Se pelo menos eu tivesse tido mais tempo para passar com Filippo, talvez nossa amizade — embora nesse momento eu tenha sérias dificuldades para definir nossa relação assim — se

transformasse em alguma outra coisa. Sabe-se lá, quem sabe nem tudo esteja perdido, quem sabe nos reencontraremos mesmo assim, de algum jeito. O que é certo é que vou sentir saudade de nossas saídas, nossos papos sobre os filmes, nossos jantares, nossas risadas. Vou sentir saudade de tudo nele. É inútil negar isso, agora.

Depois do jantar, visto minha roupa de ficar em casa e me joga no sofá para zapear os canais da TV. Estou cochilando em frente a um documentário sobre os animais da savana, quando tocam a campainha. Olho o relógio: é quase meia-noite, quem pode ser a essa hora? Espio pelo olho mágico, um pouco temerosa, e vejo-me diante de uma cabeça loira. E, mais abaixo, os olhos verdes de Filippo.

— Ei, oi! — digo, abrindo a porta, um pouco desnorteada.

— Eu estava passando aqui perto e queria saber se você ainda estava acordada — diz ele, com um sorrisinho malicioso.

— Sim, estava vendo um pouco de televisão — respondo, abrindo caminho.

Filippo entra e eu vou atrás dele. Está se comportando de um jeito estranho, está tenso, sem jeito. Indico-lhe o sofá e sento ao seu lado. Está pálido como um cadáver e começo a ficar preocupada.

— Aconteceu alguma coisa? — pergunto, com prudência.

— Não, mas eu queria conversar um pouco com você antes de...

— Fil, por acaso você está mudando de ideia? Não quer mais ir embora? — Eu o antecipo.

— Não, não é isso...

— E então o que é?

— É você, Elena.

Sou eu. Bem, agora está tudo claro: Filippo resolveu se declarar e quer fazer isso poucas horas antes de se mudar para outra cidade. Perfeito: eu não estou nem um pouco preparada, estou usando a pior roupa do meu armário e nem escovei os dentes.

— Não queria ir embora sem lhe dizer o quanto gosto de você.

— Mas eu sei o quanto você gosta de mim. — Não encontro nada melhor para dizer, então tento tornar o tom da conversa mais leve com um sorriso e desarrumo seu cabelo. Quase desejo que pare por aqui, que não diga mais nada.

— Não, você não sabe. — Segura minha mão e pousa dentro dela um beijo profundo. O calor de seus lábios propaga-se através do meu braço e chega direto ao coração. Então, sem dizer nada, aproxima-se e também me beija nos lábios, leve, inseguro, como se me pedisse permissão.

Eu não recuo, aliás, me aproximo mais. Você tem minha permissão, Fil. Então seus lábios se tornam mais ousados e sua língua se mexe devagar procurando a minha. Suas mãos, tão delicadas, seguram firme minha cabeça e agarram meus pensamentos, prendendo todos eles no espaço que agora não existe entre nós. Fecho os olhos, prendo a respiração. Estamos nos beijando de verdade agora. Filippo se solta e me olha diretamente nos olhos.

— Eu queria ter feito isso mil vezes, Bibi. Mas não tinha certeza se você também queria.

— Eu não esperava outra coisa.

Nós nos beijamos mais e mais, sem nos saciarmos, sem coragem de dizer nada. Depois, delicadamente, Filippo me faz deitar no sofá e ajeita-se ao meu lado. Continuando a me beijar, enfia uma mão debaixo do meu casaco felpudo e toca levemente um dos

meus seios com a ponta dos dedos. Eu me arrepio àquele contato. Ele me olha como se eu fosse a coisa mais preciosa do mundo, como se não acreditasse em seus olhos. E eu também custo a acreditar que, depois de tantas hesitações e oportunidades desperdiçadas, agora estamos aqui, abraçados e emocionados, com uma única noite para passarmos juntos e recuperar o tempo perdido.

— Sempre desejei você. Desde o primeiro momento — sussurra no meu ouvido, antes de voltar a me beijar com mais entusiasmo ainda. Sua mão agora desliza pela minha pele e acaricia meus seios, parando por um instante no pequeno sinal em forma de coração que tenho justamente sobre o seio esquerdo. Filippo vem para cima de mim e tira meu casaco e minha camiseta em um gesto só. Não estou usando nada por baixo e fico um pouco sem jeito, desvio o olhar e procuro o interruptor do abajur para escurecer a sala.

Agora vejo a silhueta dele inclinando-se devagar em cima de mim, sinto a boca encontrando os mamilos já arrepiadas e os chupa devagar, como se fossem de açúcar. Sinto-me derreter debaixo dele. Passo os dedos em seus cabelos, aproveitando aquele instante de pura delicadeza.

Procura e abre o fecho da minha calça jeans. Contraio os músculos do abdômen enquanto sua mão abre caminho na minha calcinha. Acaricia meu clitóris e continua a beijar meu seio. É uma sensação deliciosa, que eu quase tinha esquecido. Ele para, mas só para arrancar minha calça, junto com a calcinha. Eu também tiro a camiseta dele, e enquanto isso Filippo se livra sozinho da calça jeans. Agora estamos nus, na semiescuridão posso entrever seu tórax esguio, definido, e sua ereção, vindo pra mim. Estou quase indo para a cama com Filippo, repito para mim mesma em pensamento, está acontecendo

agora, aqui, na minha casa, mas ainda custo a entender isso. Os pensamentos viajam mais lentamente que nossos corpos.

Enquanto isso, ele voltou a estimular meu clitóris, os dedos avançam entre os lábios e depois sobem, preenchendo o vazio. Eu me retraio um pouco, pega de surpresa.

— Tudo bem? — pergunta Filippo.

— Tudo — eu o tranquilizo.

Eu não faço sexo há quase um ano e, para dizer a verdade, estou um pouco ansiosa. Filippo espera que eu esteja pronta, então se deita em cima de mim e, segurando o pau com uma mão, me penetra devagar, um pouco de cada vez, sem pressa. Quando está completamente dentro emite uma respiração mais profunda e começa a se mexer em ritmo regular. Envolvero seu pescoço com os braços e beijo-o na boca, acompanhando o movimento. Deixo-me embalar e me

abandono. Não lembrava que podia ser tão bom. Tão pleno.

O encontro dos nossos sexos liberta arrepios de prazer, que se tornam cada vez mais intensos. Até que Filippo empurra com um pouco mais de força e eu me agarro a ele quase com violência, soltando um breve gemido. E tenho um orgasmo líquido e adocicado que se propaga dentro de mim como uma grande onda. Tremo em seus braços, perco totalmente o controle, a noção do tempo e de onde estou. É surpreendente que Filippo esteja me dando isso. Estou feliz. Como não me sentia há tempos.

Filippo inclina-se para me beijar e mexe mais o quadril, procurando o próprio prazer. Ele também está gozando agora, posso sentir a pulsação de sua ereção enquanto desaba em cima de mim com um grito quase libertador.

Nós nos beijamos e nos abraçamos bem apertado, um pouco admirados. Não existem palavras para nós nesse momento. Fizemos amor e foi bom. Nenhum dos dois tem vontade de perguntar o que vai acontecer amanhã, não agora.

— Elena — diz Filippo, segurando meu rosto nas mãos. — Quero dormir com você essa noite.

— Sim — respondo, em voz baixa.

Nós nos levantamos do sofá de mãos dadas, com as pernas ainda um pouco trêmulas e o levo até a minha cama e vamos para debaixo das cobertas. O sono nos surpreende enquanto ainda estamos abraçados.

Abro os olhos e uma luz azulada invade o quarto. Ontem não fechamos as persianas e a claridade entra pela janela. Viro-me para Filippo, mas ele já está de pé, vestindo-se. Sorri para mim.

— Volte a dormir, ainda é cedo. Eu tenho que ir fazer as malas.

Não obedeco e sento encostada à cabeceira. Nós nos olhamos, conscientes de que agora dizer adeus será ainda mais difícil. Filippo vem se sentar ao meu lado e arruma meus cabelos, que certamente estão desgrenhados. Meu Deus, não quero lhe deixar como a última lembrança minha, a cara que tenho quando me levanto da cama de manhã!

— Nada de carinha triste, Bibi.

— Você não tem medo de termos complicado tudo, Fil? Talvez tenhamos feito a coisa certa na hora errada.

— Talvez sim, mas não me arrependo. Eu queria você. E quero você agora.

— E o que fazemos, então?

— Não somos obrigados a tomar uma decisão. Temos todo o tempo. Bibi, não pense que isso é um adeus...

— Não, claro... — respondo, embora não tenha certeza de nada. — É que as grandes decisões me deixam ansiosa, você sabe.

— Eu sei, mas não estamos com pressa. Quando nos encontrarmos de novo retomamos daqui.

— Então, estamos adiando tudo para um momento melhor?

— Sim, pelo menos enquanto eu estiver em Roma e você em Veneza.

— Acho que é a decisão mais sábia, Fil.

— É o único jeito de não enlouquecermos, Bibi.

Nós nos abraçamos apertado e nos beijamos pela última vez, depois ele se levanta. Eu também queria me levantar para acompanhá-lo, mas ele me detém. Ajeita melhor a colcha em cima de mim.

— Não, fique aqui, no quentinho.

Um último beijo na testa e então desaparece pela porta do quarto. Deito

novamente e me cubro até acima dos cabelos. Queria voltar a dormir e relaxar, mas é completamente inútil, mil pensamentos já me invadiram.

Esta noite que passei com Filippo foi terna e emocionante. Pergunto-me se eu realmente poderia me apaixonar por ele. Sempre houve um entrosamento especial entre a gente... Mas será suficiente? Tenho que tentar entender isso, porque não posso me dar ao luxo de cometer um erro e depois voltar atrás, não com Filippo. Devo permanecer lúcida, descobrir se estou confundindo o carinho com algo mais profundo. A distância com certeza será um peso, mas talvez seja a prova de que precisamos para entender a verdadeira natureza dos nossos sentimentos.

Viro e reviro na cama, agitada, considerando por um bom tempo minhas análises inúteis — uma noite de sexo e já virei

paranoica? — e, no fim, me conformo em me levantar e vou à cozinha preparar um chá.

Na mesa, presa embaixo da fruteira, há um papel. É um desenho, o retrato de uma mulher esboçado a lápis. Sou eu. Viro a folha e no canto de baixo leio uma escrita, em uma caligrafia regular e ordenada.

Como você é linda...

Dormia tão bem, esta noite...

Um pouco mais abaixo, uma assinatura:
Filippo

Desabo na cadeira, com os braços caídos. Reclino a cabeça para trás e emito um suspiro profundo. Assim não vale, Fil. Como vou conseguir ficar lúcida se você faz assim?

Filippo viajou há três dias. Telefonou assim que chegou a Roma e anteontem nos falamos por Skype.

— Bibi, não quero perder você. Não agora — terminou a conversa assim.

Devemos tentar nos falar com frequência, dissemos um ao outro, apesar de sabermos bem que e-mails e telefonemas não serão suficientes para matar as saudades.

Há três noites durmo mal. Durante o dia consigo permanecer concentrada no trabalho, mas pontualmente, assim que vou para a cama, dúvidas e preocupações me

invadem, às vezes, parece que sinto o cheiro de Filippo, daquela nossa única noite. Como as coisas vão acabar entre nós? Pode existir um amanhã, tenho direito de querer um amanhã, depois de meses de solidão desejada, ou foi apenas uma noite em que nos deixamos levar pela emoção da despedida? O que sentimos de verdade um pelo outro? Mas, principalmente: o que eu sinto?

Como se não bastasse, para que eu não conseguisse dormir essa noite, também contribuíram as duas gatas da vizinha, a senhora Clelia. Aquela velha solteirona as mantém isoladas o ano todo no apartamento quarto e sala de trinta metros quadrados, mas quando as bichanas estão no cio é normal que enlouqueçam, e então ela as solta na rua. Seus miados lancinantes colocaram à dura prova meu sistema nervoso e meu amor pelos animais.

Às quatro da manhã eu não aguentava mais, e com duas olheiras olímpicas fui para a janela, espectadora conformada do show noturno lá embaixo, na praça: em volta das gatas de Clelia, cinco ou seis vira-latas estavam travando uma luta furiosa para ganhar o direito a elas.

Um emaranhado de costas arqueadas, bufadas, pelo arrepiado, e, depois, garras, dentes e miados agudos. De repente, as gatas entregaram-se ao desejo deles, embora eu não tenha conseguido intuir bem quem com quem, naquela orgia animal. Hoje de manhã Clelia deve estar procurando histérica pela vizinhança toda... E daqui a duas semanas as bichanas voltarão para casa, magras, arranhadas, mas felizes. Sorte a delas!

Um toque do iPhone me traz de repente de volta à realidade. Apoio o pincel sobre a rede de proteção e confiro rapidamente, sem sequer tirar as luvas de borracha: já tenho

uma ideia de quem possa ser. E, de fato, é Filippo, que me mandou uma mensagem. Baixo logo a foto: é um primeiro plano dele com os olhos ainda um pouco inchados de sono e um sorriso confiante, com uma construção supermoderna, ou melhor, um canteiro de obras profundo.

Bom dia, Bibi. Já no trabalho. E você?
Saudades.

Olho novamente a foto, um pouco melancólica. Também sinto saudade dele.

A ideia de ir visitá-lo me tenta cada vez mais e devo admitir que o pensamento que ele possa conhecer gente nova na capital me faz sentir muito ciúme. Talvez tenha chegado o momento em que eu também deva me jogar e lutar para conseguir minha aventura erótica.

Esfrego o visor do celular na manga do macacão e respondo.

Eu grudada no mesmo afresco, mas pelo menos está ficando bom...

Saudades também. Um beijo.

Depois tiro uma foto com um pedaço do afresco ao fundo e anexo à mensagem. Apesar das noites insones e das minhas preocupações, o restauro está indo bem. Talvez porque com o tempo eu me sinta mais segura, talvez a experiência de Leonardo tenha funcionado (porque funcionou, não posso deixar de lhe dar esse mérito), talvez porque, de tanto tentar, as coisas, mais cedo ou mais tarde, dão certo... Resumindo, parece um milagre, mas hoje a romã finalmente assumiu a tonalidade certa, a que eu buscava há tempos.

— Tem alguém fazendo corpo mole aqui...

— Uma voz familiar surge atrás de mim de repente. Viro-me e vejo Gaia na porta, a bolsa de marca pendurada em um braço e o andar seguro sobre os saltos altos.

Não é possível! Apesar de todas as recomendações e ameaças ela voltou ao ataque. Contei-lhe o constrangedor epílogo do nosso vexame e lhe disse para não aparecer mais por essas bandas, e aqui está ela novamente, com sua expressão desaforada de sempre, de quem não tem nada a temer.

Empunho o pincel sujo de têmpera e o aponto para ela:

— *Vade retro, Satana* — intimo. Então, me dou conta: — Como diabos você conseguiu entrar? O portão não estava fechado?

— Subornei o vigia lá embaixo. — Gaia pisca para mim. Nada a se fazer, até o bom Franco ela compra com suas bajulações.

— Saia imediatamente! Estou trabalhando, tenho mil coisas para fazer e não quero confusão! — digo, de um fôlego só, balançando o pincel contra sua camisa de seda.

Gaia levanta as mãos e exhibe aquele sorriso com o qual acha que conquista o mundo:

— Ele, puxa vida... Tanta chateação por causa de um colírio?

— Por causa de um colírio?! São as besteiras que faço por sua causa... — Coloco o pincel de volta no lugar, mas logo reparo que cometi um erro: para ela, isso deve parecer que estou me rendendo. De fato, aproxima-se em busca de cumplicidade.

— Vamos... Não me parece tão grave.

Concentro-me em limpar alguns instrumentos para recuperar um pouco de respeitabilidade profissional, ela se curva para procurar meu olhar. Parece que minha impaciência a diverte.

— De todo modo, se Leonardo não se chateou conosco, isso quer dizer que, no fundo, no fundo, ele gosta das nossas *atenções*, não é?

Finjo refletir com uma mão na testa:

— Ou que nos considera duas bobas sem-graça com as quais não vale a pena se irritar.

— Nunca devemos subestimar o narcisismo de um homem — replica Gaia, com ar de entendida. — Todo mundo gosta de ser paquerado.

— Parece que você tirou essa aí do manual do *stalker*.

Leonardo materializa-se bem naquele momento, como uma divindade que desceu do alto em uma tragédia grega, só que usa calça jeans rasgada e jaqueta de couro preta. Os olhos de Gaia iluminam-se e minhas bochechas pegam fogo.

— Bom dia — ele nos cumprimenta cordialmente: não parece ter notado nossas

reações, ambas preocupantes, cada uma à sua maneira.

— Bom dia — respondemos em coro.

Leonardo dá uma olhada no afresco e sorri para mim, cúmplice.

— Aquilo ali leva todo o jeito de uma romã...

— Isso — concordo. — De tanto tentar muitas vezes... — digo, sem entrar em detalhes. Evito qualquer menção à “experiência”, salvando-me preventivamente da curiosidade de Gaia. Então, começo a raspar com energia a tinta de um potinho, esperando parecer muito atarefada.

Leonardo dirige-se a Gaia:

— Você vem sempre visitar Elena?

— Na verdade, eu estava passando aqui perto...

“Vem sempre visitar você”, penso, continuando a atacar a tinta seca no potinho.

Embora eu não me intrometa, a conversa dos dois engrena logo. Leonardo parece satisfeito com a presença de Gaia, com certeza entendeu que é seu alvo. Talvez ela tenha razão, o mundo está cheio de bonitões egocêntricos que querem apenas ser adorados.

De repente, porém, vira-se para mim:

— Já ia me esquecer de dizer a vocês uma coisa importante — passa uma mão pelo cabelo. — As duas estão convidadas para a noite de inauguração do restaurante.

Eu paro de raspar, levo uma fração de segundo para me sintonizar novamente na conversa deles.

— Ah, sim? E quando será? — pergunta Gaia, ansiosa, usando seu tom mais desenvolto.

— Daqui a exatamente uma semana. Quarta-feira que vem.

Claro, só faltava essa. Abro a boca para dizer “Quarta-feira que vem? Que pena, já temos um compromisso...”, mas Gaia se antecipa:

— Obrigada, aceitamos com prazer! Não é, Elena? — Sem nem me olhar apressa-se em tirar o BlackBerry da bolsa. — Olha, já vou marcar no calendário. — Fazendo os dedos voarem nas teclas, aciona a agenda e, depois, golpe de mestra, aproveita para pedir seu número de telefone. — Caso haja algum contratempo de última hora... — especifica, com um sorrisinho malicioso.

Vê-la em ação parece tanto um espetáculo, que fico hipnotizada e quase me esqueço de me irritar com ela. Gaia é meu modelo inatingível em matéria de sedução. Logo depois vêm as gatas de Clelia.

Leonardo, como se houvesse intuído minha perplexidade, me lança um olhar de encorajamento:

— Que fique claro, espero vocês duas.

Eu concordo, mas não acredito muito naquilo. Ele me fita, sério.

— Vi o quanto é apaixonada por seu trabalho, Elena. E é assim para mim também. Por isso faço questão de lhe mostrar o que eu faço. — Diz isso como se realmente se importasse. Não consigo não acreditar nele. Estou um pouco surpresa, então tento me fazer de importante.

— Não sei... É que tenho tanta coisa para fazer nesse período...

Leonardo volta a se dirigir a Gaia, embora continue a olhar para mim:

— Conto com você, Gaia. Encontre um jeito de arrastá-la. Até quarta, meninas. — Então, vai embora, deixando-nos em dois estados de espírito diametralmente opostos: ela entusiasmada; eu confusa e perturbada.

— Por que você aceitou? — rosno para ela, cheia de motivos para ficar com raiva.

- Porque não havia razão para recusar.
- Simples e direta, como somente ela sabe ser.

Cruzo os braços no peito.

- Pode ficar sabendo que eu não vou. Não quero ser convidada para jantar depois do papelão ridículo daquele dia.

— De novo esse assunto? — bufa Gaia. — Ora, Ele, acho que Leonardo já esqueceu. Vamos passar uma bela noite, comer bem, quem sabe conhecemos pessoas interessantes...

— Nem se você me implorar.

— Olhe que se você não for eu também não vou...

— Vou morrer de desgosto!

— E você vai me fazer perder uma oportunidade dessas? Boa amiga, você! Eu faria isso por você...

— Não comece com a chantagem emocional.

Gaia dá uma olhada em seu relógio com o quadrante crivado de Swarovski.

— Escute, agora tenho que ir. Enquanto isso, você pensa bem, depois falamos de novo sobre o assunto.

Não entendo qual é a interferência misteriosa que faz meu “com certeza não” chegar às suas orelhas como um “provavelmente sim”.

— Tudo bem, desde que você me deixe em paz — liquido com ela sem rebater mais nada. Se depender de mim, a conversa acaba aqui.

— Você disse *tudo bem* mesmo? Eu escutei direito? Sim, você disse tudo bem! — Gaia aponta para mim o dedo indicador de unha vermelha.

— Não, eu queria dizer...

Não me deixa replicar.

— Agora você já falou. Você me deve isso e pronto. Eu ligo para você! — Sopra-me um

beijo com a mão e vai embora correndo, quase voando com seus saltinhos de zebra sobre o piso antigo.

É certo: eu a odeio.

— O vermelho combina mais com você — diz Gaia, empurrando-me para frente do espelho da sala de estar. — Olhe para você, está maravilhosa!

Subo nas pontas dos pés e dou meia-volta sobre mim mesma, mas minha imagem refletida me faz torcer o nariz. Não estou convencida. Esta noite haverá a tão esperada — pelo menos por Gaia — inauguração do restaurante de Brandolini: é por isso que estou rodando pela casa seminua em uma desesperada busca por algo decente para vestir. Gaia está em cima de mim há duas horas, é

exaustivo. Com medo de que eu mudasse de ideia na última hora, surgiu na minha casa já completamente vestida, maquiada e penteada, arrastando atrás dela uma mala e duas bolsas enormes cheias de roupas e acessórios. E agora quer me impor o visual que *ela* escolheu para mim.

— É curto demais, Gaia — protesto, apontando o dedo para minhas coxas. — Parece que não estou usando nada... E, além disso, esse vermelho é um soco no olho.

Gaia balança a cabeça e levanta os olhos ao céu.

— Você é um caso perdido mesmo. Não entende nada mesmo de moda...

— Vamos, deixe-me experimentar o Gucci preto de novo — digo, me preparando para o enésimo confronto com o espelho.

Gaia move-se felina sobre as sandálias turquesa, que combinam rigorosamente com

o minivestido de cetim que usa, e vai pegar meu vestido no outro quarto.

— Tome — bufa, jogando a roupa em cima de mim. — Faça como quiser. Se faz questão de não chamar nenhuma atenção...

Enquanto ela está no banheiro retocando a maquiagem, tiro o vestido vermelho e, afastando-me do espelho para evitar um encontro próximo com meu corpo pálido e pouco definido, coloco rapidamente o preto de novo. Uma olhada de longe para ver o conjunto, uma de perto da cintura para cima, uma voltinha completa no lugar. É este, consegui. Fico bem melhor, embora eu ache que nunca nada caia perfeitamente em mim.

— Mas é decotado demais! — protesto em voz alta para que Gaia escute, ajeitando o corpete sobre o seio.

— De jeito nenhum — rebate ela, dando uma olhada da porta do banheiro. — Ficou ótimo em você. O Prada vermelho estava

melhor, mas este Gucci também entrou para ganhar...

Apoio as mãos nos quadris e encolho a barriga. Minha dieta à base de pizza e congelados não é exatamente a melhor coisa para a forma física, devo admitir.

— Tenho curiosidade de saber onde você os arrumou. Estes vestidos devem custar um absurdo.

— Simples, eu aluguei em um site — pisca ela.

Dou uma olhada no espelho assassino e tento me convencer: com este vestido fico bem, estou bonitinha... Ora, pelo menos apresentável.

— E o sutiã? Eu precisaria de um sem alça. — Olho para Gaia, desejando que encontre a solução.

— Mas você acha o que, que eu sou uma amadora? — Gaia tira de uma das duas bolsas gigantes um *push-up* tomara que caia de

renda preta e balança-o diante dos meus olhos.

Eu o visto e, como em um passe de mágica, meus seios aumentam um número. Olho-me, hesitante: será que a renda aparecendo não é um pouco vulgar?

— Tome — Gaia arruma uma pequena echarpe de seda branca em meu pescoço. — Mas não se cubra toda, só um pouco.

Sorriso. Se ela entender suas clientes como me entende, é a *personal shopper* mais diabólica do mundo.

— E agora vamos escolher os sapatos — continua, vasculhando em uma das bolsas. Meus pés começam a doer só de pensar.

— Sapatos Paciotti de cetim preto, salto 12 — sentencia Gaia, mostrando um par de armadilhas em forma de sandálias. — E não se discute.

— Ah, tudo bem... — Uma risada histérica sai da minha boca. — Depois vou precisar de um andador para caminhar.

— Vamos, Ele, você não vai morrer se usar uma noite só!

Dou um longo suspiro.

— Está bem, mas eu vou colocá-los um segundo antes de sair. Para evitar um pouco a tortura.

— Faça como quiser, mas assim não terá tempo para se acostumar... Pior para você! — E, enquanto isso, tira da mala um assustador arsenal de maquiagem profissional.

— Agora, minha querida, maquiagem e penteado — diz, com um sorriso triunfante.

Eu a olho, desconfiada.

— Mas vá devagar... — ordeno. Em geral não me maquio muito, talvez porque nunca aprendi como se faz realmente e nas poucas vezes em que arrisco tenho sempre a impressão de piorar tudo. Ainda assim, as

regras básicas são as mesmas do restauro: primeiro limpamos bem, depois preparamos a base, então espalhamos a cor e, no fim, colocamos o brilho. Só que fazer isso sobre uma parede é uma coisa; no meu rosto é outra história.

Gaia começa a passar o corretivo debaixo dos meus olhos, depois pega a base de longa duração e a bate levemente com uma pequena esponja de borracha. Confio nela. Conhece o assunto o suficiente para fazer um bom trabalho.

Estuda meu rosto, pegando meu queixo entre os dedos.

— Você tem um curvador de cílios? — pergunta.

— O que você acha?

— Até parece que perguntei se você tem um vibrador!

— Você é a profissional aqui...

— E, de fato, tenho os dois — vinga-se, com orgulho. — Como você quer o cabelo? — continua, enquanto espalha o blush em minhas maçãs do rosto.

— Dividido para o lado e pronto. — Não faço questão de ser torturada com grampos e presilhas, até porque depois é dor de cabeça na certa.

— Humm... Mas vou tentar ondular um pouco para suavizar seu corte estilo Chanel. Esta noite você tem que parecer uma verdadeira diva.

Não tenho escapatória.

Depois de duas horas e meia de preparativos, finalmente estamos prontas. Gaia já desceu para a praça para fumar um cigarro. Coloco um casaco comprido leve, pego a echarpe de seda, a carteira prata e enfio as sandálias debaixo do braço. Desligo as luzes, tranco a porta e desço as escadas descalça.

Assim que me vê surgir do portão, Gaia apaga a guimba debaixo do *plateau*. Coloco as armadilhas nos pés e vamos. Que Deus me proteja!

São nove e meia da noite e na praça San Polo, na entrada do restaurante, já há uma fila. A festa é fechada, ou seja, só quem foi convidado pode entrar. Para Gaia isso é um bom sinal, significa que lá dentro só haverá pessoas *selecionadas*. Eu não sei, não sou especialista em VIPS: minha única esperança para esta noite é não tropeçar e desabar violentamente em cima de alguém.

Quando chegamos em frente ao arco da entrada, mostramos os convites ao segurança de casaca preta. Parece um agente do serviço secreto, cabelos raspados e fone no ouvido. Dá uma olhada rápida nos convites e logo depois afasta a cordinha vermelha que controle a passagem.

— Por favor — diz, deixando-nos entrar.

— Obrigada — respondemos em coro. Gaia pisca para mim, já empolgada: está em seu ambiente.

Após superarmos a primeira passagem, percorremos o tapete vermelho estendido no pátio interno, iluminado por tochas e lampiões. O flash de um fotógrafo quase me cega. Tomara que eu não tenha sido focalizada, porque bem naquele momento eu estava arrumando desajeitadamente a cabeleira *de diva*. Amaldiçoo Gaia por ter feito ondas no meu cabelo e principalmente por tê-las enchido de laquê. Os dedos ficam presos nelas.

Duas modelos apertadas em impecáveis tubinhos pretos conferem nossos nomes na lista de convidados e nos desejam uma boa-noite.

No interior o ambiente é quente e fascinante, decoração típica de casa aristocrática veneziana com detalhes árabes. O

restaurante tem dois andares, o de baixo é rodeado por vitrais que se abrem para um jardim interno. A música de fundo é suave, envolve sem ser invasiva.

Um grupo de garçons circula entre as pessoas com bandejas cheias de taças de champanhe. Pego uma para molhar um pouco a boca e depois de poucos instantes passo para Gaia, que já esvaziou a sua.

Sáimos no jardim, onde ficamos literalmente encantadas: esse lugar é uma festa para os olhos, os convidados movem-se entre tochas e lanternas de papel penduradas no ar, que tornam a atmosfera realmente mágica. Estudo as pessoas em volta das mesas, notando uma explosão de chiffon, seda, renda e tafetá. Somente os flashes contínuos dos fotógrafos tentam quebrar o encanto. Há até uma pequena equipe de televisão: a jornalista, microfone em mãos e operador de câmara atrás, circula entre as pessoas para

conseguir alguns comentários entusiasmados sobre a noite. Vem até mim também, especificando que o especial irá ao ar em um conhecido canal de televisão, mas eu lhe explico que não vem ao caso. Só em pensar naquilo eu já estava ficando roxa.

Gaia está acelerada. Cumprimenta pessoas que não conheço, exibindo para lá e para cá sorrisos amáveis.

— Desculpe, mas você conhece essa gente toda? — pergunto.

— Um pouco — responde. — Algumas só de vista, mas é sempre bom ser notada.

Balança a cabeça resignada e me dirige um olhar como se dissesse “tenho que lhe ensinar tudo mesmo”.

De fato, eu teria muito o que aprender com ela, admitindo-se que eu realmente queira alargar meus horizontes sociais. Olho um pouco ao redor e estudo a situação. Mas, no fundo, o que tenho eu a ver com essas

peessoas? Dizer que me sinto um peixe fora d'água talvez seja suave demais. Dois homens próximos retribuem meu olhar com um sorriso. Do que eles estão rindo? Talvez eu esteja muito despenteada, ou com pasta de dente nos lábios... Escondo-me atrás de um garçom, fingindo não vê-los. De repente lembro que estou com um vestido muito decotado e arrumo a echarpe de seda nos ombros. Nesse meio-tempo, Gaia desapareceu.

Volto para dentro para procurá-la e entrevejo Jacopo Brandolini de longe: por fim um rosto familiar. Nunca fiquei tão feliz em vê-lo. Está conversando animadamente com um grupinho de pessoas, mas me reconheceu e nos cumprimentamos com um aceno.

Penso em ir até ele, quando um estrondo de aplausos levanta-se do público. As pessoas que ainda estavam no jardim entram rapidamente e todos se viram para um

tablado no meio da sala, onde um homem elegante de smoking anuncia a performance:

— Senhoras e senhores, tenho a honra de lhes apresentar um homem que fez da culinária uma arte, um espetáculo tanto para os olhos quanto para o paladar: o *chef* Leonardo Ferrante.

As luzes diminuem, a atmosfera é de suspense durante a espera. As notas de um violino enchem o ar, enquanto holofotes azulados acendem-se em um mezanino onde aparece uma lindíssima violinista de vestido vermelho. Com as esplêndidas mãos finas, envolvidas por pequenas luvas de renda preta, empunha um violino elétrico de vidro transparente que se ilumina de luz azul-escura ao toque do arco. Reconheço aquele vestido e a mulher também. Talvez seja somente uma fantasia minha, mas me parece a mesma que vi sair do palácio há algum

tempo junto com Leonardo. A diva da lancha. É ela, tenho certeza.

— Ele, você viu? — Gaia reaparece como em um passe de mágica ao meu lado. — Essa fulana que está tocando é famosa.

— Ah, é?

— É Arina Novikov, a violinista russa. Fez um concerto na Arena de Verona sábado passado.

— Bem, é a tal que passou a noite com Leonardo — digo-lhe, já saboreando sua surpresa.

— Hein?

— A mulher da lancha.

— Jura?

— Juro, tenho certeza.

— Droga! — Gaia parece se divertir, o fato de ter que competir com essa espécie de deusa não a preocupa de jeito nenhum, aliás, deixa-a excitada. Ela é feita para os desafios.

Agora a violinista está começando a inconfundível obra *Inverno* das *Quatro Estações* de Vivaldi e é simplesmente emocionante. Ao contrário de Gaia, não consigo olhá-la sem pensar que é cem vezes mais bonita e talentosa que eu.

Mas agora os olhos de todos dirigem-se ao centro da sala, capturados por uma nova aparição. Leonardo ocupa a cena enquanto irrompem os aplausos. Veste um paletó preto com colarinho mandarim, enfeitado com bordas e botões brancos. Enrolada na testa, uma faixa de seda branca segura seus cabelos abundantes, fazendo-o parecer um guerreiro oriental. É realmente uma presença magnética.

Um holofote amarelo ilumina-o por trás e duas fontes de fogo acendem-se aos lados da cena. Com o Vivaldi crescendo, a *performance* começa. Gaia me faz um sinal para nos aproximarmos e vermos melhor, e dando

cotoveladas no meio da multidão conseguimos avançar alguns metros. Agora estamos bem abaixo dele.

Leonardo empunha a faca e começa a cortar em fatias finíssimas uma posta de peixe-espada, ancorando-o na superfície de mármore com uma mão. Aquela segurança na pegada me é familiar e a lembrança voa imediatamente a quando me levou agarrada em suas costas, afundando os dedos nas minhas coxas. Enquanto o ritmo da música aumenta, Leonardo salpica as fatias com algo que, de onde estamos, leva todo o jeito de ser semente de papoula. Caem de seus dedos seguros e depositam-se sobre a carne rosa do peixe, pontilhando-a de minúsculas gotas pretas. Então, Leonardo esmigalha um pimentão vermelho transformando-o num pó brilhante e, com a precisão e a velocidade de uma máquina, corta fininho erva-doce, abobrinhas e aipo.

Estou quase sem fôlego: é um mestre. Viro-me um instante para Gaia, buscando sua cumplicidade, e percebo que ela também está enfeitiçada, os olhos fixos nele, a boca entreaberta em uma expressão de admiração.

Leonardo com as fatias de peixe-espada monta canapés, decorando-os com a mistura de legumes e lasquinhas de casca de laranja. É extremamente concentrado, seguro dos próprios gestos, o maxilar contraído, as veias em evidência nas têmporas. Modela e transforma a matéria com mãos de artista, sua arte é completa, suas criações são pequenas obras-primas a serem admiradas e, não tenho dúvida, saboreadas. Leonardo seduz com a comida e tem consciência disso, usa-a para enfeitiçar os sentidos e a mente. Por um instante encontro seus olhos escuros e tenho a impressão de que me dirige um sorriso imperceptível. Não sei se é somente minha

imaginação, mas um arrepio de prazer faz cócegas na minha nuca.

A música agora está no crescente final. Leonardo pousa sobre uma tábua alguns lagostins batidos crus, depois alguns filés finos de olho-de-boi. Trabalha a polpa do peixe como se tivesse um fluido nas mãos, até formar muitos pequenos corações divididos ao meio. Enfim, salpica as partes redondas com flores de laranjeira, pimenta e sementes de gergelim. Depois tudo é disposto cenograficamente em três elegantes travessas, enquanto sobre a última nota do violino Leonardo dirige um sorriso levemente esboçado ao público. De imediato surge o aplauso, forte e longo. Leonardo nos conquistou. A todos.

Com o fim da *performance*, as pessoas se dispersam no jardim, onde o jantar será servido em mesas de bufê. Sigo a massa junto

com Gaia, aventurando-me em busca de alguns petiscos entre vários de formas e cores diferentes. Diante de nossos olhos um trifunfo de extravagantes, geniais iguarias em miniatura, destinadas a serem pegadas com dois dedos e saboreadas em uma só bocada. Penso no tempo que foi necessário para prepará-las e em quão rapidamente serão consumidas. No fundo, é apenas isso que as distingue de uma obra de arte: são o fruto de uma mente criativa e do trabalho hábil das mãos, mas não são feitas para durar.

— Leonardo foi fantástico — comenta Gaia, dando uma dentada em um filé de salmão em uma camada de mexilhões.

— Incrível... Você fez bem em me arrastar até aqui — respondo. — Nunca teria imaginado um espetáculo assim.

Faço uma análise das iguarias, mas percebo que, por mais que sejam deliciosas de se ver, são uma afronta ao meu credo

vegetariano. Cigarras-do-mar recheadas de salmão marinado, ostras sobre gelatina de espumante com molho de gengibre, torradas de pão com patê de fígado e peito de pombo. Lindas, incríveis, talvez gostosas, mas não para mim. Limito-me a provar as únicas duas propostas vegetarianas: uma crosta de parmesão com *radicchio* e castanhas e, depois, os talos de aipo verde com queijo cremoso *robiola*, peras e nozes. De todo modo, como acontece comigo quando não me sinto à vontade, não estou com muita fome. E, além do mais, a performance de Leonardo me deixou, não sei por que, com o estômago fechado.

Gaia me pega por um braço e me pergunta:

— Aquele lá é Brandolini?

O sujeito ao lado de duas loiras que se desmancham em sorrisinhos ousados e olhares felinos.

— Sim, é ele. O conde está sempre rodeado por mulheres.

— Mas... Ele não está nada mal — comenta Gaia.

Olho-a para ver se está falando sério. Está.

— Ele tem algo de especial, dá para ver que tem classe. É mais uma pessoa que você deveria ter me apresentado... Mas se eu esperar por você...

Observo-o tentando entender o que ela possa ver nele, mas percebo que não sou objetiva: Brandolini é meu empregador e, como sou rígida com essas coisas, não consigo considerá-lo sob outros pontos de vista. De repente atrás dele surge Leonardo. Tirou a faixa de seda da testa e no lugar do uniforme de *chef* usa uma de suas camisas de linho amassado, branca. Jacopo aperta sua mão e lhe dá um tapinha amigável no ombro, elogiando-o.

— Ele nos viu? — pergunta Gaia, plantando-se na minha frente e dando-lhe as costas.

Espio por cima de seu ombro enquanto fala com o conde e seu harém.

— Acho que não.

— O que você acha, vamos cumprimentá-lo?

— Talvez seja melhor esperar que esteja sozinho.

Gaia bebe de sua taça, impaciente.

— Nós não queremos mesmo arruinar a alegria daquelas duas...

— Espere, eles se despediram delas, estão vindo para cá — sussurro.

Leonardo avança na nossa direção, na frente de Brandolini. Cumprimenta primeiro Gaia — ela vira-se, fingindo surpresa; é oficialmente meu ídolo — e depois vem até a mim e me beija no rosto. É a primeira vez que acontece isso; registro a aspereza de sua

barba ruiva e o toque fugaz dos dedos em um quadril.

— Parabéns, foi uma inauguração espetacular — digo ao conde, apertando sua mão.

— O mérito todo é do grande *chef*. — Brandolini dá um sorriso satisfeito indicando Leonardo, depois fixa o olhar em Gaia, examinando-a da cabeça aos pés.

Leonardo intervém, rápido.

— Esta é Gaia, a nossa relações-públicas — e, assim, me livra do embaraço de uma nova apresentação.

— Prazer, Jacopo. — O conde lhe dá a mão e ensaia uma espécie de reverência.

— Prazer — pisca Gaia.

— Então você trabalha com eventos... — diz Brandolini, demonstrando um vivo interesse. Não entendo por que logo trata Gaia com informalidade e continua me chamando de senhora.

— Sim, eu e minha sócia temos uma agência. Começou um pouco como brincadeira e depois se tornou um trabalho de verdade. — Gaia domina a cena, segura.

— Tenho certeza de que ela poderia ajudá-lo muito, Jacopo — intervém Leonardo. — Por que não conta a ela seus planos de divulgação do restaurante?

O conde aproveita a deixa e começa a falar sem parar com Gaia, que parece bastante satisfeita com a atenção dele, embora continue a dar umas olhadas em direção a Leonardo. Enquanto isso, ele se aproxima de mim e me envolve com o olhar.

— Você está muito bonita esta noite — diz, com voz macia.

— Obrigada — limito-me a responder, tentando entender se está sendo sincero ou se é puro cavalheirismo.

— Embora — acaricia o queixo — eu deva dizer que seu macacão de trabalho também combina com você.

— Oh, Deus, acho que não mesmo...

— Acredite em mim. Não sou exatamente o tipo de homem que elogia com facilidade.

Acredito nele, uma massagem no ego não faz mal a ninguém. Por um momento esqueço até os pés doloridos e tento manter uma postura, endireitando as costas e abrindo os ombros.

A conversa entre Gaia e Jacopo torna-se cada vez mais animada, os dois riem e trocam olhares de cumplicidade. Parece que se conhecem a vida toda. De repente, porém, um garçom aproxima-se de Brandolini e sussurra-lhe algo no ouvido, ele se vira prontamente para Leonardo e o agarra por um braço.

— Leo, temos que ir. Os Zanin nos esperam para discutir sobre os vinhos.

Pronto, meu momento de glória já acabou. Eu murcho como uma bola furada.

— Meninas, sinto muitíssimo — desculpa-se o conde —, mas o dever está chamando. Com certeza nos vemos mais tarde. — E uma olhada eloquente pousa no decote de Gaia.

Depois que foram embora, Gaia me bombardeia de perguntas sobre Leonardo. Quer saber tintim por tintim sobre o que conversamos.

— Ele estava dando em cima de você? — pergunta, por fim. Era aí que ela queria chegar.

— Não diga bobagens.

— Ele, ele estava comendo você com os olhos!

— Imagina!

— Tudo bem, eu não fico mal, não... Primeiro porque não sou do tipo ciumenta e segundo porque sempre posso me consolar com o conde — e me dá uma piscadinha.

— Como você é generosa.

— Por uma amiga, isso e mais — sorri, sonsa. — E de qualquer forma, Jacopo é realmente um cara bonito, gosto dele.

Se ela está dizendo...

Mas será que Leonardo poderia estar interessado em mim de verdade? Se até Gaia notou isso, talvez... Não, provavelmente disse aquilo só para me animar.

— Ele, seu batom está um pouco borrado.

— Vou ao banheiro retocar, vem comigo?

— Não, espero você sentada aqui. — Acomoda-se em uma poltroninha debaixo da tenda. — Estou um pouco tonta, acho que exagerarei com o champanhe.

— Tem certeza de que não precisa de ajuda?

— Tenho, pode ir. — E me manda embora com um empurrão.

— Tudo bem, mas não saia daí.

— Fique tranquila, não teria forças pra isso. — Sorri, deixando os braços escorregar em para baixo.

É claro que quando volto do banheiro, Gaia já sumiu. Procuo-a no meio da multidão, no jardim, entre as mesas, depois, do lado de dentro, até no andar de cima, mas nada... Parece ter evaporado. Enfim volto ao jardim e me conformo em esperar. Mais cedo ou mais tarde ela deverá passar por aqui, digo a mim mesma. Depois de alguns minutos, sento-me, pego o iPhone da bolsa e lhe mando uma mensagem ameaçadora. Depois tento ligar para ela, mas seu telefone está desligado. Onde será que ela se meteu? E com quem, principalmente...

Enquanto continuo a procurá-la com o olhar, Leonardo materializa-se de repente. Senta-se ao meu lado e me olha de um modo indagador.

— Então, gostou da noite?

— Sim, muitíssimo. — Abaixo o vestido, tentando convencê-lo a cumprir sua obrigação: cobrir-me.

— Você comeu?

— Bem, um pouco...

— Um pouco? — Faz uma expressão escandalizada.

— Humm... É que sou vegetariana. Há anos.

— Ah. — Sorri. O que será que há de tão engraçado no fato de eu ser vegetariana?

Tento mudar de assunto.

— Gostei do espetáculo, sabe? Suas criações parecem obras de arte. Tão bonitas que quase sentimos pena de comê-las.

Ele inclina a cabeça para o lado.

— E quem disse que uma coisa bonita não pode ser comida? — solta a pergunta, fitando-me com olhos estranhos, que

escondem algo. — Quanto mais uma coisa é bonita, mais tenho vontade de comê-la...

Por que tenho a impressão de que se refere a mim? De repente, me pega pela mão e se levanta.

— Venha, quero que você prove algo especial — diz, enquanto me arrasta alguns metros mais à frente, perto de uma mesa onde estão apoiadas diversas variedades de rum e chocolate. — Acabei de fazer essas aqui. — Leonardo apanha de uma bandeja chocolate confeitado finamente gravada com motivos florais, parece uma pequena joia. Aproxima-a da minha boca. — Vamos — incentiva, com um olhar que mata.

Abro a boca, sinto o chocolate se partir sob os dentes e liberar um creme doce com notas cítricas. Retenho com a língua aquele gosto maravilhoso, que liberta uma volúpia intensa em todas as partes do corpo.

— É muito bom. — Olho Leonardo, completamente entregue. Acho que no meu rosto ficou uma expressão daquelas maravilhosas que surgem após o orgasmo e torço para que não seja evidente demais.

— Coloquei uma coisa aí que a essa altura você deveria conhecer bem — confessa ele, com um sorriso malicioso. Arregalo os olhos de surpresa, acho que entendo o que quer dizer. — Eh, isso... Suco de romã. Misturado com extrato de laranja e flores de laranjeira. — Passa o polegar no meu lábio superior, provavelmente para tirar um resto de chocolate.

Ai meu Deus, acho que Gaia tem razão, ele está dando em cima de mim. De repente me lembro dela e para atenuar a tensão procuro o celular na bolsa. Ligo para ela, mas seu telefone ainda está desligado.

Leonardo me olha, complacente.

— Se estiver procurando Gaia, eu a vi indo embora com Jacopo — avisa. — E acho que não voltará — acrescenta, achando graça.

— Então ela me deixou aqui sozinha?

— Você não está sozinha, está comigo — ele me corrige, franzindo as sobrancelhas. Se quis me tranquilizar não conseguiu. Uma parte de mim ficou lisonjeada por seu interesse, mas a outra, aterrorizada, queria fugir na mesma hora.

— De todo modo, já está bem tarde — observo, com um sorrisinho nervoso —, é melhor eu ir.

— Eu acompanho você um pouco.

— Não precisa, com certeza você deve estar ocupado.

— Eles podem sobreviver sem mim também — diz ele, pondo um fim à questão com um gesto de mão. — E, além disso, estou mesmo com vontade de dar uma volta. —

Seus olhos mostram a satisfação de um predador sufocando sua vítima nos dentes.

Não tenho saída.

Percorremos um bom pedaço do caminho em silêncio, entrando em ruas que conheço de cor, nas quais me movo com a segurança de um gato, apesar da escuridão. Meus pés doem, mas tento não demonstrar, impondo-me um andar digno.

A rua está deserta e dos canais sobe um vapor denso que invade as narinas e insinua-se sob a pele até os ossos. Então, de repente, como se alguém tivesse acabado de construí-la naquele momento, estamos diante da basílica dos Frari.

— Ali dentro está guardada a pintura de Ticiano de que eu mais gosto — digo, apenas para preencher um silêncio que me deixa pouco à vontade, indicando a igreja com um gesto do queixo. — De vez em quando me

refugio aqui para olhá-lo... Não sei por que, mas tenho certeza de que pode me inspirar.

— Vamos entrar, estou curioso — propõe ele.

— Imagina, é proibido. Fica fechada à noite.

— Não acho que isso seja um problema. — Em sua voz não há nenhuma sombra de hesitação.

Em um segundo Leonardo identifica uma porta secundária que leva à sacristia e, sem muito esforço, abre-a. Entra sorrateiramente, pegando-me pela mão e arrastando-me atrás de si. Por que nunca consigo lhe dizer não? Estou com medo, o alarme poderia tocar ou alguém poderia nos ver. Ou seja, é uma coisa proibida. É eletrizante e ao mesmo tempo muito assustador.

Da sacristia desembocamos na nave lateral e chegamos ao altar central, onde está o retábulo de Nossa Senhora. Ali dentro está

completamente escuro, mas a iluminação sobre a tela ficou acesa, junto com uma câmara de segurança — pelo menos é o que me parece. Perfeito! Serei presa por violação de espaços sagrados.

— Aqui, a pintura é esta — digo, tentando não pensar nisso.

— É enorme. Não esperava que fosse tão grande.

— É, tem quase sete metros de altura.

— É poderoso, com muito vermelho — comenta Leonardo, com o olhar admirado.

— Na época, Ticiano havia arriscado — concordo. — Nunca ninguém vestira de vermelho Maria subindo ao céu.

— É por isso que você gosta tanto?

— Não só... É a tensão vertical que o atravessa, de baixo para cima — explico, imitando o andamento do quadro com as mãos.

— Está vendo aquele apóstolo de costas, que estende os braços em direção a Nossa

Senhora? Parece que a está arremessando no ar dando início ao seu movimento ascendente em direção ao céu.

— Então é isso que você vê nele?

— Sim.

Estamos lado a lado e o contato com ele me provoca arrepios. Encontro seus olhos por um instante, mas me viro imediatamente para o retábulo e continuo falando.

— Há um detalhe interessante. Se perceber, o rosto da Virgem não está completamente iluminado e isso significa que ainda não subiu aos céus: a sombra é um chamado ao mundo terreno, no qual Nossa Senhora permanecerá presa até ter completado sua ascensão.

Leonardo concorda e continua observando a pintura em silêncio. Talvez o que estou dizendo realmente lhe interesse... Gostaria de saber o que está passando pela cabeça dele — porque é óbvio que está

pensando em alguma coisa —, mas não ousei perguntar.

— Mas agora vamos — imploro —, antes que chegue alguém para nos prender.

Quando chegamos ao lado de fora, voltamos a caminhar. Sou eu quem ditto o ritmo e a direção, Leonardo me escolta confiante e paciente como se não tivesse mais nada para fazer. De repente percebo que ficou um pouco para trás; viro-me e está encostado no parapeito de uma ponte. Está olhando uma gôndola, cheia de luzes coloridas. Vou até ele. Só agora reparo que não estava olhando a gôndola: seus olhos são atraídos pela água.

— O que será que tem lá embaixo, já pensou nisso? — pergunta.

Eu também olho para baixo e me dou conta de que, na verdade, eu nunca me perguntara isso.

— Esta cidade está tão ocupada em flutuar que ninguém nunca se preocupa com o que existe na profundidade de seu coração — reflito em voz alta.

Ele se cala por alguns instantes que me parecem longuíssimos, então se vira para mim e pergunta, em um sussurro:

— Você não gostaria de descobrir o que se esconde no fundo de todas as coisas? — Agora está me fitando com seus olhos escuros, penetrantes. Uma luz ferina atravessa seu olhar, mas é apenas por um momento e, depois, com um sorriso gentil, se solta do parapeito e volta a andar.

Sigo-o um pouco perturbada. A proximidade deste homem, o modo como fala comigo e me toca, seu perfume inebriante, tudo nele me faz sentir uma estranha agitação. Estamos quase chegando em casa e já me preparo para o momento em que teremos que nos despedir. Será que ele vai tentar me

beijar? A imagem de Filippo quica como uma bolinha de borracha na minha cabeça, mas logo desaparece, é como se eu não conseguisse mantê-la.

Então, digo a mim mesma que estou indo depressa demais com a fantasia. Talvez Leonardo esteja com aquela lá, a diva da lancha, talvez esta noite só estivesse com vontade de dar uma volta e não tenha nenhuma intenção de me beijar. Mas, para ser sincera comigo mesma, essa segunda hipótese me deixa um pouco decepcionada.

— A violinista é sua namorada? — a pergunta me escapa, de uma hora para a outra. Quase não percebo ter falado aquilo em voz alta.

Leonardo me olha e dá um meio sorriso.

— Não, Elena... Não sou um cara para namorar.

— Ah, entendo. — Na verdade não entendo nada. O que significa que não é “um

cara para namorar”? Que quer ficar sozinho? Que não é feito para a vida a dois? Por um instante me iludo que ele vai me dar algumas pistas para decifrar essa frase, mas permanece em silêncio. E eu tomo cuidado para não lhe fazer mais perguntas. Passei dos limites.

Finalmente estamos no portão da minha casa.

— Obrigada, cheguei.

— De nada. Trazê-la em casa está virando um hábito agradável — diz, com voz quente e musical.

— Então, tchau — dou um passo até ele.

Leonardo pousa a mão em meu rosto, entrelaçando um cacho de cabelo meu em volta de um dedo. Sinto a respiração falhar. Ele está me olhando fixamente e, com um pouco de coragem, mantenho seu olhar. Então, minha atenção se precipita para seus lábios. Quero senti-los nos meus.

Mas ele abaixa as pálpebras, sorri com aquele seu jeito malicioso e desliza a mão em meu ombro.

— Tchau, Elena, foi realmente uma ótima noite.

Toca levemente minha testa com um beijo suave e recua alguns passos, depois se vira e se afasta, afundando as mãos nos bolsos do paletó. Fico olhando-o, atordoada, pior do que se eu tivesse levado um tapa.

Subo as escadas correndo. Me jogo dentro de casa, arranco o vestido e o atiro no chão. Coloco uma camiseta qualquer e sem nem tirar a maquiagem me refugio na cama.

Minha mente começa a rodar no vazio e meus olhos contemplam o teto. Como eu fui burra em achar que um cara como Leonardo pudesse se interessar por uma mulher como eu. Você é uma pobre iludida, Elena! Ainda assim, não consigo tirar da cabeça certos

olhares dele, aquele dedo sobre a boca e aquela mão afundando nos cabelos... Chega, Elena, dorme. Senão amanhã você não se levanta e não termina nunca o afresco.

Agarro o iPod na mesinha de cabeceira e coloco os fones. Chegou a hora da minha música tibetana. Para casos extremos... Geralmente ela me faz desabar no sono mais profundo.

Boa noite, Elena. E pare de pensar.

Esta noite dormi profundamente, como há muito tempo não acontecia. Deve ter sido por causa do canto tibetano ou do cansaço acumulado mas o fato é que desabei em um estado de semicoma e acordei esta manhã como se tivesse viajado no tempo.

Assim que abri os olhos, porém, os pensamentos voltaram, angustiantes exatamente como ontem à noite. Sinto-me completamente seduzida por Leonardo, mas incapaz de conquistá-lo. Com grande autocontrole eu me obriguei a parar de pensar nele e recuperar um mínimo de lucidez. Agora,

enquanto estou no trabalho, olhando novamente os fatos com a mente serena — digamos assim —, percebo que me deixei influenciar e me levar pelas minhas fantasias, como sempre: Leonardo apenas flertou um pouco comigo. Que depois tenha me seduzido, mesmo sem querer, é outra história. Uma história que tenho que tirar logo da cabeça. Quando ele passar aqui, eu o cumprimentarei como todas as manhãs, como se aquele passeio noturno nunca tivesse acontecido e eu não sentisse nenhuma das emoções que infelizmente não consigo evitar. Agora também. Deverei fazer um esforço imenso — sou ou não sou uma campeã de autocontrole? —, mas Leonardo nem vai perceber, porque ele com certeza não está mais pensando nisso.

E agora, Elena, concentre-se no seu trabalho.

Pouso os instrumentos no chão e vou para o meio do saguão, a cerca de dois metros de distância do afresco. De vez em quando tenho que parar para conferir de longe o bom resultado das cores, para entender se estou indo na direção certa. Fixo o olhar no fundo, depois o focalizo na romã, que, vista daqui, parece quase tridimensional. Ficou boa, estou orgulhosa de mim.

Dou dois pequenos passos para trás e bato em alguma coisa. Nem tenho tempo para me virar porque duas mãos fortes me abraçam por trás. Leonardo! Um perfume inconfundível de âmbar enche minhas narinas enquanto meu corpo gruda no seu, prisioneiro em um doce apertão.

Sem dizer uma palavra, afunda o nariz em meus cabelos e sente meu cheiro, então se inclina para a frente e me dá um beijo profundo no pescoço. O contato áspero de sua barba faz cócegas em meu rosto e uma

profusão de arrepios propaga-se na minha pele, o ventre queima com o inesperado e excitante toque de seus lábios. Estou atordada: eu sequer tinha coragem de desejá-lo e ele, no entanto, me quer. Está aqui, veio me sentir.

Solta minha bandana na nuca, atirando-a no chão com um gesto violento. Depois agarra com força meus cabelos e sussurra meu nome no ouvido.

— Elena... — Sua voz é intensa.

Sinto-me arder e não tenho forças para dizer nada. Sinto que todas as minhas fantasias mais inconfessáveis começam a tomar forma. Mas eu realmente o quero?

— Temos um problema... — seus lábios pressionam meu ouvido.

Eu o quero...

Acaricia minha bochecha, tocando-me levemente com os dedos até o queixo, então

deixa deslizar a mão até o zíper do meu macacão, abrindo-o até a altura dos seios.

Minha respiração acelera, junto com as batidas do coração.

— Um problema sério... — continua, com a voz cada vez mais quente e sensual. — Eu quero você.

Vira-me de repente, como se eu fosse uma boneca incapaz de opor resistência. Silenciosa, eu o satisfaço, mas assim que nossos olhares se cruzam eu abaixo o meu. Ele agarra meu queixo com dois dedos, levantando-o em sua direção. Então, pega meu rosto, apertado entre as mãos, e afunda a língua na minha boca. Está me beijando. Agora. Não é possível.

Nunca ninguém me conquistou assim. A força, a violência deste beijo me deixam tonta. Estou prestes a perder o controle, eu sinto isso.

Sem largar meus lábios, com um gesto rápido abaixa todo o zíper e me livra do macacão, que aterrissa no meio das têmperas, das esponjas e dos pincéis. Tenho apenas um segundo para tomar consciência daquilo, mas já é tarde demais, e, então, eu também me vejo deitada naquele chão sujo de pó e reboco, no meio dos instrumentos de trabalho jogados desordenadamente. Parece um sonho, mas é tudo real: o frio dos ladrilhos, o calor dos nossos corpos, e não desejo mais nada neste momento.

Antes que eu consiga me dar conta, Leonardo está em cima de mim. Agarra minhas mãos e prende meus pulsos sobre a cabeça com os dedos, como se quisesse impedir qualquer tentativa de fuga. Ao fazer isso, esbarra em alguns potinhos de têmpera e um esguicho de tinta se derrama no chão. Vermelho púrpura no piso, em suas mãos, no meu braço pálido. Sinto-o escorrer embaixo

de mim, por um quadril. Faço menção de me levantar, não suporto aquela sensação de estar suja, mas ele me empurra para baixo com uma sacudida.

— O que você está querendo fazer, Elena?
— sussurra. — Gosto demais dessa cor — e, enquanto diz isso, com os dedos manchados de têmpera me acaricia inteira, da cabeça à barriga, deixando marcas cor de sangue no meu rosto e na camiseta branca.

Estou em seu poder e um medo e um desejo loucos martelam meu coração. Enquanto me beija, tenho uma visão lúcida do conjunto todo: de mim, dele, deste palácio vazio, e do que vamos fazer.

Hesitante, solto meus lábios dos seus.

— Pode entrar alguém... — murmuro, com um fio de voz.

— Shhh. Não pense em nada. — Leonardo atravessa-me com o olhar e fecha minha

boca com um dedo. Seus gestos são decididos. Sua segurança me excita.

Arranca minha calça jeans e minha camiseta. Seus olhos me examinam, ávidos. Sua língua está dentro da minha boca novamente, ávida. Eu o quero e começo a tirar sua roupa, com uma naturalidade que não consigo explicar, que não pertence a mim: desabotoo sua camisa devagar e solto seu cinto de couro. Por baixo ele está completamente nu, não usa cueca. Nu e excitado, pronto para entrar em mim.

Inclina-se entre as minhas pernas, abrindo-as um pouco com as mãos. Beija-as, insaciável, e sobe lentamente com a língua por dentro das minhas coxas, até agarrar com os dentes minha calcinha de renda preta que voa e aterrissa no chão.

Ainda bem que esta manhã não coloquei minha calcinha de algodão de fazer ginástica...

Sua língua está cada vez mais perto, desliza dentro de mim e eu, já molhada, abro-me devagar ao toque de suas mãos.

— Você tem um gosto bom, como eu imaginava. Deixe-me comer você... — Com a língua, procura, explora, e eu não consigo segurar alguns gemidos de puro prazer.

— Muito bem, Elena, isso... — Sua voz está cheia de desejo.

Levanto sua cabeça, puxando-o devagar pelos cabelos, enquanto ele termina de tirar a roupa, livrando-se da calça que em um instante está ao lado do meu macacão. Abro mais as coxas, deixando-o pressionar seu pau duro e liso em meus lábios inchados.

Não sei mais quem sou. Estou com medo e, ao mesmo tempo, queria que Leonardo nunca parasse de fazer o que está fazendo. Sua testa está enrugada, os músculos tensionados, uma energia poderosa a ser totalmente liberada dentro de mim. Ele me

penetra com um único impulso violento. Fica imóvel, abaixa os olhos e encontra os meus, ofuscados pelo desejo, entorpecidos.

— Elena... — sussurra, mordendo uma orelha minha. — Eu sinto você. Você também quer.

Fecho os olhos e suspiro.

— Sim, eu quero. — Minha voz está tomada pela excitação.

Começa a se mexer devagar dentro de mim, como se tivesse medo de me quebrar, com uma lentidão que me devasta. Então, um movimento mais enérgico, mais profundo, me preenche. Cerro os dentes e gemo. Leonardo acelera, mas somente um pouco, e minha respiração fica curta, meu peito levanta e abaixa convulsivamente, enquanto minhas pernas o apertam com um espasmo. Ele acelera mais o ritmo e continua a beijar meu pescoço. Está me comendo.

— Goze, Elena. — E desta vez soa como uma ordem. Mas nem precisa...

Sinto seu peso sobre mim, ele mantém meus pulsos presos com as mãos. Fez de mim sua prisioneira, uma prisioneira que não tem nenhuma intenção de fugir.

Fico sem fôlego, o sangue corre enlouquecido nas veias e flui todo para o meio das pernas. Um prazer devastador e irrefreável ganhou vida em meu ventre, e então explode instantaneamente, espalhando-se por toda parte. Por um longo momento, cada molécula do meu corpo se transforma em orgasmo puro. Solto um grito espontâneo e incontável e com esforço consigo sufocá-lo. Porque agora esse grito sou eu. Apesar de ainda não me reconhecer. Estou transtornada, espantada comigo: não achava que podia gozar tanto assim.

Agora é a vez de Leonardo, com um gemido quase animal perto do meu ouvido e um

meio sorriso no rosto. É ainda mais bonito, assim. E é para mim que está gozando.

Ficamos abandonados, ele dentro de mim, por um tempo que não consigo medir. Olhos nos olhos. Boca na boca. Pele na pele. Nós nos respiramos. É um som vivo, sanguíneo. Um som que liberta rios de emoção em mim.

— Não se mexa — ordena, então, em voz baixa.

Sai de mim, deita-se ao meu lado e me beija, primeiro no peito, depois na testa, depois na boca. Então, passa um braço debaixo da minha cabeça. Nus, permanecemos abraçados um pouco, sem nos preocuparmos com o piso frio, com o pó, com as têmperas espalhadas no chão. Minha bochecha está apoiada em seu peito. Enquanto respira, meu rosto se levanta e se abaixa em seu tórax.

Uma sensação de satisfação total e ao mesmo tempo de desorientação disputa meu coração, minha mente. Tenho dificuldade para me reencontrar. Onde estou, quem sou? *De quem sou?* A Elena de somente uma hora atrás agora me parece muito distante, irreal.

De repente sinto um sopro leve no pescoço.

— Não, por favor — resmungo. — Assim você me deixa arrepiada, estou com frio. — E fecho-me em mim mesma como um porco-espinho.

Leonardo ri, abraça-me por trás, envolvendo-me completamente e protegendo-me com seu calor.

— Quer que a gente suba para o meu quarto?

Sim.

Não.

Nem eu sei o que quero agora. Estou confusa demais para pensar. Então me vem à

cabeça a última vez que transei: com Filippo. E quase me parece que as duas experiências não tenham nada em comum. Ou talvez seja eu que tenha perdido completamente a lucidez e precise ficar sozinha para assimilar o que aconteceu.

— É melhor eu voltar para casa — precipito-me em dizer. Levanto-me com dificuldade, a cabeça rodando um pouco, mas mesmo assim consigo ficar de pé. Pego a camiseta lambuzada e a visto sem sutiã, encontro a calcinha encaixada entre um potinho vazio e um frasco de solvente e a coloco também.

Leonardo levanta-se depois de mim. De pé, nu, é ainda mais imponente. Tem os ombros largos e os quadris estreitos, as nádegas firmes, os músculos das pernas compridos e fortes. E os olhos pretos que riem: as pequenas rugas de expressão nas laterais suavizam seu olhar viril, que ainda transpira

desejo. Fico admirando-o, arrebatada por aquele físico tão impetuoso e, enquanto veste a calça, noto uma tatuagem no alto das costas. É um símbolo estranho, uma espécie de caracter gótico que não consigo decifrar bem. Tem a forma de uma âncora, mas poderia muito bem ser algumas letras entrelaçadas, ligadas por uma corda. Tem a ver com o mar e seu aspecto é quase antigo. E como tudo em relação a Leonardo, tem um quê de trágico e secreto. Fico tentada a lhe perguntar qual o seu significado, mas quando ele se vira para mim não tenho coragem.

Aproxima-se colocando a camisa, que deixa aberta sobre o peito, e toca em um de meus braços.

— Ei, está tudo bem?

— Está — digo, um pouco constrangida. O pensamento voa para o nosso passeio depois da inauguração, ele que durante a noite inteira não tirava os olhos de cima de mim, me

acompanhou até em casa e depois me deixou assim, com o gosto amargo da desilusão.

— Por que você não tentou me beijar ontem à noite? — pergunto-lhe.

— Porque era o que você estava esperando — responde, segurando-me pelos quadris e apertando meu corpo contra o seu. — Algumas coisas são mais gostosas quando estamos despreparados.

Ele tem razão. Ontem à noite eu estava superansiosa e cheia de expectativas e talvez não tivesse me soltado até o fim. Portanto, Leonardo intui perfeitamente meus estados de espírito e se diverte manipulando meus desejos. Não sei como isso me faz sentir, tranquilizador, com certeza, não é.

Sinto a necessidade de me afastar um pouco e de me proteger de seu olhar tão penetrante. Solto-me com ternura daquele abraço.

— Bem... Eu agora... Vou embora.

Termino de catar minhas roupas e depois de ter me arrumado da melhor forma possível saio apressadamente, levando comigo um enigma insolúvel de perguntas sem respostas.

Passei o dia em um estado quase de transe. O tempo todo caminhei pela casa como um autômato, tentando me ocupar com coisas práticas, mas o pensamento sempre corria para Leonardo. De vez em quando as emoções experimentadas com ele poucas horas antes se materializavam de novo, formando pequenas espirais dentro da minha barriga. E apertando meu estômago sem piedade.

São nove horas da noite agora. Acabei de comer aqueles poucos grãos de arroz basmati que preparei com meticuloso cuidado, na inútil tentativa de me distrair. Ligo o iPhone, que tinha deixado desligado de propósito.

Queria ficar sozinha para reorganizar os pensamentos, sem nenhuma interferência externa. O visor acende, vibra uma vez, depois outra e mais outra, piscando em intervalos. Três mensagens, todas de Filippo.

Bibi, tudo bem?

Por que você não responde? Não me deixe preocupado...

Vamos nos falar por Skype hoje à noite?

Sinto uma espécie de fogo no rosto e uma fígada poderosa no estômago. O arroz que comi vira chumbo de repente. Estive nas nuvens até agora, até que as mensagens de Filippo me trazem de volta à realidade. “Desculpe, não pude lhe responder porque estava ocupada fazendo amor com outro”. Se eu fosse realmente honesta era isso que eu devia lhe escrever. Mas é evidente — e não

posso deixar de me espantar com isso — que eu não sou.

Com um pouco de apreensão, sento-me no sofá e ligo o laptop. Filippo está conectado, já me mandou uma mensagem pelo Skype. Não gosto muito das chamadas com vídeo, mas é o único meio que temos para nos ver e, depois do que aconteceu hoje, realmente não sei que efeito terá em mim vê-lo no computador.

Respiro profundamente, clico na tecla verde e dou início à chamada. Ele atende logo e surge na minha frente, um meio-busto que não lhe faz justiça: seu rosto está diferente, mais magro, a barba por fazer. Tem um ar abatido.

— Bibi, onde você se meteu hoje? — começa, um pouco preocupado. — Leu minhas mensagens?

Sua voz e seu rosto familiares aquecem imediatamente meu coração. A presença de

Filippo, ainda que virtual, tem o poder de me tranquilizar, me leva de volta à solidez da minha vida, a certezas que não podem me trair.

— Li, desculpe, meu celular ficou completamente sem bateria e não levei o carregador. E depois voltei tarde para casa.

— Ainda grudada no seu afresco?

— Pois é... — engulo, sufocando o embaraço na garganta. Não minto bem.

— Você tinha me prometido que não iria se matar de trabalho — ele me repreende. — Mas estou feliz que você esteja se dedicando tanto, assim poderá terminar antes do previsto.

— Tomara. — Estico os lábios em um sorriso pouco convincente. Agora, a sensação de segurança mistura-se com um pouco de mal-estar. E sentimento de culpa. Mesmo à distância, ele está me vendo, então procuro não transparecer nada disso. No fundo, não traí

ninguém e não fiz nada de mal, digo a mim mesma.

— E você, deixou a barba crescer? Está bem assim! — De fato alguns pelos no rosto ficam bem nele, parece mais vivido, mais *sexy*, até. Porque Filippo é *sexy*, não posso me esquecer disso.

— Você não vai acreditar, mas em algumas manhãs não dá nem tempo de fazer a barba. — Passa uma das mãos no rosto. — Estou enroladíssimo com o trabalho!

— Renzo Piano está explorando você? — Sorrio das expressões engraçadas dele.

— Olhe, vamos deixar isso pra lá... Eu o vi rapidamente, só uma vez, durante uma visita no canteiro de obras, e depois não nos dignou mais com sua presença.

Há um momento de silêncio, em que me pergunto qual é o sentido dessa conversa. Estou falando com Filippo como se nada tivesse acontecido, como se entre nós tudo

tivesse permanecido igual e, em vez disso, desde hoje de manhã algo mudou profundamente em mim. Rebato com uma pergunta qualquer, tentando não pensar nisso.

— Então, como está a vida em Roma?

— Está boa, Bibi, mas falta você. De resto, parece sempre primavera.

— Que inveja...

— Sabia que seus olhos estão brilhando esta noite? — ele solta de repente. — Você parece mais bonita que de costume.

Ai meu Deus, estou com a cara de quem acabou de transar. Tento conter a vermelhidão que sinto subir ao rosto.

— Obrigada...

— Sabe, Bibi? Continuo pensando na noite que passamos juntos... — Abaixou um pouco a voz, agora. — Tenho uma vontade louca de dormir abraçado com você.

Mordo um lábio.

— Bem, também sinto sua falta. — E, talvez, se você tivesse ficado aqui, eu teria feito amor de novo com você, e não com Leonardo. Amor... Sexo, digamos. Ou talvez não... Quem vai saber?

— É verdade que você está pensando naquele fim de semana em Roma?

— Estou... — minto, torcendo para que ele não perceba. — É que ainda preciso me organizar.

— Tudo bem. — Leio a decepção nos olhos dele. — Mas não pense demais... — recomenda.

Tento desesperadamente mudar de assunto.

— O que você vai fazer hoje à noite?

— Tenho que acabar um projeto do trabalho — suspira. — E, quem sabe, já que estou inspirado, depois faço um desenho seu. De como me lembro de você naquela noite...

— Ei, assim eu vou ficar metida... — Sorrio, mas estou uma pilha de nervos. — Bem, vou deixar você trabalhar.

— Tudo bem. Mas não vamos deixar passar outra semana sem a gente se falar. Senão eu sinto falta e tenho pensamentos ruins...

— Tudo bem.

— Bibi... — Ele me olha nos olhos, como se eu estivesse na frente dele de verdade. — ... Eu amo você. — Então, dá um beijo na webcam.

Solto um longo suspiro.

— Eu também.

Agora não consigo mais manter seu olhar.

A noite é feita para as preocupações, os sofrimentos, as inquietações. Mas de manhã, debaixo da água quente do chuveiro, vejo as coisas mais claramente. Sempre produzo minhas melhores ideias naqueles dez

minutos, enquanto aproveito o jato fervente que leva embora todas as aflições. Assim, enquanto lavo o cabelo — nas narinas o cheiro sensual do xampu de óleo de amêndoas — reduzo tudo à escolha mais simples: hoje não vou ao trabalho.

Não tenho nenhuma intenção de ficar cara a cara com Leonardo. Não saberia o que lhe dizer e, principalmente, o que esperar dele. Além disso, nunca trocamos os números de telefone — feliz coincidência! —, logo ele não poderá me procurar e eu não ficarei tentada a lhe mandar uma mensagem. Isso de algum modo me faz sentir em segurança. Ontem foi ótimo, impetuoso, não quero negar, eu seria hipócrita. Mas aconteceu tudo tão rapidamente e foi tão inesperado que ainda não consigo acreditar. Fazer sexo com ele me jogou em um precipício de sensações novas e arrebatadoras e ainda me sinto nele.

Além do mais, o telefonema com Filippo contribuiu para aumentar minha confusão.

É por isso que, esta manhã, fico em casa e finjo fazer tudo com calma. Vou fazer uma faxina — é sempre necessário e, portanto, nem é uma desculpa — e depois vou ao supermercado fazer compras, já que a geladeira está vazia de novo. Quem sabe assim eu me distraio um pouco.

De repente o interfone toca. Acho que sei quem é. Somente ela deixa o dedo no botão por dez segundos inteiros e ininterruptos.

Levanto o receptor, preparando-me para o pior.

— Gaia?

— Mas por que você demora tanto para atender? — Fura meus tímpanos com uma voz estridente. — Posso subir ou tem um homem nu na sua cama? Meu Deus, não que isso seja um problema para mim...

— Suba. A porta está aberta.

E agora o que eu faço? Conto tudo a ela ou não?

Ainda estou na dúvida quando vejo Gaia vindo ao meu encontro com seu inconfundível andar felino.

— Por que ainda está em casa? Fui procurá-la no palácio...

— Hoje não vou trabalhar.

— Ei, você está doente? — pergunta, estudando meu rosto.

Decido deixar que ela acredite nisso, porque me dou conta de que lhe explicar a verdade daria muito trabalho. E agora não tenho energias para isso. Mais que uma mentira, é uma omissão, digo a mim mesma, e isso acalma minha consciência. Pelo menos um pouco.

— Acho que minha menstruação está para vir... Estou com um pouco de dor de cabeça — respondo, e para parecer mais verossímil me jogo no sofá, cobrindo as pernas

com a manta de patchwork decorada com margaridas e corações. Foi presente da minha mãe no último Natal, depois de ter gasto nela dois meses e meio de agulha e linha (e a vista cansada) costurando-a. Virou a coberta dos dias melancólicos e sonolentos.

— Hoje de manhã já acordei com enxaqueca. — Faço uma expressão sofrida e Gaia agacha-se aos pés do sofá.

— Coitadinha da minha amiga... — Faz carinho no meu rosto, quase sentindo pena.

Talvez eu esteja exagerando com esse teatro, estou me entregando. Mudo de estratégia:

— Mas já estou melhor.

— Tomou algo?

— Não, não precisa. Daqui a pouco estarei melhor, é sempre assim.

— Já lhe disse um milhão de vezes: você tem que se desligar de vez em quando. —

Balança a cabeça com ar severo. — Aquele afresco vai deixá-la maluca.

Talvez não só o afresco...

— De qualquer maneira, eu passei aqui para lhe contar novidades bombásticas. — Gaia assume uma expressão maliciosa de repente e senta-se ao meu lado, mudando minhas pernas de lugar.

— Não... — Já entendi tudo. — Jacopo Brandolini!

Ela concorda, toda satisfeita.

— Aconteceu na noite da inauguração — diz, transbordando felicidade. — Aliás, desculpe ter sumido daquele jeito. Mas você me conhece...

De repente, lembro que me largou bem no meio da noite e faço uma cara de chateada.

— Na verdade, eu queria mesmo lhe dizer isto: babaca.

— Eu sei, eu sei, mas era por uma boa causa... — Gaia levanta as mãos como se quisesse se defender. — E talvez Leonardo até tenha ficado mal com isso, mas de algum jeito foi ele quem fez com que nos reencontrássemos.

— Como assim?

— A certa altura, ele vem até mim e me diz: “Ali está o bufê dos doces, não vai prová-los?” Eu explico a ele que estou esperando você, mas ele insiste, diz que alguns só devem ser comidos quentes.

Gaia está conquistando toda a minha atenção.

— No fim das contas decido seguir sua dica — continua —, vou ao bufê, e quem encontro lá? Jacopo em pessoa, quase parecia que estava me esperando. Começamos a conversar e depois eu perdi a noção do tempo...

E assim Leonardo havia arquitetado tudo e empurrou Gaia para os braços de Jacopo

para ficar sozinho comigo! O entusiasmo dessa descoberta me provoca um pequeno arrepio involuntário de satisfação.

— Então, como é esse Brandolini? — levo a conversa de volta a ela.

— É simpático, brilhante, supergentil. Parece-me tão diferente de outros homens com quem saí... Gosto dele.

Meu Deus, Gaia está com olhos de peixe morto.

— Mas vocês transaram? — arrisco.

— Bem... — Abaixa o olhar por um segundo, depois o levanta novamente e um sorriso triunfante ilumina seu rosto. — ... Sim, claro que transamos! Quem você pensa que eu sou?

Dou-lhe um soco leve no ombro, rindo.

— Ele me convidou para sua casa. Mora em um prédio maravilhoso, atrás de Rialto, com afrescos e tetos decorados. Parecia que eu estava em um conto de fadas, juro, uma

coisa tipo Cinderela no baile. Eu me sentia até um pouco intimidada, e você sabe que isso quase nunca acontece comigo...

Fico encantada com seu modo animado de contar as histórias. Pelo menos está conseguindo me distrair de outros pensamentos.

— E então?

— E então ele me conquistou, não podia lhe dizer não — suspira —, ou melhor, me corrijo, *não queria* lhe dizer não.

— Mas como ele se comportou?

— Superbem, eu diria... — Pela cara dela percebo que Brandolini deve ser bom nisso.

— Não foi a rapidinha de sempre e tchau. Ele foi muito doce, atencioso, preocupado se eu estava bem... — diz, com olhar sonhador.

Por um momento repenso nas carícias de Leonardo e novamente um pequeno tremor atravessa minha barriga.

— O que você acha, você lhe dará uma segunda chance? Vão se ver de novo?

— Claro, Ele! Ele já me convidou para jantar amanhã... — É como se a felicidade flutuasse em volta e estou sinceramente feliz por ela.

— Então, se ele valia a pena assim, eu a perdoo por ter me deixado plantada sozinha — digo, em tom solene.

— Está bem, mas chega de falar de mim... E você, o que fez depois? Por acaso está me escondendo alguma coisa?

— Nada, vim embora para casa.

Mas por que estou mentindo para a minha melhor amiga? Talvez eu devesse contar a ela? Por um lado eu queria tanto, mas ainda preciso colocar as ideias no lugar e tenho medo de que, falando com alguém, mesmo que seja Gaia — que é como uma irmã para mim —, eu crie ainda mais confusão. Mordo os lábios como se quisesse impedir a mim mesma de pronunciar o nome

de Leonardo. Em compensação, resolvo confessar outra pequena verdade.

— Escute, tenho que lhe dizer uma coisa.

Gaia endireita-se de um pulo. Parece que brotaram antenas nela de repente.

— Vamos lá, sou toda ouvidos.

— Tem a ver com Filippo.

Gaia me examina e já intuiu o que estou para dizer.

— Bem... Nós transamos.

— Aleluia! — exclama, aplaudindo.

— Mas espere, não se apresse. Foi tudo muito rápido, na noite antes da viagem dele. Não combinamos nada e não sabemos como vai terminar...

Ela começa a saltitar no sofá.

— Quem liga para como vai terminar! O importante é que começou. — Então se cala e me olha, perplexa. — Mas você não está contente?

— Estou, mas quero ir devagar. Com Fil poderia ser algo de verdade, não quero estragar nossa amizade por nada... — Respiro fundo. — E, de todo modo, enquanto ele estiver em Roma não vamos começar uma história, com isso nós dois concordamos.

— Você está paranoica demais, Ele, como sempre. Dá para ver que vocês foram feitos um para o outro, eu sempre disse isso.

Esboço um sorriso. Sei que Filippo poderia ser o cara certo, aquele com quem construir uma relação sólida e profunda. É só eu querer isso. E talvez eu quisesse, antes que Leonardo chegasse para embaralhar todos os meus planos e meus desejos. Do jeito que as coisas estão nem sei mais o que quero. Mas isso tudo Gaia não pode imaginar nem remotamente.

— Enquanto isso vocês estão se falando?

— Estamos, ontem mesmo conversamos por Skype.

— E de qualquer maneira, Ele, Roma nem é do outro lado do mundo. Eu, por Belotti, me mandei para Bruxelas — diz, toda convencida. Gaia gastou muito em viagens absurdas por causa daquele ciclista que, francamente, ainda não sei que papel possa ter em sua vida. — Acho que você deveria ir visitá-lo e lhe fazer uma surpresa — continua me incentivando.

— Vou pensar no assunto.

— Nada disso. Você não deve ficar refletindo tanto — bate levemente na minha cabeça. — E desligue isso aqui, de vez em quando! É por causa disso que você se dá mal.

Sorrio. Para ser sincera, se antes eu estava fingindo, agora a dor de cabeça veio de verdade. Estou tão confusa que só queria ir dormir e não pensar mais em nada.

Gaia levanta-se do sofá e coloca a bolsa a tiracolo, sinal de que está pronta para sair. Estou quase aliviada.

— Vou embora. Se precisar de alguma coisa, me ligue.

— Não se preocupe, estou bem.

— Sim, claro... Você diria isso mesmo se estivesse agonizante no chão.

Por favor, não fale em chão: não consigo deixar de pensar em Leonardo, naquele vermelho por toda parte, no piso, no meu corpo...

— Tchau, e me liga para me contar do jantar com Jacopo.

— Claro, mantenho você informada. — E sou esmagada por um de seus abraços que mais parecem um furacão.

Depois que Gaia foi embora, fui dar uma voltinha em direção ao museu Peggy Guggenheim. São quase duas da tarde e a essa hora não há muita gente nas ruas. Os turistas

estão lotando os restaurantes e os venezianos de Dorsoduro estão ocupados com o inevitável cochilo de depois do almoço. Tenho vontade de me deixar acariciar pelo sol morno de outubro, que hoje tem uma maravilhosa luz amarelo-rosa. Ando a passos rápidos até a Punta della Dogana e, na volta, faço uma parada na piazza Barbaro, um dos lugares da cidade que mais amo. É uma praçinha pouco conhecida, distante dos circuitos habituais. Quando os pensamentos ficam rodando na minha cabeça, às vezes venho aqui, e sempre acontece algo mágico, sabe-se lá por quê.

Sento-me no último degrau da ponte de pedra, onde o sol depositou todo o seu calor, e apoio as costas no murinho de tijolos de onde despontam alguns fios de grama. Daqui tudo parece mais doce, os raios vestem as duas árvores nuas de muitas pequenas estrelas brilhantes. No centro da praçinha há

um canteiro cheio de rosas: é incrível, sempre florescem, até no inverno.

É inútil tentar negar ou, pior ainda, reprimir: coração e mente são um emaranhado complicado neste momento. Literalmente não sei o que fazer.

Mais que pensamentos, na verdade, me vem imagens de Leonardo, fotogramas desfocados que atravessam minha memória: seus olhos misteriosos e aquelas ruguinhas de expressão, as mãos fortes, o corpo nu e irresistível sobre o meu. Depois aquela sua tatuagem. E, de repente, sou tomada por um estranho pressentimento: sinto que com Leonardo eu poderia me magoar de verdade, que o preço a pagar por participar dessa brincadeira seja minha perdição.

E Filippo? Que papel tem nisso tudo? Eu também sinto algo forte por ele, mas profundamente diferente: a cumplicidade entre nós tem um sabor familiar, conhecido, é uma

relação principalmente intelectual e afetiva. O sexo com ele foi terno e delicado, como pode ser entre duas pessoas que se conhecem há tempos e se gostam.

Já com Leonardo, foi uma espécie de batalha carnal, ditada apenas pelo desejo dos nossos corpos, algo que nunca me acontecera antes. E talvez seja por isso que eu não consiga parar de pensar nele.

Desvio o olhar das rosas e detenho-me sobre a água do canal, que flui lentamente abaixo de mim. Tem uma cor pouco animadora, é turva, mas me impressiona menos que de costume. De repente, a ideia de rever Leonardo também me causa menos temor.

A verdade é que, apesar de tudo, eu o quero mais uma vez. E, entre mil dúvidas, essa é a única certeza.

Hoje é o grande dia. Vou rever Leonardo e falar com ele, explicarei quem sou e o que quero dele. Nunca aconteceu comigo de tomar a iniciativa com um homem, nem sei como se faz, não sou boa como Gaia para ir em frente e deixar claro meus sentimentos. Porém, dessa vez tenho que tentar, dessa vez é diferente. Tenho a impressão de que ter Leonardo exigirá mais coragem que de costume da minha parte.

Saio do banho e paro diante do espelho. Com uma mão tiro um pouco do vapor e aqui estou eu. Continuo sendo eu. O rosto

redondo, os olhos escuros um pouco avermelhados por causa da água, o cabelo Chanel moreno pingando nos ombros. Ainda assim, algo mudou. Desde ontem um novo desejo abriu caminho no meu mundo, uma espécie de inquilino desagradável que está incomodando os antigos moradores.

Vou tentar fingir que é uma manhã como outra qualquer, vou me comportar como sempre. Devo me convencer de que simplesmente estou indo para o trabalho, embora saiba muito bem que estou indo até ele.

Afasto todos os pensamentos e termino de me arrumar para sair. Seco os cabelos, visto uma calça jeans macia e um puloverzinho de lã fino, coloco a capa nos ombros e pego o *vaporetto* até Ca' Rezzonico, compro o jornal *La Repubblica* na banca da galeria, chego ao palácio e subo as escadas. Cada etapa da minha rotina é um passo em direção a Leonardo.

Mas quando chego ao palácio ele não está.

Eu o chamo e nenhuma resposta. Por um tempo eu o espero no saguão, na esperança de vê-lo surgir de repente do banheiro com a toalha amarrada na cintura, mas nada. Então, me conformo em perguntar para Franco no jardim e ele me responde que não o viu. Deve ter saído cedo esta manhã. É a primeira e única hipótese que consigo formular.

Assim, aqui estou eu na piazza San Polo, diante do restaurante de Brandolini, indecisa se entro ou não. O coração diz que sim, a cabeça diz que não, lutando com aquele único pensamento que me tortura há horas: *quero vê-lo de novo*.

A porta está aberta, é como se me chamasse até ele, bastaria atravessá-la. E, de fato, é o que eu faço.

— Tragam rapidamente para dentro aquelas seis caixas, eu as quero aqui daqui a um minuto... E um pouco de cuidado, merda! São garrafas de Sassicaia, que são caras como o carro dos seus sonhos, que nunca terão! Essa é a última vez que fazemos um pedido à adega de vocês...

A voz de Leonardo. E o tom não é nem um pouco animador. Não entendo bem de onde chega: dentro do restaurante, por causa da hora, ainda não há ninguém a não ser alguns garçons. Um deles me notou e já vem ao meu encontro com uma expressão educada de “estamos fechados, volte mais tarde”, mas eu não o deixo falar.

— Bom dia, eu estava procurando Leonardo. — O olhar que me dirige, embora disfarçado por uma profissionalíssima discrição, deixa transparecer certa curiosidade. Quero apenas vê-lo e... falar com ele, repito a mim mesma. No caminho até aqui, eu

preparei um discurso bonitinho, que decorei na minha cabeça.

— Acho que está lá fora — responde o garçom, indicando um jardim interno.

— Obrigada — murmuro e me apresso em direção à porta-balcão que leva ao jardim.

Leonardo não percebe de imediato minha presença. Está sozinho, evidentemente os pobres entregadores terminaram correndo o trabalho e desapareceram. Está falando ao celular com alguém e, a julgar pelo rosto zangado, não deve ser um telefonema muito agradável. De repente desliga, mas continua por alguns instantes com uma expressão pesada e pensativa no rosto, o olhar para o chão, fixo em um ponto indefinido. É a primeira vez que o vejo tão sombrio e não saberia dizer o que pode perturbá-lo tanto. Nem ousaria perguntar isso a ele, já que, assim que me vê, seu rosto volta a ser sorridente como sempre. Cumprimenta-me com

naturalidade, como se fosse normal me ver aqui.

— Por que você sumiu? — pergunta, dando alguns passos em minha direção. — Eu teria ligado para você, mas não tenho seu número...

— É, nós não trocamos telefones — digo, olhando meus pés. Tenho dificuldade para encarar o magnetismo de seus olhos.

— Bem, vamos fazer isso agora. — Ainda está com o celular na mão. De repente, tenho a impressão de não saber mais o meu número. Então, com um esforço sobre-humano, consigo lembrar e digo a ele como se tivesse que soletrar uma palavra complicada.

Leonardo o grava e me liga. Ainda bem que desativei o toque com voz de pato.

— Você não respondeu a minha pergunta — continua, estudando-me. — Por que não foi trabalhar ontem?

Aí está um ótimo gancho para começar a falar tudo que decorei. Passo uma mão nos cabelos e limpo a garganta. Estou pronta.

— Eu precisava ficar um pouco sozinha. Sabe, o que aconteceu aquele dia me confundiu um pouco — digo, de um fôlego só. Leonardo não parece nem um pouco impressionado. Um sorrisinho estranho paira em seus lábios e uma espécie de diversão perversa acende seus olhos. — Por isso eu queria falar com você... — mas logo interrompo.

O garçom de antes passa ao nosso lado, Leonardo lhe faz um sinal e ele concorda. Está trabalhando e talvez eu esteja tomando seu tempo.

— Se você estiver ocupado, podemos nos encontrar outra hora — coloco as mãos para a frente.

Ele olha ao redor por um instante.

— Ainda devo ficar aqui por cerca de meia hora. Tenho que resolver alguns

problemas. — Então, olha o celular e fica imóvel por alguns segundos, como se estivesse procurando uma ideia. — Quer me esperar na igreja *dei* Frari? Encontro você lá por volta das onze.

— Está bem — respondo, embora sua proposta me deixe um pouco atônita. Nunca ninguém marcou comigo em frente a uma igreja, muito menos em Frari. — Por que justamente lá? — arrisco a perguntar.

— Bem, porque é um lugar bonito.

Estou há 15 minutos sentada em um desconfortável banco de madeira na terceira fileira, na suntuosa nave central da basílica *dei* Frari. No ar, um cheiro de incenso misturado à fumaça das velas votivas. Do lado de fora tinha começado um vento forte, então resolvi entrar. Espero que ninguém repare em mim: estou aqui, composta e recolhida, e de vez em quando olho para o portão

da entrada. O pensamento de que Leonardo deve chegar a qualquer momento revira meu estômago de tanta ansiedade e excitação. Ao não me ver do lado de fora, vai entender que estou dentro; de todo modo, agora eu tenho seu número e posso ligar para ele se for preciso.

Olho ao redor e sinto-me como uma penetra em uma festa. Entre os bancos há pessoas rezando, enquanto alguns visitantes circulam, silenciosos e discretos, a maioria parando para olhar o magnífico retábulo da Nossa Senhora de Ticiano. Com a luz do sol é ainda mais bonito. Os raios vazam pelos vitrais, desenhando incríveis reflexos na pintura, e as cores parecem mais vivas do que nunca.

— Quer dizer que ter feito sexo comigo te deixou confusa... — ouço sussurrarem em meu ouvido. Leonardo chegou e sentou-se ao meu lado. Eu me viro de um pulo, com o

sangue imediatamente voltando a pulsar. Ele me fita, esperando que eu continue, do ponto em que parei.

— Sim, é isso — admito. Então respiro fundo. — Talvez seja porque foi completamente inesperado. Não costumo me entregar tão facilmente, mas você... — hesito. Meu discurso não me ajuda, de repente me parece sem sentido, antiquado. — Bem, olhe, não sei bem como lhe dizer...

— Já existe outro, é isso que está tentando me dizer, certo? — Ele é direto, espontâneo, obriga-me a colocar para fora as coisas como estão, sem rodeios ou jogos de palavras.

— Não, não é bem assim. — Balanço a cabeça. — Até anteontem eu achava que queria outra pessoa... Mas agora não tenho mais tanta certeza disso.

A imagem de Filippo materializa-se na minha frente e, nesse momento, parece com

meu discurso bonitinho: uma coisa que pertence ao passado. Me dou conta disso e sinto uma espécie de fisgada no coração.

— Então, o que há, Elena? — pressiona.

— É que eu gostei muito. Talvez demais. Tentei me convencer de que foi apenas uma fraqueza, um impulso, um dos poucos que tive, e que nós dois não temos nada a ver um com o outro. Ou seja, gostaria de acreditar que basta terminarmos com essa história aqui. Mas continuo pensando em você e... Quero que aconteça de novo.

Pronto, falei, apesar de não combinar comigo, apesar de não serem palavras que deveriam ser pronunciadas no banco de uma igreja! Sinto-me queimar, literalmente.

Leonardo não tem nenhuma reação, pelo menos aparentemente, e isso só aumenta meu embaraço. Por alguns instantes longuíssimos seus olhos vagam no retábulo da Assunção de Nossa Senhora. Eu estou

sufocando, espero que ele diga algo como um réu aguardando a sentença definitiva.

Então, sem dizer nada, me pega pela mão e me leva justamente para debaixo da pintura. Há outras pessoas ao nosso lado, Leonardo vai para trás de mim e fala baixo no meu ouvido.

— Sabe por que lhe pedi para vir aqui, Elena?

Balanço a cabeça, completamente desnorteada.

— Porque essa pintura entrou em mim, depois que você me falou dela. Pensei muito nela desde aquela noite.

Ergo o olhar para o quadro.

— Acho que sei por que você gosta tanto dela: você queria ser como aquela Nossa Senhora — continua Leonardo, tocando meus cabelos com sua respiração leve. — Você gostaria de estar lá em cima, em seu mundo, distante de qualquer coisa que possa

magoá-la. No fundo, você acredita que é destinada a isso.

Olho a imagem de Nossa Senhora, tão distante, serena, invulnerável. Percebo que ele tem razão, eu também gostaria de ser assim.

Leonardo inclina-se sobre mim, sinto seu calor no meu corpo e é uma sensação estranhamente excitante, aqui, nesse lugar sagrado, no meio dessas pessoas que quase não nos notam. Continua falando no meu ouvido, como um demônio.

— Agora olhe o apóstolo. Naquela noite você me disse que está invocando a Virgem e que parece impulsioná-la em direção ao céu.

— De fato, é assim. — Bem, pelo menos as noções de história da arte não me abandonaram junto com todas as outras certezas.

— E se você estiver enganada? — Aperta meus ombros, com força. — Eu gosto de pensar que, em vez disso, ele a está

chamando, quer mantê-la na terra, trazê-la de volta à sua natureza *carnal*...

Nunca tinha pensado assim. Observo a pintura de uma perspectiva completamente invertida, agora, e percebo que, embora surreal, essa também pode ser uma interpretação. Mas ainda não consigo entender aonde Leonardo quer chegar. Eu acabei de lhe dizer que desejo fazer amor com ele de novo — não sei com qual coragem — e ele me responde propondo uma nova interpretação da *Assunção de Ticiano*. Estou realmente confusa e temo que os joelhos não me aguentem por muito tempo.

— Por que está me dizendo isso tudo? — pergunto, com um fio de voz. Não resisto mais.

Ele me pega pelos quadris e me gira em sua direção, apoderando-se do meu olhar.

— Porque quero ser aquele que traz você de volta para a terra, Elena.

Está tão perto que nossos rostos se tocam. Olho ao redor, esperando que ninguém repare em nós. Mas ele não liga para os outros e continua a me soprar palavras ardentes.

— Eu também quero você, de novo, mil vezes mais. Mas do meu jeito. Quero ver o que você esconde atrás dessa sua máscara tão etérea, tão cerebral... Quero conhecer a verdadeira Elena. Quero virar sua vida de cabeça pra baixo.

Engulo em seco. *Virar minha vida de cabeça pra baixo.* Olhando para ele agora, se diria que é perfeitamente capaz de fazer isso, e um pequeno arrepio percorre minha espinha.

— Quando encontrei você pela primeira vez, toda concentrada naquele afresco, sua timidez, seu ar inocente me enfeitiçaram. Foi um chamado irresistível. E não posso fazer

nada em relação a isso, não vou sossegar enquanto não libertar você.

De repente, sinto um fogo no peito. É como se ele houvesse injetado um líquido incendiário em mim.

— Mas você tem que se deixar sentir. Tem que permitir que eu a guie... Quero ensinar a você todos os modos de sentir prazer... — Sua voz, agora, é uma mistura sedutora, entre um gemido e um sussurro.

Estou muda, acho que não entendi direito o que ele está me propondo. Posso somente intuir, e leva todo o jeito de ser um acordo, um pacto terrível que mudará profundamente minha vida e não tenho tanta certeza se quero aceitar. Mas fico tentada, com cada fibra do meu corpo, como apenas o desconhecido e o perigo provocam.

Leonardo intui meu atordoamento e, agarrando-me por uma mão, arrasta-me para fora da igreja pela saída lateral.

Desembocamos em uma rua escondida e fechada. Joga-me contra o muro descascado da sacristia e levanta meu queixo.

— Entendeu o que estou dizendo, Elena?

— Não tenho certeza... — murmuro.

— Se você está buscando o amor romântico, eu não sou o cara certo. Se está achando que é uma escapulida de uma rotina chata, bem, você está enganada, Elena. O que estou lhe propondo é uma viagem, uma experiência que transformará você para sempre.

Estou ofegante, tento me soltar de sua pegada, embora me afastar dele seja a última coisa que queira no mundo.

— Eu vou cuidar de você, lhe ensinarei que seu corpo não é feito para inibições e tabus e lhe mostrarei como usar seus sentidos, todos, com um único objetivo: gozar. Mas você terá que se entregar

completamente a mim e estar pronta para fazer o que eu lhe pedir.

Aqui ele para, fixa seus olhos nos meus.

— *Tudo*. Mesmo se você achar absurdo ou errado.

Seu tom não é autoritário, não. É persuasivo, desesperadamente irresistível. Se estivesse me propondo ir dançar ou beber uma taça de vinho, acho que faria exatamente do mesmo jeito.

— Preciso pensar — imploro. — Eu... não sei o que responder... agora...

— Mas você tem que escolher aqui. Agora. — Não dá para adiar. — Porque é a primeira prova. É pegar ou largar.

Prendo a respiração, fecho os olhos e preparo-me como se devesse mergulhar de um precipício. Um salto no vazio, é isso que estou fazendo, justo eu, que nem sei nadar, eu, que sempre tomei minhas decisões com a máxima cautela, que nunca fui uma pessoa

impulsiva. Estou fazendo a coisa mais insensata da minha vida e, talvez, exatamente por isso, a mais certa.

— Está bem — digo, com o coração quase saindo pela boca.

— Está bem? — repete ele.

— Sim. Estou pronta. — Finalmente abro os olhos.

Caí outra vez aqui, em seus braços, e ainda estou viva, por enquanto. Leonardo sorri para mim e me beija avidamente, enfiando toda a língua na minha boca. Eu ainda estou abalada de emoção. Solta-se um momento e me fita nos olhos, como se quisesse se certificar de que eu esteja mesmo ali, depois volta a me beijar, ainda mais faminto, mordendo meus lábios. Sua mão insinua-se, lasciva, dentro da minha calça jeans e chega segura lá onde não deveria, desencadeando um redemoinho de prazer.

— Quero que hoje, enquanto estiver no trabalho, pense em mim intensamente e faça, sozinha, o que eu estou fazendo em você, até gozar — sussurra, continuando a me acariciar.

— Não, por favor... — protesto. — Acho que não é uma boa ideia... Fico constrangida demais, nunca vou conseguir...

Leonardo corta minha fala, cobrindo minha boca com a mão e atravessando-me com um olhar assassino.

— É justamente por isso que deve fazer. Sou eu quem decide, você tem que confiar sem discutir. Lembra-se do que acabou de aceitar?

Minha vontade não conta mais.

— Tudo bem. Vou tentar.

— Ótimo, Elena. Assim estou gostando...

Continua me tocando entre as pernas e com a outra mão massageia meu mamilo. Desvio o olhar cheio de desejo, já estou

molhada e excitada, mas não acho que fazer isso sozinha me dará o mesmo prazer. Não estou acostumada a me tocar.

Meu desejo aumenta, queria que ele fosse até o fim, mas de repente Leonardo se afasta, deixando-me transtornada e insatisfeita. O sorrisinho sádico em seus lábios me diz que fez aquilo de propósito.

— Tenho que ir, nos vemos hoje à noite quando eu voltar. — Apoia-se com as duas mãos no muro e aproxima o rosto do meu. — Lembre-se, Elena: a partir deste momento você é minha. — Pousa outro beijo na minha boca e faz menção de ir embora.

— Leonardo... — Eu o detenho, segurando-o por um braço. — Diga-me apenas por quê. Por que faz tudo isso?

Inclina a cabeça para o lado, e um sorriso cândido e diabólico aparece em seus lábios.

— Porque tenho vontade. E porque sou louco por você.

Percebe minha perplexidade e suspira, como se procurasse outras palavras.

— Escute-me bem, Elena: tudo o que eu faço ou que escolho não fazer é puro hedonismo. Não tenho outros estímulos ou motivações. Não acredito na força das ideias nem muito menos na moral. Vivi o suficiente para saber que a dor nos alcança de qualquer jeito, sem que a tenhamos provocado. Portanto, já que não podemos evitá-la e que a felicidade absoluta não existe, o que sobra é o prazer. Busco o prazer com uma determinação que você ainda vai conhecer.

Estou sem palavras. Agora, em suas feições vejo a dureza de quem lutou e um sofrimento oculto e permanente, como a tatuagem que tem nas costas. Mas também vejo fome de vida e a coragem de quem nunca se rendeu naquele olhar orgulhoso e naquele sorriso que parece desafiar o mundo inteiro.

Você é um mistério, Leonardo, um enigma que, agora, não tenho nenhuma possibilidade de decifrar. Mas, de qualquer jeito, estou com você. E, a partir de hoje, sou sua.

Não penso em outra coisa o dia todo. Desligo-me do afresco algumas vezes e me refugio no banheiro para tentar fazer o que Leonardo mandou, mas é uma tragédia. Sinto-me suja. Aliás, me sinto verdadeiramente culpada, embora não saiba com quem.

Evitando me olhar no espelho, abaixo o zíper do macacão até conseguir entrever o da calça jeans. É a terceira vez que tento. Fecho os olhos e penso em Leonardo, em seus beijos plenos, em seu corpo nu sobre o meu, então coloco timidamente uma mão dentro da calcinha, deixando-a escorregar sobre o ventre. Meus lábios estão secos e mudos e recusam drasticamente aquele contato. Não respondem a nenhum toque, como se

rejeitassem minha mão tão insegura. Reabro os olhos e, suspirando, sento-me na borda da banheira, deixando meus braços caírem sobre os joelhos. Percebo que não tenho muita familiaridade com meu corpo, sou cheia de bloqueios e inibições. Talvez porque nunca tenha tentado realmente me dar prazer sozinha, sempre deixei essa função para os outros, para os poucos homens com quem estive... E, sinceramente, agora, depois de ter estado com Leonardo, não sei se aquilo era o máximo a que se podia aspirar, na verdade.

Tento me concentrar de novo, mas assim que tento esticar a mão, um toque do celular me interrompe. Espio no bolso externo do macacão e vejo no visor o nome de Filippo. Inacreditável. Por que você me liga justo agora, Fil? Está me controlando a distância? Já é tudo tão complicado do jeito que está... Sinto-me ridícula de repente.

Chega, desisto. Não sei como Leonardo me vê, é isso. Ou talvez liberar minha sensualidade não seja algo que eu possa alcançar sozinha.

Tirei o macacão de trabalho e estou quase pronta para voltar para casa, frustrada. A primeira etapa da minha viagem erótica foi um fracasso.

Sentindo-me uma covarde, queria sumir antes que Leonardo voltasse, mas a limpeza dos utensílios é mais difícil que de costume. Assim, ele chega antes que eu consiga ir embora e me vejo envolvida por seu abraço. Não posso dizer que não estava torcendo pelo menos um pouco por isso...

— Oi, Elena. Tem alguma coisa para me dizer? — pergunta em um sussurro.

Queria mentir para ele, dizer que foi ótimo e que todas as partes do meu corpo

ardem em desejo, mas não consigo. E, depois, acho que minha cara fala por si só.

— Eu tentei.

— Você tentou. — Ele me examina, sério.

— Porém... — respiro, temendo sua reação —, não deu muito certo.

— Venha, vamos subir lá no meu quarto.

— Não parece irritado. Talvez esperasse por esse resultado, e isso me feriu ainda mais. Hesitante, deixo que ele pegue minha mão e o siga. Não sei o que tem em mente, mas me sinto protegida quando ele me segura daquele jeito.

Conheço esse quarto. Está mais ou menos tão bagunçado quanto no dia em que entrei escondida com Gaia. A cama está desfeita. Faltam o champanhe e a maconha, mas se respira o mesmo clima de sedução, e também aquele perfume intenso de âmbar que impregnou as paredes e os lençóis.

Leonardo me joga na cama. Ele fica em pé, na minha frente.

— Tire a roupa — manda. — Quero ver o que você sabe fazer.

Sento-me na beira da cama, agarrando as mãos nos lençóis. Um fiozinho de suor frio desce pelas minhas costas. O espelho diante de mim é uma presença inquietante e o pensamento que a violinista *sexy* de corpo perfeito esteve aqui faz com que me sinta mal no mesmo instante, antes ainda de tentar fazer qualquer coisa.

— Vamos, Elena — Leonardo me encoraja, pegando minha cabeça nas mãos. — Tire a roupa. Você não está fazendo nada de errado.

Ficar nua na frente de um homem nunca foi simples e natural para mim. Faz com que me sinta pouco à vontade, sempre me causou aquele embaraço que me levava a apagar a luz já durante as preliminares. Resumindo,

expor minha nudez aos olhos de outro me causa muita ansiedade.

Lentamente fico de pé e estou na frente dele. Com as mãos trêmulas tiro a camiseta e deixo o sutiã, mas pelo olhar severo de Leonardo intuo que devo tirá-lo também. Solto-o por trás e ele me ajuda a passá-lo pelos braços.

— Sou louco pelo seu peito, é tão... macio e perfeito. — Acaricia-o, delicado. Então beija um ponto atrás da minha nuca tão sensível que, ao toque de sua língua, meus joelhos amolecem. — Mas agora você tem que fazer sozinha.

Deixo minha mão escorregar entre a cavidade dos seios e começo a acariciar um deles, apertando-o com os dedos ao redor do mamilo.

— Isso, Elena... Agora dê um pouco de atenção ao outro também — ordena, beijando meu pescoço novamente.

Tento relaxar e faço o que ele me pede. É como se seus gestos e suas palavras me encorajassem a ter mais confiança em meu corpo.

— Muito bem... — Está com os olhos brilhando de desejo. Agarra um dos meus braços e o encosta no meu ventre. — Agora desça lentamente com a mão. Até lá dentro.

Sinto-me ainda mais nua e vulnerável do que quando estava embaixo dele. Há algo de fortemente erótico e proibido nisso tudo. A ânsia está contraindo meu estômago, mas sei que não posso parar agora, não quero.

Abro caminho com a mão no meio da calça jeans e começo a mexer os dedos para a frente e para trás, como se beliscasse as cordas de um violão. Tenho certeza de que ele gosta de ficar me olhando. Já eu me sinto indefesa, totalmente à mercê daqueles olhos que parecem querer me devorar.

— Você sabe como se dar prazer melhor do que qualquer pessoa — tranquiliza-me. — Aprenda a se conhecer...

Joga-se em cima de mim e me provoca com a mão através da calça. Consigo senti-lo. Apoia as pontas dos dedos no lado externo dos grandes lábios e empurra para cima, para que me possua inteira entre os dedos. É uma massagem profunda, que me acende de paixão.

Leonardo tira a camisa e arranca minha calça e minha calcinha. Então, senta na beira da cama e me arrasta até ele, fazendo-me apoiar as costas em seu peito nu. Inclina-se para a frente, inundando meu pescoço de ar-repios ao contato com seus lábios macios. Sua respiração chega aos meus mamilos, que reagem de imediato. A imagem do meu corpo nu se reflete no espelho e me agride brutal e violentamente como um tapa. Não consigo continuar me olhando e viro a

cabeça de lado. Leonardo agarra meu queixo e me faz virar de volta ao espelho.

— Olhe como você é bonita, Elena. Você tem que amar seu corpo, ficar orgulhosa dele, porque lhe dá prazer. E a mim também.

Eu tento, mas é difícil. A visão da minha carne nua, do meu sexo exposto, da minha pose lasciva não me enche de orgulho, mas de vergonha. Leonardo pega uma das minhas mãos e a apoia sobre meu sexo úmido e quente.

— Continue se tocando — sussurra-me no ouvido. — Não pare.

Obedeço de olhos fechados, pelo menos assim eu venço a vergonha. Lentamente sinto os lábios ficando molhados, enquanto Leonardo apoia as mãos, que agora estão cobertas de óleo, nos meus seios. Um delicioso perfume de rosa acaricia minha pele. Seus dedos se movem leves sobre meu corpo até pararem em meus mamilos arrepiados.

Ele os aperta, agora, enquanto suas mãos pressionam meus seios, como se quisessem dar forma a uma massa que pede para ser modelada. Existe apenas Leonardo, só com ele consigo sentir esse prazer indescritível.

— Sobre a ponta dos dedos. É lá que você deve estar concentrada agora. Com você inteira. — Agarra meu pulso e o apoia logo abaixo do ventre.

Minha mão explora, estimulada pelo desejo de conhecer, mas avança ainda insegura.

— Agora tente com meus dedos... Se lher mais prazer... — sussurra-me, afastando uma mão do meu seio. — Mas quero que você faça. Mais um pouco.

Agarro com delicadeza sua mão e deixo seus dedos deslizarem dentro de mim, apertando para cima e para baixo ao longo do clitóris.

Depois, de repente, Leonardo livra-se das minhas mãos. Começa com uma carícia leve e macia que toca ligeiramente o interior das minhas coxas, e não avança mais por lá até eu abrir completamente as pernas e minha pelve começa a arquear. Então faz os dedos deslizarem entre os lábios externos, estimulando-os com um pequeno movimento circular e uma leve pressão. Fecha um lábio entre polegar e indicador, apertando-o delicadamente na base, depois percorre com as polpas dos dedos minha vagina, de baixo para cima, descrevendo a curva de um parêntese, e repete a mesma coisa no outro sentido. Uma onda de prazer propaga-se através de todo o meu corpo.

Quando começo a me mexer ao toque de seus dedos, ele acaricia o clitóris com uma pressão levíssima, depois desce mais, até meus lábios o convidarem a entrar.

— Agora abra os olhos, Elena — murmura-me no ouvido. — Quero que você me veja.

Levanto as pálpebras como uma cortina e a imagem do meu corpo, aprisionado no seu, apresenta-se na minha frente. Nossos olhos se cruzam no espelho, enquanto Leonardo insere docemente o dedo médio dentro de mim e o usa para desenhar muitos pequenos círculos, alargando delicadamente minha carne. Vencida, me entrego. É o sinal inequívoco — como se fosse necessário — que ele pode ir além. Àquela altura, move o dedo mais a fundo: está completamente dentro de mim. Para e brinca mais um pouco. Agora eu quero mais e ele entende na hora. Espera que a abertura relaxe, e então insere outro dedo, dando-me uma divina sensação de plenitude. No espelho meu rosto está transfigurado de prazer e todos os meus músculos estão tensos em um espasmo,

como se uma corrente de energia os atravessasse por dentro. Quase não me reconheço: é a primeira vez que me vejo gozar. Leonardo sorri para mim do espelho, como se intuísse meus pensamentos. Quando fico ofegante, flexiona os dedos em L, empurrando sobre a base do clitóris, com um movimento que está dizendo sem palavras “venha aqui”. Seus olhos também dizem isso. Agora nós dois estamos assistindo ao meu momento, eu me entregando.

— Isso, Leonardo... — gemo. A cabeça roda, os sentidos cedem, completamente perdidos numa agonia erótica. — Mais forte! — imploro.

Agarro-me aos seus ombros atrás de mim, enquanto ele aumenta o ritmo dos dedos dentro e bate delicadamente no ventre com a outra mão.

— Você gosta *assim*?

— Sim, gosto... — murmuro. Minha excitação é total. — Mais, por favor... Não pare. — Agora sou eu quem peço a ele.

Ele continua seu jogo turbulento. É um tormento que me devasta, me leva à exaustão. E é ele quem manda completamente. Meu corpo se debate, estremece sem mais freios. Estou no auge do prazer e gemo sem nenhuma inibição. Mais e mais. E, então, um berro rouco, que me faz desabar sob seus dedos e arquear violentamente as costas contra seu peito, enquanto uma profusão de minúsculas farpas se espalha dentro de mim.

Leonardo me abraça, apertando-me forte e me enche de pequenos beijos no pescoço.

— Muito bem — murmura contra minha boca. — Isso significa gozar.

Estou de costas na cama, saciada e exausta. Ele me olha, satisfeito, e eu me cubro com o lençol. Sorri.

— Você se incomoda tanto assim em ser olhada?

— Sim... — respondo, sem forças.

Sei que não faz sentido, porque até um momento antes eu estava completamente nua em seus braços. Mas agora sinto a necessidade de proteger minha intimidade, de abrigá-la debaixo desse lençol.

— Então esse deve ser o próximo tabu do qual tem que se livrar. Porque eu gosto muito de olhar você. — Sua voz é doce. Está deitado ao meu lado, a camisa aberta no peito, o braço dobrado no cotovelo apoiando a cabeça.

Uma ideia fugaz atravessa meus pensamentos. Acabei de tomar um caminho louco. Louco, mas terrivelmente excitante. Que me seduz com o sabor do proibido e me assusta um pouco. Não sei aonde me levará, por enquanto só sei que quero percorrê-lo até o fim.

Olho Leonardo, sua expressão é inconstante, cada hora diferente. Não sei como, mas suas feições nunca me parecem familiares, é como se eu sempre as descobrisse de uma perspectiva nova. Quem é esse homem na verdade? Como chegou até a mim? Tenho a impressão de que nunca saberei responder a essas perguntas. Mas sou devorada por uma curiosidade que não me dá paz. E também estou perdendo o controle do que digo.

— Você já teve muitas mulheres na sua vida? — pergunto, sem rodeios. Já me disse que não é um homem que namora e o modo como conhece e faz vibrar meu corpo revela uma grande experiência.

Ele não parece nem um pouco surpreso com a minha pergunta.

— Tive muitas, sim. — Dá um suspiro profundo e deita-se de costas, com as mãos atrás da nuca. — Mas os sentimentos não são exatamente o meu forte, eu já disse. — De

repente, parece que se entristeceu. Então se vira para mim subitamente e me olha, sério. — Você não é a única, Elena, se é isso que quer saber. Não espere que eu seja fiel a você.

Eu queria me esconder debaixo do lençol. Sinto-me tola e infantil.

Ele deve ter percebido, porque me olha um pouco desorientado:

— Eu achava que isso estava claro...

— Está, está claro — digo rapidamente, com um sorriso. Na verdade sinto ter sido enganada, mas com um esforço sobre-humano deixo passar. “Você não terá o amor romântico comigo”, ele me disse com todas as letras, eu só tenho que colocar isso na cabeça de uma vez.

— De qualquer jeito, acho que está na hora de eu ir embora — acrescento, levantando-me da cama e levando o lençol comigo.

Visto-me às pressas e Leonardo me acompanha até a porta. De repente me sinto insuportavelmente presa a ele, quase esmagada pela força que emana. Ele para na soleira e ajeita um cacho meu atrás da orelha.

— Tudo bem? — pergunta, atencioso.

— Tudo — respondo, embora, com toda a sinceridade, eu não tenha certeza.

— Até amanhã, então?

Nem tenho tempo de lhe responder que sim, porque sua boca gruda voraz à minha. Pega com força meu rosto nas mãos e seu beijo torna-se mais intenso. Depois me afasta e me olha como se quisesse me estudar.

— Estou planejando algo especial para você — sussurra-me, misterioso. — Venha logo.

— Claro... — respondo, atordoada.

Não vejo a hora que chegue amanhã.

Ao meu redor, só escuridão e silêncio.

Ele me deixou aqui nua, amarrada a uma pequena poltrona, um lenço de seda preta tapando meus olhos. Sinto-me pequena no centro dessa sala enorme, o salão de festas, o maior do palácio.

Esta manhã, enquanto eu vinha encontrar Leonardo, não sabia o que esperar realmente, pensei em mil cenários diferentes, consciente de que, de todo modo, ele conseguiria me surpreender.

E conseguiu. Como sempre.

Abriu a porta para mim e apareceu na soleira com aquela expressão segura que não deixa escapatória. Não perguntou nada, só me puxou e me beijou, depois me pegou pela mão, guiando-me através de escadas e corredores até este salão. Parou no centro e começou a me despir. Meu coração martelava no peito, eu achava que iríamos fazer amor, eu o desejava intensamente. Queria que ele me abraçasse e que, com seu corpo, anulasse minha nudez, que me deixava constrangida e nervosa.

— Vire-se — disse, porém. E eu obedeci. Ele me vendou antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, atando um nó, atrás da nuca, em um lenço preto que trazia no bolso da calça. — Hoje você não precisa enxergar, Elena. Vou lhe ensinar a ver de outro jeito.

Colocou-me sentada, amarrou meus pulsos aos braços da poltrona não sei bem com o que — poderiam ser as argolas das

esplêndidas cortinas de brocado dessa sala — e fez o mesmo com os tornozelos, prendendo-os aos pés da cadeira.

— O que você está pretendendo fazer? — perguntei, com voz entrecortada.

— Shhh... Agora não é hora de perguntas — respondeu ele em um sussurro. Cobriu-me com um lençol áspero, daqueles que são usados para esconder as telas dos artistas, como se eu fosse uma criação sua, deixando expostos o rosto e o seio. Acariciou uma de minhas bochechas e depois ouvi seus passos se afastando.

Estou aqui há mais de uma hora. Pelo menos acho que foi esse o tempo que passou, já que escutei uma vez os sinos de San Barnaba.

No início, fiquei atordoada e com os pensamentos descontrolados. Eu estava em pânico, desorientada, parecia que estava

sofrendo uma tortura sem sentido. Eu me odeio por ter me colocado nessa situação e por ter aceitado aquele pacto infernal. Só queria me soltar e fugir.

Então, eu entendi.

O cheiro dessa sala penetrou lentamente nas minhas narinas, sutil e insistente: madeira antiga, poeira, umidade. O veludo do forro começou a fazer cócegas nas minhas costas, enquanto uma brisa suave entrou por uma das janelas — um arrepio leve percorreu todo o meu corpo, tornando meus mamilos arrepiados. E também do silêncio, lentamente, emergiram os sons: as vozes do Grande Canal, o resmungo distante dos *vaporetti*, uma gota caída não sei onde, minha respiração tornando-se quase ensurdecedora.

Leonardo me vendou porque a visão é voraz. Consome tudo, não deixa espaço para os outros sentidos. Meu olhar é submetido a

estímulos infinitos todos os dias: meu trabalho, minhas paixões, a cidade onde moro. Há 29 anos eu me drogo com a beleza de Veneza, me alimento de mármore, estuques, têmperas e pedras. Eu leio o mundo apenas através dos olhos. E agora eles estão cobertos, adormecidos, entorpecidos. Esta única via era suficiente para que eu conhecesse as coisas. Eu era feliz e segura. Antes de encontrar com Leonardo.

Um raio de sol vaza pelas folhas das janelas e acaba atingindo a mão direita, entorpecida. Não o vejo, mas estou tentando senti-lo. Estou tentando observar o mundo sem olhos. *Além* dos olhos. Onde está a verdadeira Elena, aquela que Leonardo quer.

Agora os tornozelos começam a doer e os pulsos também. O sangue tem dificuldade para chegar às extremidades. Uma lágrima fina desliza por debaixo da venda até os

lábios — é doce e salgada —, quando percebo um leve chiado. Sinto uma presença na sala.

— Leonardo? É você? — agito-me na poltroninha.

Ouço seus passos se aproximando. Há quanto tempo está aqui? Desde quando está me observando? Agora está de pé na minha frente, consigo senti-lo, o calor de seu corpo e aquele inconfundível perfume de âmbar chegam até a mim.

— Leonardo, me solte... por favor...

Não me responde. Levanta uma barra do lençol e o faz deslizar com uma lentidão exasperante. Agora estou nua, completamente exposta, impotente. Por um tempo que me parece infinito, percebo seus olhos explorando cada parte minha. É um toque indelicado, ácido, que provoca pequenos estremecimentos sob a pele. Isso me machuca e me excita ao mesmo tempo.

De repente, sua voz está muito próxima do meu ouvido.

— Estou olhando você, Elena. Em todos os lugares.

Queria dizer a ele que gosto de que me olhem assim, que não sabia e descobri agora, mas tenho que engolir saliva e não consigo falar.

Deve ter se ajoelhado na minha frente, suas mãos estão em cima das minhas coxas. Então, lábios quentes e molhados pousam sobre os meus. Descem lentamente pelo pescoço, sinto sua barba contra a minha bochecha, sobre meu seio, em meu umbigo. Barba que toca, faz cócegas, fere e machuca. Seu brinco roça em meu ombro. E depois seus lábios estão sobre os meus novamente, a língua pressiona, arrogante, abrindo uma passagem entre os dentes, e irrompe na minha boca.

Uma onda desaforada sacode meu ventre e depois desce, líquida e traiçoeira. Queria sentir o resto de seu corpo, envolver seus ombros com as mãos, mas posso apenas abri-las e fechá-las, impaciente.

— Relaxe, Elena — Leonardo sopra em meu rosto. — Hoje só eu posso usar as mãos.

Deve estar com o olhar sombrio, ardente de desejo, eu sei, ainda que não possa vê-lo. Aquele sorriso enigmático, cruel, paira em seu rosto.

Percorre com os dedos as partes do meu rosto, até o queixo. Agarra meus cabelos, soltando alguns da venda. Sua língua dentro da minha orelha. Sangue fervendo nas veias.

— Apesar de você não me ver — sua voz é veludo, ressoa à minha volta, dentro de mim —, você pode me sentir, eu sei. — Leonardo refugia-se no pescoço e me cheira, bebe meu odor. — Você só tem que confiar nos seus sentidos... Elena...

Então, algo fresco, vivo, me toca de leve, desce languidamente do pescoço à garganta, vai até o seio, parando nos mamilos. É algo de inesperado, molhado, e são suas mãos que o guiam. Passa pelas minhas coxas, entre as pernas, e depois de novo para cima, até pousá-lo na minha boca.

— Lamba-a — ordena, com voz diabólica —, devagar...

Faço o que ele me diz. Nunca provei uma laranja desse jeito. Tem o gosto acre do pecado, seu sabor mistura-se ao meu.

Agora, Leonardo está roubando seu suco dos meus lábios, seguindo seu rastro até abaixo do meu umbigo. Sinto suas mãos pressionarem as minhas pernas, que instintivamente querem se fechar. Eu tenho vontade de me mexer, me liberar dessa doce tortura, mas não posso.

Seus dedos estão dentro de mim. Separa com o médio os pequenos lábios e com o

indicador e o anelar os pequenos dos grandes. Afunda o dedo médio dentro de mim, depois o leva à minha boca e me faz chupá-lo. Meu sexo está molhado de tanto desejo.

Solta um dos meus tornozelos. Apoio a panturrilha em seu quadril e me abro, para dar espaço ao que virá. Mas Leonardo se retrai inesperadamente.

Sinto uma gota de um líquido frio aterrisar em meu joelho e, dali, escorregar até o pé. Depois a mesma gota na boca, densa, espalhada pelos dedos de Leonardo. Tem gosto de álcool e alcaçuz.

— Você sabe que eu não bebo... — murmuro, com dificuldade.

— Acho que você não vai morrer — sussurra-me, a voz entrecortada pelo prazer.

Ele me dá mais da bebida, diretamente da garrafa. É um sabor forte, violento, com o qual não estou acostumada. Retraio-me com

uma careta, um pouco de líquido pinga no queixo e no pescoço. Leonardo ri e me provoca, tirando-o com os lábios.

— Elena... — sussurra, quase no meu ouvido —, você não é um anjo puro e sem vícios... Pense só em gozar, agora. — Enquanto fala, enfia de novo as mãos no meio das minhas pernas, fazendo-me estremecer. Ele também bebe um gole, me puxa para perto dele apertando atrás da nuca e o passa na minha boca. O licor desce assassino na garganta. É bom, doce e amargo ao mesmo tempo. Por fora refresca, por dentro queima como fogo.

— Você gosta, não é? Eu sei...

Penetra-me com a língua e a passa em volta da minha. Então segura minha cabeça e a abaixa. Uma profusão de pontinhos brancos gira no preto dos meus olhos. Tudo roda, sinto-me atordoada.

— Me chupa. — Sua ordem é doce, cheia de promessas.

Estou em suspenso entre o medo de sempre e o desejo de agora. Toco-o levemente com a língua, como se toca o perigo. Saboreio seu pau prepotente. Está duro, a pele tensionada. Cresce pulsando.

Poucos instantes apenas e, então, apoiando uma mão na minha testa, afasta meu rosto de sua ereção impaciente e, com um gesto decidido, solta meu outro tornozelo.

Seus dedos deslizam rápidos pelas minhas pernas, apertando e massageando, como para trazê-las novamente à vida. Meus braços precipitam-se ao longo dos braços da poltrona, Leonardo desatou todos os nós. Estou livre. Livre para tocá-lo. Livre para fazer o que desejo. Levanto uma mão em direção à venda, mas ele me detém.

— Não. Isso aqui fica. — É uma ordem. Aperta o nó para reforçá-lo bem na nuca.

— Por favor — imploro.

— Não, Elena... Você precisa — sussurra-me, encostando os lábios quentes e úmidos em meus olhos cobertos.

Então, prendendo meus quadris, levanta-me e me toma nos braços. Empurra-me contra a parede, apertando-me mais forte. Sinto as palmas de suas mãos afundarem na minha bunda. Seu sexo desliza no meu e abre espaço pressionando com experiência, sem pressa.

Sinto sua respiração no meu ouvido.

— Você ainda não se conhece. Mas vai chegar lá, sem perceber. — Sua voz vibra de desejo.

Minha respiração sintoniza-se com a sua. E agora o prazer queima como fogo em nossos corpos suados.

Enfim, me coloca no chão, sobre o pano que antes me cobria, e deita-se em cima de mim, mergulhando dentro de mim. Deixo-me possuir, dessa vez mais profundamente.

Gemidos, cada vez mais ofegantes. Suspiros. Arranhões. Apertões. E, então, de novo, respiros curtos, vertigens. Tudo cede, despedaça-se sob os golpes de sua carne, de seu desejo. Leonardo busca o prazer dentro de mim, e o encontra. O orgasmo acende-se repentino e eu contraio os músculos como se quisesse detê-lo, mas ele explode violento e implacável, invade tudo, da ponta dos pés até os ossos do crânio. Agarro-me com as unhas às suas costas enquanto me precipito dentro dele. Ouço meus gemidos. Perdi totalmente o controle, não sou mais eu, não sou mais a Elena que conhecia. Sou a impotente espectadora de mim mesma.

Leonardo desliza para fora do meu corpo molhando meu seio, depois desaba ao meu lado, ofegando.

Manteiga. É assim que me sinto agora. Um abandono pegajoso e sensual me

mantém colada ao chão. Pequenos arrepios ainda percorrem minha coluna.

Uma mão doce acaricia meu rosto e libera meus olhos da seda preta. Sem forças abro e fecho as pálpebras na luz fraca da tarde. Não consigo enxergar bem, no início, mas aos poucos a pupila acostuma-se novamente e se dilata. Esta sala parece-me diferente da que é sempre, como se eu emergisse agora de um sonho e nunca houvesse estado aqui. As vidraças sobre o Canal, os lustres de Murano, o veludo das cadeiras, as estátuas dos dois Mouros aos lados da lareira. Nada é como antes. O cheiro da poeira mistura-se ao do sexo.

Meu olhar encontra o de Leonardo, que me sorri como alguém que procurava uma pessoa e finalmente a encontrou.

— Olhe só para você — diz devagar, tranquilizador, limpando meu seio com uma

barra de tecido. — Está ainda mais bonita, agora.

Não tenho forças para falar. Sorrio-lhe, passando a mão entre seus cabelos, enquanto ele se abaixa para preencher meu umbigo com um beijo delicado.

— Foi tão terrível, uma vez só, não olhar e se deixar olhar? — pergunta-me, apoiando a boca em meu ombro.

— Foi maravilhoso — sussurro, com um fio de voz. Tenho medo de quebrar aquele encanto.

— Essa necessidade toda de controle é pura ilusão, Elena. É quando você se abandona a você mesma que se torna o que realmente é. — Acaricia minha testa e ajeita um cacho atrás da orelha. — E o que fizemos hoje foi só uma pequena amostra... — Sorri, depois me dá um tapinha leve no ombro. — Agora vire-se, quero massagear suas costas.

Obedeço, ainda dolorida. Ele aperta meus quadris com os joelhos e deixa as mãos livres para viajar sem direção sobre minha pele nua. Sinto os músculos de novo.

Não sei que horas são, não contei mais os toques dos sinos. Sei apenas que daqui a pouco terei que ir embora. Sei que, enquanto andar por essas ruas estreitas e lotadas demais, ainda vou sentir o perfume de Leonardo. Não me deixará, me seguirá violento até o portão de casa, enquanto eu subir as escadas, leve nos meus pensamentos. Aquele cheiro me fará companhia pelo resto do dia e nada poderá tirá-lo de mim.

— Elena, onde você está? — belisca meus ombros, como se quisesse me despertar do turbilhão de pensamentos nos quais estou mergulhada.

— Estou aqui. Mas daqui a pouco vou embora.

Daqui a pouco vou embora, mas permaneço mais um pouco. Porque agora me sinto bem onde estou, nesse quadrado de luz que inunda o chão, meu corpo nu, o dele, e mais nada.

Não vejo Leonardo há dias. Desapareceu de repente, nada de mensagens, nada de telefonemas, e eu me arrasto por aí com essa estranha sensação de que me falta parte do corpo. Não passou muito tempo do dia do nosso pacto — se pode ser definido assim —, mas ele já se tornou indispensável. Estou vivendo uma dependência que nunca experimentei antes, espero nosso próximo encontro como se não nos víssemos há meses: sou sua e quero ser ainda mais. Nunca havia sido possuída de um jeito tão visceral.

Ele sumiu do palácio. Espiei em seu quarto (estou me comportando como uma paranoica, e isso não tem a ver comigo) e havia a bagunça de sempre, os lençóis amassados de sempre, as camisas de sempre espalhadas pelo tapete. Liguei para seu celular, mas desanimei com a voz anônima da secretária eletrônica, que me aconselhava a tentar mais tarde.

E foi o que eu fiz, sem, porém, receber nenhuma resposta. Parece que Leonardo desapareceu do nada e seu silêncio me enche de perguntas. Mas existe uma que, mais que as outras, não me dá paz: e se ele já tiver se cansado de mim? Formulei as hipóteses mais absurdas. De vez em quando o imagino jogado na cama de um hospital com um medicamento correndo na veia, mas no minuto seguinte penso nele em um luxuoso quarto de hotel, gozando nos braços de outra. Talvez tenha me descartado para ficar

com a violinista escultural — no fundo, isso é mais que possível.

O trabalho não ajuda a me distrair: a mão não está firme, os olhos não focalizam e a mente inventa mil hipóteses. Pergunto-me se algum dia voltarei a ser feliz como fui em contato com sua pele nua. Mas, acima de tudo, pergunto-me se nesses dias ele por acaso pensou em mim como eu penso nele. Como uma obsessão.

Estou voltando de *vaporetto* da ilha de San Servolo. Para não morrer de tanto pensar, fui ver a retrospectiva de um famoso repórter fotográfico sueco. Não sei se foi uma boa ideia. As imagens das paisagens iranianas atraíam minha atenção, mas enquanto eu estava lá e circulava sozinha entre as salas lotadas de gente, não pude deixar de pensar em Filippo. Geralmente eu ia com ele às exposições e era incrível compartilhar as

opiniões sobre tudo e bastava um olhar para nos entendermos. Às vezes ele tinha o ânimo de passar horas inteiras encostado em uma parede, caderneta e caneta na mão, copiando legendas, rabiscando rascunhos, fazendo anotações. Então, eu estourava e, depois de sequestrar seu amado caderninho, eu o puxava com força. Ríamos como loucos.

Porém, se Filippo estivesse aqui, seria tudo mais complicado, agora.

Uma névoa leve pousa sobre as águas da Laguna, enquanto o dia está afundando silenciosamente no horizonte. Curto o pôr do sol do *vaporetto* e tenho a impressão de estar me movendo no céu junto com o sol. A essa hora, no ar de Veneza sempre se difunde uma estranha nostalgia.

Desço na parada de San Zaccaria, trombando com as pessoas presentes no píer. Em volta dos cais dos *vaporetti*, as pessoas e seus pensamentos costumam parecer

especialmente próximos e semelhantes. Somos todos marinheiros, embora estejamos apenas nos deslocando de um bairro ao outro da mesma cidade.

Decidi passar para dar um beijo nos meus pais, assim quem sabe também aproveito para jantar — o único jantar da semana digno de tal nome. Depois de dias de inapetência, começo a sentir fome, mas ainda não estou com o humor adequado para enfrentar o supermercado. Se eu fosse fazer compras, agora, correria o risco de encher um carrinho inteiro de biscoitos de chocolate, me arrependendo depois de ter comprado e comido um pacote no meio do caminho.

Ando a passos rápidos sob os pórticos do Florian, protegida da multidão, deixando piazza San Marco aos turistas e às suas fotografias. Desafiando o vento frio que corta o rosto, chego à piazza Santa Maria del Giglio e toco o interfone da casa Volpe. Minha mãe

atende, e pela voz parece no sétimo céu. Não estava esperando minha visita.

Subo as escadas e me deixo envolver pelo perfume do strudel de maçã recém-saído do forno. Minha mãe é uma cozinheira excepcional. Se não fosse por ela me alimentando, é provável que em todos esses anos de rigorosa fé vegetariana eu tivesse morrido de fome.

Tiro o casaco e, beliscando uma ponta do strudel, afundo no sofá. Ligo o rádio, porque somente isso me é permitido: nada de televisão antes das nove da noite sempre foi uma regra rígida na casa Volpe. Isso explica por que cresci sem desenhos animados e ao som de coletâneas de Mina e Lucio Battisti.

Minha mãe coloca para descansar a massa dos *gnocchi* de abóbora — outra especialidade sua — e da cozinha vem ao meu encontro na sala e começa a me bombardear de perguntas sobre a inauguração do

restaurante de Brandolini. Não a vejo desde então e eu tinha certeza de que faria um interrogatório sobre o acontecimento do mês. Eu lhe conto tudo em linhas gerais, obviamente sem mencionar Leonardo, e ela parece insaciável. Quer saber tudo sobre quem estava e quem não estava lá e exige todos os detalhes sobre os convidados presentes.

— Li no jornal que havia um cozinheiro famoso... — insiste, esperando uma resposta que a satisfaça.

— Sim, mãe, é o sujeito que mora no palácio onde estou restaurando o afresco. — Sou vaga, mas já sinto as bochechas pegando fogo. Se ela soubesse o que sua filhinha faz com aquele “cozinheiro famoso”... Ajeito meu cachecol. Não o tirei para esconder uma marca explícita que Leonardo deixou no meu pescoço.

— E, então, como ele é? — continua com aquele seu tom indagador.

— Só cruzei com ele poucas vezes — abaixo o olhar para o tapete —, mas pelo que parece cozinha bem.

— E o que havia para comer?

— Muita variedade de petiscos, uma coisa ultrassofisticada... Mas nada que se compare com o que você cozinha, mãe — eu a tranquilizo, com um sorrisinho bajulador.

Contente, passa a mão nos cabelos que há vinte anos pinta com a mesma tonalidade de castanho-acobreado. Toda vez que alguém lhe faz um elogio sobre seus dotes culinários, minha mãe fica em êxtase.

— Você não vai tirar o cachecol?

Pronto, eu sabia. Nada lhe escapa.

— É que estou com um pouco de torcicolo e ele mantém meu pescoço aquecido — digo, fingindo uma expressão sofrida.

— Querida, você tem que se agasalhar mais com essa umidade!

— Talvez seja culpa do afresco. Fiquei tempo demais naquela posição desconfortável em cima da escada. — Socorro, não consigo manter a desculpa do torcicolo, quando penso em mim enroscada em Leonardo.

— Claro, se você forçou os músculos, então em um instante pode acabar com uma bela contratura — diz ela, toda convencida.

Por favor, mãe, não continue. Você não sabe — e não vai querer saber — quais músculos sua filhinha forçou. Tento mudar de assunto.

— Cadê o papai?

— Foi à loja de ferragens.

— Para quê?

— Sei lá — balance a cabeça, resignada —, desde que se aposentou tem se dedicado à marcenaria.

— Isso é bom. Então vou pedir para ele construir uma estante nova para mim, já que

na minha não há mais nenhum cantinho livre.

— Com certeza ele iria adorar. Parece estar se divertindo muito às voltas com a furadeira nova.

É nesse preciso momento que escuto o celular tocar na bolsa. Olho o iPhone, e no visor pisca um número que começa com 041, o prefixo de Veneza. Quem poderia me ligar de um telefone fixo que eu não tenho gravado na agenda? Ai meu Deus, deve ser o consultório do dentista para me lembrar da consulta de amanhã.

— Alô? — atendo, com tom distraído.

— Oi, sou eu. — Uma voz forte chega do outro lado. A voz *dele*.

Dou uma olhada tranquilizadora em minha mãe — como se dissesse “está tudo bem, é um telefonema de trabalho” — e escapo para meu antigo quarto. Meu coração pulsa nas têmporas.

— Leonardo... — Apoio-me no aquecedor e olho pela janela. Por um instante tenho a impressão de que o tempo se congela e que a água do canal abaixo para de correr. Encosto a testa no vidro:

— Mas onde você se meteu? Tentei ligar um monte de vezes.

— Eu sei — diz ele.

— Achei que você não quisesse mais me ver — acrescento, com voz incerta.

— Não, Elena, não tire conclusões... Estive na Sicília — continua ele, com tom sereno. — Era um assunto urgente e tive que viajar sem poder avisar. Só isso.

— Pelo menos você podia ter me telefonado — insisto, com uma pontinha de raiva.

Ele prende a respiração.

— Não espere telefonemas meus, Elena. Não espere uma rotina de namorados. Eu tenho que me movimentar com liberdade, por isso não quero compromisso.

É assim, então, muito mais simples do que eu havia imaginado. Podia inventar qualquer desculpa, mas me diz sem cerimônias: não deu sinal de vida porque não quis. E o jogo é esse: é pegar ou largar.

— Estou no restaurante — continua. — Cheguei há uma hora e você é a primeira pessoa para quem eu ligo.

— Para me dizer o quê? — pergunto-lhe, seca, o orgulho ferido.

— Venha para cá. Espero você à meia-noite, depois que fecharmos.

— Por quê? — Pego o telefone com a outra mão e limpo a palma suada na calça. Estou ficando inquieta.

— Porque quero vê-la. — Tenho a impressão de que está sorrindo da minha relutância. — Venha elegante e com muita fome. Jantaremos juntos.

Ele já dá como certo que eu vou aceitar. Como sempre. Mas eu queria ter a força de

lhe dizer não, só para me fazer de importante e me vingar por ter sido abandonada daquele jeito. Mas é inútil me enganar: estou com vontade demais de vê-lo.

— Tudo bem. Nós nos vemos depois. — E o orgulho que vá para o inferno.

— Até mais tarde.

A ligação acaba. Aperto o celular tão forte que meus dedos doem. Estou feliz que ele tenha aparecido novamente, eu não esperava outra coisa, mas me sinto cada vez mais insegura, à mercê de seus planos obscuros. O que será que ele tinha para fazer de tão urgente na Sicília para sumir daquele jeito? Não sei por quê, mas de repente tenho vontade de chorar. Não sei nada sobre Leonardo, sobre seu passado ou o que faz quando não está comigo. Embora eu conheça cada centímetro de seu corpo, seu mundo interior permanece um mistério para mim.

Demoro um pouco para me recuperar e, antes de voltar à sala, vou ao banheiro conferir o estado do meu rosto. O fogo que tenho dentro de mim subiu todo para a testa e uma onda úmida insinuou-se suavemente entre minhas pernas. Só o fato de pensar nele me provoca uma reação física. Eu o desejo, loucamente.

Quando volto à sala, encontro minha mãe inclinada sobre a superfície de mármore da cozinha enrolando os *gnocchi* com o garfo, uma habilidade que sempre me deixa chocada.

— Quem era ao telefone? — pergunta, continuando a cortar pedaços de massa.

Penso apenas um instante e já estou pronta para mentir.

— Era Gaia.

— E como ela está? Não a vejo há tanto tempo...

Já me preparo para outro interrogatório. Tenho um repentino flashback da época do ensino médio, quando eu voltava para casa exausta depois de um dia na escola e minha mãe me perguntava sobre as notas que meus colegas haviam tirado, ou sobre que coisa tínhamos discutido durante a aula de italiano. Se eu não estivesse com muita disposição, ela mesma preenchia os silêncios, falando das doenças de suas amigas, de como o funcionário dos Correios havia sido antipático ou do fato que encontrara minha professora do ensino fundamental na quitanda. Ela não mudou muito desde então.

— Gaia está bem, sempre muito ocupada.

— Aproximo-me do cabideiro e pego o casaco. — Desculpe, mãe, mas não posso ficar para o jantar.

— Como assim? Vai embora desse jeito?

— Franze as sobrancelhas em sinal de desaprovação e me olha atravessado. — Eu tinha

até preparado uma salada de frutas, porque sei que você nunca as come. — Então, olhame desconfiada. — Elena, você está tão pálida... Tem certeza de que está bem?

Pálida? Achei que estava pegando fogo há pouco. Merda. Será que ela percebeu alguma coisa? Na época do colégio eu nunca quis lhe dizer de quais meninos eu gostava, caso contrário ela me massacraria com perguntas. E agora também não direi nada, minha boca permanece lacrada sobre certos assuntos. Tenho quase trinta anos e ainda gostaria que meus pais me estimassem, que tivessem uma imagem pura de mim. E minha mãe, uma mulher que encontra o sentido da própria vida na receita do strudel e nas toalhas de centro de mesa bordadas, nunca entenderia uma relação como a que tenho com Leonardo. Nem eu a entendo, para ser sincera.

— Sim, estou bem, mãe. Deve ser esse torcicolo que faz com que eu me sinta um trapo.

Minha mãe olha para baixo e alisa a saia. Ela ficou chateada. Primeiro eu alimento suas esperanças e depois lhe digo que não posso ficar para o jantar. Ser filha única é um trabalho de tempo integral, não há irmãos e irmãs que se revezem comigo quando eu abandono a partida.

— Ora, não fique zangada... — Aproximo-me e dou um beijo no seu rosto. — Gaia insistiu, você sabe como ela é. Tem que me contar uma coisa importante.

— O que pode ser tão importante?

Está tentando novamente. Talvez tenha intuído que há outra coisa além de Gaia e quer ver se eu cedo.

— Não sei, mãe, mas parecia uma coisa urgente... Já vou.

— Está bem, mas juízo. — No fim, ela se conforma, mas antes que eu vá embora coloca em minhas mãos um pote cheio de *gnocchi* de abóbora. — Coloque-os na geladeira, duram até amanhã. E coma tudo!

Eu poderia ter ficado para jantar na casa dos meus pais e ir encontrar Leonardo mais tarde, mas a ideia de passar diretamente do calor do lar às garras do meu Pigmalião não me agradava. Seria traumático demais. Ficar em casa sozinha está fora de cogitação, eu me consumiria na espera. Então liguei para Gaia e pedi que jantasse comigo. Ela aceitou na hora. Da última vez que nos falamos, sua história com Jacopo ia a mil maravilhas, mas imagino que ela tenha novidades importantes e esteja ansiosa para me contar.

Coloco lingerie preta, comprada há alguns dias em uma loja do centro. Meias altas com cinta liga e um vestido de renda

também preto, que estava no meu armário e eu nunca uso. Foi Gaia que me deu, não me lembro em qual ocasião, mas sempre o considerei curto e decotado demais. Esta noite, porém, estou me vestindo para que Leonardo possa me despir mais tarde e pensar nisso me estimula a ousar.

Encontro Gaia na Oche, uma pizzaria nas Zattere. Na entrada há uma bela fila, então sugiro irmos ao pequeno restaurante alguns metros mais adiante. Não quero chegar tarde ao encontro com Leonardo, mas Gaia insiste, está morrendo de vontade de comer pizza e promete que se a fila não andar rápido ela vai dar um escândalo. Isso sim é que me tranquiliza. Eu a estudo um pouco: esta noite está mais radiante que o normal, está com as feições relaxadas e os cabelos passaram por uma escova perfeita. Das orelhas pendem dois chamativos brincos de pérolas e ouro branco.

— Está tudo bem com meu rosto? — pergunta-me, dando tapinhas nas próprias bochechas.

— Eu só estava olhando seus brincos. Muito bonitos...

— Você acha? Foi Jacopo que me deu — diz, com um sorriso mostrando os 36 dentes.

— Brandolini não erra uma, hein...

Ela sorri, não via a hora que eu tocasse no assunto.

— Ele me levou a um *resort* nas colinas da Toscana e passamos um fim de semana incrível. Conheci um monte de gente de seu círculo, eu achava que fossem metidos, mas pelo contrário... — Continua contando durante um tempo, preenchendo, assim, o tédio da espera. Enfim me pergunta como foi o *meu* fim de semana.

— Ótimo — respondo. — Trabalhei. Dei duro com o afresco.

— E você voltou a encontrar Leonardo? — pergunta distraidamente, enquanto nos levam a uma mesa no andar de cima. — Não o vejo desde a noite da inauguração. Devíamos ir de novo ao restaurante dele!

Meu coração para de bater no peito por um segundo.

— Podemos combinar, claro. — Tento ser vaga, mas por pouco não tropeço nas escadas.

Chegamos à mesa e, quando tiro o sobretudo, a surpresa se desenha no rosto de Gaia.

— Finalmente vejo você com esse vestido! — observa-me satisfeita sob as luzes, fazendo com que eu dê uma voltinha. — E está bonita de maquiagem também. Muito bem, de vez em quando você me escuta: aquela besteira de sair de cara limpa morreu com as feministas nos anos 1970.

— Eu sempre escuto você — rebato, sorrindo.

— Claro... — e molha um talo de aipo no molho de azeite, sal e pimenta. — Seu colar também é bonito. Um pouco extravagante, mas combina perfeitamente. — Pena que não se sabe o que se esconde por trás disso tudo. De todo modo, ter a aprovação de Gaia reforça minhas esperanças de que Leonardo também vai gostar.

O garçom chega à nossa mesa para anotar os pedidos. Ela pede uma pizza de rúcula e *bresaola*,** eu, uma salada. Leonardo me disse para chegar com fome, não quero estragar o apetite.

Gaia olha-me espantada.

— Só isso? Vai deixar que eu me afunde em carboidratos sozinha?

Tento acalmá-la.

— Eu disse a você que praticamente jantei na casa dos meus pais. Você conhece o *strudel* da minha mãe...

— Ah, o *strudel* da Betta... Tudo bem, essa noite você está perdoada.

Fala comigo, mas está olhando o garçom, que ainda está de pé ao nosso lado e que, não posso tirar a razão dela, é realmente um gato. Ele sorri e ela retribui, sedutora.

— Por favor, a pizza... bem torradinha. — Coloca o cabelo para o lado.

O garçom pisca e vai embora. Gaia não perde o espetáculo de seu bumbum apertado na calça justa.

— Olha, ele é novo demais para você — digo-lhe, sem me preocupar se ele ainda pode nos ouvir.

— O quê? — responde ela, com ar inocente. — Ora, eu não estava flertando. Mas só porque está claro que ele é gay.

Damos uma gargalhada. Apesar de Brandolini, Gaia continua uma devoradora de homens incorrigível. Sou eu que estou diferente: sempre lhe contei as minhas histórias,

mas não consigo falar de Leonardo. Eu teria de lhe explicar que o que temos não é exatamente uma relação, que entre nós existe uma espécie de pacto, uma brincadeira perversa, em que ele só tem a ganhar e eu tenho apenas uma coisa a perder: eu mesma. Não, acho que Gaia não aprovaria, ou melhor, se preocuparia comigo e me aconselharia a deixar isso de lado. Mas eu não quero deixar, ainda não.

— Escute, me conta de Filippo... — ela fala de repente, batendo levemente nos cantos da boca com o guardanapo. — Quando falou com ele pela última vez?

— Há alguns dias, por Skype. Está ocupadíssimo com o trabalho.

— Mãe do céu, só por causa disso vocês já formariam um par perfeito. São dois *workaholic*! — Balança os braços no ar. Depois se inclina para a frente e fala, toda séria: — Ele,

eu já lhe disse, você deveria ousar um pouco mais com ele.

— Não sei... — digo, os olhos fixos na toalha. Filippo parece tão distante neste momento.

Gaia faz uma careta.

— Mas por que você é tão controlada? Relaxe e escute suas emoções, pelo menos uma vez...

— Já disse, é a distância que me assusta... — “Além do fato de eu estar transando com outro.”

— Então vá visitá-lo! Ou você poderia fazer algo por Skype, por exemplo... — continua, com um tom cada vez mais malicioso.

— Pare com isso, você acha que Filippo é do tipo...

— Meu Deus do céu, Ele, acorde! Ele também é um homem... Não deve ser muito diferente dos outros.

— Agora, chega! — Escondo-me atrás do guardanapo. E, aí está, diante dos meus olhos, pontualmente, minha imagem refletida no espelho enquanto me dou prazer nos braços de Leonardo.

Felizmente chegam nossos pedidos. Abocanho a primeira garfada de salada e já sei que farei um esforço imenso para comê-la inteira. Meu estômago está fechado e estou achando esse troço totalmente sem gosto. Agora na minha mente só existem o cheiro e o gosto de Leonardo, algo que se parece com âmbar, com mar e com terras distantes. Pergunto-me o que me espera depois, no nosso encontro, mas afasto o pensamento.

Para me distrair, tento fazer com que Gaia fale.

— Enfim, então você está realmente gostando de Jacopo. Mas me explique uma coisa: qual é a posição do ciclista no seu ranking de objetos de desejo?

Inesperadamente, Gaia muda de expressão. Eu não achei que estivesse tocando num assunto delicado.

— Infelizmente ainda não esqueci Belotti.
— Suspira. — Sei que está na concentração com a equipe, agora, porém mais cedo ou mais tarde ele vai me ligar, você vai ver.

Estou surpresa, não imaginava que seus sentimentos por aquele sujeito fossem tão persistentes.

— E então o que você faria, largaria Brandolini de uma hora para a outra? — pergunto.

— Não sei, talvez para ficar com ele eu fizesse isso. — Avista o garçom e pede a conta, fazendo um rabisco no ar. — Mas por enquanto estou firme com Jacopo.

— E faz bem — comento. Entre o conde e o ciclista, eu torço pelo conde.

— Vamos beber algo no Skyline? — propõe, recuperando de repente a habitual leveza.

Solto a frase que havia preparado com antecedência:

— Não posso, amanhã acordo cedo para trabalhar — digo, com a voz empastada de sono fingido e dou um bocejo perfeito.

— Eu poderia apostar meus sapatos Manolo Blahnik que você me diria não.

Bem, minha interpretação foi convincente.

— Mas me prometa que, assim que chegar em casa, vai ligar o computador e procurar Filippo no Skype.

— Tudo bem... Se ele estiver acordado.

Nós nos despedimos na esquina da ponte. Abraço Gaia e lhe agradeço pela noite. Dou alguns passos em direção à minha casa, mas assim que nos separamos viro na segunda rua à direita e começo a correr. Em direção a

uma tentação à qual, a essa altura, não sei mais resistir.

Margeando o Grande Canal chego à piazza San Polo. Somente poucos prédios que dão para ela estão iluminados, a maioria já está afundada na penumbra. A escuridão ficou ainda mais densa por causa da típica nevoazinha que antecipa o inverno, que suaviza as arestas e desbota as cores. Estou com frio, as mãos congeladas, mas dentro de mim sinto uma onda de calor. Tirei o colar e o cachecol também, que não precisam mais ficar no meu pescoço. Agora quero que cada centímetro da minha pele pertença a ele.

O restaurante está fechado. Ligo para o celular de Leonardo. Ele não atende, mas em um instante vejo sua sombra nas vidraças da entrada. Ele abre a porta e surge na soleira com o jeito amarrotado de sempre, jeito de quem tem pouca confiança no mundo e

muita em si mesmo. Puxa-me para dentro, pegando-me pela cintura, e me dá um beijo profundo na boca.

— Bem-vinda.

Agarro-me às suas costas como a uma rocha segura. Ele me deixou atormentada, foi embora sem deixar rastros, mas agora aqui está ele, nos meus braços, e eu já esqueci tudo.

Guiando-me através das mesas do salão, com andar seguro me leva ao seu reino. A cozinha. É um lugar que dá um pouco de medo, tão limpo e arrumado, imerso na semiescuridão: sabe-se lá o inferno que é aqui enquanto os clientes estão confortavelmente sentados no salão esperando seus pedidos. Quase pareceria um laboratório se não fosse por um canto do balcão arrumado para duas pessoas e iluminado por um feixe de luz laranja. Mais para lá, sobre o mesmo balcão, algumas bandejas escondidas sobre tampas

de prata. Talheres, pratos e copos são essenciais e brilhantes como instrumentos de precisão. Definitivamente parece mais o cenário de um experimento que de um jantar.

— Este é o seu lugar. — Leonardo tira meu sobretudo e me coloca sentada em um dos bancos altos, e então se senta também.

— Eu nunca tinha comido na cozinha de um restaurante. Aliás, acho até que nunca entrei numa — digo, olhando ao redor, curiosa.

— Você deveria vê-la de dia, cheia de gente, de barulhos, de movimento. Mas eu a prefiro à noite, quando está vazia e silenciosa. — Passa o olhar em meu vestido.

— Você está muito elegante — observa, contente. Então para no pescoço. — E essa marca?

— Foi você que fez... — e instintivamente me cubro com a mão. Leonardo a tira e,

inclinando-se na minha direção, pouso os lábios quentes e macios em cima dela.

— Também está com fome? — pergunta, então, estendendo-me um aperitivo à base de morangos e champanhe.

— Estou — respondo, enquanto nossos copos se tocam num tintim. Na verdade, estou com o estômago apertado. Eu queria ele, não a comida. Molho suavemente os lábios e então pouso a taça no balcão.

— Você tem que beber tudo — ele me repreende, astuto e ameaçador ao mesmo tempo.

— Não posso. Fico tonta já no segundo gole, eu sei.

— Bom. Vai sobrar para mim levá-la para casa nas costas de novo.

Sorri, mas pelo seu olhar entendo que não posso recusar. Deixo escorregar um gole do aperitivo debaixo da língua e, assim que desce, meu estômago se retorce como uma

folha seca. Queima, mas tenho que admitir que é bom.

— Não é propriamente um sacrifício, não é? — pergunta, bebendo também.

Concordo e continuo bebericando o champanhe. Leonardo pega um cubo de gelo do recipiente e o esfrega no meu pescoço, depois traça um rastro até a curva do seio e passa a língua em cima. Um arrepio rapidamente percorre o meu corpo, os mamilos ficam arrepiados, exigem uma língua, dentes que os torturem. Mas ainda não é o momento, meu desejo tem que esperar. Ele está planejando outra coisa.

— Esta noite, Elena, seu prazer será guiado pelo paladar — ele sussurra. — Quero que você esqueça seus gostos e seus hábitos e que experimente tudo, até comidas de que não gosta, ou que não gostava até agora. — Enquanto fala, levanta a tampa de um prato cheio de ostras marinadas. É esse seu plano:

quer destruir meus tabus à mesa. Mas não vai conseguir.

— Por favor, não — imploro com os olhos entrefechados. Não sei se aguento. A certo ponto da minha vida, quando eu ainda era adolescente, comecei a perceber tudo o que era vivo como algo não comestível. Resumindo, desde aquela época, para mim, comer a carne de qualquer animal é como ter a morte no estômago. Devo ser um pouco melodramática, eu tenho noção disso, mas é assim.

— Já provei ostras. E tenha certeza: elas me fazem vomitar — digo, com esperança de que ele tenha pena de mim.

Balança a cabeça, impassível.

— As experiências passadas não contam nesse momento. Deixe que só seus sentidos julguem. Aqui e agora. — Agarra uma ostra com decisão e a encosta em meus lábios. Hesitante, arranco o molusco com os dentes

e sinto a carne mole se dissolver entre a língua e o palato. Ainda parece viva. E não tem gosto de morte, como eu temia, mas de mar, um sabor descaradamente feminino e intrigante. Engulo um pouco com medo e somente agora descubro um gosto residual de laranja cristalizada.

— A mistura com frutas cristalizadas é um segredo meu. — Leonardo olha-me como se soubesse cada sensação minha enquanto também come uma.

— Viu? Você sobreviveu... Vamos, pegue outra.

Hesitante, escolho outra concha e dessa vez tiro o molusco com a língua, como se estivesse dando um beijo lascivo. Sinto-me sugada por seu olhar magnético, mas aquilo não me inibe, pelo contrário, me excita. Sem parar de me olhar, agarra uma garrafa de Valpolicella já aberta e serve um pouco da bebida em duas taças altas.

— Agora prove isso.

Bebo o vinho denso e escuro. É forte, aromático, aquece o coração e depois sobe para embaralhar a cabeça. Leonardo levanta-se para pegar mais dois pratos, enquanto eu deslizo numa prazerosa embriaguez. Observo seu corpo imponente se movimentar com agilidade surpreendente e um sorriso sem sentido surge em meus lábios. Quando ele se vira, procuro disfarçar, apoiando o queixo numa das mãos.

— Você já está altinha... Mas também gosto de você assim. E não tente esconder — ele me repreende, voltando na minha direção com o ar de quem pegou uma criança roubando doce. Pousa os pratos no balcão e me estuda: — Você está linda com as bochechas vermelhas e os olhos brilhando.

Instintivamente me olho no reflexo da travessa que cobre o prato e percebo que ele tem razão: minha pele adquiriu nuances de

vermelho, sobretudo nas maçãs do rosto, e meu olhar está com uma luz estranha, um pouco líquida. Mas aquilo me diverte. Ainda estou analisando minha imagem, quando Leonardo levanta a travessa e a destapa. Um tartar de carne vermelha mostra-se em toda a sua descarada monstruosidade: fico horrorizada. Retraio-me num impulso, tentando reprimir uma careta de repugnância, enquanto o cheiro do sangue, misturado com as especiarias, invade minhas narinas. Olho Leonardo, desorientada, e ele faz que sim, inflexível.

— Sim, Elena. Você tem que comê-lo. Cru.

Bebo outro gole de vinho para tomar coragem. Quem sabe sirva para me preparar para os sabores fortes, penso. Mas não consigo, é demais para mim. Engulo saliva.

— Não tente imaginar que sabor tem — sugere Leonardo —, descubra-o e pronto. —

Então, espeta o garfo no seu tartar e prova um pedaço, molha dois dedos no molho de gengibre e o espalha em meus lábios. Ele me limpa passando a língua, que num instante abre caminho na minha boca molhada de desejo. Junto com seu gosto, eu sinto, sutil mas insistente, o da carne misturada com gengibre.

Pega uma garfada do meu prato e a coloca na minha boca. Oponho uma minúscula resistência e lá está aquele sabor violento e sanguíneo no palato. Quase que por reflexo condicionado, eu mastigo e engulo, mas o estômago se revolta, contorce-se em um espasmo. Rápida, relato tudo com um gole de vinho.

Leonardo estuda minha reação.

— Vamos, Elena. Experimente de novo. Se você não gosta de algo na primeira vez não significa que não vai gostar na segunda. Não existe nada de inato ou instintivo no

prazer: precisamos chegar nele devagar, conquistá-lo.

Olho o prato, cerrando os punhos. Então, decidida, agarro o garfo e pego outro pedaço. Dessa vez saboreio a carne por mais tempo, respirando com calma. Não sei se é boa ou não, mas tem gosto de proibido, tem o sabor ambíguo das regras quebradas. Aos poucos tomo coragem e pego mais. E mais. Não consigo acreditar: estou comendo carne, depois de anos, depois de ter esquecido até o cheiro dela, e é um gesto animal, feroz, primitivo. Faço isso porque Leonardo me pede e porque é assim que eu também me sinto, sob seu olhar faminto: carne, presa, instinto. E, devo admitir, eu gosto. Esse nosso ato de comer um diante do outro e nos olharmos e bebermos vinho já é fazer amor. É como se nos alimentássemos um do outro.

Terminamos o tartar e Leonardo já está temperando com azeite e pimenta-malagueta

uma salada de erva-doce, laranjas e azeitonas pretas. Depois a mistura com as mãos. Ele me persegue com os olhos e eu não fujo, espero que venha me pegar, sem pressa. Sinto-me provocante e indefesa ao mesmo tempo, num estado de abandono e onipotência. É ele ou o vinho? Não sei mais, e não me interessa. Perdi o controle e não quero reencontrá-lo, qualquer coisa que ele esteja planejando, quero que faça.

Coloca um pouco de salada no meu prato e, enquanto eu a provo, ele chega mais perto. O fogo da pimenta-malagueta desce pela minha garganta, misturando-se ao acre da laranja, ao amargo da azeitona e ao frescor da erva-doce.

— Prepare-se, Elena, porque a próxima coisa que eu vou comer — Leonardo sopra em meu rosto — é você.

Sua mão escorrega debaixo da minha saia, passa pela barra das meias com ligas,

até chegar à calcinha. Insinua-se, lasciva, sob o elástico e me penetra sem delicadeza.

Meu garfo cai da mão e fico sem fôlego. No meio das minhas pernas, a pimenta-malagueta que sobrou em seus dedos arde, acende-se como um fogo. Tento me esquivar, completamente desnorteada, mas Leonardo me detém.

— Não fuja, é inútil — ordena ele. Então, tira minha calcinha e a joga no chão, abre minhas pernas afastando os joelhos com as mãos e se agacha na minha frente. Sua boca une-se ao meu sexo em um beijo faminto. Chupa, saboreia, lambe. Agora, a dor pelo roçar da barba por fazer arruivada torna-se uma coisa só com o picante da pimenta-malagueta, e eu me agarro com as mãos na beira do balcão, dominada por esse doce tormento. Leonardo levanta o olhar, como se quisesse admirar o efeito que tem sobre mim.

— Não pare, por favor... — suplico. Quero que continue a me devorar daquele jeito sublime.

Seus lábios úmidos e vermelhos dobram-se instantaneamente num sorriso perverso, depois voltam a pousar sobre meu clitóris, enquanto os olhos permanecem grudados nos meus e a língua começa a abrir espaço com carícias. Sua boca me lambendo, suas mãos nas minhas coxas, seu olhar no meu. É um paraíso de luxúria que eu nunca teria imaginado conhecer. Levo dois dedos à boca e começo a chupá-los, gemendo e me debatendo sem qualquer inibição. O incêndio deflagra-se, cada vez mais potente, chego ao ápice do prazer, reclinando a cabeça para trás e soltando um grito profundo, depois desabo no balcão, entre pratos e talheres.

Leonardo volta a ficar de pé, passando a língua nos lábios. Vejo-o enquanto volto do meu orgasmo com os olhos ainda enevoados.

Acho aquilo sensual e divertido ao mesmo tempo. Então, nossos olhares se cruzam, sorrimos um para o outro e começamos a rir. Se foi o vinho que me deu essa sensação de plenitude e felicidade, eu me arrependo de todos esses anos de abstinência idiota... Mas não acho que seja apenas isso. Agora que Leonardo me abraça e me beija, eu tenho certeza.

— Você é linda. E quando ri é mais ainda — sussurra-me.

No mesmo instante meu estômago contrai e, antes que eu possa me controlar, estou desejando que me segure assim para sempre.

Depois de um tempo, afasta-me dele e pega meu rosto nas mãos.

— O jantar ainda não terminou. Falta a sobremesa. Está disposta?

— Estou. — Eu teria respondido isso a qualquer coisa que ele tivesse perguntado.

Tira da geladeira uma garrafa e, quando a pousa no balcão, leio o nome no rótulo: Picolit.

— Este é um vinho que adoro — diz, enquanto o abre. — Vem de uma casta rara. Por causa de um defeito congênito, só poucos bagos chegam à maturação. Ao vê-los, os cachos estão magros, parecem doentes, ninguém nunca diria que se possa tirar algo de bom. E, pelo contrário, sinto isso — conclui, servindo-me um pouco. Tomo um gole e o que sinto é uma doçura lancinante.

— É delicioso — comento.

— Este vinho é a prova de que mesmo no erro e no defeito pode se esconder algo sublime. Basta ter a paciência para descobri-lo.

Pousa um beijo na minha boca com os lábios macios, depois do bolso da calça tira seu lenço de seda. Por um momento acho que quer me vendar de novo, mas ele me tranquiliza rapidamente.

— Não se preocupe, não é para os olhos desta vez. — Enquanto fala comigo com sua voz irresistível, vira-me para amarrar meus pulsos atrás das costas. Então, bebe um gole de vinho e encosta o copo em meus lábios. Bebo como se fosse a coisa mais natural do mundo àquela altura.

Pega uma travessa do freezer. Depois de tê-la regado de Picolit, coloca-a na minha frente. Um cilindro de *sorbet* de chocolate amargo em toda a sua pecaminosa beleza.

— Coragem. Prove. — Um sorriso irônico desenha-se em seu rosto.

Inclino-me para a frente e começo a lambê-lo, primeiro devagar, depois com voracidade crescente. Sinto o chocolate derreter sob o calor da língua. Leonardo me abraça por trás e me acompanha nessa dança lenta. Sinto sua ereção contra as nádegas, o peito musculoso pressiona minhas costas,

enquanto a língua desliza leve sobre meu pescoço.

Sinto o peso e a ausência repentina de qualquer pensamento. O Picolit reavivou minha embriaguez e Leonardo reacendeu o desejo.

De repente, solta-se de mim. Vejo com o canto do olho que tira a camisa e a calça, depois levanta meu vestido com calma. Debaixo dele já estou nua e molhada, e quando ele penetra em mim eu me escancaro para recebê-lo. É inebriante senti-lo dentro de mim, é como acolher o universo inteiro. Seu sexo, voraz, alimenta-se do meu. Parece que já estou a ponto de explodir e não vejo a hora, mas ao mesmo tempo desejo que dure para sempre. Sai e entra em mim, seguindo as notas de uma música rápida, e meus quadris têm vontade de se mexer e acompanhar seu movimento. Logo me perco num

novo orgasmo, num desfalecimento de saliva, suor e gemidos.

Leonardo quase não me dá tempo para me recuperar, solta minhas mãos e faz com que eu me vire.

— Agora está na sua vez, Elena — diz, colocando uma das minhas mãos em seu pau duro e apoiando-se ao balcão.

Um pouco hesitante começo a acariciá-lo, primeiro devagar, depois cada vez mais forte. Ajoelho-me diante dele e molho meus lábios e minha língua com um pouco mais de saliva. Sua ereção está me chamando para si. Agarro-o na base, esticando a pele com o polegar e o indicador, enquanto com a mão livre acaricio o interior de suas coxas e os testículos. Lambo-o duas vezes, deixando minha saliva descer ao longo da linha de fogo, então começo a chupá-lo.

Leonardo segura minha cabeça docemente e começa a deslizar devagar, para a

frente e para trás na minha boca, facilitando meu balanço. Está crescendo em mim, provocando meu prazer líquido. Enquanto vou subindo, faço alguns pequenos movimentos com a cabeça, depois me concentro no topo, pousando a ponta da língua sob a borda inferior da glândula e pressionando suavemente as dobras.

— Isso, Elena, assim — geme. — Gosto do que você está fazendo.

Eu o olho. Tem os olhos e a boca entreabertos. Está gozando. Eu também gosto de saber que posso transformar esse homem grande e vigoroso e reduzi-lo a um grão de prazer. Isso faz com que eu me sinta poderosa.

Continuo assim até Leonardo soltar um gemido e eu sinto que está chegando ao orgasmo. Deixo que o faça na minha boca e recebo seu jato quente, enquanto ainda pulsa em meus lábios. Quando acabou, me afasto

docemente, ele me pega pelos ombros e me faz levantar, aperta minha cintura e me olha. Ainda estou com seu esperma na boca. Nunca fiz isso, mas desta vez me pergunto como seria engoli-lo. Por isso, paro de imaginar e simplesmente engulo. É adocicado e pegajoso, mas também tem um sabor perturbador, como cada parte de Leonardo. Agora eu sei.

Não sou eu. Ou talvez sim, esta sou eu, e tenho que aprender a me descobrir, a prestar contas com essa Elena que parece ter dormido por 29 anos dentro de mim. Ele sorri para mim, quase espantado, e então encosta a testa na minha.

— Agora você também conhece meu gosto, Elena — e preenche minha boca com um beijo.

Apoio a cabeça em seu peito e ouço o coração batendo. É um som calmo, regular, eu poderia ficar ali escutando por horas.

Enquanto estamos nos vestindo, penso novamente nos dias que passei sem Leonardo, na frieza daquele distanciamento, e depois no entrosamento que existe agora entre nós, na naturalidade com a qual nos reencontramos. Sempre vivo uma espécie de desorientação com ele: entreguei-lhe a parte de mim mais íntima e secreta, ainda assim continuo a não conhecê-lo.

É como se ele tivesse uma alma dupla, um lado solar e hedonista — que adora mostrar —, e um lado misterioso, uma sombra negra, que mantém oculta com muito cuidado, mas que inevitavelmente permanece grudada nele e que somente quem não o conhece bem não vê.

Viro-me para observá-lo e meu olho recai sobre aquela estranha tatuagem que tem entre as escápulas. Chego perto e a toco levemente com os dedos, sei que ali está guardado seu segredo.

— Quando a fez? — arrisco.

Seu rosto fica triste no mesmo instante e torna-se de pedra.

— Não quero falar sobre isso — responde, irritado e sombrio.

— Mas assim você só aumenta minha vontade de saber — explico a ele.

— Eu sei. Mas infelizmente não poderei satisfazer você — e coloca depressa a camisa. Então, me fita de repente, como se achasse que um esclarecimento fosse necessário. — Existem coisas que quero guardar para mim, Elena. Não precisamos saber tudo um do outro.

Entre nós pode existir sexo, nada mais, é isso que está me dizendo. Fico de boca calada, não quero lhe dar a entender que tenho dificuldade em aceitar essa condição.

A cozinha ficou gélida de repente.

— Vamos, eu a levo para casa — ele me diz, voltando a ser gentil. Mas está claro que quer ir embora logo.

Sem perder tempo coloco o sobretudo e me dirijo à saída antes dele, com passos rápidos. Antes que possa abrir a porta, porém, ele me agarra pelo braço e me puxa para si.

— Escute, Elena... Desculpe-me se fui grosso. — Ele me aperta tão forte que quase me machuca. Perplexa, levanto o olhar para seu rosto e lá encontro uma expressão sofrida que nunca havia visto antes nele. — Mas você tem que me fazer uma promessa.

— Qual?

— Que nunca vai se apaixonar por mim.

Por que você está me dizendo isso agora? Faço a pergunta em silêncio, mais para mim mesma do que para ele, enquanto fico ali, encarando-o com os olhos arregalados.

— Digo isso por você... — continua Leonardo, afundando os dedos nos meus braços. — Porque eu não vou me apaixonar por você. E se um dia eu perceber que está envolvida demais, tudo termina. Juro que não vou mudar de ideia.

Engulo para tentar desatar o nó na minha garganta. Assumo o papel de mulher forte e emancipada. Eu também tenho o meu orgulho.

— Tudo bem, você tinha sido claro desde o início — digo, esperando parecer tranquila e segura.

— Então prometa — ele me puxa com violência, sem me soltar.

— Sim, eu prometo.

Por fim ele me larga e saímos juntos para o ar livre. Massageio meus braços e sigo-o em silêncio pela rua. Claro que não vou me apaixonar, digo a mim mesma, enquanto uma raiva impotente me contorce por

dentro. Não sei nada sobre ele, é evasivo, lunático, até mesmo bruto. E eu sou uma mulher independente, perfeitamente capaz de levar adiante um relacionamento sexual sem complicar tudo com os sentimentos. Continuará por mais um tempo e depois cada um segue seu caminho, como nos havíamos dito desde o início.

Não vou me apaixonar por ele.

Não vou me apaixonar por ele.

Repito outra vez, e mais uma vez, até as palavras perderem significado e restar apenas uma prece vazia.

** Embutido italiano feito com carne bovina magra.
(N. da T.)

Estou voltando do cinema para casa. No Giorgione estava passando o terceiro filme de uma mostra dedicada a Giuseppe Tornatore e eu fui, sozinha. Somente Filippo teria conseguido aturar as duas horas e meia de *Baaria — a porta do vento* junto comigo, mas ele não está aqui e eu o sinto cada vez mais longe. Nossos encontros pelo Skype tornaram-se um pouco mais raros nos últimos tempos, principalmente por minha causa. Sua distância física reflete-se nos meus pensamentos também e às vezes acho

que comecei a esquecer seu rosto, a não me lembrar mais nem da sua voz.

Na minha mente há um pensamento dominante, agora: Leonardo. Tudo me remete a ele, está comigo não importa o que eu faça. Não consigo me libertar dele. Enquanto eu estava na sala do cinema e era arrebatada por aquelas paisagens queimadas pelo sol, por aqueles rostos encovados pelo vento, não pude deixar de pensar na Sicília. Na terra *dele*. Sabe-se lá como são os rostos de seus pais, de seus amigos, em qual cidade nasceu e cresceu. Por que estou sonhando em ir até lá um dia? Quem sabe junto com ele?

Chega. Estou fantasiando demais e isso não é bom. Não posso me deixar seduzir pela ideia de me apaixonar. Tenho que manter o controle da situação, racionalizar, separar coração, mente e corpo. Passou-se mais de um mês desde que transamos pela primeira vez e não sei como isso tudo vai acabar,

talvez muito mal para mim. Mas não tenho a intenção de abrir mão dele, quero viver essa aventura até o fim.

São dez da noite, do lado de fora faz frio, as luzes natalinas iluminam os prédios e se refletem nos canais. Faltam 15 dias para o Natal e não consigo acreditar, o tempo literalmente voou.

Ouçõ um assobio na rua, depois uma voz masculina — *A n'vedi!**** —, seguida de umas expressões maliciosas. Dois rapazes com um sotaque romano pesado passam ao meu lado e, depois de terem descaradamente me despido com o olhar, sorriem satisfeitos para mim e começam a cochichar entre si, sumindo nas minhas costas. Aconteceu comigo outro dia também, quando um sujeito que passava pela rua se virou, cruzando o olhar com o meu. Aquilo me surpreendeu, não estou acostumada. Antes de Leonardo não acontecia com tanta

frequência, talvez porque eu evitasse isso inconscientemente, mantendo as pessoas a distância de alguma maneira. Não sou mais a mesma, tenho uma energia nova, sensual. E os outros também devem ter notado isso, porque parece que me olham de um jeito diferente. Eu mesma me olho no espelho quase me deliciando com a imagem que reflete — não mais aquela de antes, mas gosto de mim. Isso é certo. Meu corpo nu não é mais uma visão a ser evitada, mas algo de íntimo e familiar, uma paisagem que habito sem mais inibições. E não tenho mais medo de colocá-lo à mostra ou de usá-lo para provocar: lingerie de renda preta, sapatos de salto, uma maquiagem leve ou roupas decotadas não são mais um tabu para mim. Foi Leonardo quem me fez redescobrir uma femilidade na qual eu não prestava atenção antes. Ao querer ser *mulher* para ele a

qualquer custo, acabei me tornando uma para mim mesma também e para os outros.

Antes de voltar para casa, faço um pequeno desvio, esticando o percurso por algumas centenas de metros. Com passos lentos me aproximo dos fundos do palácio de Brandolini, só para ter a sensação de estar mais perto dele. Daqui consigo ver os aposentos de Leonardo no andar de cima. A luz está acesa. Fico tentada a tocar o interfone, mas sei que assim eu descumpriria nosso pacto. Sempre espero que ele me ligue, que ele faça a proposta indecente, e em alguns momentos essas esperas pesam desesperadamente em mim, porque eu desejaria vê-lo sempre. Levanto o olhar em direção às janelas, contemplando.

Vamos, Leonardo, olhe para fora e me diga que me quer. Estou aqui para você.

De repente, vejo passar atrás dos vidros uma sombra preta, mas não é a dele. É a

silhueta de uma mulher, percebo isso pela curva do seio e pela cabeleira longa e solta. Uma mulher nua... a violinista! Tenho certeza de que é ela. Meu coração para de bater por um segundo e meu sangue para de circular nas veias. Não estou sonhando, tudo está acontecendo diante dos meus olhos.

Com um nó na garganta e as pernas tremendo, percorro a rua que desemboca no Grande Canal, quase preanunciando a mim mesma a surpresa que terei que enfrentar. E de fato é exatamente como eu imaginava: no píer em frente ao palácio está atracada a lancha branca. Aquela lancha.

Sinto-me como se tivesse levado um tapa na cara. Cerro os punhos com toda a força que tenho, afundando as unhas nas palmas das mãos. Queria chorar, mas as lágrimas não caem, engasgadas no coágulo de raiva que guardo dentro de mim. *Você não é a única, Elena. Não espere que eu lhe seja fiel. As*

palavras de Leonardo ressoam na minha cabeça como um mantra. Insuportáveis. Ele havia me avisado, foi claro desde o início. Mas, ainda assim, estou fora de mim, e o fato de ter sido avisada não ameniza o golpe. Um soco é um soco e machuca mesmo se você o previu.

Tenho vontade de cobrir a lancha daquela babaca de gasolina e depois atirar um fósforo aceso, como nos filmes. Ou grudar na campainha para interromper o romance deles e encher os dois de palavrões. Em vez disso, vou embora, junto os cacos que sobraram de mim e bato em retirada, ferida e impotente.

Passaram-se longos dias e noites ainda mais longas desde aquela noite. Leonardo sumiu de novo e evito ir para o trabalho nos horários em que ele está no palácio. Não sei mais em que pensar. Talvez eu não devesse pensar mesmo. Os desejos incontrolados de

vingança, ou, pior, de reivindicação, com o tempo, deixaram espaço a uma tristeza profunda. Apesar de tudo, sinto a falta de Leonardo e sua ausência me machuca mais que qualquer outra coisa. Não quero acreditar que o perdi para sempre, não posso aceitar que aquela mulher o tenha levado embora. Todas as noites eu durmo pensando nele, já sabendo que seus olhos pretos devastarão meus sonhos. Eu o odeio, mas esquecê-lo é impossível.

Então, numa manhã, já perdidas as esperanças, ele reaparece de repente. É quase meio-dia e estou fazendo um acabamento no afresco. O iPhone no bolso do meu macacão toca uma vez. Uma nova mensagem.

Às 17h em Mendicoli

Quero você de saia e meias com cinta-liga

É Leonardo, safado e seguro de si, como sempre. Minhas mãos tremem um pouco enquanto digito a resposta.

Espere por mim. Estarei lá.

O que mais eu poderia ter respondido? Que estou cheia dele e não quero mais vê-lo? Não é verdade, então mentir a mim mesma não vai adiantar nada.

Assim, imediatamente, resolvi que o deixarei conduzir a brincadeira, até porque não tenho muita escolha. Não vou dar um escândalo, não insistirei em exigências inúteis, mas preciso olhá-lo nos olhos para entender se algo mudou no pacto que havia entre nós. E, principalmente, se sou realmente capaz de aceitar as condições.

Falta pouco para as cinco e a escuridão caiu quase completamente. Não sei por que Leonardo quis marcar o encontro comigo

justamente em San Nicolò dei Mendicoli, um dos cantos mais esquecidos da cidade. Poucas pessoas conhecem, mas eu sempre o achei muito pitoresco, um daqueles lugares que você grava por causa de sua singularidade em relação ao resto do mundo. Quando eu estudava no Instituto de Arquitetura, era obrigada a passar por lá para chegar ao prédio das salas de aula. Às vezes, no início do verão, para me proteger do calorão insuportável eu me refugiava na igreja e ficava sentada no fresco lendo um livro, deixando-me ninar pela música sacra que chegava, sem parar, do púlpito atrás do altar. Até onde eu sei, esta é a única igreja de Veneza onde um disco gravado roda 24 horas por dia, enchendo o ar de notas celestiais. Mas ainda não entendo o motivo pelo qual Leonardo escolheu a piazza dei Mendicoli, embora talvez não haja um motivo preciso. Só espero que seja pontual, porque vestida desse jeito

não vou aguentar por muito tempo: as meias com cinta-liga certamente não são as ideais para esse clima, já de inverno. Apesar de ter caprichado no visual com um sobretudo comprido até os pés, sinto-me nua e o frio úmido sobe pelas minhas pernas, inundando minhas costas de arrepios.

Leonardo chega na hora. Não são nem cinco horas e ele já está lá. Tem o olhar perdido no horizonte, o corpo coberto por um longo capote, estilo Keanu Reeves em *Matrix*. Assim que me vê, vem em minha direção e me cumprimenta com um abraço e um beijo impetuoso.

— Você está cada vez mais bonita... Parece que sempre encontro uma mulher diferente — diz, examinando-me da cabeça aos pés.

Eu o observo. Seus olhos escuros ainda são os mesmos, transmitem aquela luz quente que derrete o gelo em volta do

coração. Estar de novo em seus braços é como voltar para casa.

— Por que nos encontramos aqui? — pergunto, desviando o olhar para o campanário da igreja, que agora bate as cinco horas.

— Porque eu gosto. Descobri este lugar por acaso há alguns dias, indo ao píer de Santa Marta para receber um carregamento de mercadorias. — Olha em volta, aquecendo meu rosto com as duas mãos. — É bonito, parece um pouco fora da realidade.

— É verdade. — Pensamos do mesmo jeito. Devo começar a me preocupar? Pouse minhas mãos sobre as suas e por um instante esqueço aquela mulher nua na janela de seu quarto, os pensamentos tristes dos últimos dias e os pesadelos que povoaram as últimas noites. Quando ele me beija sei apenas uma coisa: que ainda me quer. E eu também o quero.

Ficamos parados na esquina nos beijando um pouco, antes de entrar na enoteca alguns metros mais à frente. Não estou com vontade de beber vinho, mas Leonardo insistiu que entrássemos. Sua mão pousa nas minhas costas e desce rápida para o traseiro, enquanto me empurra em direção ao balcão. O local está quase deserto, então os olhos curiosos do gerente são exclusivamente para nós enquanto nos sentamos nos bancos altos. Embora por dentro eu ainda esteja morrendo de ciúmes, curto as demonstrações de afeto de Leonardo, seus dedos entre os meus cabelos, suas pernas entrelaçadas nas minhas. Olhamos a carta de vinhos e então escolhemos um Pinot Grigio. Leonardo paga, com as taças nas mãos escapulimos e lá fora usamos a mureta que costeia o canal como mesa de apoio, como fazem os venezianos.

Estou bem relaxada, agora, mas basta um olhar insistente demais de Leonardo para

uma garota que passa na nossa frente para que um impulso de ciúme volte a envenenar meu sangue. Eu tinha começado com a ideia de não dar escândalos e estava convencida de que conseguiria, mas é mesmo difícil. Bebo um gole de vinho e coloco a taça de volta na mureta, olhando em direção à outra margem. Meu rosto está seriíssimo, ele percebeu.

— O que foi? — pergunta, balançando a cabeça.

— Eu a vi, sabe... — E o nó de raiva que eu tinha dentro de mim se desata no mesmo instante, espalhando fel no estômago.

Leonardo cai das nuvens.

— Você viu quem?

— Pare com isso, vamos. Não precisamos de mentiras inúteis entre nós, não é? — Viro-me para ele com olhos flamejantes. — Sua amante, eu vi. No seu quarto, há algumas noites.

Dou um suspiro e recuo alguns passos.

Leonardo arregala os olhos, depois em seu rosto logo reaparece uma expressão calma e relaxada.

— Então você começou a me espionar — dá uma risadinha. — Cuidado com o que pode descobrir, Elena — e acaricia meu nariz com o dedo indicador.

Agarro sua mão e o afasto de mim bruscamente.

— Pelo menos me diga quem é, o que ela significa para você...

— O nome dela é Arina — precisa.

— ... Arina ou qualquer que seja a droga do nome! — A imagem daquela mulher aparece na minha frente e sinto-me irremediavelmente pequena e fracassada. A segurança que eu achava que tinha conquistado nas últimas semanas se esvai num segundo. — Você continuou a vê-la durante todo esse tempo? — pergunto-lhe.

— Claro que continuei a vê-la, é uma amiga minha. Mas só fomos para a cama duas vezes — diz, provocador, com uma tranquilidade que me dá nos nervos.

A facilidade com a qual consigo a resposta me desnorteia. Leonardo não tem nada a esconder porque não me deve nada, é esse o ponto.

Meus olhos ficam brilhantes e queimam por causa das lágrimas de raiva que seguro com uma determinação de aço. Ele me puxa para si, agarrando-me pelo quadril, e pega meu rosto com uma mão.

— Elena, não faça assim. Você quer saber o que aquela mulher significa para mim? É uma aventura, uma viagem, como qualquer outra...

— E eu? Eu também sou igual às outras?

— Não, não é. — Olha-me diretamente nos olhos. — Porque cada viagem é diferente, cada uma é bonita do seu jeito.

— Mas eu não sou suficiente para você. —
Vou direto ao ponto.

— Por que está raciocinando assim? Não entendo por que você acaba tirando essas conclusões... Se você tivesse outros amantes, eu ficaria feliz por você, não teria nada para criticar. — Parece quase alterado pela minha rigidez. — O ciúme é uma prisão que só nos dá a ilusão de possuir o outro. Mas não podemos aprisionar os desejos — sentencio, enquanto me mantém prisioneira de seu abraço.

Eu queria me soltar e enchê-lo de socos. Odeio ele e sua liberdade, e ao mesmo tempo o invejo. Também gostaria de ser capaz de ter sua mente aberta, mas é difícil nos libertarmos dos esquemas que, a essa altura, se apropriaram da nossa maneira de pensar, dos modelos que interiorizamos. Por outro lado, se ele começasse a me fazer grandiosas promessas de fidelidade agora eu nunca

acreditaria nele completamente. Tenho que encarar a realidade: Leonardo nunca será só meu, nunca poderei prendê-lo em uma cerca. Só posso torcer para que, em suas aventuras, ele continue a voltar para mim.

Andamos em direção à piazza Sant'Angelo. Permaneço em silêncio e um pouco distante, Leonardo envolve meu quadril e espera que minha cara feia desapareça. De repente ergo o olhar e avisto uma figura familiar a alguns metros de distância. É Jacopo Brandolini e está vindo em nossa direção. Solto-me rapidamente de Leonardo, bem quando o conde nota nossa presença. Ai meu Deus, ele vai nos perguntar o que estamos fazendo aqui e nem temos tempo de inventar uma história!

— Oi, Jacopo! — cumprimenta-o Leonardo, tranquilo como sempre.

— Oh, boa noite. — Ele diz dirigindo-se a nós dois. Vejo os olhos de Brandolini traçando uma curva até o meu rosto. — O que vocês fazem por essas bandas? — Muda a bolsa de couro de um ombro para o outro e nos dá um sorriso surpreso.

Eu rio nervosamente.

— E o senhor? — pergunto. É uma tentativa desesperada para conseguir dois segundos. Estou terrivelmente tensa, um desastre absoluto.

— Vou até o único alfaiate decente que sobrou na cidade. Ele me faz camisas sob medida. — É verdade, agora que penso nisso, todas as suas camisas têm as iniciais JB bordadas no punho.

Droga, não consigo parar de mexer a perna direita. Estou nervosa demais. Acalme-se, Elena. Ele não viu vocês enquanto estavam abraçados. Respire.

— Eu estava voltando de Santa Marta, tinha ido conferir a chegada de um carregamento — diz Leonardo. Domina a situação com perfeição. — E encontrei Elena em frente à igreja...

— A igreja de San Nicolò dei Mendicoli... — eu me intrometo, num impulso. — O padre está procurando um restaurador para um trabalho. — E você se apresenta de minissaia, meias e botas de salto? Raciocine, Elena. Fecho bem o sobretudo. — Sabe, acho que até o Natal terei terminado no palácio...

— É verdade, o afresco ficou muito bom, a senhora fez um ótimo trabalho, Elena — rebate Brandolini, aparentemente satisfeito.

— Obrigada. — Estou quase dizendo algo para me despedir, mas ele é mais rápido.

— Vocês bebem algo comigo? — pergunta, indicando um bar atrás de nós.

Eu gaguejo e resmungo algo incompreensível. Depois olho para Leonardo, implorando ajuda.

— Obrigado, mas realmente tenho que ir para o restaurante — ele se livra com destreza infalível. — Quem sabe uma próxima vez.

Tomo coragem e também escapo do embaraço.

— Eu aceitaria com prazer, mas ainda tenho que acabar de fazer as compras de Natal, infelizmente. — É a primeira desculpa que me vem à cabeça. Leonardo está fazendo eu me tornar uma mentirosa horrível.

— Está bem, então nos vemos no palácio — e despede-se de nós, apertando nossas mãos. Ainda não entendo como ele consegue levar Gaia para a cama e manter essa formalidade comigo que, como imagino que ele presume muito bem, sei tudo sobre eles.

— Até logo — despedimo-nos.

Ficamos olhando para ele até o vemos entrar na alfaiataria do outro lado da rua que margeia o canal. Dou um suspiro de alívio.

— Que coincidência... — comenta Leonardo.

— Veneza é pequena — acrescento, permanecendo distante. — Você já deve ter percebido isso.

Ele me puxa de novo para si e estala um beijo na minha bochecha. Ter compartilhado aquele teatrinho inevitavelmente nos tornou cúmplices e agora ele se sente autorizado a acabar com a distância entre nós. Viro-me imediatamente para trás para verificar se Brandolini ainda está nos arredores e ele ri da minha prudência.

— Ele foi embora, fique tranquila... E, de todo modo, não haveria nada de mal se ele nos visse.

— Não, é verdade. Mas eu não faço nenhuma questão de me passar por uma de suas

amantes — digo, agarrando-me ao meu mau humor e voltando a andar. Com o canto do olho vejo-o balançar a cabeça e vir atrás de mim com uma expressão entre o resignado e o divertido. Eu esperava um pouco por isso.

Caminhamos lado a lado por mais um tempo e vamos parar na rua dell'Avogaria. Há uma placa em um muro: ESCOLA DE TANGO.

Uma vez estive lá com Filippo, quando estávamos na fase musical Carlos Gardel. A noite foi um desastre. Depois de termos massacrado nossos pés de pisões, nós dois entendemos que não levávamos o menor jeito para o tango.

Leonardo passa à minha frente e começa a andar de costas de um jeito engraçado, na minha frente. Que estranho, de alguma maneira isso também é um tango.

— Você ainda vai ficar com essa cara emburrada por quanto tempo? — pergunta-me, procurando meu olhar.

— Não sei — respondo, de cara feia.

— Você é uma criança, sabia? — para de repente e eu acabo batendo em seu peito. Ele me prende em seus braços fortes. Estou numa armadilha.

— Dá um beijo e fazemos as pazes — ordena, rindo.

Também sinto um pouco de vontade de rir, mas me seguro.

— Não. — Na verdade, estou morrendo de vontade de beijá-lo.

— Então eu vou roubá-lo de você.

Ele me beija, pressionado a língua contra meus dentes, que permanecem fechados como protesto. Sem desanimar, empurra-me contra o muro, insinua-se debaixo do casaco e acaricia meu seio.

— Solte-me — digo, sem muita convicção.

— Não.

Seus dedos deslizam pela minha pele nua e eu vibro como um instrumento sensível ao seu toque. Com a língua lambe meu pescoço e sobe, desenhando espirais concêntricas nas minhas orelhas. Estou me derretendo num lento, prazeroso tormento e esqueço todo o resto. Por fim me rendo, abro a boca para deixar que sua língua entre e com uma das mãos acaricio sua nuca, enquanto a outra escorrega sobre seu sexo. Ele me deseja, sinto isso dentro do tecido da calça.

— Vamos para casa — sussurro-lhe no ouvido.

Mas ele me pega pela mão e me arrasta até uma galeria que se abre sobre um lado da rua, quase um pequeno túnel que dá para um pátio fechado afundado no silêncio. Move-se com segurança, como se conhecesse esses lugares. No pórtico há um velho portão embutido no muro. Leonardo empurra-me

contra a madeira e, agarrando-me pela bunda, pressiona minha pelve na sua, fazendo com que eu sinta sua ereção.

— O que você quer fazer? — pergunto, temendo a resposta.

— O que você também quer fazer — responde, mordendo meu pescoço.

— Aqui?

— Por que não?

De repente meu celular toca. Consigo me mexer o suficiente para puxá-lo do bolso do sobretudo e ver quem é, prometendo a mim mesma não atender, quem quer que seja. Ai meu Deus, é Brandolini. Olho para Leonardo sem saber o que fazer.

— Atenda — sugere ele, indiferente.

Atendo, um pouco preocupada.

— Alô? — digo, tentando parecer natural.

— Elena, olá. — O conde está com a voz serena de sempre. Enquanto isso, Leonardo enfia a mão debaixo da minha saia. — Eu me

esqueci de lhe dizer que, se precisar de uma referência com dom Marco para o trabalho em Mendicoli, eu posso interceder. Eu o conheço bem.

Não estou certa de ter entendido a frase inteira. Ele quer me indicar ao padre? A mão de Leonardo acaricia, leve, minha calcinha, enquanto a outra aperta forte meu seio esquerdo. Seguro um gemido.

— Ah, obrigada. — Minha voz está entrecortada de desejo.

— Eu faço isso com prazer. A essa altura confio na senhora.

— O senhor é muito gentil, mas eu preferiria esperar. Ainda não tenho certeza sobre o trabalho... Desculpe, mas não o escuto direito... — Finjo que o celular não está pegando. Na verdade eu o ouço muito bem, mas nesse momento a mão de Leonardo ultrapassou a renda da calcinha e está abrindo

caminho entre as minhas pernas. — Agora eu realmente preciso desligar.

— Está bem, Elena — conclui Brandolini.
— Nós nos vemos nos próximos dias.

— Certo. Até logo.

— Você se saiu muito bem — sussurra Leonardo, procurando meus lábios e continuando a empurrar os dedos dentro de mim.

Desligo o celular e deixo-o escorregar no bolso do sobretudo, enquanto ele passa a língua entre meus seios, no meio do decote da blusa, depois tira uma taça do corpete preto e chupa um mamilo.

— Vamos, por favor. Qualquer um pode nos ver... — tento me opor.

— Eu sei — ele me cala. — É justamente por isso que estamos aqui.

E assim entendo que era tudo premeditado, um de seus experimentos: trouxe-me

neste lugar para me submeter à outra de suas provas, para desafiar meu senso de pudor.

A essa altura, a situação já está completamente fora do meu controle. Leonardo levanta um pouco minha saia, que já é curta, e arranca minha calcinha, rasgando a barra dela com as mãos. Agora estou nua da cintura para baixo. Tenho um medo louco que alguém possa nos descobrir, mas a ideia, ao mesmo tempo, me excita. Leonardo desabotoa a calça e deixa sair seu pau duro. Empurra-me no canto entre o portão e o umbral de mármore e levanta minha perna. Com as mãos, agarra minha bunda e num segundo está dentro de mim. Nós dois estamos cobertos por seu casacão largo, Leonardo permanece imóvel alguns instantes, como se quisesse me fazer saborear seu desejo, depois começa a se mexer para a frente e para trás, lentamente.

Estou morrendo de prazer. É uma agonia que eu não queria que acabasse nunca, algo que se abre devagar dentro de mim e sobe pela espinha até a cabeça. Gemo, incapaz de deter a explosão do meu gozo.

Leonardo continua a beijar minha boca e meu pescoço, e ainda que eu esteja metade nua no ar gelado, seu corpo contra o meu libera um calor imenso.

De repente, escutamos algumas vozes se aproximarem, paramos subitamente, Leonardo me aperta mais ainda contra o muro, permanecendo dentro de mim. Respiramos devagar, nossos rostos estão muito próximos e meu coração bate descontrolado sobre seu peito. Dois homens passam na rua e atravessam a galeria sem reparar em nós. Olho Leonardo, aterrorizada, enquanto ele sorri, insolente. Assim que percebemos os passos se afastarem, ele levanta minha outra perna, segurando-me praticamente nos

braços, e volta a se mexer com ainda mais vigor.

— O que estamos fazendo, Elena? — Ele me provoca. — Se alguém nos visse, uma menina comportada como você... — sussurra-me, diabólico.

É tudo tão louco, perverso, excitante. Não entendo mais nada, só sei que estou gozando. E, além do mais, agora, nada mais me interessa. Aperto suas pernas em volta da cintura e seguro um cacho de cabelo rebelde dele, gemendo em seu ouvido.

— Desgraçado.

Ele me penetra com um impulso mais violento. Gemo, mais forte que antes.

Um novo, doce tormento cresce dentro de mim, com solavancos profundos que me fazem estremecer. Sinto o orgasmo se aproximar, descontrolado e violento. Sem conseguir me controlar, emito um berro rouco e potente que Leonardo imediatamente detém

com sua mão forte. Continuo gritando em sua palma, despreocupada com tudo, enquanto a vista se ofusca e uma lágrima quente escorre do canto de um olho. Leonardo goza logo depois, exala um gemido primitivo, desabando dentro de mim e afundando a cabeça em meu peito.

Segura-me mais um pouco assim, montada sobre ele, beija docemente meus olhos fechados, sem se mexer, demorando-se alguns instantes. Nossas respirações ofegantes agora se misturam com os sons da cidade, que aos poucos reemerge: o motor de um *vaporetto* a distância, uma janela batendo em algum lugar, as vozes das pessoas na praça ao lado. Quando desperto deste sono estático, Leonardo desliza devagar para fora de mim, segurando-me enquanto coloco um pé depois do outro no chão. Uma redoma de calor espalhou-se à nossa volta e sobe

para o alto, esvaindo-se no ar úmido do inverno.

— Agora, sim, podemos ir para casa — comenta, sorrindo.

Eu também sorrio e balanço a cabeça, conformada, divertida, espantada.

Nós nos vestimos rapidamente. Ele tem que ir para o restaurante, e eu vou voltar para casa. Abaixo a saia e noto minha calcinha no chão, rasgada. Olho-a, incerta, e não arrisco pegá-la.

Leonardo faz isso por mim e a coloca no bolso, e pegando-me pela mão me leva para fora do pátio.

— Você fica melhor sem ela — diz, piscando para mim. Então me dá um beijo cinematográfico que termina com uma mordida.

Não tenho forças para lhe responder. Esse homem me desarma todas as vezes. Tenho que me resignar em percorrer a rua

assim, sem nada por baixo, exceto o cheiro do sexo.

Tudo bem, Leonardo. Você venceu, de novo.

*** Dialeto romano, que significa “Olha só!”. (N. da T.)

Estou acordada há duas horas. Tomei café da manhã com calma, coisa que quase nunca faço: preparei um bom café, cortei algumas frutas da estação e passei Nutella em duas torradas. Posso me considerar satisfeita.

Agora estou sentada diante do meu MacBook e sinto uma necessidade desesperada de que alguém me diga o que fazer. Olho pela janela. As árvores da piazza San Vio estão decoradas com laços vermelhos e à noite brilham luzinhas amarelas, enquanto na entrada da pizzeria destaca-se uma estrela cadente luminosa e um pouco *kitsch*, com o

escrito FELICIDADES. O tempo voou e faltam somente cinco dias para o Natal. Eu também peguei os enfeites habituais e montei minha árvore ecológica, mas este ano há uma novidade: pintei as bolinhas de vidro da Ikea com os versos de amor de alguns poetas famosos. É uma árvore de Natal romântica, uma pequena concessão ao meu coração amordaçado.

Volto a olhar o computador. Uma única imensa razão me leva a ligá-lo, agora: Filippo. Não respondi seu último e-mail. Não consegui. Pena que, depois, ele tenha escrito de novo várias vezes, perguntando-me com cada vez mais insistência por onde eu andava, convidando-me novamente para ir a Roma. Sinto tê-lo traído. Embora ele não seja meu namorado e tenhamos decidido de comum acordo não estarmos juntos, os sentimentos de culpa sufocam minha garganta mesmo assim quando penso nele.

Decidi. Vou escrever para ele agora. A página em branco escancara-se na minha frente e deixo os pensamentos livres para ir aonde quiserem, enquanto os dedos os seguem, obedientes.

De: Elena Volpe

Para: Filippo De Nardi

Assunto: De coração

Meu querido Fil,

aqui estou eu, escrevendo para você depois de um longo silêncio.

Não foi um período fácil para mim. Eu poderia inventar desculpas, mas seria inútil mentir: a verdade é que eu devia encontrar a coragem de lhe falar com toda a sinceridade que você merece. Fil, eu conheci um homem do qual não posso mais abrir mão. Não sei explicar a mim mesma, nem muito menos aos outros, mas quero tentar. Não estamos juntos, entre nós existe uma relação brutalmente

carnal. Ele me pegou e virou minha vida de cabeça para baixo, cismou que me faria vencer meus bloqueios e meus limites, como se fosse um desafio ou uma brincadeira, e eu permiti que ele fizesse isso. Aconteceu que eu aprendi a gozar como nunca, que meus sentidos acordaram e agora o exigem desesperadamente. Ele me libertou, de algum modo, mas agora não consigo mais voltar a ser aquela de antes. É uma espécie de obsessão, penso nele em todos os momentos do dia e a cada encontro meu desejo de revê-lo torna-se mais intenso.

Não espero que você me entenda, tenho noção de que tudo isso pode lhe parecer absurdo.

Sinto muitíssimo, mas acho que, pelo que somos, ou pelo que tínhamos imaginado ser, nosso encontro em Roma seria algo mais que umas férias, seria o início de um relacionamento que eu queria, mas agora não consigo

mais imaginar. Não posso, Fil. Não posso mesmo.

Você vai me odiar, eu sei, e não vai mais querer me ver. Tudo bem por mim, eu mereço, e não vou fazer nada para me opor a isso. Agora eu só preciso viver essa história até o fim, aonde quer que ela me leve.

Perdoe-me se depois desta mensagem eu sumir de novo no silêncio.

Bibi

Escrevi de uma vez só, quase em um estado de transe, e lá estão meus pensamentos nus, expostos quase contra a minha vontade, preto no branco. Escrevi mais para mim do que para ele, agora está claro.

Releio o e-mail mais duas vezes e dou uma volta na sala, como se quisesse me distanciar daquilo. Volto a me sentar e meu dedo demora-se sobre o teclado. A tecla ENVIAR nunca me deu tanto medo. Se

realmente lesse essa mensagem, Filippo ficaria magoado, mas pelo menos saberia a verdade. De repente um aviso do Skype me indica que ele está *on-line*. Após alguns segundos, me escreve uma mensagem:

Bibi, você está aí? Podemos nos falar?

Sinto-me suja, como se tivesse sido surpreendida roubando. Respondo que sim e aceito sua chamada de vídeo.

Ele não está em casa, pelo que vejo. Está me ligando de um lugar de Roma que logo reconheço.

— Bom dia, Bibi! Quer vir tomar um chá em Babington's? — é a primeira coisa que me diz, com aquele sorriso que fala direto ao coração. Seus olhos verdes brilham no sol. Cadê a coragem para machucar esse príncipe encantado?

— Quem dera, Fil! — Ajeito-me na cadeira, sentindo-me um pouco desconfortável. — Você está na piazza di Spagna?

— Estou, sentado na escadaria. — Gira o monitor e a vista panorâmica sobre Trinità dei Monti destaca-se diante dos meus olhos em todo o seu esplendor. Parece que estou num filme do qual ele é o diretor. — Está vendo?

— Que espetáculo! Continua maravilhosa... — A última vez que estive lá foi justamente com ele, em uma excursão de estudo no terceiro ano da faculdade.

— Então, quando você vai resolver vir?

Pronto. Sabia que me perguntaria isso, mas não sei o que lhe responder.

— Mais cedo ou mais tarde... — digo, escondendo a aflição atrás de um sorriso.

— Terminou o afresco?

— Sim, hoje é o último dia — suspiro.

— Então você vem para o Natal, não é?

— Mas você não volta? — rebato, e é um modo miserável de evitar mais ainda a pergunta e ganhar tempo.

— Trabalho no dia 27, infelizmente — bufa, levantando os ombros. — Poxa, Bibi, venha. Estou com saudade de você, não me despreze...

Meu Deus, não consigo manter seu olhar. Também estou com saudade de você, Fil, mas não do mesmo jeito. Coisas demais mudaram desde que você foi embora.

— Fil, no Natal eu não posso. — Estou com um nó na garganta agora, mas ainda consigo controlá-lo. — É que na véspera tenho o jantar de família... — tento convencê-lo, com uma expressão sofrida. — Meus pais fazem questão, você sabe como eles são. Já os vejo pouco...

— Entendi... *Natale con i tuoi*^{****}... — diz, com um sorriso resignado. — Eu sou o

único filho babaca que boicota as reuniões de família.

— Você não é babaca.

— Você acha?

— Acho. — A única babaca aqui sou eu.

Sorri, sonso, depois se vira de repente, como se tivesse visto alguma coisa ou alguém.

— Tenho que desligar agora. O assistente de Renzo Piano está chegando para discutir o projeto — e sopra-me um beijo com a mão.

— Tudo bem, bom trabalho, então.

— Obrigado, para você também. — Olha-me diretamente nos olhos, como se quisesse ler algo neles. Ou talvez seja apenas minha consciência culpada que me deixa paranoica. — Nós nos falamos de novo para nos desejarmos feliz Natal... E, de todo modo, eu não desisto: espero ver você logo — conclui.

— Eu também. — Retribuo o beijo, enquanto vejo seu rosto desaparecer.

Fecho o Skype e na tela do MacBook materializa-se outra vez a mensagem, como uma nuvem ameaçadora em um céu límpido. Agora me parece uma loucura total tê-la escrito. O que foi que me deu? Não posso excluir Filippo da minha vida. Pelo menos não assim, com um e-mail frio. Ele não merece.

O cursor move-se para a tecla APAGAR. Clico sem piedade e sem dúvidas. Sim, quero apagar esse e-mail. E quero apagar os sentimentos de culpa, as inseguranças e as obrigações morais pesadas demais, que acabam me esmagando. Vai ver sou hipócrita e egoísta, mas preciso saber que Filippo está lá, preciso acreditar, num cantinho da mente, que nós dois ainda temos algo para dar um ao outro. Se uma despedida tiver que acontecer, acontecerá, mas não agora. Não desse jeito.

Voltam à minha cabeça as palavras de Leonardo, quando me disse que não

podemos prender os desejos. Fora da prisão, agora eu percebo, há o caos emocional, mas a essa altura eu estou no jogo e voltar atrás é impossível.

No início da tarde preparo-me para sair; lavo os cabelos e me visto com capricho, como se fosse uma ocasião importante — e, de fato, é. Terminei o restauro do afresco e agora estou indo devolver as chaves do palácio. A julgar pela suntuosa retribuição depositada na minha conta bancária — maior do que havíamos combinado —, Brandolini deve ter ficado mais que contente com meu trabalho. Isso quer dizer que, pelo primeiro ano desde que me formei, poderei finalmente comprar os presentes de Natal sem ficar aflita com os gastos... É uma bela satisfação.

Atravesso o portão de entrada e subo rapidamente as escadas para chegar ao saguão. Lá está, o afresco me recebe com seu jogo de

cores por fim vivas e brilhantes. Exibo um sorriso silencioso e dou alguns passos em direção a ele para observá-lo melhor. Abandono-me à fantasia de que o pintor anônimo aparece na minha frente e me oferece algumas sementes de romã como agradecimento. Quantos dias de testes e frustrações aquele detalhe me custou! Provavelmente, sem a ajuda de Leonardo, eu nunca teria conseguido encontrar a tonalidade certa. É graças a ele que meus olhos viveram uma mudança e aprenderam a olhar não apenas aquela romã, mas o mundo todo, de um jeito diferente. Este afresco acompanhou os últimos meses da minha vida, a minha transformação, e me causa certa pena, agora, separar-me dele. Da próxima vez que eu voltar a este palácio — se eu voltar — não será mais por causa dele, mas por causa de Leonardo.

Basta evocá-lo por um instante na mente e eis que, como num passe de mágica, ele se materializa no saguão, fazendo meu coração saltar no peito. É sempre assim quando nos encontramos.

— Oi — digo —, eu estava justamente pensando em você.

— Ah, é? E no que pensava? — aproxima-se, com o olhar no afresco.

— Que sem esse restauro nunca teríamos nos conhecido. — Viro-me um pouco e encontro seus olhos pretos. As pequenas rugas nos cantos me dizem que ele está sorrindo.

Eu desejava beijá-lo, mas sempre espero que ele faça o primeiro movimento.

— Você trabalhou bem, Elena. Está realmente muito bonito.

— Deveríamos comemorar. — Não resisto e me viro. Estou para aproximar minha boca da sua, mas assim que fico na ponta dos pés ele se afasta, deixando-me petrificada.

— Vamos comemorar quando eu voltar — diz, em tom neutro e decidido.

— Quando você voltar? — Arregalo os olhos. Dentro de mim ainda tenho que digerir a rejeição. — Você está indo embora?

— Hoje à noite, para a Sicília.

— Por quanto tempo?

— Não sei, vou decidir quando estiver lá. — Seu olhar está enevoado, quase sombrio. Subitamente, sinto-o frio e distante.

— E o restaurante? — arrisco.

— Deixei um substituto. — Dá de ombros. — Meus funcionários já sabem se virar sozinhos, a essa altura.

A notícia me transtorna. Eu já havia tido mil ideias — talvez seja mais correto falar de fantasias — para essas férias de Natal, disse não para Filippo também porque esperava passar o tempo todo com Leonardo. Porém...

— Mas você precisa mesmo ir? — pergunto, tentando disfarçar meu desespero.

— Eu quero — responde, com o olhar determinado. — Pelo menos uma vez por ano, onde quer que eu esteja no mundo, volto para a Sicília.

— Você tem pessoas queridas lá?

— Tenho o meu passado.

Eu lhe faria mais perguntas, mas me seguro. Leonardo não suporta intromissões em sua vida particular, e a relação com sua terra, exatamente por isso, faz parte de uma esfera absolutamente íntima e inviolável.

— Tente se divertir mesmo sem mim. — Pega meu queixo com uma mão e esforça-se para sorrir, como se quisesse fugir da direção que a conversa tomou.

Eu queria lhe dizer para não ir ou para me levar junto, pois não suporto a ideia de me separar dele por tanto tempo assim.

— Você vai me telefonar, pelo menos? — é tudo o que eu tenho coragem de perguntar.

Ele balança a cabeça.

— Não, Elena. Prefiro que não nos falemos enquanto eu estiver fora.

— Por quê? — Agarro-o pelo braço. Sei que não deveria insistir, mas tenho necessidade de uma explicação.

— Porque preciso me afastar, ficar sozinho. Porque minha vida não é só a que eu levo aqui e não quero misturar as coisas. — Seu olhar não admite réplicas. — Ligo para você assim que eu voltar. — Ele me faz uma última carícia e dirige-se para as escadas, sem se virar para trás.

Estou atordoada. Ele foi embora, sem desculpas nem justificativas. Deixou-me aqui, engolindo o milésimo desgosto e com os braços indefesos ao longo dos quadris.

Chega. Tenho que sair daqui já. Procuo o vigia no jardim e lhe dou o molho de chaves.

— Até logo, Franco, e boas festas — despeço-me dele apressadamente, sem me perder em formalidades demais.

— Para a senhorita também, feliz Natal.
— Franco faz uma meia reverência, como está acostumado. — Tudo de bom.

Levanto a cabeça, uma última olhada para aquelas janelas, e então vou embora, precipito-me na rua com passos rápidos.

Adeus, afresco. Adeus, Leonardo.

É véspera de Natal e me custou um esforço sobre-humano sobreviver a esses dias de euforia festeira depois de ter sido chutada daquele jeito. A peregrinação de uma loja à outra para comprar presentes de inutilidade garantida e ver toda aquela gente feliz e atarefada me fizeram cair em um estado de profunda melancolia: eu, que geralmente amo o Natal, agora o odeio com toda a minha força.

Mas, de todo modo, consegui sobreviver a esses quatro dias. Embora saiba que o pior ainda está para acontecer. São oito horas da

noite e daqui a menos de uma hora estarei na casa dos meus pais para o tradicional jantar com a família. Se eu passar nessa prova também, posso me considerar quase salva.

Às 21h15, após ter perdido um *vaporetto* e gasto meio salto das botas novas por ter andado tudo a pé, estou diante da porta da casa Volpe. Toco a campainha com um pouco de dificuldade, sobrecarregada de embrulhos.

Minha mãe abre a porta para mim, enrolada em um tailleur vermelho-cereja, com a expressão um pouco preocupada.

— Elena! Nós quase achamos que tinha desaparecido! Só estávamos esperando você.
— Ao fundo já ouço a falação dos convidados por cima das notas de Mariah Carey, que gorjeia as músicas de Natal de sempre.

— Desculpe, mãe, eu perdi o barco.

Com um único gesto, ela consegue me beijar, tirar meu sobretudo, jogá-lo no

cabideiro, arrumar meu cabelo e me fazer sentir culpada.

— Querida, essa saia não está um pouco curta demais? — pergunta, dando uma olhada perplexa no meu vestido de renda, o mesmo que usei para o jantar com Leonardo na cozinha do seu restaurante.

— Eu não acho — respondo, com indiferença. — Você sempre reclama que eu nunca uso saia... Pronto, esta noite quis agradar você.

Entro na sala de jantar e, por um instante, a ideia de fugir passa levemente pela minha cabeça: na minha frente está enfileirado, ao redor da mesa de festa, um pelotão de parentes em posição de guerra, que batem os pés, balançando os talheres no ar, como se não comessem há uma semana. Expulso o pensamento com um movimento da cabeça. Está tudo sob controle, Elena, você vai conseguir.

Não falta ninguém: vovó, as tias, os primos, minha mãe foi capaz de subornar até mesmo o tio Bruno, que está sempre viajando pelo mundo com seus amigos gays. Dou um oi geral, recebendo sorrisinhos de um lado e do outro, e logo vou para o meu lugar. Obviamente me colocaram ao lado da prima Donatella, que tem quase a minha idade. Mas é muito diferente em todo o resto. Quando tinha 25 anos se casou com Umberto, o clone veneziano de Flavio Briatore, e no ano seguinte já havia dado à luz a pequena Angelica, que agora tem sete anos e parece uma Barbie em miniatura. Senta-se à minha esquerda e me cumprimenta com a mão.

— Oi, tia!

Faço um carinho na cabecinha dela e lhe sorrio apertando os olhos, falsíssima.

— Elena, você está maravilhosa — diz Donatella, dando-me dois beijos e me

inundando com seu perfume enjoativo de íris amarela.

— Obrigada, você também está em ótima forma.

— Não, nem fale nesse assunto. Engordei cinco quilos. — Faz uma expressão desesperada e, levantando a saia, me mostra um pedaço da coxa. — Olha, estão todos aqui.

Pronto, começou. Todos os anos é a mesma lenga-lenga, mas desta vez realmente não estou com vontade de aturar suas histórias sem graça. Tenho que me salvar, antes que ela comece a discorrer sobre o último achado no campo dos cremes anticelulite.

— O que Papai Noel trouxe para você? — pergunto à sua filha, tentando mudar de assunto.

— Um celular novo — responde, mostrando-me, orgulhosa, um iPhone de última geração.

— Legal... — O que ela faz com ele, naquela idade, francamente eu não sei.

— Posso ver o seu, tia?

E pare de me chamar de tia, mal conheço você, garotinha. Puxo meu iPhone da bolsa. Ela faz uma expressão surpresa, pegando-o nas patinhas.

— Mas este é o quatro! Você não sabe que agora saiu o cinco? — pergunta, escandalizada.

Feia, impertinente, mimada e insuportável. Por um instante, volto a ser criança e tenho uma vontade incontrollável de puxar o cabelo dela.

Exibo outro sorriso de plástico e decido ignorá-la, dirigindo minha atenção à entrada que acabou de sair da cozinha. Obviamente, segundo a tradição da casa Volpe, na véspera de Natal a comida é leve, por isso tudo será à base de peixe. Creme de bacalhau, vieiras gratinadas e torradinhas de salmão.

Minha mãe fica no céu com os elogios da parentada.

Para que eu não morra de fome, como geralmente acontece nessas ocasiões, ela preparou um menu vegetariano só para mim. Claro que ela não sabe sobre minha recente conversão à carne e, para evitar perguntas e não frustrar seus cuidados comigo, resolvo deixar isso de lado.

— Obrigada, mãe, você é um amor — digo-lhe, mastigando alguns palitinhos de biscoito, e pego uma pequena porção do risoto de *radicchio* vermelho que ela cozinhou com tanto amor para sua filhinha.

Observo meus parentes, um por um. Parece que estou lidando com um grupo de estranhos: não tenho vontade de estar aqui, quero voltar à minha vida, pelo menos ao que foi nos últimos dois meses. Cada dia que passa sem Leonardo me parece um dia desperdiçado. Sirvo-me de uma grande taça

de Prosecco, quem sabe me dá um pouco de alegria.

Minha mãe me olha como se escamas houvessem brotado em mim de repente.

— Elena, o que você está fazendo? — pergunta, horrorizada.

— Por quê? É proibido, agora? — Dirijolhe um olhar inocente e encho o copo de novo.

— Mas desde quando você bebe vinho? — Não desiste, e essa sua insistência me irrita. Ela não tolera que alguma coisa fuja de seu controle e de sua aprovação.

— Desde agora, se não for um problema para você — respondo, aborrecida.

— Para ser sincera, é um pouco, sim...

— Não enche, mãe — eu a calo brusca-mente. Minha mãe me olha, incrédula, e meu pai também. Um silêncio pesado cai sobre a mesa. Minha avó, que é um pouco surda, pergunta a um dos meus primos o que está

acontecendo, enquanto minha tia ajeita o guardanapo nos joelhos, tossindo um pouco. Olho ao redor levemente arrependida. Exagerei, geralmente não respondo assim, sempre sou simpática e tolerante em casa. Agora percebo que não são eles os estranhos, fui eu que mudei.

Felizmente tio Bruno vem em meu socorro.

— Ora, Betta, o vinho faz bem para o sangue — diz, dando-lhe um beliscão no braço. — E, além do mais, nas festas devemos brindar! — Levanta a taça e brinda com a minha, piscando para mim.

— Tem razão, saúde! — continua meu pai, erguendo sua taça também. Pela olhada que me dá, entendo que me perdoou.

O jantar continua sem outros empecilhos até o panetone, seguido pela troca das felicitações e dos presentes. Ganho um travesseiro de patchwork feito pela mamãe — para

combinar com a coberta que ela me deu ano passado – uma boina de lã, dois pares de meias grossas feitas à mão, um cachecol de caxemira. Evidentemente, passo a ideia de uma pessoa friorenta. Mas para o gelo que sinto agora, a lã não adianta.

Assim que tenho oportunidade, dou um beijo de reconciliação na minha mãe, despeço-me dos parentes e fujo para casa. Feliz por ter me livrado daquela tarefa e poder ficar sozinha.

É quase uma da manhã. Os sinos de Veneza anunciam, festivos, o fim da missa de Natal, enquanto os poucos gondoleiros que ainda trabalham apressam-se para descansar da última volta de barco. Ando rapidamente, tentando me concentrar na nuvenzinha de vapor formada pela minha respiração. Não quero pensar. Mas antes de abrir o portão de casa, levanto os olhos ao céu e observo as

estrelas. Quem sabe se Leonardo também as está olhando.

No dia de Natal, no fim da tarde, vou à casa de Gaia, que mora num pequeno *loft* perto dos Jardins da Bienal. De vez em quando, debaixo da janela de seu quarto surge alguma instalação estranha, como a última obra de um artista brasileiro, uma fileira de totens de plástico branco que à noite se iluminam de luzinhas fluorescentes. Parecem mais bonecos de neve engraçados do que totens e, embora eu não acredite mesmo que tenha sido a intenção do artista, têm tudo a ver com o Natal. Comprei de presente para Gaia um estojinho coberto de *glitter* com um rímel para dar volume da Lancôme e um curvador de cílios de Shu Uemura. Ela é louca por essas coisas e sei que vai gostar.

Assim que abre a porta, ela me esmaga num de seus enérgicos abraços, quase me fazendo trombar com a fotografia ampliada de Marilyn Monroe pendurada na parede.

— Feliz Natal! — ela me deseja, toda alegre, e segue na minha frente para a sala, arrastando os chinelos. Ela só não usa salto em casa.

— Para você também, Gaia! — respondo, tirando o sobretudo.

— Venha, vamos nos sentar no sofá — diz e desliga a televisão.

Sempre que me sento em seu sofá de couro branco caríssimo, não consigo deixar de imaginar as coisas bárbaras que faz com seus amantes ali.

— Será que por acaso você está curada da sua doença e quer um Bellini? — pergunta.

— Aceito.

— Muito bem, assim é que se fala! —
Olha-me, sem dúvida surpresa com minha
escolha alcóolica.

Ela some na área da cozinha e, quando
volta com a bandeja e as taças, percebo que
está usando um brilhante no dedo anelar.

— E isso aí? — pergunto-lhe logo.

— Foi Jacopo que me deu — diz,
aproximando-o do meu rosto.

— Um anel de noivado? — Arregalo os
olhos.

— Bem, um anel.

— Gaia, não se faça de boba — eu a
repreendo.

— Tudo bem, eu admito. Jacopo quer
levar as coisas a sério.

— Mas você não — concluo seu
pensamento.

— É um pouco cedo demais, você não
acha? — olha-me em busca de aprovação.
Parece estar preocupada. Não está realmente

apaixonada — isso me soaria como um milagre, considerando os pouquíssimos precedentes — está escrito na sua testa.

— Mas então por que aceitou um presente tão importante?

— O que eu deveria ter feito, hein? — justifica-se. — Devolvê-lo? No Natal?

— Não sei, Gaia, mas talvez seja o caso de vocês conversarem sobre isso.

— Olhe, eu gosto de Jacopo — diz, bebericando o aperitivo.

— Pode ser. Mas talvez você goste mais de outro que nunca aparece...

Acertei em cheio.

— Leia — diz, estendendo-me o BlackBerry. É a última mensagem de Belotti.

Feliz Natal, minha pequena. Daqui a pouco vou buscar você.

Os olhos de Gaia brilham de amor, agora. Em outro momento, eu a alertaria, interpretaria a personagem de sempre, da amiga séria e um pouco carola que a traz de volta à realidade e diz o que é certo fazer. Mas agora eu a entendo como nunca antes, e não tenho coragem de repreendê-la.

— Mas ele vai vir buscá-la mesmo? — pergunto.

— Sei lá — responde ela, com o rosto esperançoso. Não tem sentimentos de culpa em relação ao pobre conde, não lhe importa que ele possa sofrer por sua causa. Para ela, só interessa ser feliz. Junto com Belotti, possivelmente.

Talvez por causa da lei da atração, naquele momento meu iPhone também toca. No meu coração, cultivo uma única esperança. Deus, faça com que seja Leonardo.

— Quem é? Quem é? — cantarola Gaia, curiosa.

Leio a mensagem e tento esconder a decepção.

— Ah, é Filippo. Está me desejando feliz Natal.

— E você diz isso assim? — Talvez eu não tenha disfarçado tão bem.

— Por que, como eu deveria dizer?

— Com um pouco mais de entusiasmo, Ele! — Sacode carinhosamente meus ombros. — O que está acontecendo? Você não tem mais certeza sobre ele?

— Não, imagine — apresso-me em dizer. — Estou com um pouco de saudade...

Ela me olha, perplexa.

— Só um pouco? Olhe, Fil é um cara legal. Na minha opinião ele é o homem certo para você.

Ai meu Deus, Gaia, não complique minha vida você também! Estou com a cabeça tão confusa... Filippo é o homem certo, mas não é ele que eu desejo nesse momento.

— Vamos ver... — limito-me a dizer.

— Responda logo a ele — ordena —, enquanto isso, vou pegar seu presente.

Digito uma resposta um pouco fria e formal, mas só percebo depois que a enviei. Quando levanto o olhar, Gaia está novamente na sala, com um sorriso triunfante.

— *Voilà!* — Entrega-me o embrulho e eu faço o mesmo com o dela.

É claro que Gaia rasga o papel na velocidade da luz. A julgar pela cara que faz, acertei em cheio, ela gostou do presente. Já eu sempre fui uma daquelas que demora um século para abrir os pacotes: avanço com calma, gosto de saborear a surpresa.

Balançando levemente a embalagem, deduzo que pode se tratar de um óleo para o corpo, ou um perfume, o barulho parece o de uma garrafa de vidro.

— É inútil tentar adivinhar, você nunca conseguiria... — diz Gaia, toda empolgada.

Finalmente abro a caixa e fico roxa.

— Um vibrador?! De cristal?!

— Cristal falso, para ser precisa.

Pego-o nas mãos e não sei se fico furiosa, escandalizada, desesperada. No fim, começo a rir, não há outra coisa a se fazer. Gaia ri comigo, obteve o efeito desejado.

Pronto, estamos numa cena de *Sex & the City*.

— Já que você não tem um e nunca compraria, eu fiz isso por você. — Aciona o interruptor com jeito experiente, piscando. — Dizem que é incrível em ação...

— Bem, com certeza é muito chique. — Balanço a cabeça, olhando o objeto refletir a luz na parede. — Mas você não vai se ofender se eu não usar, não é?

— Nunca diga nunca. De qualquer maneira, é sempre bom ter um... — responde ela, convicta.

— Bem, pelo menos não é o par de meias de sempre — digo, com uma naturalidade estudada.

Rimos de novo e penso que só com Gaia se pode passar uma tarde de Natal assim.

Em casa, porém, sou invadida de novo pela tristeza e por aquela sensação de impotência que chega quando não podemos ter o que desejamos. Por mais que eu tente expulsá-lo, Leonardo domina os meus pensamentos, implacável. Por que ele foi tão duro? Por que continua sendo sempre tão ambíguo, rodeando-se de sombras e mistérios? Por um instante estou a ponto de ligar para ele ou lhe escrever uma mensagem, mas, então, para não cair em tentação, desligo o telefone.

Ponho a bolsa com o presente de Gaia na escrivaninha. Tiro o vibrador da caixa e

rapidamente o escondo no banheiro. O que eu vou fazer com esse negócio?

Quero Leonardo. E é um desejo que nenhuma outra coisa pode saciar.

**** Parte de um famoso ditado italiano (*Natale con i tuoi, Pasqua con chi vuoi*), que diz que o Natal é uma festa familiar, enquanto a Páscoa geralmente é passada com os amigos. (N. da T.)

A última coisa que me sinto física e emocionalmente capaz de encarar agora é uma sessão de restauro completo de mim mesma para a ceia do Réveillon no hotel Hilton. Gaia e Brandolini me convidaram e todas as minhas tentativas de recusar a proposta foram inúteis. Eu deveria me sentir grata à minha amiga e seu “noivo”, mas, no meu atual estado de espírito, a ideia de segurar vela a noite toda me desanima muito. Estou sozinha, sem Leonardo, e continuarei assim mesmo rodeada por uma multidão festiva. Estou irritada e hostil, talvez também porque

meu humor seja afetado pelas condições meteorológicas, e agora um assustador céu carregado está me ameaçando da janela.

Esta noite eu preferiria ficar em casa de pijama vendo um filme, enrolada na minha coberta de patchwork, correndo o risco de ficar diabética com uma indigestão de chocolates After Eight.

E, em vez disso, aqui estou eu, lutando diante do espelho. Alisar o cabelo, me depilar inteira, passar o creme de firmeza nos seios e nas coxas, vestir lingerie vermelha, passar blush nas bochechas, nas pálpebras um pouco de sombra cintilante e na boca, um batom de longa duração. Tudo isso para quem? Faria sentido se fosse para Leonardo, para ser atraente aos seus olhos, mas agora me parece completamente inútil. Sabe-se lá o que deve estar fazendo e com quem deve estar agora! Estou sofrendo de abstinência e começo a desejá-lo cada vez mais, com a

avidez de uma dependente química. Pena que nenhum traficante possa me arranjar minha droga nesse momento.

O interfone toca. Devem ser Gaia e Jacopo, pontualíssimos para me apanharem e me arrastarem à força ao Réveillon animado *deles*.

— Já vou descer — digo, com preguiça.

— Tudo bem, venha logo — responde Gaia, animada.

Dou uma última olhada no espelho, ajeitando um cacho rebelde — já está mesmo na hora de dar forma de novo a esse ex-corte Chanel —, e me atiro escada abaixo, tomando cuidado para não tropeçar no casaco.

Abro a porta e encontro Gaia e Jacopo de mãos dadas.

— Será que eu deveria pegar um guarda-chuva? — pergunto. Então levanto o olhar e no escuro atrás deles noto uma sombra familiar.

— Mas que guarda-chuva, dá para ver as estrelas. — Sua voz é inconfundível e chega até a mim como uma carícia inesperada.

Gaia pisca o olho para mim e Brandolini afasta-se para me deixar passar.

Filippo está aqui, na minha frente, todo elegante em seu Burberry verde. Não consigo acreditar, por um instante tenho a impressão de estar sonhando.

— Fil! O que você está fazendo aqui?

— Voltei — diz ele, exibindo um de seus esplêndidos sorrisos.

Sentimentos contraditórios disputam meu coração, criando uma confusão excitante e inesperada. Então, sobre todos eles prevalece um enorme carinho e tenho de repente vontade de abraçá-lo. Porém fico imóvel, com os braços caídos. O que as pessoas fazem nesses casos? Beijam-se? O que aconteceu há alguns meses foi uma despedida apaixonada, mas nesse meio-tempo

aconteceu de tudo e eu não sei se... Felizmente é Filippo quem deixa a hesitação de lado, aproxima-se e toca levemente meus lábios com um beijo suave, logo notado por Gaia. Agora, sim, eu o abraço com o desespero de uma náufraga. Sou grata a ele por estar aqui e a Gaia por essa linda surpresa. Tenho certeza de que a mão dela está por trás disso tudo.

Durante o caminho, Gaia e Jacopo vão à nossa frente, mantendo alguns metros de distância. Filippo oferece-me o braço e eu me agarro nele, aproveitando o calor de seu corpo.

— Estou feliz que você esteja aqui — digo.

— Eu também.

— Mas quando você chegou?

— Praticamente há duas horas.

Observo-o melhor, sob a luz fraca de um lampião. Seu rosto sem barba está um pouco chupado, traz as marcas das madrugadas que

passou trabalhando, mas seus olhos brilham mais do que nunca.

— Achei que você tivesse compromissos em Roma.

— Eu tenho, mas consegui tirar dois dias.

— Então, sorri para mim. — Estava com muita vontade de ver você.

Eu também estava com vontade de vê-lo novamente, mas só percebi isso agora. Até esse momento eu estava ocupada demais pensando em outro.

— Só dois dias? — pergunto.

— Infelizmente sim. Dia 2 tenho que estar no trabalho de novo. São uns exploradores. E eu me deixo explorar.

Diminui o passo e solta o braço do meu por um instante, olhando-me nos olhos.

— Você está mesmo feliz em me ver? Pela cara que fez antes eu não teria tanta certeza...

Ele é sensível a ponto de perceber cada nuance dos meus estados de espírito. Eu havia me esquecido disso.

— Claro que estou feliz — digo, num sorriso muito aberto. — É que não esperava por isso...

Um frio repentino me pega pelas costas. Não é a brisa do inverno, não. É que não estou dizendo toda a verdade. Estou contente em vê-lo, Fil, mas enquanto você estava fora eu fiquei doente por outro homem e agora não sei se você pode me curar.

Voltamos a caminhar, eu ainda agarrada em seu braço. Prometo a mim mesma de novo, em silêncio, que vou esquecer Leonardo pelo menos por algumas horas e viver este momento com serenidade. Agora estou feliz por nunca ter mandado aquele e-mail a Filippo. Se eu tivesse feito aquilo, nada disso teria acontecido. E se está

acontecendo significa que o destino, pelo menos esta noite, está do nosso lado.

Nós quatro subimos numa lancha nas Zattere e em dois minutos atravessamos o canal da Giudecca e estamos em frente à entrada do Hilton. É estranho ver a cidade daqui, é como ter uma perspectiva invertida. Deslizamos sobre a passarela de veludo vermelho e, graças à ajuda de Brandolini, passamos pela entrada controlada por seguranças esnobes. Eu nunca tinha vindo a este lugar. É um hotel luxuosíssimo, além de qualquer expectativa, os funcionários são extremamente elegantes, com modos formais beirando o meloso.

Após entregarmos os casacos e uma primeira rodada de coquetéis, chegamos à nossa mesa, acompanhando algumas pessoas do grupo de Brandolini. A sala é grande e decorada com requinte. Há pelo menos

cinquenta mesas, os convidados estão eufóricos, mas do jeito que as pessoas muito sofisticadas são: comportam-se como se houvesse uma câmara de vigilância ligada o tempo todo.

— Gaia começou a frequentar a alta sociedade — observa Filippo, cochichando no meu ouvido. Assim como eu, ele também não está acostumado com tanto luxo.

— Não, foi a alta sociedade que começou a frequentar Gaia... — eu respondo. Sorrimos um para o outro, cúmplices.

O jantar prossegue sem problemas, agradável, e descubro que os amigos do conde são menos esnobes do que se podia imaginar. Gaia estava certa. Obrigo-me a distribuir alguns sorrisos e a não pensar demais, repetindo a mim mesma que, no fundo, é apenas uma noite. O fato de que ao meu lado agora esteja Filippo faz com que eu me sinta protegida de alguma maneira e,

quanto mais os minutos passam, mais tenho a impressão de reencontrar nele o entrosamento de sempre. A certo ponto, percebo que o olhar dele caiu sobre meu decote. Pensando bem, agora, ele nunca me viu arrumada para sair à noite, esta é a primeira ocasião elegante da qual participamos juntos. Aquilo me diverte e, em vez de me cobrir como eu faria normalmente, sustento seu olhar.

— Você gostou do meu vestido? — pergunto-lhe.

Ele se surpreende, levemente embaraçado.

— Você está linda... Mas não é só o vestido. Você está diferente, Bibi, como se tivesse desabrochado.

— Um brinde às mudanças positivas, então — proponho, levantando meu copo de vinho e tocando o seu.

Filippo também nunca tinha me visto beber. E, de fato, está surpreso:

— Você também está bebendo, agora?

— Pois é, nossa Elena é uma pequena alcoólatra... Já estava na hora! — intromete-se Gaia, juntando-se ao nosso brinde.

Filippo sorri, um pouco confuso.

— Eu achava que você fosse abstinência — ele me olha, com curiosidade. — Não brindou nem na sua formatura.

— Eu também achava — dou de ombros, tomando um longo gole —, mas talvez eu estivesse enganada. — Como estava enganada sobre tantas outras coisas.

— Tudo bem, então às novidades — ele também toma seu vinho.

Enquanto bebemos alegremente, comendo canapés de *vol-au-vent*, finjo me interessar pelas conversas frívolas que zunem ao meu redor e continuo a sorrir. O álcool começa a fazer efeito, sinto-me leve e relaxada, exatamente o que eu queria. A certo ponto, porém, esbarro sem querer numa

garrafa de vinho, entornando-a no vestido de uma garota sentada à minha frente. Um garçom corre para remediar o desastre, enquanto os outros convidados, felizmente, não ligam muito para o meu constrangimento e usam o acontecido como pretexto para outro brinde. A garota não está achando muita graça, porém, e me fulmina com um olhar feio.

— Você está bem, Bibi? Será que não exagerou um pouco? — sussurra-me Filippo, preocupado.

— Um pouquinho... — respondo, apertando uma das têmporas com a mão. Acho que estou altinha, talvez eu não aguente tão bem o vinho quanto eu pensava. — Sou um desastre, não é?

— Um desastre maravilhoso — pisca para mim. — E, além do mais, aquela lá tinha cara de imbecil.

Que bom que ele está aqui, penso, no meio da nuvem alcóolica. Que bom ser mimada e admirada, mesmo quando apronto alguma confusão. Só Filippo faz com que eu me sinta assim.

Enquanto isso, Gaia levantou-se e foi até o meio do salão junto com outras pessoas da nossa mesa. O DJ acabou de colocar um trecho de uma música *dance de* que sei que ela gosta muito, de David Guetta ou algo do gênero. Minha amiga mexe-se com uma graça maliciosa, dominando perfeitamente o próprio corpo. Esplendorosa de luz na pista de dança, envolvida no minivestido de chiffon com lantejoulas, os cabelos enrolam um pouco por causa do suor, as bochechas estão rosadas, peroladas. Sinto vontade de dançar, justo eu, que geralmente nunca o faço, e me levanto para ir até o grupinho. Arrasto Filippo comigo, apesar de seus protestos.

— Sem discussão! — digo-lhe, imperativa, puxando-o por uma manga.

Lembro-me da famosa noite na escola de tango, em que acabamos com os pés pisoteados, e sei que ele também está pensando nisso, enquanto dá alguns passinhos no mesmo lugar, sorrindo-me o tempo todo. Dou uma gargalhada forte, realmente não sou mais capaz de controlar nada. Filippo me pergunta o que está acontecendo comigo, mas não consigo responder. É uma risada repentina, imotivada, intensa. Gaia também percebe e, achando graça, aproxima-se e me pega pelos pulsos.

— Você já está bêbada, Ele?

— Espero que sim — respondo-lhe, enxugando as lágrimas. Mas agora não sei mais se são lágrimas de felicidade ou de desespero.

Alguns minutos antes da meia-noite, subimos todos ao terraço para assistir aos fogos de artifício. Sempre gostei dos fogos, e não só de olhá-los, mas de fazê-los também. Lembro que, quando eu era criança, no final do ano eu gastava todas as economias do meu porquinho rosa para comprar girândolas e bombinhas e, depois, eu e meu pai nos divertíamos como loucos fazendo-as explodir no céu. Minhas amigas diziam que aquilo não era uma brincadeira de menina, mas meu pai parecia não ligar para isso e eu ficava felicíssima de compartilhar esse momento com ele.

A noite clareou um pouco agora e conseguimos entrever algumas estrelas. A vista aqui de cima é espetacular, para dizer o mínimo, parece que somos pontinhos suspensos entre água, terra e céu. Chegou o fatídico momento da contagem regressiva. Gaia e Jacopo vão para a frente, ao abrigo das torres,

enquanto eu e Filippo permanecemos atrás, num canto mais afastado.

— Cinco.

Filippo abraça forte minha cintura.

— Quatro.

Encosto mais em seu corpo.

— Três.

Ele me olha.

— Dois.

Levanto o queixo.

— Um.

Sua boca está a poucos centímetros do meu rosto.

— Feliz ano-novo! — dizemos juntos, olhos nos olhos, e deixamos nossas bocas livres para se procurarem e se encontrarem. É o primeiro beijo verdadeiro desta noite e dentro dele há toda a ternura que eu havia esquecido. Filippo abre a garrafa de Moët & Chandon que segura na mão e bebemos alguns goles de canudo, enquanto os fogos de

artifício iluminam e colorem a cidade e o canal aos nossos pés. Admiramos o espetáculo em silêncio por vários minutos.

— É o momento de fazer um pedido — sussurra-me Filippo, de repente.

— Tudo bem. — Fecho os olhos para me concentrar. Por mais que seja bonito este momento com ele, por mais que eu me esforce para procurar um diferente, só tenho um pedido na cabeça: Leonardo. Quando reabro os olhos, tenho vontade de chorar.

— Já fez? — pergunta-me Filippo.

Concordo e fujo imediatamente de seu olhar. Arranco a garrafa da mão dele e tomo outro gole.

— E você? Fez o seu? — pergunto, tentando sorrir.

— Não preciso. Meu pedido já está aqui — diz, abraçando-me e beijando-me de novo.

Quero morrer. Sou o ser mais mesquinho do mundo. Agarro-me naquele beijo de

corpo e alma, ponho nele a mesma força com a qual gostaria de lhe pedir perdão.

Filippo puxa-me para si, segurando-me contra seu peito. Ficamos assim não sei por quanto tempo, parece que fiz uma longa viagem da qual eu já voltei. Agora que os fogos terminaram, grande parte das pessoas voltou lá para baixo e apenas algumas ainda se demoram no terraço. Sinto o calor de Filippo se misturar com o meu, debaixo das roupas nossos corpos estão muito próximos e o sangue ferve nas minhas veias. Deve ser porque estou alterada por causa do vinho, mas de repente sinto uma vontade louca de fazer amor com ele. Não sei se é por desejo ou raiva, por alegria ou desespero, sei apenas que esta noite quero esquecer tudo e ser sua mais uma vez. Pensarei nas consequências amanhã.

Então, agarro seu rosto nas mãos e começo a beijá-lo com desejo, afundando

toda a língua em sua boca e colocando a mão entre suas pernas.

Filippo, porém, se afasta e me olha desconcertado.

— O que foi? Você não quer? — pergunto-lhe.

— Claro que quero... — responde ele, olhando em volta.

— E então? — sussurro, empurrando-o para um canto mais escuro do terraço.

— Bibi, tem gente olhando. — Ele gosta, eu sei, mas está envergonhado demais.

— Deixe as pessoas olharem. — Seguro sua mão e a coloco em meu seio.

— Mas o que deu em você esta noite? — diz, com os olhos verdes acesos de uma luz que nunca vi.

— Estou com vontade — digo, em tom de desafio, e abaixo uma alça do vestido, deixando entrever um dos seios.

— Mas o que você está fazendo? Cubra-se. — Está atônito, contrariado, e me esconde rapidamente.

— Por que você é tão careta? — Eu, pelo contrário, estou irritada e frustrada. Leonardo não teria me detido. Leonardo não teria me dito essas coisas. Leonardo teria me pego aqui, encostada nessa parede. Leonardo, Leonardo, só consigo pensar nele, que droga! “Por que você não faz alguma coisa para me fazer esquecê-lo?”, eu queria jogar esse grito na cara dele.

— Você está completamente bêbada — ele me diz, tirando um cacho da testa. É muito mais *sexy* quando está com raiva... Seu maxilar fica mais marcado.

Agora eu o desejo quase que por revanche, sua recusa me excita, sinto a necessidade de escandalizá-lo, de jogar na cara dele a nova Elena, não mais sua, mas de

outro. Desabotoo seu cinto, com gestos impacientes.

— Vamos lá, Fil! Você me quer ou não?

Ele me para na mesma hora, apertando meu pulso.

— Pare, Elena. Você está exagerando — sussurra. Ele *nunca* me chama de Elena. Parece transtornado.

— E então vamos exagerar! — repito, enfurecida. — Você não pode se entregar pelo menos uma vez?

— Pare, já disse.

— O que foi, você tem que pensar no assunto? Vamos precisar de tempo para isso também? — Agora estou furiosa e má e não consigo conter as palavras que saem venenosas da minha boca. — Cadê a paixão, Fil, nunca existe uma merda de decisão que não seja planejada, nunca existe um pouco de loucura saudável entre nós? É sempre tudo tão previsível!

Eu disse, eu gritei, e já me arrependo. Filippo me olha, incrédulo.

— Eu viajei seis horas para ver você — ele me diz, pálido, com os dentes cerrados. — Mas eu achava que fôssemos algo mais que uma trepada no terraço de um hotel.

Ponho as mãos no rosto. Agora estou morrendo de vergonha.

Ele recua alguns passos, os olhos apagados. Não quer mais contato com o meu corpo.

— Não sei o que aconteceu com você nesses meses, Elena, mas eu não a reconheço. E o que vi esta noite... Não gostei.

Faz menção de ir embora, mas eu o seguro por um dos braços.

— Desculpe-me, eu não queria...

Ele se solta.

— Claro que queria. — Olha-me, gélido, os punhos cerrados. — Você disse o que pensava, está claro até demais. Feliz ano-

novo para você. — Então, corre em direção às escadas da saída.

Não posso detê-lo e nem tento fazer isso. Não tenho forças, fico parada encostada na parede, a cabeça roda e as ânsias de vômito sobem do estômago, mas por sorte consigo controlá-las. Respiro profundamente algumas vezes e levanto-me com calma, arrastando-me com passos incertos para dentro, até a nossa mesa. Eu também vou embora, a essa altura é inútil ficar. Pego minha bolsa e me despeço às pressas de Gaia e Brandolini, sem dar explicações. Felizmente Gaia está mais bêbeda que eu, não reparou que Filippo sumiu, nem meu estado lamentável. Repete mais uma vez “Feliz anovovo” e, depois de beliscar meu traseiro, me deixa ir.

Aqui estou eu. Sozinha, no meu apartamento de solteira, às três da manhã do dia 1º

de janeiro, com a perspectiva de vomitar de uma hora para a outra e uma dor de cabeça infernal, que não me dá trégua. Belo começo de ano. Sem Leonardo. E, agora, sem Filippo também. O que eu fiz para merecer isso tudo? Sinto-me cansada, arrasada: já fiz minha escolha, mas o destino se diverte me dando bordoada. Quero o que não posso ter.

Sustentando-me com dificuldade sobre as pernas, cambaleio em direção à cozinha, procuro algo que possa absorver o álcool que gira no meu estômago. Encontro um pouco de pão e o enfio na boca sem me perguntar há quanto tempo está ali. Depois entro no banheiro e abro a torneira da banheira, despejando dentro dela algumas gotas de óleo essencial. Sai um pouco demais, mas eu não ligo. Enquanto espero que ela encha, volto à sala e meu olhar é atraído pela árvore de Natal com as luzes ainda acesas. Sento-me

no chão e fico olhando. Em uma bola leio um dos versos que eu mesma escrevi nela:

Odeio e amo. Você me pergunta como é possível.

Eu não sei, mas sinto que é assim e me atormento.

Catullo

Estou prestes a chorar. O nó na minha garganta se afrouxa. Sou uma sentimental idiota com os olhos vermelhos, uma menina que quis dar uma de mulher e só arrumou problemas.

Livro-me do meu vestido amassado e daquela estúpida lingerie sexy de renda vermelha, deixo-os cair no chão enquanto volto ao banheiro. Então, afundo lentamente na banheira cheia, colocando a cabeça debaixo d'água também e dissolvendo ali as lágrimas.

Aqui está ela, a nova Elena. Sozinha, confusa e culpada. Vítima e carrasca de si mesma.

Os feriados acabaram, finalmente, e agrade-cida mas sem arrependimentos deixei para trás o ano velho. Embora eu tenha começado o ano novo de um jeito catastrófico, tenho que olhar para a frente. Evitei a habitual lista de resoluções, mas prometi a mim mesma que este será o ano das escolhas corajosas.

Primeiramente, quero recomeçar a trabalhar em grande estilo. Fiz algumas entrevistas, mas parece que em Veneza, por ora, não está acontecendo nada de interessante. Então entrei em contato com a professora Borraccini, diretora do Instituto de Restauro

com o qual eu ainda colaboro, e ela me propôs um projeto em Pádua: participar dos restauros da Cappella degli Scrovegni, junto com uma equipe sob sua supervisão. Um trabalho prestigioso, digno de currículo, mas seria necessário ir e voltar de trem todos os dias, por isso vou avaliar melhor após ter feito a entrevista.

Depois me inscrevi na academia, não sei com que coragem, para dizer a verdade. Às terças faço pilates, às segundas e quintas tenho aulas de zumba. Obviamente me saio melhor no pilates, talvez porque não haja muito o que fazer além de alguns alongamentos no mesmo lugar. Claro, eu não sou o máximo em termos de elasticidade, mas pelo menos agora consigo tocar as pontas dos pés com os dedos. Já sobre a aula de zumba eu preferiria não fazer comentários. Foi Gaia que me convenceu e lamento o dia em que disse sim. A professora é uma doida, além do

mais é impossível não se olhar no espelho na sala e não se sentir ridícula no meio daquele bando de mulheres enlouquecidas rebolando e se debatendo em um ritmo frenético, enquanto eu fico para trás pelo menos meia sequência no tempo. Sempre termino a aula ofegante, mas tenho que reconhecer que, no fim, sinto-me leve, cansada no melhor sentido da palavra e quase achando graça da minha própria falta de jeito.

No campo sentimental, porém, estou vivendo um verdadeiro impasse.

Depois daquela noite de Réveillon horrível, Filippo não me procurou mais. Gaia continua a me perguntar com insistência os motivos do nosso distanciamento e sempre falei no assunto por alto, sendo vaga. Eu disse a ela que decidimos não nos falar por um tempo, sem lhe contar sobre minha explosão, sem dizer que fui eu que o levei ao rompimento. Fui realmente imperdoável

com Filippo, acho que lhe disse aquelas coisas apenas porque inconscientemente eu queria afastá-lo de mim, induzi-lo a me detestar. Eu consegui, no fim, e saber que entre nós terminou ainda antes de começar me deixa um gosto amargo na boca. Porém me resta a dúvida angustiante de ter perdido uma chance de ser feliz, mas não posso fazer nada se meu coração vai em outra direção agora.

E volto sempre para Leonardo. Não sei mais como segurar o desejo louco que tenho de ligar para ele, mas resistir é o único modo de tê-lo novamente. O tempo que me separa dele às vezes me parece insuportável, mas estou confiante: a essa altura as festas já acabaram há um tempo e sei que daqui a pouco ele estará aqui de novo. De novo juntos. Eu e ele, embora eu não saiba bem em que termos. Mas, no fundo, de certas coisas é melhor não se conhecer os termos exatos.

Acabei de voltar da academia e parece que estou voando: todas as toxinas que eu tinha no corpo foram embora depois de uma aula que fez até Gaia se estatelar no chão. Esta noite posso me empanzinar sem me sentir muito culpada. Estou preparando *tramezzini*^{*****} com rúcula e *bresaola* — pois então, já não é mais um problema —, *brie* e nozes, gorgonzola e alcachofrinhas, dois de cada tipo. Eu os estou recheando de um jeito inacreditável, como fazem na Toletta, o bar de Veneza que serve os melhores *tramezzini* do mundo.

Faltam poucos minutos para as oito, quando o interfone de casa toca. Quem será? Não estou esperando ninguém. Deixo a faca suja de *brie* no prato e, lambendo os dedos, vou até a porta para atender.

— Alô? — digo.

— Leonardo. — Uma voz firme e potente.

A sua.

Ai meu Deus, eu vou passar mal. Instintivamente olho-me no espelho da parede. Estou horrível: calça jeans esfarapada, chinelos de lã de carneiro e casaco de felpa Adidas descosturado que uso para ficar em casa. O mesmo da época do ensino médio. E ainda bem que não estou vestida com o pijama de ursinhos-polares.

— Leonardo?! — pergunto, para ter certeza de que não estou sonhando.

— Sim. Você quer abrir pra mim?

Espere um momento que eu vou me trocar. Aliás, duas horas. Assim eu me restauro.

— Suba. — Aperto o interruptor e, no meio-tempo, corro ao banheiro para passar um fio de pó compacto nas bochechas. Meus cabelos estão de um jeito que Gaia não hesitaria em chamar de uma afronta para os olhos. Mas não tenho tempo. Prendo-os em um rabo improvisado.

Está subindo as escadas.

Não achei que fosse chegar assim, sem nem um telefonema de aviso-prévio. Não estou preparada. Meu coração está explodindo e as pernas tremem, mas devo me mostrar segura, à vontade, não quero que ele perceba o quanto me fez falta, embora ele talvez já imagine isso e seja completamente inútil esconder.

Abro a porta tentando fazer uma expressão de espanto moderado.

— Que surpresa...

— A que você estava esperando — responde ele, frustrando todos os meus esforços. Está tão sexy, a barba por fazer, os cabelos despenteados e a pele levemente mais escura que o normal.

— Venha — digo, convidando-o a entrar com um gesto e segurando com dificuldade a vontade de pular no colo dele.

Avança poucos passos em direção à sala, larga sua bolsa verde militar no chão e me dá

um leve beijo distraído na bochecha, olhando ao redor.

— Como você ficou sem mim?

— Bem.

— Mentirosa.

Puxa-me para si e me beija mais e mais. Vai para o pescoço e, depois, pegando com força meu rosto nas mãos, empurra-me contra o balcão da cozinha e afunda a língua na minha boca. Por que você não se deixa ser conquistado, Leonardo, por que não quer ser meu? Quanto eu senti saudade desses lábios vorazes, desses braços fortes, deste corpo perfumado de âmbar e de vida... Mas por que eu não posso dispor dele sempre que eu quiser?

Não me seguro e respondo com o mesmo desejo.

— Você come isso? — pergunta-me de repente, soltando-se do meu abraço depois

de ter visto na mesa uma tábua de cortar com uma fatia de pão com *brie* em cima.

— Como. Adoro os *tramezzini* à veneziana.

Leonardo balança a cabeça com um sorrisinho de desprezo. Tudo bem que ele é um cozinheiro de classe, mas ninguém pode menosprezar meus *tramezzini*.

— Confie em mim, estão ótimos... — insisto, convicta.

Leonardo começa a rir, como se eu tivesse acabado de dizer algo absurdo.

— Vamos ver se eles estão *ótimos* mesmo — sibila, imitando a minha voz. E morde um *tramezzino* de *brie* e nozes, saboreando-o lentamente.

Sinto-me sendo julgada, uma concorrente qualquer de *Top Chef* que está prestes a ser desclassificada do programa, com a única diferença de que Leonardo, além de ser severo como os jurados do programa,

também é tremendamente *sexy* e, por isso, intimida ainda mais.

Olha-me com olhos que não prenunciam nada de bom. Depois suspira e me puxa para si, pegando-me pela cintura.

— Muito bem — comenta, lambendo os lábios —, estou quase a contratando como assistente.

— Obrigada, mas já tenho um trabalho. Mais ou menos... — respondo. Ele me dá uma palmada.

— De qualquer maneira, se você estiver com fome eu fiz outros... — digo, indicando a tábua.

— Tudo bem — responde. Tira a jaqueta de couro e vamos para o sofá. Ele se movimenta completamente à vontade, já para mim é um pouco estranho tê-lo aqui, na minha casa. É a primeira vez. Deve ter lembrado o caminho do dia da maré alta...

Pega um *tramezzino* de rúcula e *bresaola*, enquanto eu mordo um canto do de gorgonzola e alcachofrinhas. Mastigo sem vontade, de repente a fome passou. O que eu quero é ele.

— Não quer mais? — pergunta.

— Claro que eu quero — minto, sem vergonha. Então, de repente, tenho uma ideia.

— Pego algo para bebermos? Tenho uma garrafa de Dom Pérignon lá dentro...

— E desde quando você guarda álcool na geladeira? Você está se cuidando, mocinha...

— comenta, concordando.

Levanto-me do sofá com a desculpa de ir à cozinha, saio sorrateiramente para o banheiro e abaixo a calcinha para conferir a situação. Dou um suspiro de alívio. Meus seios estão inchadíssimos, estou para menstruar, mas seria uma pena se fosse justo esta noite... Ajeito o rabo de cavalo em frente ao

espelho, ou pelo menos tento, depois pego o champanhe e retorno à sala.

— Voltei. — Coloco o Dom Pérignon na mesinha de centro e procuro duas taças. Leonardo me segue com o olhar enquanto abre a garrafa.

— Tudo bem? — pergunta, enquanto lhe estendo os copos.

— Tudo — respondo, sentando-me novamente no sofá. Está tão claro assim que não estou me aguentando? O curso acelerado de dissimulação que impus a mim mesma nas últimas semanas não deve ter dado grandes resultados: é impossível esconder as emoções que ele provoca em mim.

— Brindamos a quê? — pergunto.

— A nós — responde, olhando-me nos olhos e encostando seu copo no meu. Então, levanta-se e tira um embrulho branco da bolsa.

— Isto é para você, diretamente da Sicília — diz.

Um presente. Por essa eu realmente não esperava.

— Obrigada — murmuro, um pouco constrangida. — Mas eu não tenho nada para você...

— Vamos, abra — Leonardo me corta.

Abro o embrulho com cuidado meticuloso. Parece envolver algo macio.

— Como foi a viagem? — pergunto, enquanto abro.

— Muito boa — responde ele, telegráfico. Está com o olhar perdido no vazio, eu não gostaria de estar enganada, mas parece quase melancólico. Alguma coisa forte deve ligá-lo à sua terra. Alguma coisa que eu não posso saber.

Tiro a segunda camada de papel, e uma barra de tecido liso surge sob meus dedos. Eu o estico, apoiando-o no peito, como se

faria para desenrolar um pôster. Abaixo os olhos para admirá-lo. É um maravilhoso manto de seda preta com um capuz com acabamento de cetim.

— Chama-se *armuscinu* — explica-me Leonardo, antes que eu possa lhe fazer qualquer pergunta. — É feito à mão. Antigamente as mulheres sicilianas o vestiam para sair de casa, mas agora não é tão fácil encontrá-lo.

— É realmente lindo — comento, apertando-o ao peito. Deve ser uma coisa rara. Perco-me nos enquadramentos dos filmes de Tornatore: nunca estive na Sicília e são minha única fonte.

— Podia ser usado de dois jeitos. — Leonardo o apoia sobre meus ombros. — Com o capuz para baixo, quando se ia resolver problemas. Ou com o capuz na cabeça — e cobre a minha —, quando se ia à igreja e visitar pessoas importantes.

Sorriso. Usando esse capote sinto-me uma *matrioska*. Que Monica Bellucci no filme *Malèna*, que nada!

Leonardo me arruma como um estilista que prepara sua modelo, depois me admira, ele também se divertindo.

— *Assabinidica*, ***** dona Elena. Ficou muito bem em você.

Não sei o que responder e faço uma pequena reverência. Ele aproxima-se e agarra uma barra da vestimenta.

— Mas você fica ainda melhor sem nada...

Tira o manto de mim, depois o casaco, depois a camiseta de algodão. Sopra delicadamente em meus seios nus e imediatamente os mamilos ficam arrepiados. Senta-se no sofá e, fazendo-me virar, me acolhe no espaço entre suas pernas. Deixo-me massagear por suas mãos experientes, sinto seus dedos subindo macios em volta do meu pescoço e depois descendo até os quadris,

desenhando muitos pequenos círculos pela coluna vertebral. Depois toca de leve meus seios. Meu corpo todo é percorrido por uma onda de arrepios.

— Você tem um cheiro tão bom. Tão doce. — Seu nariz toca levemente a cavidade do meu colo, junto com sua língua em brasa. Meu sangue se aquece nas veias no mesmo segundo. Eu o desejo loucamente.

— Senti sua falta, Elena — continua a me sussurrar, baixinho.

Beija minha nuca e aproxima-se até se encostar completamente, com o peito, o rosto, a boca contra minhas costas. Descansa por alguns instantes em cima de mim. Então eu me volto, não sei resistir ao chamado de sua boca. Tiro seu pulôver, puxando-o pela cabeça, monto em cima dele e continuo a beijá-lo até ele me virar para baixo de seu corpo. Com as mãos agarra minhas coxas e em um instante sua boca está de novo sobre

mim. Morde meu sexo através da calça jeans, voraz, enquanto meus dedos se entrelaçam aos seus cabelos. Gemo, e o prazer se expande, irrefreável.

Subitamente ele me levanta e me joga sobre um dos ombros como um saco. Estou de cabeça para baixo, enfio as mãos nos bolsos de sua calça jeans para me sustentar. Sinto-me segura em seus braços fortes.

— Para onde está me levando? — pergunto, rindo.

Entra, seguro, pelo corredor adentro, como se conhecesse minha casa desde sempre.

— Quero ver o seu quarto.

Entra pela porta semiaberta e me atira na cama.

— Bonitinho. Gostei — comenta, olhando ao redor e mexendo no meu mamilo.

Meu coração está a mil por hora e o desejo me percorre veloz o corpo. Arranca

minha calça e a calcinha, depois me lambe lentamente, de baixo para cima, abrindo caminho em direção ao clitóris. Estou ferendo. Ele me quer com um ardor que nunca conheci em nenhum outro, é isso que me dizem seus lábios experientes, incansáveis.

— Você tem um gosto bom, Elena. De pão quente. E, dentro, de sal. — Sua língua avança mais fundo, parece insaciável.

E eu me sinto desaparecer no nada, como se de mim eu percebesse apenas meu sexo sacudido por convulsões e tremores de prazer.

De repente se levanta, os olhos cheios de desejo, os músculos do peito tensos. Rapidamente se livra das roupas e joga-se em cima de mim, imobilizando meus pulsos com as mãos. Ele me possui com um impulso ávido e impaciente e começa a se mexer num ritmo acelerado, ofegando.

Como uma molécula no meio de uma transformação alquímica, dou um pulo para outra dimensão. Nossos corpos unidos liberam uma energia tão intensa que me desorienta. Parece que nossa separação aumentou o desejo, a ponto de nos fazer viver algo avassalador, desconcertante, violento.

Agora Leonardo me vira. Eu o satisfaço, agarrando-me à cabeceira da cama. Gemo sem parar e me mexo para ir ao seu encontro, sentindo suas mãos nos quadris enquanto me penetra. Tomou um ritmo extenuante, mas consigo mantê-lo.

— Você é minha, Elena — ele me diz, acariciando minha bunda. E pressiona mais, o suficiente para me fazer viajar.

Não consigo parar de gritar, enquanto a cabeceira da cama bate na parede. Estou precipitando-me no turbilhão do meu orgasmo, sinto cada músculo estremecer, o sangue parece chegar aos dentes e a cabeça

roda. Leonardo me segue, segurando-me firme, até desabarmos juntos nos lençóis, e ele me prende em seus braços.

Permaneço aninhada em seu peito um pouco, e admiro todo o seu corpo, respirando o perfume inebriante dele. Sinto-me totalmente perdida nele e por ele.

— Clelia deve ter nos ouvido... — murmuro.

— Quem é Clelia?

— Minha vizinha. — Eu fiz mais barulho que suas gatas no cio, penso, sorrindo.

— Não sei o que Clelia acha, mas é bom ouvir você gozar — passa um dos dedos sobre meu nariz, observando-me com olhos satisfeitos.

Não faça assim, porque me dá vontade de colocar você no colo... Não posso ceder demais à ternura. Deixo os dedos deslizarem entre os pelos de seu peito.

— O que você acha de tomarmos um banho quente? — pergunto, seguindo uma ideia repentina.

— Por que não...

Faço menção de me mexer, mas ele me impede.

— Fique aqui, eu vou encher a banheira.

— Levanta-se, e meus olhos acariciam seu corpo escultural. Gosto de quando ele toma a iniciativa. Gosto de que esteja aqui. Gosto de tudo nele. Exceto o fato de que nunca poderá ser meu.

Ainda me encontro num estado de doce torpor quando Leonardo volta ao quarto com um ar malicioso e divertido.

— E isto aqui?

Meu Deus, o vibrador! Ele o encontrou no armário das espumas de banho. Nãoooo!

Tenho vontade de me esconder debaixo dos lençóis de tanta vergonha.

— Foi Gaia que me deu. No Natal — justifico-me.

Leonardo balança a cabeça, rindo.

— E você já o usou? — Aproxima-se da cama. Aquele objeto frio em suas mãos tem algo de tremendamente erótico.

— Na verdade, não.

— Por que não?

— Não sei, acho que não iria gostar.

— Você acha? — e seu olhar é eloquente, enquanto sobe na cama ao meu lado.

Ainda estou me recuperando do orgasmo de antes. Esse homem vai me matar! Acaricia no meio das minhas pernas, escorregando para cima e para baixo com os dedos, como se tivesse que ligar e desligar um interruptor. Meu sexo escancara-se de novo, ainda não saciado, e de uma só vez sinto-me preenchida por algo que tem a consistência

do vidro. Liso e gélido, desliza veloz, até me fazer soltar um gemido.

Leonardo empurra-o mais para o fundo. Mexe-o dentro e fora, depois o faz vibrar. É uma sensação nova, prepotente, excitante como tudo o que faço com ele. Abro os olhos e o observo. Brilha sob o reflexo do abajur. A visão daquele objeto inanimado dentro do meu corpo vivo é estranha, mas, não sei por quê, eu gosto.

Leonardo faz com que ele deslize para fora de mim e o poussa na minha mão.

— Continue você, Elena — ele me diz, pegando o pau nas mãos. — Quero ficar olhando. — Seus olhos estão novamente cheios de desejo.

Obedeço, como se estivesse hipnotizada, não encontro forças para me opor. O cristal me dá um prazer sensual, amplificado pelo olhar de Leonardo em mim. Não entendo mais nada, estou desarmada: minha cabeça

roda, as mãos não têm força. Ele fica me olhando por um tempo, depois me livra do brinquedo, me pega pelas coxas e me penetra, empurrando com decisão. Eu gemo, mais forte que antes.

— E disso aqui você gosta mais, não é? — sussurra-me.

Um gemido eloquente brota dos meus lábios.

Ele sai de mim e, segurando-me nos braços, me leva ao banheiro. A água da banheira quase transbordou. Inclina-se para fechar a torneira e joga lá dentro uma esfera efervescente de patchuli, que se dissolve em muitas pequenas bolhas cheirosas. Muito bem, Leonardo. Você sempre sabe do que eu gosto.

Dou um suspiro profundo e afundo-me primeiro, escorregando sob a espuma. Ele me devora com um olhar sensual e ajeita-se na minha frente, fazendo sair um pouco de

água. Minha banheira é pequena, favorece o contato, nossas pernas se entrelaçam.

Seus olhos acendem-se de desejo enquanto se aproxima do meu rosto para me beijar. Pega-o com as mãos e se apodera da minha boca.

— Venha aqui — sussurra, fazendo com que eu suba nele. Acaricia a pequena mancha sob meu seio e sorri para mim: — Sempre que penso em você, eu penso nisso aqui também.

Agora eu o sinto. Molhada e ardente por dentro, ele me possui de novo. Sento-me devagar sobre ele e, quando penetra a fundo para me preencher inteira, arqueio as costas, emitindo um gemido. Então, agarro sua cabeça e aperto-a no peito, oferecendo-lhe meus mamilos arrepiados. Quero sentir sua boca sobre mim e quero que saiba o quanto é intenso meu desejo por ele.

Nós nos movemos juntos no espaço restrito da banheira, a pele molhada e escorregadia, os olhos úmidos de prazer, as bocas ávidas de paixão. E a água agita-se à nossa volta.

Um novo orgasmo propaga-se dentro de mim, devora minha alma e meu corpo. Estou dominada pelas minhas sensações e sinto que ele também está perdendo o controle. Gozamos juntos, beijando-nos na boca.

Eu sou sua. E ele é meu, pelo menos esta noite.

O banheiro está cheio de vapor, agora. A água, aos poucos, começa a ficar transparente, depois que a espuma se dispersou. Ficamos embaixo dela mais um pouco, eu deitada de barriga para cima, encaixada entre suas pernas como em um berço macio.

— Você mudou, Elena, sabia? — ele me diz, brincando com meus cabelos.

— O que você quer dizer?

— Está fazendo amor de um jeito diferente. Está mais livre, mais sensual.

— Foi você que me mudou.

— Talvez. Em parte. Eu apenas liberei o que você já tinha dentro de si.

É um elogio inesperado, que me enche de orgulho e de ternura. Não sabendo bem o que fazer, refugio-me no sarcasmo:

— Então eu vou passar de ano, professor?

Como resposta, ele me empurra para baixo, pressionando minha cabeça com a mão. Ressurjo com um berro e atiro-me em cima dele, mordendo seu braço. Rimos.

Então, ele deixa que eu me levante um pouco e passa a esponja nas minhas costas, massageando-me. Sabe ser terrivelmente doce quando quer. Fecho os olhos e relaxo, acariciada por suas mãos e pelo som das gotas que caem, lentas, na água.

— Você vai dormir aqui? — As palavras saem da minha boca espontaneamente, sem

que eu possa freá-las. Temo ter cometido um erro grave. Não são perguntas que podem ser feitas a um sujeito como ele.

— Vou.

Arregalo os olhos. Não esperava essa resposta. Geralmente, os amantes não ficam para dormir. Viro-me e o olho, para verificar se está falando sério.

— Por mim não tem problema, se não tiver para você. — Exatamente. Para Leonardo o normal não vale.

Beijo-o com paixão, como talvez nunca o tenha beijado até agora, como se ele fosse meu homem e eu fosse sua mulher, e não existisse um maldito pacto nos unindo e nos separando.

Eu não devo me apaixonar, eu sei. Mas também não quero desperdiçar este instante de felicidade, enchendo-o de pensamentos inúteis. Quero vivê-lo. Agora.

Vamos para a cama, cheirosos e aquecidos pelo banho demorado. Leonardo está aqui, na *minha* cama, e está aqui por minha causa. Eu o abraço debaixo das cobertas, feliz de saber que amanhã de manhã ele ainda estará comigo.

Não adormecemos logo, nos mexemos na cama por um tempo, procurando-nos com beijos insaciáveis, abraçando-nos bem forte, como se quiséssemos agarrar tudo dos nossos corpos, até as respirações. Então, deslizo sem interrupção desse estado de vigília a um sono profundo.

Às 6h45, o toque monótono do telefone arranca-me do descanso merecido. Abro os olhos e o agarro, enquanto recobro o raciocínio: merda, a entrevista com a professora Borraccini! Tenho que estar em Pádua daqui a duas horas. Eu pedi que minha mãe me ligasse para ter certeza de que iria

acordar mesmo, como todas as vezes em que tenho que acordar muito cedo.

Atendo em voz baixa, tentando fazer com que Leonardo não me escute.

— Oi, mãe — murmuro, com a voz empastada de sono. Na ponta dos pés, arrastome para a sala.

— Mas por que você está falando tão baixo? — murmura minha mãe.

— Talvez não esteja pegando bem. — Esqueço que estou falando ao telefone fixo e não ao celular, mas felizmente ela não percebe certos detalhes.

— Então, está acordada? Que horas é o seu trem?

Não sei, mãe. Nem sei em que mundo estou agora.

— Às oito — respondo, chutando.

— Vai conseguir?

— Vou. Estou no horário certinho. — Ou pelo menos espero.

— Atenção. Seja você mesma e dê o máximo de si, como sempre... Boa sorte, querida!

— Obrigada. Tchau.

Volto ao quarto, os pés descalços no chão frio e os arrepios da manhã que afloram como alfinetes na pele ainda quente. Coloco um casaco de lã maior que o meu tamanho.

Leonardo abre os olhos por um instante e os fecha logo depois, incomodado pelo raio de sol que vaza pela janela.

— Tocou um telefone? Que horas são? — pergunta, ressurgindo do sono. Está todo amarrotado, mas é bonito assim também. Já eu devo estar um monstro, com os cabelos emaranhados e as bolsas debaixo dos olhos.

— Ainda é cedo, mas eu tenho que ir. Tenho um compromisso de trabalho. Você pode dormir, tranquilo. — Nem acabei de dizer aquilo e sinto uma fígada no estômago, me dou conta de que já vivi uma situação parecida há alguns meses, com

Filippo. Só que agora os papéis estão invertidos.

Expulso imediatamente aquele pensamento desagradável e, enquanto Leonardo continua dormindo, abro uma porta do armário. Escolho às pressas meu modelito e, com as roupas na mão, deslizo para o banheiro. Camisa branca Hermès bem justa, calça preta *cigarrete*, cardigã cinza-escuro, botas de cano baixo salto três. Cubro levemente as olheiras com o corretivo, coloco um pouco de blush e um pouco de gloss e prendo duas mechas de cabelo atrás da nuca: o visual perfeito de boa moça. Parabéns, Elena. Embora, a essa altura, você nem sequer lembre mais o que é uma boa moça...

Volto ao quarto para pegar a bolsa e o sobretudo e percebo que Leonardo está me fitando da cama, com os braços cruzados atrás da cabeça e os olhos arregalados.

— Não sei que horas eu volto — explico, aproximando-me —, mas você pode ficar o tempo que quiser.

— Em um instante eu também vou embora — resmunga ele, a voz um pouco rude. Então segura minha mão e obriga-me a sentar na cama.

— Dê uma pancadinha quando fechar a porta, assim a fechadura destrava — continuo.

— Você é sempre bonita assim de manhã cedo? — diz, sem sequer me escutar e puxando-me para seus lábios.

Deixo um pouco de *gloss* neles e de repente Leonardo está engraçado: eu nunca o tinha olhado por esse ponto de vista.

— Tchau — sussurro em seu ouvido e vou embora, tomando cuidado para não tropeçar ou esbarrar com alguma coisa, como de costume.

— Tchau — ele me diz também. — Bom dia.

Volto de Pádua por volta de uma e meia. Ainda não sei se aceitarei o cargo que me propuseram, mas estou feliz e tenho vontade de sorrir para o mundo. Todos perceberam isso, até aquela mesquinha da Borraccini, que, esta manhã, ao me ver chegar, cumprimentou-me calorosamente:

— Bom dia, Elena. Você está realmente muito bem. — É óbvio, fazer amor com Leonardo dá esse efeito, muito melhor que um creme alisador ou qualquer vitamina.

Percorro com passos rápidos o caminho para minha casa, estou cheia de esperanças, na minha cabeça passa um lindo filme romântico, com ele de protagonista: subo o lance das escadas de dois em dois degraus, evito cuidadosamente o olhar de Clelia quando cruzo com ela no corredor, abro

devagar a porta e olho ao redor. Não há rastros de Leonardo.

Entro no quarto. Eu gostaria de encontrá-lo deitado na cama me esperando, exatamente como o deixei esta manhã. Ainda o quero, sua pele, seu cheiro, sua energia. Nem está aqui, mas seu perfume ficou no quarto. A cama arrumada com cuidado e, sobre ela, o manto de seda esticado de propósito. Em cima do travesseiro, uma folha de papel dobrada em dois.

Abro o bilhete e leio.

Se o bom-dia não é determinado pela manhã, mas pela noite anterior, hoje será um dia maravilhoso.

Até logo,

Leo

Mergulho na cama e encosto a folha no coração. Olho o teto, sorrio e penso que é verdade: hoje já é um dia maravilhoso.

***** O *tramezzino* é um sanduíche típico italiano, feito com pão de forma e vários recheios. (N. da T.)

***** Dialeto siciliano, que significa “Olá”. (N. da T.)

Há dias Veneza está tomada pela loucura do Carnaval. As oficinas dos artesãos e os ateliês de costura estão em polvorosa e a cidade está repleta de barraquinhas que vendem máscaras, chapéus e perucas de todos os formatos e cores. Bandos de turistas do mundo todo chegaram aqui. Quando essa massa de gente circula pela cidade, caminhar nas ruas e se deslocar de *vaporetto* tornam-se atividades incrivelmente lentas e difíceis. É preciso se armar de paciência e resignar-se à ideia de que, qualquer que seja o seu destino, você

chegará atrasado mesmo se sair com muita antecedência.

É terça-feira e estou indo encontrar Leonardo. Nos últimos tempos, tenho ido ao palácio com frequência e, todas as vezes, gosto de encontrar o afresco, que me acolhe como um rosto familiar. Já existe uma espécie de rotina entre nós, uma série de pequenos hábitos que nos unem sem, no entanto, nos relacionar. Um exemplo são suas mensagens, que chegam de vez em quando para ditar o ritmo dos nossos encontros, como um chamado ao prazer. “Encontre-me aqui por volta das cinco”, ele me disse ontem. “Venha elegante e traga o manto. Vamos a uma festa particular.”

A última vez que me fantasiei eu tinha 12 anos, eu vestia uma roupa de Pierrô, meu rosto estava coberto pela maquiagem e eu sentia a insegurança de uma criança que não é mais criança, mas ainda não é mulher. Eu

sentia um pouco de vergonha, embrulhada naquela roupa que não era minha, e lembro que só consegui me divertir mesmo apenas quando esqueci que a estava usando.

Para esta noite, porém, coloquei um longo vestido de seda azul-escuro e joguei nos meus ombros o *armuscinu* de Leonardo. Não vejo a hora de mergulhar com ele nessa atmosfera carnavalesca tão inebriante e cheia de expectativas. Dizem que nas festas que são dadas em alguns palácios particulares durante o Carnaval de Veneza acontece de tudo. Eu nunca estive numa e, se por um lado sinto um pouco de medo, o fato de estar com ele me faz sentir segura.

Cumprimento o afresco e subo ao quarto de Leonardo. Está terminando de se arrumar e eu fico olhando-o, apoiada ao umbral da porta. Colocou um smoking preto reluzente, elegantíssimo, e, por cima, um manto de seda verde-escuro, muito parecido com o

meu. Esse jeito de se vestir dá um toque especial em sua beleza misteriosa.

Vem ao meu encontro e me cumprimenta com um beijo.

— Você está perfeita — diz, admirando-me —, mas ainda falta alguma coisa. — Então tira do armário uma máscara maravilhosa, estilo Colombina, e a coloca em meu rosto.

— É fantástica — comento, olhando-me no espelho. Cobre os olhos e boa parte das bochechas, deixando de fora somente a boca.

— Eu a comprei em Nicolao. Especialmente para você.

Não me atrevo a pensar quanto vale. É uma autêntica máscara veneziana de papel machê, feita à mão, revestida por um precioso veludo branco decorado com bordados e arabescos. Em um lado, na altura da têmpora esquerda, estão presas uma rosa de seda branca e uma pluma prateada macia.

Leonardo amarra-a atrás da minha nuca e coloca uma máscara também. A sua é toda branca e sem enfeites, estilo *Bauta* dos anos 1700. cobre todo o seu rosto e alarga-se na direção da boca.

Agora não somos mais nós mesmos e, atrás de nossos novos rostos, estamos prontos para sair para o mundo.

A noite está cinza e úmida, e é provável que chova, mas não precisamos do sol. Dentro de mim reina uma alegria persistente e não ligo nem se meus cabelos enrolarem. Nós nos jogamos na multidão e atravessamos a cidade em festa, perdendo-nos em uma profusão de músicas, cores, plumas, véus, guizos e algazarras. Os estudantes da Academia de Belas-Artes improvisam cabines móveis de maquiagem artística e divertem-se transformando os rostos das pessoas com pinceladas coloridas e cascatas de pó cintilante. Há caos e euforia por toda parte.

Eu e Leonardo fazemos uma parada num quiosque para comer uma *frittella****** de abóbora. As *frittelle* venezianas têm um sabor divino, aquele doce que não enjoa e da boca desliza diretamente para o coração. Andamos sem rumo, deixando que a corrente alegre nos leve, ou simplesmente seguindo a inspiração do momento.

Ao chegarmos à Piazza San Marco, topamos com o desfile das Marias. Como todos os anos, nas semanas que precedem o Carnaval, na cidade houve uma espécie de concurso entre as belezas locais para escolher as 12 Marias que exibirão, então, seus encantos no cortejo da terça-feira de Carnaval. Daqui a poucas horas haverá a proclamação oficial da vencedora, a “Maria do ano”, que receberá um generoso prêmio em dinheiro. Há uma disputa acirrada entre as venezianas para conquistar um lugar na participação. Até o ano passado, Gaia também competia:

graças aos seus fortíssimos conhecimentos, sempre encontrou um jeito de entrar no grupo das 12 finalistas, mas nunca ganhou, talvez porque o presidente do júri preferisse as morenas. Um fiasco terrível, que aconteceu também quando teve que parar porque havia ultrapassado o limite de idade. Felizmente, a minha falta de jeito não combina com a ideia de um concurso de beleza, e meu caráter inseguro me mantém afastada de qualquer forma de competição.

Margeando a ponte dos Suspiros, entramos por uma rua escondida e, em poucos passos, estamos diante da entrada do palácio Soranzo.

— A festa é aqui? — pergunto, arrumando a máscara sobre os olhos.

— É — responde Leonardo, com um sorriso diabólico.

Um mordomo um pouco sui generis, vestido de Médico da Peste, de máscara com um nariz comprido parecido com o bico de uma cegonha, abre o portão para nós e nos convida a entrar, salpicando-nos de confetes de papel prateado. Parece que entramos em outra dimensão, até os confetes são diferentes dos lá de fora.

Atravessamos o jardim, passando debaixo do caramanchão. A hera de folhas largas se apropriou do muro, colorindo-se de nuances amarelas e vermelhas. Alguns mascarados param nos contornos do pátio, outros brincam de se esconder entre as estátuas recobertas de musgo, riem e correm atrás dos outros ao redor da fonte com as estátuas de meninos. Tudo é magia, encanto, sedução.

Daqui entramos no palácio e imediatamente somos envolvidos numa atmosfera de luxúria louca. Que entre essas paredes, porém, parece a condição mais natural do

mundo. Há uma confusão de gente e uma barulheira de vozes e sons. Quase todos usam máscaras e parecem eufóricos. Homens que beijam homens fantasiados de mulher, moças que expõem seios e nádegas sem vergonha, pessoas que dançam em cima das mesas e dos sofás de veludo, amantes que se afastam para cantos escuros, bocas que entornam garrafas de vinho, línguas que se procuram, mãos que exploram. É carnaval: não existem freios, não existem limites e a única coisa lícita é transgredir. Sabe-se lá se eu estarei à altura! Sinto-me quase uma intrusa, embora — admito — este clima de liberdade total tenha me seduzido um pouco.

Encantados, passamos por algumas salas até chegarmos ao salão central. Num mezanino iluminado por luzes psicodélicas está a mesa de som do DJ. Eu o reconheço. É Tommaso Vianello, nome artístico Tommy Vee. Íamos juntos para o colégio na época do

ensino médio — eu estava no primeiro ano, ele no quarto — e eu era louca por ele, mas nunca tive a coragem de lhe dizer. Eu o cumprimento com um gesto da mão, ele retribui piscando para mim, mas duvido de que tenha me reconhecido de máscara, pensando bem agora. Neste momento está tocando seu carro-chefe, o *Rondò Veneziano* em versão remix. É música estilo Gaia, mas até que eu gosto também, é irresistível, tem um ritmo que contagia e não deixa ninguém ficar parado. As pessoas agitam-se, os movimentos são cada vez mais frenéticos.

No meio da sala, um grupinho de moças de roupas curtas se empolga numa dança sensual, capturando a atenção dos convidados. Em volta delas logo se forma uma roda e todos se tornam espectadores de seu número improvisado. Leonardo envolve minha cintura por trás e, tirando a máscara, apoia o rosto ao meu, fazendo com que eu me mexa

em seus braços no ritmo da música. Não consigo tirar os olhos das garotas, estou fascinada: talvez elas estejam fazendo uma verdadeira coreografia. Uma em especial destaca-se entre as outras, não posso deixar de notá-la. É uma mistura encantadora de um anjo e uma serva, uma Salomé moderna de corpo descaradamente perfeito. Usa um vestido curtíssimo e semitransparente de véus brancos, os cabelos loiros presos na nuca, e entre as mechas uma correntinha de *strass* que se fecha com uma gota na testa. Dá uma volta leve, ficando na ponta dos pés com elegância. Tudo nela é suave e livre, cada movimento encanta e conquista.

De repente tira a máscara, exibindo dois olhos verdes estonteantes, destacados pela maquiagem chamativa. Os olhares de todos dirigem-se a ela e a perseguem. As outras dançarinas se dispõem em um semicírculo, deixando-lhe o centro da cena. Salomé é

segura, deixa-se guiar por seu corpo sem medo, acompanha a música, desafiando-a. Quando passa diante de nós, cruza com meu olhar e pisca o olho para Leonardo. Viro-me e vejo que ele lhe está sorrindo. Não sinto ciúmes. É tão bonita que eu também tenho vontade de sorrir para ela.

— Você a conhece? — pergunto-lhe.

— O nome dela é Claudia — diz, em tom neutro, sem malícia. — Eu a vi no restaurante algumas vezes.

Eu queria perguntar melhor sobre a história deles, mas Leonardo não me dá tempo de falar e chama minha atenção para ela. Claudia chegou agora até o Mouro no canto do salão e, como se ele fosse um homem de carne e osso, começou a seduzi-lo com movimentos virtuosos da pelve. Então, agarra-se ao pescoço da estátua e, tomando impulso sobre a ponta dos pés, senta-se elegantemente em seu ombro, como uma rainha

no trono. A música para e do público levanta-se um forte aplauso seguido por uma grande gritaria. Salomé desce dos ombros do Mouro, faz duas piruetas e uma reverência aos espectadores, enquanto um Arlequim toca levemente seu rosto com uma rosa vermelha. Soberba, segura a haste entre os dentes e se afasta sorrindo.

Meu Deus, aquela mulher tem um charme irresistível, até sobre mim. Não me atrevo a imaginar os pensamentos dos homens. Estou arrebatada, não consigo desgrudar os olhos dela... E ela, agora, move-se leve justamente em nossa direção, sorrindo para Leonardo.

— Bem-vindo, Leo — ela diz, com um sorriso fascinante, tocando seu rosto com os lábios. Ainda está com a respiração um pouco ofegante e pequenas gotas de suor reluzem em sua pele. Depois se vira para mim. —

Bem-vinda também... Qual o seu nome? — A deusa percebeu que eu existo.

— Prazer, Elena — respondo, apertando sua mão.

— Espero que gostem da noite... — Está me estudando. Tem uma luz estranha nos olhos.

— Claro — eu digo, um pouco desorientada. — Vê-la dançar, há pouco... Você estava maravilhosa... Ou melhor, é maravilhosa.

— Obrigada. — Ela está acostumada com os elogios. Levanta minha máscara e me observa com curiosidade. — Quando é uma mulher como você que diz isso, gosto mais ainda. — E suas palavras criam em mim uma estranha perturbação que não sei decifrar.

— Temos os mesmos gostos, Leo. E não só em relação à comida — continua, com um olhar alusivo.

Acho que não captei bem o comentário, mas vejo que Leonardo lhe sorri. Ele, por sua vez, parece ter entendido tudo.

— Elena e eu trouxemos algo para fumar. Você pode se juntar a nós se quiser.

Elena e eu? Fumar? Eu não estava sabendo de nada e dou-lhe uma olhada espantada que, porém, ele ignora.

— Agora eu ainda tenho que fazer uma coisa — responde Claudia, que parece tentada —, mas procuro vocês depois. Não sumam... — E, dando-nos um último sorriso malicioso, mergulha na multidão novamente.

Olho Leonardo, em busca de explicações.

— É uma de suas amantes? — pergunto-lhe sem perder tempo. Levanta uma das sobrancelhas, o olhar divertido.

— Não, pelo menos até esta noite...

— O que você está pretendendo fazer? — eu me alarmo.

— Realizar suas fantasias, como sempre
— responde, com o ar dócil de um tigre en-
jaulado. — Eu vi como você a olhava há
pouco.

— E como eu a olhava?

— Como me olha.

Fico roxa.

— Porque ela é linda, não é? Mas imagino
que você também deve ter reparado, ou es-
tou enganada? — digo, para me justificar.

— Por acaso você já beijou uma mulher?

— Seus olhos são agulhas finas que me
espetam.

— Na verdade, não.

— E nunca teve vontade? — Ele está me
desafiando.

— Não...

— ...Pelo menos até esta noite — conclui
minha resposta.

— Agora chega — digo, colocando o dedo
na cara dele —, pare com isso agora mesmo.

Ele ri alto, sem se preocupar com as minhas censuras, agarra minha mão e me leva ao bar, onde pede duas taças de champanhe. Eu bebo pensando naquela mulher que, tenho que admitir, me provocou certa confusão. Então olho Leonardo e me pergunto se ele realmente tem a intenção de me empurrar para os braços dela. Não, eu nunca o deixaria fazer uma coisa dessas, digo a mim mesma. Ainda assim, a euforia do lugar é contagiosa, faz com que se pense que, pelo menos esta noite, tudo pode acontecer.

Leonardo e eu vagamos um pouco nos labirintos do palácio, depois entramos em uma salinha semiescura. Algumas pessoas claramente altinhas estão se entusiasmando por causa de algum assunto que não consigo intuir. Suas vozes se revezam com a música que invade tudo e não reparam em nós, que nos sentamos no sofá atrás deles. Tiramos as

máscaras, do bolso de Leonardo surge um baseado já pronto, que ele acende. Uma espiral de fumaça com um odor um pouco penetrante faz cócegas nas minhas narinas. Tem cheiro de feno queimado. Leonardo dá uma tragada e depois me passa. Eu olho para ele incerta, nunca fumei sequer um cigarro, que dirá um baseado...

— Vamos — ele me anima. — Só uma tragadinha, depois você toma ar nos pulmões e sopra para fora.

Tudo bem, vou experimentar. Obviamente a primeira tentativa é um desastre: a fumaça fica engasgada na garganta e chega aos pulmões como uma facada. Tusso até meus olhos saltarem para fora, sob o olhar gozador de Leonardo. Experimento de novo, e na segunda tentativa já me saio melhor. Na terceira eu já sou uma profissional. Fecho os olhos e coloco o baseado entre os lábios, aspirando devagar. Seguro a fumaça por dois

segundos, saboreando seu gosto proibido, depois a deixo sair, e uma nuvem densa se esvai diante do meu rosto. Gosto desse cheiro, a cabeça roda e os músculos se rendem. Ajeito-me melhor no encosto do sofá e me abandono a uma doce sensação de torpor. Depois passo o baseado para Leonardo. Encaixando-o entre os dedos médio e anelar, fecha a mão em punho e aspira forte. De repente o mundo à minha volta está distante, sinto a cabeça leve e acho que um sorrisinho de plenitude está estampado em meus lábios. Perco o contato com a realidade. E gosto disso. Subitamente me viro e Claudia está ao meu lado.

— Oi — digo-lhe, um pouco surpresa.

— Oi — responde ela, suave, pegando o baseado que Leonardo está lhe passando debaixo do meu nariz. Observo os lábios de Claudia pousarem em volta do filtro e depois se abrirem um pouco para deixar sair um

fino vestígio de fumaça. São carnosos, queria tocá-los.

— Julgando pelo efeito que tem em você, essa erva deve ser das boas. — Coloca uma mecha do meu cabelo atrás da orelha.

— Bem, é a primeira vez que fumo... Não saberia dizer, mas gosto muito — respondo, enquanto sinto todas as resistências e todos os constrangimentos deslizarem para fora do meu corpo.

Claudia olha Leonardo, achando graça.

— Sua amiga é uma graça. — Então fita nós dois. — Vocês dois são tão bonitos que eu não saberia quem escolher, na verdade.

— Mas você não tem que escolher... — responde ele, simplesmente. Antes que o sentido dessa resposta fique claro para mim também, sinto lábios pousando em meu pescoço. E não são de Leonardo. Porém são macios e sensuais como os seus, e nem por um instante tenho o instinto de me livrar

deles. Sinto que algo está prestes a acontecer, estou prestes a ser arrastada por uma onda e não tenho nenhuma intenção de detê-la. Viro-me para Claudia e cruzo com seu olhar lânguido. Aspira um pouco de fumaça e depois sopra na minha boca, pousando os lábios sobre os meus. A fumaça chega até o fundo, dissipando-se em algum lugar dentro de mim. O que resta é sua boca pequena e carnuda e sua língua se mexendo contra a minha. Este beijo é bom, me dá sensações diferentes de qualquer outro, e enquanto Leonardo me abraça por trás sinto que isso também é um presente dele. E é natural, como tudo o que fiz com ele, mas que nunca havia sequer sonhado em fazer.

Claudia solta-se de mim e agora procura Leonardo. Trocam um beijo voraz bem debaixo dos meus olhos, mas não sei por que não sinto ciúmes. Sou seduzida pela excitação deles e de tudo o que tinha sentido

antes — palavras, pensamentos, princípios — parece não ter restado mais nada.

— O que vocês acham de irmos para um lugar mais tranquilo? — propõe ela, de repente. Sem esperar a resposta, levanta-se do sofá e pega uma de minhas mãos. Eu logo procuro o olhar de Leonardo e ele pega a outra. Sorrimos um para o outro, completamente cúmplices, e seguimos Claudia. Sou dona de mim mesma, agora: sei o que está para acontecer.

Subimos ao andar de cima e chegamos a um corredor comprido, iluminado por pouca luz, para onde dão diversas portas. Claudia sabe bem aonde ir e abre uma, deixando-nos entrar.

O quarto está envolvido pela penumbra, os contornos das coisas confundem-se como as emoções que agora se agitam dentro de mim. No centro há uma cama com dossel e, num canto, uma grande vela preta em forma

de pirâmide está queimando em um candelabro, difundindo um aroma de incenso no ar. Claudia vira-se para nós. É maravilhosa, parece uma daquelas estátuas de mármore da Grécia clássica. Tocando com suavidade meu pescoço, aproxima-me de Leonardo e nos convida a nos beijarmos. Enquanto isso, acaricia meu ombro, descendo lentamente até meu seio. Sua mão é leve sobre a minha pele. É *diferente*, quente, delicada. Afasto-me de Leonardo e a olho. Seus olhos verdes me seduzem, me atraem como ímãs. Uma chama acendeu-se inesperadamente e está derretendo toda as minhas inibições. Minha boca, sem que eu possa controlá-la, pousa tímida sobre a de Claudia. Nossos lábios se misturam, úmidos, nossas línguas se entrelaçam, enquanto as mãos fortes de Leonardo deslizam sobre nossos corpos ardentes, abraçando-os.

Estou beijando uma mulher.

Uma desconhecida.

E meu homem a está tocando, aqui, junto comigo.

Não há mais nenhum rastro da Elena de antigamente, não agora.

De repente Claudia se solta. Segurando minha mão, beija Leonardo, depois volta para mim. Suas salivas confundem-se na minha boca sedenta de prazer. Leonardo, enquanto isso, está acariciando seus seios e com as mãos já abre os botões que fecham seu vestido na frente. O corpo de Claudia é liso, esguio, precioso: descobre-se lentamente, entregando-se aos nossos olhares. Ele tira a roupa dela e um instante depois tira a minha. Depois eu e Claudia tiramos a dele.

Agora, nós três estamos completamente nus. A visão destes dois corpos tão diferentes, tão perto de mim, tão vivos, me provoca uma pontada de excitação. Do salão de

baixo os gritos e a música chegam até nós atenuados, os únicos ruídos são nossas respirações. Deitamos na cama, afastando os tecidos adamascados, três amantes, três desejos que se encontram. Apenas para gozar.

Claudia vem ao meu encontro e me convida a ousar: sua linguagem corporal, está pedindo para eu me entregar, para eu ser sua. Suas pernas, quentes e dominantes, abrem-se na minha frente, sua carne está contra a minha. Está molhada. Lambe meus seios, esfregando seu sexo no meu, enquanto Leonardo se deita ao meu lado e me beija. Depois trocamos as posições e agora eu estou em cima dela, porque não resisto à vontade de experimentar seu seio. Nesse meio-tempo, as mãos de Leonardo vão entrando suavemente em mim. Seu olhar, no meio do caminho entre severo e malicioso, pergunta se serei capaz de gozar. Se saberei jogar. Agora seus dedos dão espaço aos de Claudia,

que acariciam, experientes e quase conhecidos, enquanto ele agarra minha mão e a leva para entre as pernas dela. É uma abertura quente e escorregadia, convidativa. Hesitando, enfio meus dedos e exploro. Meus músculos se derretem, minha mente se liberta e finalmente eu a possuo e me deixo possuir.

É a minha primeira vez. É a minha noite. Mas é Leonardo quem guia nossos gestos, quem dosa nosso prazer. Antes que possamos chegar ao ápice, ofegantes e suadas, ele nos separa, beijando alternadamente nossos seios. Então leva Claudia a beijar o meu, enquanto ele a penetra por trás. Sinto os lábios dela apertando em volta do meu mamilo cada vez com mais força, à medida que o prazer aumenta. Vem para cima de mim, afundando o rosto entre meus seios, e eu a abraço forte, gozando seu orgasmo,

enquanto meus olhos encontram os de Leonardo, dominados de luxúria.

Claudia levanta-se do meu peito, ainda mais bonita com as bochechas vermelhas e os olhos brilhantes, e abandona-se na cama, satisfeita, ainda procurando nossas mãos.

— Agora é a vez de vocês — diz, olhando-nos. Pousa docemente dois travesseiros embaixo da minha cabeça, depois me amarra à cabeceira de ferro batido, rasgando duas barras de seu vestido. Leonardo deixa que ela faça, satisfeito.

Chega delicada, me seduz, me deseja. Aquele seu jeito de me observar faz com que eu me sinta uma deusa, enquanto escorrega silenciosa com a cabeça entre minhas pernas. E meu ventre prepara-se para um dilacerante, catastrófico prazer. Não existe mais nenhuma Elena, existem somente os meus sentidos, a língua dela, suas mãos e as de

Leonardo. Sou um corpo recebendo, sou pele que fala e escuta.

É nesse momento que convido Leonardo com os olhos a se deixar lambar, a ereção reluzente e inchada de prazer. Agora ele está em cima de mim, dentro da minha boca.

Claudia ainda permanece alguns instantes com a língua dentro de mim, depois deixa Leonardo me preencher, seu pau duro, seu impulso conhecido. Nossos corpos famintos se misturam, se procuram e se possuem, atiçados pelo olhar sensual de Claudia. É ela quem me beija agora, deslizando as mãos pelo meu seio, até o meu clitóris, onde Leonardo ainda pressiona. Ela acaricia nós dois, gozando junto conosco e por nós, e seu prazer amplifica sem limites o nosso.

O orgasmo vem imediatamente e transborda como um rio na cheia, esguicha pelos meus olhos, colore meus lábios, incendeia minha garganta. É ar novo para meus

pulmões, sangue novo para minhas veias, emoção nova. E Leonardo está comigo, também extasiado, também rendido ao emaranhado de corpos que somos agora.

Deitamos na cama e nos abraçamos mais uma vez, cúmplices, exaustos.

Quando saímos daquele palácio, estou desorientada, parece que perdi todos os pontos de referência e demoro um pouco a reconhecer o mundo do lado de fora. Despedimo-nos de Claudia, nossa companheira de viagem por uma noite, e não há constrangimento, apenas uma agradável sensação de sossego depois da tempestade. Eu e Leonardo nos encaminhamos para casa. Não falta muito para a aurora. Sua luz fraca começa a clarear levemente o céu sobre nós. A noite, por sua vez, continua envolvendo a terra.

Com passos lentos, entramos em um cenário pós-bélico, as ruas estão invadidas de resíduos da festa: montanhas de lixo, garrafas, papel e corpos cambaleantes. Viraram o mundo de cabeça para baixo e agora custa a se colocar de pé novamente. No mesmo momento nós nos viramos, nos olhamos e nos reconhecemos um no outro. Não temos mais as máscaras, nós as esquecemos lá. Sorrio. Para a vida, para a noite que está morrendo, para a loucura que está se esvaindo, para todas as máscaras das quais me desnudei, para o corpo de mulher que experimentei. Sorrio para Leonardo, agradecida. Sem ele isso nunca teria acontecido.

***** Espécie de bolinho doce frito. (N.da T.)

Às nove e meia da manhã, Piazzale Roma é uma agitação de gente, carros, ônibus e *scooters* partindo ou chegando: a linha de fronteira entre a Veneza dos canais e o interior com as ruas asfaltadas. Estou aqui porque Leonardo decidiu me levar às colinas de Treviso e deveria passar para me buscar com um carro alugado. Não sei bem aonde vamos, sei apenas que tem que encontrar um produtor de vinhos.

— Um compromisso do trabalho, mas eu gostaria que você viesse comigo — ele me disse uma noite, enquanto estávamos na

cama. Claro que aquilo me animou, mas tentei o máximo possível disfarçar. Desde que nos conhecemos, nunca saímos da cidade e nunca passamos um dia inteiro juntos.

Estou há alguns minutos da área de estacionamento permitido e continuo olhando ao redor para tentar entender de onde ele vai surgir, mas a confusão é tal que não consigo ver além de um raio de dois metros. De repente, uma buzina rápida me faz virar. Lá está. É ele, a bordo de um BMW X6 branco, lustrado. Encosta, ligando o pisca-pisca. Sem sair do carro, estica-se para abrir a porta para mim por dentro e me pede para entrar.

— Está pronta? — Estala um beijo suave na minha boca e engrena a primeira.

— Estou. — Afivelo o cinto de segurança, apoiando-me no assento de couro.

Leonardo coloca o Ray-Ban preto e pressiona o acelerador ao máximo, entrando na Ponte della Libertà, que liga Veneza à terra

firme. O sol pálido de fevereiro brilha sobre a Laguna e algumas revoadas de gaivotas pontilham o céu de branco.

Noto que o velocímetro já está chegando aos cem quilômetros.

— Cuidado que você pode levar uma multa... — Digo, apenas para induzi-lo a andar mais devagar, na verdade: a velocidade sempre me provocou um pouco de ansiedade.

Leonardo começa a rir e acaricia minha coxa para me tranquilizar. Depois desliza os dedos no painel e liga o rádio.

— Vamos colocar um pouco de música, assim você relaxa. — É desvolto e seguro de si na direção. Como em todo o resto.

Começa a tocar *Starlight*, do Muse. Ficamos em silêncio um tempo escutando a canção. Então, no refrão, Leonardo começa a mexer a cabeça no ritmo e cantarola junto,

tamborilando com os dedos no volante como se fosse uma bateria.

— Você é afinado... — comentário, irônica.

Ele me espia com o canto do olho.

— Está de gozação com a minha cara?

— Estou.

— Olha que eu deixo você na primeira parada, abandono você como um cachorrinho... — ele me ameaça, enquanto entra na estrada para Treviso, e desarruma meu cabelo.

— Onde estamos indo, exatamente? — pergunto, penteando-me com as mãos.

— A Valdobbiadene, na terra do Prosecco. Os Zanin são importantes fornecedores do restaurante e têm uma adega incrível. — Tira com um dos dedos uma mecha rebelde que estava cobrindo sua visão.

Os Zanin. Eu me lembro desse sobrenome. Também estavam na noite da inauguração, quando Leonardo era pouco mais

que uma fantasia na minha cabeça. Desde aquela época aconteceu o inacreditável e quase não me parece verdade estar aqui, agora, no carro junto com ele.

— Você tem que comprar coisas para o restaurante? — pergunto, olhando a paisagem passar pela janela.

— Sim. Queríamos propor aos nossos clientes algo especial, um Cartizze de qualidade superior.

— Eu achava que eram seus funcionários que cuidavam disso — comento, lembrando-me de uma frase que ele disse alguns meses atrás.

— Hoje não. Eu vou cuidar disso — responde, com voz segura. — Eu queria dar uma volta fora da cidade com você.

Não há provas para passar, não há desafios, hoje. Só eu e ele, e um dia inteiro para ficarmos juntos. É uma promessa de normalidade numa relação que é tudo menos

normal, uma exceção à nossa rotina feita de sexo e encontros fugazes, e aquilo me enche de alegria. Leonardo está me presenteando com a ilusão de sermos um casal de verdade.

Coloca o endereço preciso no GPS.

— Daqui a quinze minutos devemos chegar.

Olho-o e me sinto completamente perdida. Não tenho ânsias, nem desejos, nem expectativas. Este momento me parece perfeito.

— Leo?

— Sim... — Gira o rosto em minha direção, surpreso. É a primeira vez que o chamo assim.

— Estou feliz. — Queria dizer muito mais, mas não tenho coragem.

Ele me olha um pouco incerto, eu o peguei de surpresa.

— Estou feliz que você esteja feliz — diz, com um sorriso suave, e também sorriem as

ruginhas de expressão aos lados de seus esplêndidos olhos escuros. Então, volta imediatamente a se concentrar na direção. Chega, não devo ir em frente, já entendi.

A visita aos Zanin é agradável e dura a manhã toda. O proprietário, um homem por volta dos sessenta anos, de bom porte e elegante como um lorde inglês, nos mostra a propriedade com as vinhas e as plantações. Então, explicando-nos os métodos de cultivo das uvas, nos introduz na adega. Enquanto ele e Leonardo discorrem sobre taninos, criação da espuma, fermentações e *perlage* — assuntos sobre os quais o sentido intuo apenas superficialmente —, eu passeio pelas fileiras de barris, que me parecem enormes ventres afermentando. Por fim, Zanin nos mostra com orgulho as paredes de garrafas onde o Prosecco descansa antes de ser consumido e nos oferece uma degustação de

vinhos de qualidade, acompanhada por algumas porções de pão e frios locais.

Mais tarde, enquanto eu brinco com os cachorros da casa, uma pointer fêmea e seus dois filhotes, Leonardo conclui sua negociação. Então nos despedimos de Zanin e vamos embora.

Entramos no carro e percorremos novamente aquela magnífica estrada panorâmica através das colinas. Embora ainda seja fevereiro, a temperatura do início da tarde é amena e convida a ficar ao ar livre.

— O que acha de darmos uma voltinha?
— Leonardo me pergunta. Eu estava torcendo para que me perguntasse.

Deixamos o carro numa pequena clareira e seguimos a pé, tomando uma estradinha de pedra ladeada por uma aleia de vinhas. Morar em Veneza nos faz esquecer de que existe uma terra firme, sólida, espaçosa, que

existem verdadeiras estradas nas quais caminhar, além das pontes sobre os canais. O perfil da colina é doce, desce suave em direção ao vale, encontrando uma fileira de imensos ciprestes. É uma paisagem encantadora, preenche o coração de paz e pensamentos relaxantes. Eu e Leonardo a atravessamos em silêncio, de mãos dadas. Respiramos a plenos pulmões, inalando o cheiro de grama e terra úmida. De repente, um toque gélido me acerta uma bochecha.

— Está chovendo. — Levanto o olhar para o céu, que no horizonte ficou preto. — Senti uma gota...

Leonardo ergue uma mão com a palma virada para cima.

— Agora outra. — Toco minha cabeça para ter certeza de que não estou sonhando. — Será possível que só eu estou sentindo?

— Agora eu senti também — diz ele, fechando a mão sobre uma gota d'água.

Após poucos minutos o céu fica completamente nublado e começa a chover a cântaros. Parece uma antecipação da primavera, um daqueles aguaceiros que nos surpreendem em março.

— O que fazemos agora? — pergunto, decepcionada. Estou triste que nosso passeio termine assim. Estou triste porque sei que é uma ocasião rara, talvez até única...

Leonardo cobre minha cabeça com sua jaqueta de couro.

— Estamos longe demais para voltar para o carro. — Olha ao redor para procurar uma solução. — Venha. Vamos correr até ali — ele me diz, indicando uma construção a distância, uma casa rural vermelha, isolada do mundo, no meio do vale. De mãos dadas, corremos por uma centena de metros debaixo da chuva violenta. Água por todo lado, parece que estamos nos mexendo num mundo líquido. Não precisava, mas este

temporal inesperado tem todo o sabor de uma aventura.

Chegamos à cobertura externa da casa e nos abrigamos. Estou sem fôlego e encharcada. A camisa de Leonardo, transparente, gruda no seu peito, toda ensopada de água, os cabelos e a barba avermelhada pingam. Eu o olho e tenho vontade de rir, mas um frio repentino me atinge pelas costas, sacudindo-me toda e fazendo com que eu aperte os braços no peito. Leonardo me abraça e me aquece com seu corpo.

— Este lugar parece habitado — observa, notando luzes na casa. — Tocamos a campainha?

— Não sei... Você acha que é o caso?

Nesse meio-tempo um senhor idoso, alto e magro, surgiu de uma espécie de palheiro ao lado do casario e vem correndo em nossa direção, segurando um cesto cheio de *radicchio* vermelho. Deve ser o dono da casa.

Antes que possa se alarmar, Leonardo o cumprimenta com um gesto da mão.

— Olá. O senhor queira nos desculpar, mas aproveitamos sua varanda para nos abrigarmos.

— Mas o que estão fazendo aí embaixo? Venham para dentro, por favor — rebate imediatamente o homem, com um tom que não admite recusa e nós, depois de um rápido olhar, o seguimos. — Venham aqui para o calor caso contrário vocês podem passar mal — ele nos convida, abrindo a porta da casa para nós.

Lá dentro o ambiente é gracioso e acolhedor, decorado com móveis de estilo simples e essencial, que parecem vir de outra época. Respira-se um cheiro bom, de essências aromáticas e madeira, típico das casas de campo, e há plantas ornamentais e flores frescas em alguns cantos.

Nosso anfitrião sem nome nos leva à cozinha, onde uma mulher por volta dos setenta anos está ocupada no fogão.

— Adele, temos visitas — diz em voz alta, pousando o cesto na mesa. A mulher vira-se e nos recebe com um olhar curioso. — Boa tarde.

— Eles ficaram completamente encharcados e se protegeram na varanda, coitadinhos — continua ele, mostrando nossas roupas gotejantes.

Adele nos acomoda diante de uma grande lareira, onde crepita um fogo vivo.

— Venham, sentem-se aqui, no quentinho. — Sua voz é delicada, como as mãos claras e enrugadas. Mãos que trabalharam uma vida inteira.

— Obrigado — respondemos falando juntos.

Estou tocada com tanta gentileza. Eu não sei se aceitaria tão facilmente um estranho

em casa. Mas, principalmente, sou arrebatada pela atmosfera serena e calma que se respira aqui.

— Vou ver se acho algumas roupas secas lá em cima — diz Adele, e com passos lentos dirige-se à escada.

— Não se preocupe, senhora... — Tento detê-la. — Vocês já foram gentis até demais!

— Isso, Adele, vai — incita o marido —, eles não podem é ficar molhados desse jeito!

A mulher desaparece no andar de cima e o homem senta-se ao nosso lado, esquenta as mãos diante da chama e nos pergunta nossos nomes.

— Eu sou Sebastiano — apresenta-se, então —, mas aqui todos me chamam de Tane.

Pede que contemos de onde estamos vindo e como fomos parar por esses lados. Parece sinceramente contente de nos ter aqui, observa-nos com os olhos sinceros de quem na vida aprendeu a escutar.

Pouco depois, Adele volta com dois cabides onde estão penduradas roupas limpas, simples e um pouco fora de moda.

— Peguem, eram dos meus filhos. Foi o melhor que consegui encontrar — diz, estendendo-as. — Se quiserem pendurar as suas perto do fogo... Assim secarão mais rápido.

Não faz nem meia hora que a conheço, mas já tenho vontade de abraçá-la.

— Se precisarem do banheiro, é ali atrás — explica, indicando uma porta no corredor.

— Muito obrigado, Adele, vamos ser bem rápidos — responde Leonardo e, pegando-me pela mão, me leva para fora da sala.

Nós nos trocamos às pressas. Visto uma calça jeans que fica larga e um velho casaco de felpa de listras coloridas da Benetton, enquanto Leonardo coloca um pulôver de lã e uma calça de veludo canelada. Ele me dá uma olhada carinhosa e sapeca um beijo

doce na minha testa, assegurando-se de que eu esteja bem. Antes de sair, paramos um momento diante do espelho, um ao lado do outro, sorrindo da nossa nova versão.

Depois voltamos à cozinha e arrumamos nossas roupas em cima de duas cadeiras, em frente à lareira. Adele nos oferece um copo de *vin brulé* e uma fatia de torta de maçã.

— E o senhor não vai comer? — pergunta Leonardo a Sebastiano.

Ele balança a cabeça.

— Tenho diabetes. Essa tirana aqui me deixa passar fome. — E com a mão procura sua mulher, que a prende nas suas, rindo. Há uma doçura infinita no modo se olham, um amor sólido, incondicional, que ambos parecem ter aceitado como um destino. Leonardo e eu trocamos um sorriso fugaz. Talvez estejamos pensando a mesma coisa, que Adele e Sebastiano são um espetáculo raro e que provocam uma ternura imensa enquanto se

dão as mãos. Mas não sei se ele também está sentindo inveja deles, se, como eu, está se perguntando o que o futuro reservará a nós dois.

— Há quanto tempo são casados? — pergunto.

— Há 52 anos — respondem ao mesmo tempo.

— E você, quando pretende que seu namorado se case com você? — Adele me pergunta sem rodeios. — Perdoo-me, senhorita, mas vi que não usa aliança no dedo... Por acaso está querendo que ele fuja? — repreende-me, afavelmente.

Estou para responder que não, que ela está enganada, que na realidade não somos nem um casal, mas, antes que eu possa pensar uma resposta, Sebastiano me precede.

— Deixe-os em paz, querida, assim eles ficam embaraçados... De longe se vê o quanto estão apaixonados.

Meu coração quase para. É apenas uma frase, dita com extrema ingenuidade, mas tem o efeito devastador de uma bomba. Aos olhos deste estranho é evidente o que nós nunca quisemos ver e suas palavras tornam irremediavelmente real o que nós sempre consideramos impossível. Não ousei me virar para Leonardo, mas o escuto se levantar de um pulo e afastar-se da lareira, como se quisesse fugir. Aproxima-se de um móvel onde estão expostas algumas fotografias e começa a olhá-las, ficando de costas para nós.

— São seus filhos? — pergunta, pegando um porta-retratos nas mãos e mudando de assunto com uma naturalidade que aos meus olhos, dessa vez, não consegue fingir bem.

Adele vai até ele para lhe dar explicações:

— Este é Marco, o mais velho, trabalha na Alemanha. E esta é Francesca, que mora em Pádua com o marido.

— Aqui na colina já não há mais nada para os jovens — comenta Sebastiano, dirigindo-se a mim, com uma ponta de resignação. Ainda estou perturbada e nada que eu possa dizer para continuar a conversa vem à minha cabeça.

Adele, enquanto isso, continua a falar dos filhos, mostrando outras fotos:

— Olhe, aqui eles eram pequenos, ainda estavam no início do ensino fundamental...

— Levanto o olhar em sua direção e inesperadamente cruzo com os olhos de Leonardo. Segura o porta-retratos, mas está olhando para mim. E dentro de seus olhos vejo algo que eu nunca tinha visto antes, um desejo louco, uma necessidade desesperada, uma ternura infinita. Amor. Por um brevíssimo instante eu tenho certeza.

Mas é apenas um instante, e logo aquele olhar me escapa, indo se refugiar em outro lugar. Então, não tenha mais certeza de nada. E meu coração entende que não lhe basta mais aquilo que já tem.

Já são cinco horas da tarde e finalmente parou de chover. As roupas secaram e, embora nossos anfitriões nos tenham convidado a ficar mais um pouco, decidimos partir. Nós nos trocamos e nos despedimos deles com carinho.

— Por favor, se voltarem para estes lados, venham nos fazer uma visita — diz Sebastião, apertando nossas mãos.

— Quem sabe... — responde Leonardo. Mas sua cabeça já está distante.

Sair daquela casa rural é como voltar de outra época, do lado de fora ficou escuro e o mundo está diferente de como o havíamos deixado. Sombras e frio desceram sobre tudo

e sobre Leonardo também. Seus olhos estão apagados e seu rosto tem uma imobilidade que me amedronta, agora. Ele me pega pela mão e me leva para o carro sem dizer uma só palavra. Tenho medo de lhe perguntar no que está pensando, não ousou perturbar esse silêncio tão pesado.

Por um instante tenho a percepção clara e nítida de que algo de assustador está prestes a acontecer. Expulso o pensamento, balançando levemente a cabeça.

Entramos no carro e durante todo o trajeto Leonardo permanece distante, taciturno, como se estivesse remoendo algo. De vez em quando cruza com meu olhar e tenta me tranquilizar com uma carícia, mas até seu toque é frio, sinto isso na pele. Tenho a estranha sensação de que este homem precisa ser salvo de si mesmo.

— Então, posso saber o que você tem? Por que está com essa cara? — eu explodo, enquanto já estamos caminhando para casa, depois de termos entregado o carro alugado.

Ele dá uma respirada profunda e para de repente, obrigando-me a fazer o mesmo. Estamos a dois passos de onde eu moro, no mesmo ponto em que paramos meses atrás, depois que ele tinha me trazido nas costas por culpa — ou por mérito? — da maré alta.

— Esta é a última vez que nos vemos, Elena. — Ele me diz isso olhando-me direto nos olhos. E é uma afirmação simples, que não admite contestação.

Sinto o sangue congelar nas veias e depois se partir em pedaços.

— Por quê? Não entendo... — gaguejo, confusa.

— Não faz mais sentido adiarmos esse momento. Eu já tinha percebido há um tempo, mas como um tolo quis esperar,

iludindo-me que... Nós tínhamos um pacto e acho que ele acabou, agora.

— O quê? — Estou completamente des-norteada, uma respiração ofegante e amarga sai do meu peito. — Por que está me falando do pacto agora?

— Porque aquilo que nos dissemos no início de tudo ainda vale para mim. Eu guiei você até aqui, e agora nossa viagem terminou. — Está irredutível. Não tenho nenhuma esperança de fazer com que mude de ideia.

— Mas então por que não pode ficar tudo como está? — insisto. — Não podemos continuar nos vendo como sempre fizemos?

Leonardo balança a cabeça.

— Nós demos um ao outro tudo o que podíamos, Elena, e foi bom. Mas é o momento de nos separarmos, antes que o prazer se transforme em hábito ou em necessidade. — Enquanto diz isso, uma ruga profunda se

desenha em sua testa. Parece quase que está lutando consigo mesmo.

Não pode ser verdade, não pode ser que depois de um dia como esse, o mais bonito que passamos juntos, Leonardo decida me deixar. Mas talvez seja justamente esse o motivo, talvez tenham sido as emoções vividas hoje que o assustaram.

— O que foi? Tem medo de que eu me apaixone por você? Ou quem sabe o contrário? — eu grito para ele, com raiva. Perdi o controle. Disse aquilo mais por provocação do que por convicção, mas espero ter atingido um ponto vital. Leonardo fica desnorteado, talvez não esperasse tanta coragem de minha parte.

Defende-se atrás de um sorriso sarcástico.

— Como posso ter medo de uma ideia que sequer levei em consideração?

Mais que suas palavras, são sua frieza repentina, seu distanciamento, que me magoam.

— Elena, entre nós houve sexo, cumplidade e leveza. Mas nunca amor...

— Eu invejo você, sabe? — eu o interrompo, mordaz. — Eu também queria ter essas certezas todas, queria saber exatamente o que é amor e o que não é, assim como você. — E, além disso, queria ficar firme e conseguir não chorar, mas meus olhos já devem estar brilhando, porque Leonardo não consegue mais me olhar na cara.

— Por favor, não complique as coisas. — Engole saliva, puxando-me para si. Abraça-me forte como se pudesse me proteger da dor que ele mesmo está me causando. O calor de seu corpo é de uma familiaridade dolorosa, não posso suportar a ideia de me separar dele.

— Se eu ficasse com você, eu a machucaria mais ainda. E, acredite em mim, é a última coisa que quero — sussurra, bem baixinho. Depois, afasta-me e enxuga uma lágrima na minha bochecha. — No início, quando a conheci, eu tinha certeza de que você era um desafio para mim, uma brincadeira. Achava que você era apenas uma menina que eu queria escandalizar, provocar, porém descobri muito mais. Eu vi você se transformar, desabrochar debaixo dos meus olhos. Você é uma mulher maravilhosa, Elena, você é livre e forte, não precisa de mim.

— Mas eu ainda quero você — digo, com a consciência lancinante de já tê-lo perdido.

Leonardo fecha os olhos por um instante. Vejo uma infinidade de emoções atravessar seu rosto. Quando os reabre, está com o olhar ausente, perdido no vazio.

— Perdoe-me, Elena, tenho que ir embora — diz, quase com urgência. Um beijo na testa e, então, aquela palavra que eu nunca queria ter ouvido: — Adeus.

Ele se solta do nosso abraço, levando consigo uma parte de mim. Fico ali, como se estivesse amputada, os braços dolorosamente vazios, os olhos tomados de lágrimas. Tudo o que consigo ver são suas costas que se afastam. A primeira coisa que vi de Leonardo, a última coisa que me resta dele.

Hoje chorei durante duas horas sem parar. Lágrimas plenas, doídas, que nem tentei controlar. É mais um dia de angústia que se junta aos que o precederam. Há quatro dias estou trancada em casa, com um nó indissolúvel que oprime meu peito e me dá uma sensação de náusea sufocante. Eu só consigo pensar nele. De vez em quando me lembro de comer, mas só consigo engolir algumas porções, o necessário para não morrer de fome. Meu estômago está fechado, o corpo, fraco, a cabeça, um bloco de pedra, o coração, um emaranhado de raiva. Odeio

Leonardo por ter me abandonado daquele jeito. Odeio a mim mesma por ter me deixado levar pela ilusão de que pudesse terminar de outra maneira. É possível ser mais idiota que isso? Não adiantou nada eu ter repetido a mim mesma, mil vezes, para não me apaixonar; no fim caí na armadilha dos sentimentos. E o que mais eu poderia esperar de mim mesma? Realmente ter me tornado outra pessoa, mais forte, autônoma, corajosa? Não consegui ser a mulher emancipada que achava ser. Tudo foi apenas uma esplêndida ilusão. E agora estou mal, um mal que tira as forças e deixa a alma torturada.

Não atendo o telefone. Gaia me procurou várias vezes nos últimos dias, mas eu nunca atendi. Não atendo nem minha mãe, que a essa altura deve estar prestes a ligar para o *Chi l'ha visto?*. [*****](#) Quero ficar sozinha, mergulhada na minha solidão e na minha tristeza. Em certos momentos estou tão

desanimada que tenho dificuldade para me mexer e me parece um feito só o fato de me arrastar da cama até o sofá; em outros sinto tanta raiva que queria quebrar tudo o que está ao meu alcance. Há pouco reduzi a migalhas um pacote de biscoitos, dando socos nele. Depois joguei tudo pela janela. Não achava que ser abandonada por Leonardo pudesse me levar a esse estado e não me atrevo a imaginar quanto tempo ainda precisarei para me reerguer.

Olho ao redor. Meu apartamento nunca esteve tão caótico: o chão cheio de poeira e farelos, a louça por lavar, as roupas jogadas desordenadamente na cama desfeita. Aquela cama ainda tem o cheiro dele, o nosso. Os lençóis guardam um vago perfil dos nossos corpos. Quero estar ali de novo, para me sentir mais perto de Leonardo.

Tiro os chinelos de lã e me enfio debaixo das cobertas, estou usando o pijama de

ursinhos-polares. E são três da tarde. Rastejo até o fundo do colchão, enfiando os pés na borda, e deixo meus sentidos se encherem dele. Vejo seu rosto, inalo seu cheiro, sinto suas mãos e sua boca em mim. É uma tortura. Não consigo deixar de fazer isso, mas ao mesmo tempo queria que todas as lembranças sumissem juntas de uma vez.

Lá fora sopra um vento assustador. Chia nos vidros e penetra pelas janelas com sons inquietantes. Uma angústia violenta me invade. Volto a sentir os medos de antigamente, aqueles difíceis de administrar, o medo de não estar à altura, de não me bastar, de não ser amada.

O medo de ficar sozinha.

Nos braços dele era tudo maravilhoso. Eu era feliz, ri tanto, e agora só consigo chorar.

Em um instante de irracionalidade me vêm à mente aqueles pensamentos que a maioria das pessoas não admite que tem,

tipo engolir uma dúzia de comprimidos e mandá-los para dentro com vodca, ou se jogar do 12º andar de um prédio. Mas em Veneza existem prédios altos assim? Acho que não...

Sou uma idiota mesmo, mas ainda bem que nesse sofrimento todo ainda há lugar para um sorriso.

Seria muito errado lhe mandar uma mensagem para dizer que estou com saudades e lhe pedir para voltar?

Sim, é errado, eu sei. Mas, no fundo, não tenho mais nada a perder... Agarro o iPhone na mesinha de cabeceira e começo a digitar seu nome no teclado, com os dedos tremendo e o coração palpitando. De repente, antes ainda de eu ter formado uma linha da mensagem, o telefone trava e o visor fica todo preto. Por um instante entro totalmente em pânico, eu o desligo e o ligo de novo, já temendo ter perdido todos os dados, e só me

acalmo quando vejo reaparecerem lentamente os ícones no fundo.

Isso é um sinal, tenho certeza. O universo está me mandando um recado e, sem muita originalidade, faz isso através do meu iPhone: não devo mais procurar Leonardo, devo esquecê-lo! É um babaca, um egocêntrico, um egoísta, um covarde. Meta bem isso na cabeça, Elena. Você quer se magoar ainda mais? Não, não quero.

Com uma coragem descomunal, apago seu número da agenda. Agora me sinto um trapo, mas esse era o único jeito de não cair de novo em tentação. De agora em diante Leonardo sairá definitivamente da minha vida. Toquei o fundo do poço, mas eu sou o tipo de pessoa que tem que se machucar para cair a ficha e encarar a realidade. É para isso que serve essa dor toda, para me fazer abrir os olhos sobre a verdade. Leonardo foi um erro, um mal, um perigo que não deveria ter

corrido, um salto no vazio que se concluiu com um despedaçamento.

E agora realmente chegou a hora de dizer chega.

Penso em todas as pessoas que neste momento devem estar sofrendo por amor, em Veneza e no mundo inteiro, e acho que me sinto menos sozinha. Repito a mim mesma que vou sair dessa, que não será tão difícil como pode parecer. Não choro mais e me concentro na respiração, como aprendi no pilates. Inspiro, expiro. Devagar.

O que vou fazer agora?

Enquanto formulo uma quantidade insuportável de pensamentos desconexos, escuto a campainha tocar. É Gaia, só pode ser ela, eu a reconheço pelo toque insistente. Não tenho nenhuma intenção de me levantar dessa cama para ir abrir. Não quero que me veja nesse estado, eu não suportaria suas perguntas.

Fico imóvel e calada. A campainha parou de tocar agora. Talvez Gaia ache que não tem ninguém em casa e se conforme. Mas isso não é nada típico dela e, de fato, depois de alguns segundos começa a tocar de novo, ainda mais insistente. Então, um novo silêncio.

— Elena! — Ouço a voz dela ecoando na minha cabeça como em uma sala vazia. — Elena, abra, você está me deixando preocupada!

Arrasto-me por inércia até a frente da porta de entrada e fico em silêncio.

— Sei que você está aí! Se não abrir, vou chamar os bombeiros e mando arrombarem essa porta de merda! — grita, dando socos, como se realmente quisesse colocá-la abaixo.

No fim, abro e a deixo entrar.

Quando me vê, ela arregala os olhos.

— Posso saber o que está acontecendo com você? — pergunta. Sem esperar uma

resposta, ela me esmaga em um abraço e me dá um beijo no rosto.

O calor daquele abraço escancara meu coração. Derreto-me dentro dele e me abandono. Como pude pensar em não recorrer a ela? Gaia é a única pessoa para quem posso entregar o que resta de mim.

E então eu lhe conto tudo. Com coragem, honestidade e sem vergonha. Eu me livro de toda a amarga verdade sobre Leonardo, eu a jogo gota após gota em cima dela. A primeira relação sexual no palácio, o pacto diabólico, as provas, o sexo, a minha resistência, a minha perdição. Ela escuta em silêncio, sentada na minha frente no sofá, sem acreditar, os olhos grandes grudados nos meus.

No fim do relato Gaia está chocada e comovida, uma lágrima está para descer em sua face. Pronto, consegui deixá-la sem palavras, coisa rara para ela. Não diz nada, mas me aperta forte em um abraço que quer dizer

tudo, e eu mergulho naquele abraço como em uma piscina quente onde nunca afundamos. Sinto em mim a consistência do afeto verdadeiro. Nos poucos instantes em que Gaia me abraça, apertado, infunde em mim uma calma que quase custo a aceitar. Agora, não estou mais sozinha, de verdade.

— Por que não me disse nada antes? — pergunta, incrédula, afastando o cabelo da minha testa.

— Porque tinha medo de que você me julgasse.

— Eu?! — exclama. — Ele, como é que eu poderia julgá-la?

Abaixo e ergo o olhar.

— Eu sentia vergonha. — Agora, na verdade, sinto vergonha por ter mentido para ela, mas seus olhos verdes estão cheios de perdão.

— Ei... — sussurra, sacudindo meus ombros. — Sabe que sempre pode contar comigo, o que quer que aconteça.

— Eu sei... — E é bom escutar isso.

— E agora? O que quer fazer com Leonardo? — pergunta, com uma discrição que nunca vi nela.

— Esquecê-lo, deixar tudo isso para trás. Sofro como um cão, mas também sinto muita raiva.

Gaia pega minhas mãos e isso me encoraja a falar.

— É que estou com mais raiva de mim mesma. Fui eu quem me apaixonei como uma idiota! — eu me exalto. — Ele tinha me avisado mais de uma vez. Eu achava que podia aguentar a brincadeira, mas... Meu Deus, que tortura! — As palavras sufocam na minha garganta.

Gaia balança a cabeça.

— Se você tivesse me contado antes, talvez eu tivesse ajudado. Você guardou tudo aí dentro... E eu nem percebi nada! — Está quase repreendendo a si mesma, minha amiga. Para quem eu deliberadamente não contei nada.

— A culpa é minha... Errei tudo o que podia ter errado, Leonardo me fez mentir para as pessoas que eu mais gosto no mundo. É horrível, eu sei. Me desculpa.

— Não! Sem essa de *culpa* — diz, com um tom quase irritado. — Você não tem culpa nenhuma. Acabou mal, mas o remorso não serve para nada agora.

— Meu Deus, Gaia... — Afundo o queixo em seu peito, desesperada. Fecho os olhos por um instante e quando os reabro deixo novas lágrimas jorrarem.

— Ei, chega de chorar. Você não fez nada de errado, só obedeceu ao seu coração. — Gaia inclina-se em minha direção e puxa

minhas bochechas até desenhar um sorriso em mim. — Pelo menos me diga que se divertiu... — ela me provoca, em tom cúmplice.

Um sorriso verdadeiro me escapa, enquanto enxugo as lágrimas.

— E você, como está? — pergunto, reemergindo da fossa dos meus pensamentos. — Só falamos de mim...

Gaia dá um longo suspiro.

— Tenho novidades. Eu procurei você por isso também.

— Boas ou ruins?

— Nem eu sei. — Encolhe os ombros.

— Como assim?

— Terminei com Jacopo. — Seu rosto fica sombrio na mesma hora.

— Não! — Estou sinceramente sentida. Eu gostava da história deles. — O que aconteceu?

— Ele me pediu para morarmos juntos — explica, a voz fraca e sem expressão. — Mas

diante de um compromisso tão grande entendi que não podia mentir para ele, e nem para mim mesma. — Nela, geralmente tão impulsiva e frívola, parece brotar agora uma equilibrada tomada de consciência.

— Belotti tem a ver com isso? — pergunto, certa de que sim.

— Ele, eu tentei esquecê-lo, mas não consegui. — Seus olhos brilham enquanto diz isso. — Jacopo foi perfeito comigo, me encheu de atenções e presentes, mas não foi suficiente. Continuo pensando naquele babaca.

— Mas vocês se viram?

— Nós só nos falamos por telefone — responde, quase conformada. — Está em um treinamento pesado. Este ano é importantíssimo para ele, tem que se recuperar das quedas dos meses passados.

— E aí?

— E aí que não importa. — Um traço de tristeza enruga seu rosto. — Apesar de ele

estar longe, apesar de ser provável que eu o veja só no final da temporada... Eu vou esperá-lo, o que mais posso fazer?

Concordo, para lhe oferecer toda a minha solidariedade e compreensão.

— Talvez eu tenha feito uma besteira da qual me arrependa amargamente — suspira Gaia. — Jacopo ficou realmente mal. Está apaixonado mesmo, sabe?

— Eu sei. Eu estava torcendo por ele. Queria tanto ter uma amiga condessa... — tento diminuir o peso. Um sorriso brota em seus lábios, mas ela toma muito cuidado para expulsá-lo para o mesmo lugar de onde ele vem.

— E em vez disso você só tem uma amiga burra.

— Bem, pelo menos estamos juntas nessa.

Depois que Gaia foi embora, o amontoado de pensamentos em que eu estava mergulhada aos poucos se desfaz, é como se a pedra que pesava em meu estômago de repente houvesse rolado para fora do meu corpo, deixando-me uma sensação de libertação e leveza. Falar com ela me fez bem, ter lhe contado toda a verdade me ajudou a ver as coisas de uma perspectiva diferente, com maior distanciamento.

Fui feliz, não sou mais, mas ainda posso ser. Tenho que relativizar minha dor, considerar Leonardo um episódio da minha vida, lindíssimo, mas único. O futuro me espera, eu só precisaria entender em qual direção ir. Poderia me jogar de cabeça no trabalho, por exemplo, decidir aceitar aquele emprego em Pádua, se eu ainda estiver no prazo. Quero ser forte, racional, tenho quase trinta anos e quero organizar minha vida, me concentrar nas coisas das quais eu gosto, encontrar meu

lugar no mundo. A Elena que se deleitava nos braços de Leonardo, que esperava, confiante, cada gesto e cada palavra dele, que estava pronta para fazer qualquer coisa que ele pedisse, não existe mais. Aquela mulher não era eu. Eu era a mulher que ele queria. Agora tenho que voltar a ser eu mesma, mas sem Leonardo, uma Elena que pertence somente a Elena.

Suspiro. É mais fácil dizer do que fazer. Mas tenho que começar pelas pequenas coisas: vou ao quarto fazer a cama. Coloco lençóis limpos e jogo os sujos no cesto da máquina de lavar roupa para me livrar do seu cheiro e da sua imagem. Depois, abro as janelas e deixo sair o ar viciado deste quarto. Preciso de uma onda de vento para levar embora as lembranças. Enquanto me movimento assim, um pensamento me vem. É possível que as emoções experimentadas

com Leonardo não fossem amor, mas tivessem mais a ver com o fascínio do proibido, com o gosto do proibido? A ideia me perturba. Muito. Mas e se fosse assim?

Chega, não quero pensar nisso.

Embora reduzir nossa história a um desejo oculto pela transgressão talvez me ajudasse a redimensionar tudo...

Vou para a sala e pego da estante um lindo volume ilustrado sobre Michelangelo e a Capela Sistina. Geralmente olhar as obras de arte dos grandes mestres me ajuda a relaxar. Deito no sofá, apoiando a cabeça em uma almofada, e começo a folhear o livro, parando em alguns detalhes que prendem minha atenção.

Quando chego por volta da metade, uma folha escorrega para fora do livro, caindo em meu peito. Eu a olho: é o retrato que Filippo havia feito na noite antes de viajar. Eu o colocara no meio daquelas páginas para que

não estragasse, eu quase tinha esquecido, e agora meu coração para ao encontrá-lo.

Como você é linda... Dormia tão bem, esta noite...

De repente, sinto uma saudade imensa dele. Fil, por que não entendi logo que era você o homem pelo qual eu tinha que me deixar amar? Era você que fazia com que eu me sentisse realmente em segurança, era você quem me aceitava pelo que eu era, com todos os meus limites e meus defeitos, sem ter a pretensão de me mudar. E eu não fiz nada para proteger aquele sentimento puro e sincero que nos unia, não soube cuidar dele, eu o desprezei, correndo atrás de ilusões estúpidas. Só agora eu me dou conta do que perdi.

Uma lágrima desce devagar pelo meu rosto, depois outra, depois mais outra. Entrego-me a um choro libertador, que não é de raiva, nem de dor, é o choro que se reserva às pessoas verdadeiramente

importantes, aquelas às quais estamos ligados por algo que vai além do coração, do corpo, da mente. Estas lágrimas lavam todas as emoções sentidas nos últimos meses e, quando terminam, sinto-me exausta. Mas agora em mim existe uma nova determinação, uma nova força. Estou pronta para renascer, e a primeira coisa a fazer é pedir perdão a quem foi vítima dos meus erros.

***** Programa de televisão dedicado à procura de pessoas desaparecidas. (N. da T.)

Observo a paisagem pela janela, a cabeça apoiada ao encosto, as mãos largadas em cima dos joelhos. As colinas da Toscana sempre me trouxeram uma sensação de paz profunda: vistas de um trem em movimento quase parecem se mexer, perseguindo-me com seus contornos de terracota. Permaneço imóvel, interrompo os pensamentos e me concentro naquilo que acontece ao meu redor. Ruídos de trilhos, vozes que se sobrepõem, toques de celular, portas que se abrem e se fecham. Túneis, escuridão, depois

sol, depois escuridão de novo, depois sol de novo.

Recomeço daqui, deste trem que corre em direção a Roma. Em menos de duas horas estarei na capital, com Filippo. É um movimento arriscado, uma atitude que não é do meu feitio, mas eu pensei e repensei, e no fim entendi que era o melhor, o mais certo a fazer: não trago nada comigo, somente a vontade de pedir perdão, sem a pretensão de conseguir. Talvez Filippo não fique feliz em me rever, talvez nunca possamos superar nossa última briga e nos reencontrar no ponto onde paramos. Mas eu queria pelo menos falar com ele, dizer-lhe que sinto muito e que entendi que errei. Eu poderia ter escrito ou telefonado, mas achei que essa viagem será uma espécie de percurso de expiação, pelo menos. Reservei um quarto em um pequeno hotel perto de San Giovanni. No

pior das hipóteses, serão apenas umas férias curtas.

Chego à estação Termini por volta das três da tarde. Sou recebida por um sol quente que inunda meu rosto de luz, por isso tiro logo o casaco. O ar de Roma é morno, aquece o coração com novidades. Arrastando minha pequena mala, saio da estação e entro no primeiro táxi livre.

— Viale della Musica — digo gentilmente ao taxista.

Quero ir ao canteiro de obras. Da última vez que nos falamos, Filippo me deu as coordenadas do lugar. Parece que passou um século desde aquele telefonema e não tenho certeza nenhuma se vou encontrá-lo. Mas quero tentar, é a única referência que me deu durante os encontros no Skype.

O táxi atravessa a cidade cheia de tráfego e barulhos e, enfim, o bairro Eur abre-se diante de nós com sua imponência severa.

Desço do carro e percorro alguns metros a pé, sem saber bem aonde ir. A distância vejo uma imensa construção de vidro e cimento, rodeada por guindastes e andaimes, e vou naquela direção. Quando estou bem embaixo dela, levanto o olhar. O edifício não está pronto, e sabe-se lá quanto tempo ainda vai demorar, mas já se pode captar a harmonia e aquela beleza sofisticada que aponta diretamente para o futuro.

Com passos hesitantes entro no canteiro, segurando o iPhone em uma das mãos e arrastando a mala com a outra. Olho em volta um pouco temerosa, alguns operários me observam, curiosos, mas nenhum me para. Uma única, imensa esperança me anima. Reencontrá-lo.

E lá está ele, eu o reconheço de longe, está de costas e usa o capacete de proteção. Tenho certeza de que é ele. Só Filippo tem aquele jeito engraçado de gesticular. Está falando com alguns operários, o dedo indicador apontado para um lado da construção, e parece seguro de seus movimentos e suas palavras. Meu coração acelera os batimentos e fico acalorada. Mas eu não devo ter medo: agora sei o que existe no fim e no início de uma viagem. Existe vida, existe amor, existe apenas um instante, e a maravilhosa certeza de não saber.

Quando os operários vão embora, eu ligo para ele no celular. Filippo vasculha no bolso do Burberry em busca do seu iPhone. Eu o vejo hesitar por um momento. Balança a cabeça, levanta as sobrancelhas, esboça uma estranha careta. Será que está surpreso? Agora sim, tenho um pouco de medo. Quase

parece que não quer atender, como se realmente tivesse cortado relações comigo.

Por um instante rezo que me atenda e naquele segundo sua voz chega ao meu ouvido como um vento morno.

— Alô?

— Vire-se — digo-lhe, apenas.

Quando ele o faz, nossos olhares se cruzam. Arregala os olhos e finca os pés no chão, paralisado, então tira o capacete, largando em cima de uma montagem de cimento e vem ao meu encontro, lentamente. Estou com um nó na garganta, sinto os joelhos fracos, mas me preparo para enfrentá-lo.

Para a meio metro de mim, o olhar duro, impenetrável.

— O que você está fazendo aqui?

— Vim lhe pedir desculpa — digo, em um piscar de olhos. — Eu errei, Fil, só queria dizer isso a você.

— Você é louca... — Está incrédulo.

— Sou, mas estava mais louca ainda quando lhe disse aquelas coisas e depois deixei você ir embora: Sei que não posso remediar aquilo, agora que estraguei tudo, mas pedir desculpa é o mínimo que eu podia fazer. E desejo isso de todo o coração. Que é um pouco seu também...

Enquanto falo sem tomar fôlego, seu olhar se suaviza e seus lábios se curvam em seu sorriso maravilhoso.

— Venha aqui, Bibi — diz, de repente, puxando-me para si.

Deus, quanto senti saudade deste abraço e deste calor gostoso! Finalmente relaxo encostada nele, sentindo-me salva pela primeira vez depois de tanto tempo. Agora, o passado me parece somente uma ilusão a ser esquecida e o futuro uma caixa cheia de possibilidades maravilhosas.

Eu o olho. Ele me olha. Depois apoia o rosto no meu. Sinto seu coração batendo

rápido contra o meu. Sinto suas mãos. Sinto seus lábios se mexendo devagar e deslizando suaves sobre a minha boca. Filippo ainda me quer, e eu também o quero.

Nada mais importa.

Agradecimento

a Celestina, minha mãe.

a Carlo, meu pai.

a Manuel, meu irmão.

a Caterina, Michele, Stefano, faróis de dia
e de noite.

a Silvia, guia preciosa.

a toda Rizzoli, do térreo ao último andar.

a Laura e Al, presenças importantes.

a todos os amigos, incondicionalmente.

a Diana e Annamaria, tias no coração e
na alma.

a Filippo P. e ao trem da volta.

às dezesseis horas e dez minutos do dia
quatorze de setembro de dois mil e doze.
a Veneza.
ao destino.

